



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

MILTON IVAN PETRUCZOK

**QUANDO A IDEIA ERA UMA SÓ: reflexões praxeológicas sobre formas de
vida em disputa a partir do Movimento Ocupe Estelita**

Recife

2019

MILTON IVAN PETRUCZOK

**QUANDO A IDEIA ERA UMA SÓ: reflexões praxeológicas sobre formas de vida em
disputa a partir do Movimento Ocupe Estelita**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Sociologia.

Área de concentração: Mudança Social

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Eduarda Rocha

Recife

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

P498q Petruczok, Milton Ivan.
 Quando a ideia era uma só : reflexões praxeológicas sobre formas de
 vida em disputa a partir do Movimento Ocupe Estelita / Milton Ivan
 Petruczok. – 2019.
 238f. : il. ; 30 cm.

 Orientadora: Profª. Drª. Maria Eduarda Rocha.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
 Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Recife, 2019.
 Inclui referências.

 1. Sociologia. 2. Sociologia urbana. 3. Urbanização. 4. Política urbana. 5.
 Movimentos sociais. I. Rocha, Maria Eduarda (Orientadora). II. Título.

301 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2019-231)

MILTON IVAN PETRUCZOK

**QUANDO A IDEIA ERA UMA SÓ: reflexões praxeológicas sobre formas de vida em
disputa a partir do Movimento Ocupe Estelita**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Sociologia.

Aprovado em: 15/08/2019.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Maria Eduarda da Mota Rocha (Presidente/Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Gabriel Moura Peters (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Alexandre Simão de Freitas (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, louvemos as origens, que se nutrem com o carinho e o reconhecimento que nos permitem olhar para nós mesmos, quando ainda ansiosos por vir a ser, como merecedores de um lugar no mundo: a Alberto, que se encantou com a música; a Rosa, que me deu meu primeiro terço; a Elias, que navegou todo o deserto, e a Halina, que cuidou de todos. A Jorge, que contou os segredos de todas as coisas, e a Raquel, que nunca deixou de cantar.

A João, que veio arrebatador, como um frevo. A Eduarda, por haver me puxado pela mão até aqui com imensa sabedoria e um carinho inestimável, desde que nos cruzamos pela primeira vez naquela tarde sobre os trilhos do Cais. A Alexandre, por haver sentado no NEIMFA e cultivado com carinho a primavera, como os hierofantes faziam em Elêusis. Ao Lama, pela flor de lótus.

A Maíra, Cássio, Mario, Iara, Alessandro e Cláudia, pelo que só quem viveu sabe, e por continuarem provocando um pouco de ocupação por onde passam. A Edilson, John, Batoré, Jason e tantos outros com quem nos debruçamos sobre aquele momento fugidio em que a idéia foi uma só, e nos mostraram de forma implacável quão longo é o caminho que temos pela frente. A Neilton Anderson, que lembrava com brilho nos olhos daquelas noites no terreno.

A Cynthia Hamlin, Gabriel Peters, Thiago Panica e Paulo Henrique Martins, por haver cuidado e ensinado com paciência, quando tudo ainda estava começando. A Ivan, *personal sabelotodo*, que a maré dos tempos calhou de também trazer pra essas mesmas praias distantes.

A Ramos, Sophia, Roberta, Vinícius, Matheus, Heitor, Débora e Di, pela escuta compassiva dessas especulações verborrágicas.

Obrigado.

No surgimento de todos os fenômenos, há um espaço aberto e livre, e nesse espaço há uma inteligência primordial; temos então espaço e inteligência. É como estar em uma sala espaçosa, na qual você pode dançar sem ter medo de derrubar nada. Você é esse espaço; você e o espaço são um só. Mas você se confunde. Como é tão espaçoso, você começa a rodopiar e se empolgar, você se torna ativo demais. Quanto mais você dança, mais você quer experimentar esse espaço, e desfrutar da dança e da sua abertura. Mas ao chegar nesse ponto, o espaço já não é espaçoso. Ele se torna sólido, por causa da sua urgência desnecessária em estar em contato com ele. Quando você tenta beliscar o espaço, se agarrar a ele, toda a perspectiva muda completamente. Você solidificou esse espaço, e o tornou tangível. Esse sentimento de autoconsciência é o nascimento da dualidade. O espaço anteriormente aberto e livre se tornou sólido, e você começou a se identificar com o 'Eu'. Dessa forma, você se identifica com a dualidade entre 'Eu' e espaço, ao invés de ser completamente um só com ele. Você se tornou autoconsciente, consciente de que 'você' está dançando no espaço. Uma vez que você solidificou esse espaço, você esquece o que acabou de fazer. De repente, há um blecaute, uma interrupção. Sua inteligência subitamente colapsa, e você é completamente coberto pela ignorância, numa espécie de iluminação

inversa. Quando você acorda, você fica fascinado com sua própria criação, agindo como se você não tivesse absolutamente nada a ver com ela, como se você não fosse criador de toda essa solidez. Você deliberadamente ignora a abertura e a inteligência disponíveis, de forma que a qualidade inteligente, penetrante, precisa, fluida e luminosa do espaço se torna estática. Ainda há uma inteligência primordial ali, *vidya*, ou visão, mas ela também foi capturada e solidificada. Portanto, ela se tornou *avidya*, ou ignorância. Esse blecaute de inteligência é a fonte do ego. Desse apagão súbito em diante, conforme continuamos a explorar, gradualmente todas as coisas se tornam mais e mais sólidas.

(TRUNGPA, 2014: p. 6, tradução livre)

A origem é um vórtice no fluxo do vir-a-ser, que em sua correnteza engole o material da emergência [...] Por um lado, aquilo que é original deseja ser reconhecido como restauração e reestabelecimento, e por outro lado, por isso mesmo, como algo incompleto e inacabado. Em cada fenômeno original se determina a forma sob a qual uma ideia irá constantemente confrontar-se com o mundo histórico, até que se realize na totalidade de sua história. Portanto, a origem não se destaca dos fatos, mas está relacionada à sua história e seu desenvolvimento subsequente.

(BENJAMIN, 1998: pp. 45-46, tradução livre)

O vórtice tem a sua própria rítmica, que foi comparada ao movimento dos planetas em torno do sol. O seu interior move-se a uma velocidade maior do que a sua margem externa, tal como os planetas rodam mais ou menos depressa dependendo da sua distância do sol. Nesse seu enrolar-se em espiral, alonga-se para baixo para depois sair por cima, numa espécie de pulsação íntima. O centro ao redor do e para o qual o vórtice incessantemente rodopia é, entretanto, um sol negro, no qual uma força infinita de sucção está em ação. (...) Deixemo-nos pensar sobre o tipo especial de singularidade que define o vórtice: ele é um formato separado do fluxo d'água do qual era e de certa forma ainda faz parte; uma região autônoma fechada sobre si mesma que segue suas próprias leis. Está estritamente conectado, entretanto, com o todo no qual está imerso, feito do mesmo material que é continuamente trocado com a massa líquida que o cerca. É um ser independente, ainda que não exista nem uma gota que lhe pertença separadamente, e sua identidade é absolutamente imaterial. (...) Há seres que desejam apenas ser sugados pelo vórtice da origem. Outros preferem manter uma relação reticente e cautelosa com ele, aventurando-se o mais longe possível para não serem engolidos pelo turbilhão. Por fim, ainda outros, mais temerosos e incautos, jamais se atreveram sequer a lançarem-lhe o olhar (...) Nós não deveríamos conceber o sujeito como uma substância, mas como um vórtice no fluxo do devir. Ele não tem outra substância que não a do ser singular, mas, com respeito a isso, ele possui sua própria figura, maneira e movimento. E é nesse sentido que precisamos entender a relação entre a substância e seus modos. Modos são os redemoinhos no campo infinito da substância, que, ao colapsar e volutar em si mesma, é subjetivizada, torna-se consciente de si mesma, sofre e desfruta.

(AGAMBEN, 2018: pp. 57-62, tradução livre)

Pelo espaço, o universo me abarca e me engole como um ponto; pelo pensamento, eu o compreendo.

(PASCAL apud BOURDIEU, 2001a: p. 159)

RESUMO

No outono de 2014, um antigo conjunto logístico-ferroviário abandonado no coração do Recife, o Cais José Estelita, foi ocupado por integrantes de um grupo chamado Direitos Urbanos (DU) para proteger seus armazéns de demolição iminente para construção do Projeto Novo Recife, um empreendimento de alto padrão composto por doze torres de uso misto. A estratégia foi bem sucedida em proteger aquele patrimônio histórico, e fez circular o debate sobre o direito à cidade e as relações entre Estado e empreiteiras para além dos nichos aonde já vinham ganhando visibilidade desde Junho de 2013. Assim, o Movimento Ocupe Estelita (MOE) emergiu como um coletivo autônomo, criativo e com capacidade notável de mobilização, declarando-se independente do DU pouco depois. Neste trabalho, percebemos que essa clivagem apontava um desejo de afirmação da parcela mais jovem de ocupantes, que reivindicavam a identidade porque acreditavam haver encontrado no Cais as pistas para a reinvenção de suas formas de vida, e portanto, de uma maneira própria de fazer política. Perguntamos-nos, a partir do estudo das trajetórias de vida de sete integrantes do movimento utilizando o marco teórico do *habitus* (BOURDIEU: 2013), se o MOE pode ser compreendido como a atualização de uma diversidade de disposições solidárias e subversivas incorporadas pelos ocupantes ao longo de seus respectivos processos de socialização e reclassificação. Somando-nos à interpretação de Judith Butler (2018) sobre o conceito arendtiano de espaço de aparecimento, acreditamos que uma aliança centralizada no terreno e composta de contribuições materiais e simbólicas permitiu manter o local sob posse dos ocupantes, onde um quadro de profissionais consolidados, inseridos em uma diversidade de campos e instituições, respaldava a fração mais jovem da ocupação, marcada pela contribuição do corpo, o elemento fundador da estratégia ocupante. Certas homologias entre as trajetórias dos entrevistados, na maioria marcadas por *entre-lugares*, sugerem um reconhecimento mútuo entre aqueles que se situavam na transição entre a vida escolar e a vida profissional, estimulado pela convivência intensiva enfrentada no terreno: uma *collusio* em meio à *illusio* (BOURDIEU, 2010: 43), a partir de cuja análise fazemos uma problematização sociológica do espaço de aparecimento, assim como da abordagem bourdieusiana sobre a eficácia dos atos ilocucionários performativos.

Palavras-Chave: Movimento Ocupe Estelita. Espaço de aparecimento. Trajetórias de vida. *Habitus*.

ABSTRACT

In the fall of 2014, an abandoned railroad complex in the heart of Recife, named Cais José Estelita, was occupied by members of a group called Direitos Urbanos (DU) to protect its warehouses from an imminent demolition in order to build Projeto Novo Recife, a high-profile development composed by twelve mixed-use skyscrapers. The strategy was successful in protecting the local historical heritage, and in giving prominence to the right to the city debate and the relationship between state and building industry contractors beyond the spheres where it had been gaining visibility since the June 2013 protests. Therefore, Movimento Ocupe Estelita (MOE) emerged as an autonomous and creative collective, with a remarkable capacity of mobilization, declaring itself independent from DU a few months after. In this research, we perceive that this cleavage pointed towards an affirmation will from the youngest share of occupants, which claimed that identity because they believed to have found, in the Cais, the clues to a reinvention of their life forms, and hence, a way of its own for making politics. So we ask ourselves, through a study of the life trajectories of seven members of the movement under the *habitus* framework (BOURDIEU: 2013), if MOE may be comprehended as an actualization of a diversity of supportive and subversive dispositions, incorporated by the occupants over their respective processes of socialization and reclassification. Joining Judith Butler's (2018) interpretation of the arendtian concept of space of apparition, we believe that an alliance centered in the terrain and composed of material and symbolic contributions, allowed the movement to maintain the local under the manifestors domain, where a staff of consolidated professionals inserted on a diversity of fields and institutions backed up the youngest share of the occupants, marked by the contribution of their own bodies, the founding element of the occupy strategy. Certain homologies found between the trajectories of the interviewed subjects, mostly marked by social interspaces, suggest a mutual recognition between those whose trajectories stood in-between the scholar and professional life, stimulated by the intense convivial faced on the terrain: a *collusio* amidst *illusio* (BOURDIEU, 2010: 43), which we analyze aiming at a sociological problematization of the space of apparition concept, as well as the bourdieusian approach towards the performative illocutionary acts' effectiveness.

Keywords: Movimento Ocupe Estelita. Space of apparition. Life trajectories. *Habitus*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	O BRASIL URBANO EM CRISE: UMA RETROSPECTIVA SOCIOECONÔMICA.....	12
1.2	O CONTEXTO PERNAMBUCANO.....	17
1.3	A ORIGEM DO GRUPO DIREITOS URBANOS E DA LUTA PELO CAIS JOSÉ ESTELITA.....	23
1.4	O INÍCIO DA OCUPAÇÃO.....	31
1.5	OS OCUPANTES.....	34
2	QUADRO TEÓRICO.....	40
2.1	A PRAXEOLOGIA ESTRUTURALISTA E AS TRAJETÓRIAS DE VIDA.....	41
2.2	ESPAÇO DE APARECIMENTO, PRECARIEDADE E INTERDEPENDÊNCIA.....	54
2.3	A EFICÁCIA DOS ATOS PERFORMATIVOS ILOCUCIONÁRIOS.....	60
3	PROBLEMA DE PESQUISA.....	67
4	TRAJETÓRIAS DE VIDA.....	86
4.1	MILTON.....	86
4.2	MAÍRA.....	102
4.3	IARA.....	114
4.4	CÁSSIO.....	125
4.5	CLÁUDIA.....	139
4.6	MARIO.....	150
4.7	ALESSANDRO.....	165
5	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	178
5.1	DISPOSIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DAS TRAJETÓRIAS.....	178
5.1.1	Experiência escolar e consumo cultural.....	178
5.1.2	Bairros onde cresceram.....	181

5.1.3	Origens familiares e o mundo dos avós.....	182
5.1.4	Trajetórias dos pais.....	183
5.1.5	Cultura religiosa.....	186
5.1.6	Filiação política.....	187
5.1.7	Síntese.....	189
5.2	FALAS SOBRE O CAIS E O MOE.....	193
5.2.1	A zona autônoma temporária.....	194
5.2.2	Fronteiras de classe: as crianças, o MOE além da classe média e a lei da rua.....	206
5.2.3	A clivagem MOE-DU.....	213
5.2.4	Movimento Ocupe Estelita: seu reconhecimento, sua dissolução e seu legado.....	218
6	CONCLUSÕES.....	226
	REFERÊNCIAS.....	229

1 INTRODUÇÃO

Nas primeiras horas da madrugada do 22 de maio de 2014 uma ocupação foi deflagrada nas imediações do Cais José Estelita, no bairro de São José, região central do Recife. Um grupo de manifestantes adentrou um terreno de cerca de 15 hectares visando interromper a demolição não anunciada e sem alvará de um par de armazéns de açúcar centenários, por parte dos empreiteiros do Projeto Novo Recife, um empreendimento de luxo anunciado como doze torres de uso residencial-empresarial com cerca de quarenta andares. O Consórcio Novo Recife, responsável pelo projeto e pela demolição ilegal, formou-se entre as empreiteiras Ara Empreendimentos, GL Empreendimentos, Moura Dubeux Engenharia e Queiroz Galvão e adquiriu uma parcela de 10 hectares do terreno em 2008, num leilão posteriormente apontado como fraudulento pela Polícia federal¹, organizado pela Caixa Econômica como parte do processo de liquidação dos ativos da extinta Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA)². Situada na margem norte da Bacia do Pina, um porto natural composto pela foz dos rios Tejipió, Pina, Jordão e parte do Capibaribe, a região do Cais José Estelita cumpriu por séculos um papel central na ocupação do Recife, desde a urbanização da ilha de Antônio Vaz sob comando do colonizador Maurício de Nassau no século XVII, até as últimas décadas do século XX, quando o abandono gradual do centro da cidade em detrimento de novas centralidades e a extinção da RFFSA levaram à decadência do antigo pátio

-
- 1 “A fraude está constatada no laudo pericial que nossos peritos fizeram no início da investigação. Vamos avaliar a documentação apreendida e tentar identificar mais pessoas envolvidas no caso, inclusive a participação de políticos. Temos a certeza de que o processo do leilão feriu o caráter competitivo da Lei, previsto no Artigo 90 (...)”, explicou o superintendente da PF em Pernambuco (...). Segundo as delegadas federais (...) que estão à frente do caso, os indícios de fraude são gritantes e foram incorporados ao processo do começo ao fim do leilão. “Primeiro, o lance inicial do terreno, que deveria ter sido de R\$ 65 milhões, segundo avaliação da Secretaria de Patrimônio da União, foi de R\$ 55 milhões, ou seja, R\$ 10 milhões a menos. Antes, todos os prazos entre a publicação do edital, habilitação e homologação foram desrespeitados. Deveriam levar trinta dias e levaram oito dias. O critério para escolha da empresa vencedora foi ainda mais ‘inovador’: uma única pessoa, chamada de senhor Jacques, ficou responsável por dizer se a empresa estava ou não habilitada a participar do leilão”, explicou a delegada (...) Além do Consórcio Novo Recife, apenas uma outra empresa tentou se candidatar ao leilão, mas foi rapidamente desabilitada. “E de uma forma muito curiosa: o senhor Jacques foi o responsável e alegou que a referida empresa (a PF não divulgou o nome) não tinha capital suficiente para se habilitar. Mas essa empresa tinha o mesmo capital do Consórcio Novo Recife, que foi o único habilitado”, exemplificou a delegada (...) A PF vai pedir à Justiça Federal o sequestro dos bens das investigadas como garantia de ressarcimento dos R\$ 10 milhões da União.” (JORNAL DO COMÉRCIO, 2015a).
 - 2 Os imóveis não operacionais da RFFSA foram transferidos aos cuidados da Secretaria de Patrimônio da União em 2007, aonde poderiam ter como destino a venda por leilão, a transferência aos Estados ou Municípios respectivos desde que utilizados para regularização fundiária ou provisão de habitação social ou a transferência como patrimônio ferroviário aos cuidados do IPHAN. Apesar do IPHAN ter com antecedência reivindicado interesse perante o MinC e a SPU pelo valor histórico da área, o terreno foi leiloadado em lance único, por dez milhões de reais a menos que o lance mínimo designado pela SPU e com o Consórcio Novo Recife como único participante (VAREJÃO, 2018: 82).

ferroviário e seus armazéns de açúcar adjacentes. A presença dos ocupantes que adentraram o Cais nas primeiras horas daquela quinta-feira logrou intimidar os trabalhadores do Consórcio e suas máquinas, apesar de que os armazéns já estavam parcialmente demolidos. Em seguida, decidiram em assembleia declarar o terreno como ocupado através das redes sociais, e pedir todos os tipos possíveis de ajuda. Essa estratégia revelou-se extraordinariamente bem sucedida, pois apesar das dificuldades enfrentadas durante as primeiras 24 horas de ocupação e após a reintegração de posse violenta efetuada pela Polícia Militar quase um mês depois, durante aqueles 47 dias o que fora por décadas para a grande maioria da população um espaço oculto no coração da cidade, tornou-se o epicentro de uma mobilização política e cultural que envolveu milhares de pessoas e foi noticiada ao redor do mundo ao longo durante aqueles quase dois meses.

1.1 O BRASIL URBANO EM CRISE: UMA RETROSPECTIVA SOCIOECONÔMICA

No início desta década, o Brasil completava pouco mais de meio século de um processo de urbanização acelerado, através do qual as cidades no país ganharam, entre 1940 e 2010, 148 milhões de novos habitantes, 85% da população. Esse movimento se deu de maneira caótica e com insuficiente atenção do Estado, fosse na legislação do processo de ocupação do espaço e dos serviços públicos correspondentes, fosse na construção da diversidade de infraestruturas necessárias para essa transformação, incluindo aí necessidades habitacionais (BONDUKI, 2008), de saneamento (BRITTO et al. 2012) e transporte público (GOMIDE et GALINDO, 2013). O fim da ditadura civil-militar no país foi seguido pela globalização da economia nacional, a privatização de estatais e a descentralização da gestão de uma série de políticas urbanas, que passaram da esfera federal para a municipal. *Mesmo com o declínio das políticas federais e a deterioração do emprego e da renda nos 1980 e 1990, as condições urbanas médias nunca pararam de melhorar, embora as desigualdades na qualidade dos serviços tenham crescido* (MARQUES, 2017: 43). Parte importante dos movimentos sociais que se articularam para incluir suas reivindicações na *constituição cidadã* de 1988 tinham pautas sobre a cidade, e conforme governos de oposição (principalmente do Partido dos Trabalhadores) se firmaram nos gabinetes executivos municipais, políticas participativas e redistributivas foram exploradas, com destaque para a participação importante dos movimentos sociais em diálogo com esses mandatos municipais, constituindo uma *nova agenda urbana*. *O leque de políticas foi expandido com a disseminação de ações de*

urbanização de favelas e de loteamentos irregulares, mutirão autogerido, locação social, zoneamentos especiais de interesse social e ambiental, tarifas sociais, planejamento participativo, entre outras (ibid.: 43). Representadas principalmente por movimentos sociais, arquitetos e urbanistas, advogados, assistentes sociais, políticos e ONGs, essas demandas alcançaram estabelecer marcos de federalização dessa agenda, simbolizadas principalmente pela criação do Ministério das Cidades (2003) e pelo Estatuto da Cidade (2001), paralelamente a ascensão petista à presidência nacional (MARICATO, 2013).

Apesar de consolidada institucionalmente, a *nova agenda* teve pouco orçamento disponível no Ministério das Cidades durante os seus primeiros cinco anos, frequentemente tendo de ceder a demandas de deputados e partidos aliados, em que pese a transferência da pasta do núcleo de defensores das novas políticas urbanas para o Partido Progressista (PP) em 2005, apesar de que as secretarias subordinadas seguiram sob comando dos quadros petistas. Foi somente com a virada anticíclica na orientação das políticas fiscais federais a partir de 2007 que o Ministério das Cidades começou a dispôr de caixa suficiente para executar políticas consoantes com as demandas que culminaram com sua criação. Apesar da expansão do orçamento permitir tirar do papel suas políticas já institucionalizadas mas até então preteridas, o aumento dos gastos federais através do Programa de Aceleração do Crescimento (e também, mas levando em conta a a escala menor de seu orçamento, o programa Minha Casa Minha Vida) abriu as portas do Ministério das Cidades para o retorno de políticas habitacionais, de saneamento e mobilidade urbana à moda antiga, com obras de grande porte, frequentemente mal planejadas e desconexas do funcionamento das políticas locais.

Na prática, o neodesenvolvimentismo – isto é, a inclusão das cidades na política de crescimento econômico – vai contra as cidades, pois ignora a política urbana e seu requisito central, o uso e a regulação do solo. Estamos diante da grande trava social: o ‘nó’ da terra ou da propriedade patrimonial que sustenta a desigualdade urbana. As propostas dos movimentos de reforma urbana simplesmente desapareceram da agenda política, desde a escala local até a nacional. Um grande número de obras de infraestrutura, voltadas em sua maior parte para a circulação do automóvel e para a expansão do mercado imobiliário, passou a constituir a política urbana, contrariando o plano diretor municipal e em função do financiamento de campanhas eleitorais. A desigualdade social e a segregação territorial são lembradas apenas retoricamente para justificar mais obras. (...) Sem dúvida esse movimento de obras teve impacto positivo no emprego e no crescimento econômico, como revelam os dados do IBGE, mas à custa de um preço altíssimo para as cidades e seus moradores, que não participam dos ganhos rentistas fundiários.

(MARICATO, 2014: 20)

O aquecimento planejado da economia pelo governo federal continuou se expandindo na medida em que a crise econômica internacional desencadeada a partir da falência do banco norteamericano Lehman Brothers se agravava (o PAC2 foi orçado em 2011 por cerca de R\$ 1,5 trilhões, quase o triplo da primeira edição do programa, lançada em 2007). Por sua vez, a confirmação da realização da Copa das Confederações, da Copa do Mundo e das Olimpíadas no país em meados da década seguinte demandou novo pacote de obras de grande escala nas maiores cidades do país, em cuja implementação problemática envolveu graves violações aos direitos humanos, obras superfaturadas e muitas das quais inconclusas à altura da realização dos eventos. O governo encontrara na construção civil uma maneira de expandir a economia que já vinha sendo estimulada desde o início da década anterior através do ciclo redistributivo orquestrado pelo PT a partir da valorização real do salário mínimo, da expansão do sistema universitário público e dos programas sociais Bolsa Família, Crédito Consignado, Universidade para Todos (ProUni), Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e Luz para Todos, que diminuira a parcela da população considerada em ‘condição de pobreza’ de 37,2% em 2003 para 7,2% em 2011 (MARICATO, 2013: 22). As políticas anti-cíclicas baseadas na contratação de obras de grande porte e conjuntos habitacionais, assim como de facilitação das condições de financiamento para a aquisição de casas próprias, explodiriam os custos de vida nas maiores cidades do país nos anos que antecederam os grandes eventos: entre 2010 e 2015, o valor médio de venda dos imóveis dobrou no Recife, crescendo 102,24%; em São Paulo, entre 2008 e 2015, aumentaram 223,46%; no Rio de Janeiro no mesmo período, cresceram 266%.

Além das obras demandadas pelo governo federal, o lucro acima da média obtido pelas empreiteiras através dessas políticas tendia a ser reinvestido no mercado imobiliário das grandes metrópoles. Isso significou uma hipervalorização dos bairros mais requisitados³, estendida em cascata aos bairros suburbanos e que, junto à inexistência de políticas de reforma e reocupação popular dos centros históricos das grandes cidades e as frequentes remoções de ocupações irregulares nas proximidades dos terrenos em obra, constituiu uma ‘periferização das periferias’, expandido o diâmetro das já historicamente periferizadas metrópoles brasileiras. As implicações dessa retomada do espraiamento para a mobilidade urbana se agravaram com outras duas medidas do governo federal, as reduções nas alíquotas

3 Onde, pelo menos no Recife, uma importante característica distintiva desses bairros perante os demais é a disponibilidade dos serviços de urbanização básicos, como saneamento, iluminação e pavimentação. Cf. (DE OLIVEIRA et SILVEIRA-NETO, 2016).

de impostos sobre produtos industrializados e combustíveis, parte de um pacote maior de desonerações que implicou em um recuo na arrecadação de cerca de R\$ 900 bilhões entre 2010 e 2014⁴. Essas isenções baratearam os automóveis e seu custo de utilização, enquanto os preços das passagens nos sistemas de ônibus metropolitanos em todo o país vinham aumentando anualmente acima do nível da inflação, pelo menos desde 1995, embora, salvo raras exceções, as municipalidades não apresentassem melhoras significativas em seu planejamento e infraestrutura (GOMIDE et GALINDO, 2013: 6). Na prática, isso se manifestou na duplicação da frota de veículos nacional entre 2003 (36,65 milhões) e 2013 (78, 31 milhões), superlotando as ruas das maiores cidades do país. Os usuários de transporte público, por sua vez, continuaram recebendo aumentos nas tarifas enquanto a já conhecida má condição de seus sistemas se viu presa na avalanche de carros daqueles trabalhadores com condição financeira suficiente para adquirirem veículos próprios, pois como já sabemos as jornadas de ida e volta ao trabalho são um dos principais determinantes do fluxo de tráfego das grandes cidades: no Recife, uma das regiões metropolitanas mais afetadas pelo fenômeno no país, a duração média das viagens ao trabalho aumentou 24,67% entre 2003 e 2013, em que pese o aumento da extensão desses trajetos face ao processo de periferação já mencionado (PETRUCZOK: 2016).

Diante desse cenário, a eclosão de protestos com milhões de participantes nas maiores cidades do país em junho de 2013 em resposta à perseguição violenta da polícia militar paulista contra os manifestantes do Movimento Passe Livre, que reivindicava a revogação de um novo aumento nos valores das passagens, não poderia ser tomada como surpresa.

A ascensão de lutas nas metrópoles era previsível. A elevação da temperatura nos centros urbanos estava clara pelo menos desde a última campanha eleitoral (2012), em que com poucas exceções as capitais elegeram prefeitos de oposição, qualquer que fosse a orientação partidária do mandato que se encerrava. O reformismo fraco que caracteriza o lulismo encontra mais dificuldade para avançar em contextos hiperurbanizados, pois aí as mudanças custam caro e/ou implicam confrontos de classe, que não fazem parte do modelo. Além disso, de acordo com a arquiteta Ermínia Maricato, nos últimos anos os “despejos violentos foram retomados”, vitimando a população pobre, e “os megaeventos — como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, entre outros — acrescentam mais lenha nessa fogueira”. Em outras palavras, a ocorrência, naquele momento, da Copa das Confederações constituía ótima chance para levantar o problema das persistentes desigualdades cidadinas. (...) Em essência, o centro que se expressou nas ruas do Brasil (...) pode ser caracterizado como pós materialista, nos termos do cientista político Ronald Inglehart. Para Inglehart, à medida que as sociedades vão resolvendo os seus problemas materiais ocorre uma mudança de valores, os quais passam gradativamente daqueles que enfatizam “a

4 Cf. (NEXO JORNAL, 2017) e <<http://receita.economia.gov.br/dados/receitadata/renuncia-fiscal/desoneracoes-instituidas/desoneracoes-instituidas-capa>>.

segurança econômica e física” para aqueles que ressaltam “a autoexpressão e qualidade de vida”. Seria uma transição intergeracional, realizada conforme os que já são socializados em um ambiente de classe média, livres do fardo material das gerações anteriores, vão se tornando maioria, provocando mudança profunda na maneira de enxergar a política por parte dos cidadãos.

(SINGER, 2013: 37)

A conciliação de classes pautada entre o *reformismo fraco* e o neodesenvolvimentismo do Partido do Trabalhadores encontrara sua fronteira no coração das grandes cidades, e os primeiros a se sentirem autorizados para pular suas cercas seria uma nova geração de universitários. Na interpretação oferecida por Singer (*ibid.*) a partir de levantamentos feitos por jornais e institutos de pesquisa durante as manifestações daquele mês, a primeira semana de protestos organizados pelo MPL contra o aumento das passagens na capital paulista teria sido composta principalmente de estudantes herdeiros de uma classe média tradicional, já estabelecida. Na semana seguinte, quando a comoção causada pela violência policial catapultou a quantidade de manifestantes nos protestos e os disseminou nas demais metrópoles do país, um outro grupo ocuparia o vazio discursivo permitido pela recusa ética do movimento paulista em impôr-se como liderança daqueles acontecimentos, um grupo também predominantemente composto por estudantes, mas estes oriundos da metade inferior da distribuição da renda e trabalhando com profissões associadas ao chamado ‘novo proletariado’⁵. As reivindicações deste segundo grupo, situadas por Singer no centro do espectro político, seriam um reflexo da condição material emergente acumulada ao longo dos dez anos anteriores, mas, ao ser composto principalmente por jovens desvinculados do longo processo de consolidação da hegemonia petista, interpretariam o governo em exercício, que já não tinha como continuar pavimentando o caminho do reformismo diante do crescimento tanto dos gastos como das renúncias fiscais, como *status quo*.

O sucesso das políticas do PT de redução da desigualdade e de expansão do ensino superior levaram à rápidas mudanças na estrutura social. Como resultado, há um novo e maior segmento de juventude educada, oriunda de origens sociais mistas e que cresceu no contexto de uma economia estável e de um regime democrático. Diferente da geração de seus pais, eles não vêem o Brasil através do prisma da ditadura e da

5 Esses manifestantes estariam, portanto, dentro da faixa na qual o economista Waldir Quadros inclui ocupações como balconista, professor de ensino fundamental, auxiliar de enfermagem, auxiliar de escritório, recepcionista, motorista, garçom, barbeiro, cabeleireira e manicure 25. A classificação pela renda familiar não nos permite saber a renda per capita do manifestante, mas, ao dizer que 45% dos participantes em oito capitais e 56% em Belo Horizonte não tinham renda familiar acima de cinco salários mínimos, o Ibope e o Innovare estão nos indicando que boa parte deles podia ter uma das profissões descritas por Quadros, não pertencendo, pois, à classe média tradicional, que se caracteriza por abrigar profissões liberais ou funções não manuais, técnicas e administrativas (SINGER, 2013: 31).

inflação; ao invés disso, eles vêem o governo petista como *status quo*, e como incapaz de responder à suas crescentes expectativas em relação à qualidade das políticas públicas e serviços, especialmente as ligadas à educação, mobilidade urbana e acesso ao consumo. Essas transformações também afetaram negativamente outros grupos sociais, que perderam prestígio, poder e recursos. Dessa forma, após um longo período no governo federal, o PT começou a encarar os limites de suas políticas.

(ALONSO, 2016: 4, tradução livre)

As preocupações pós-materialistas deste segundo grupo se somaram às reivindicações patrióticas de um terceiro contingente (possivelmente inteseccionado com o grupo indicado por Singer) caracterizado por Angela Alonso (2017), já no final do mês, composto por *torcidas organizadas, associações de moradores, jovens, idosos, famílias — cidadãos sem ativismo prévio (...) Ativistas autonomistas e socialistas os mencionaram como “gente esquisita”, inusual em protestos (ibid.: 25)*. Esse *repertóriopatriota* desenvolveria seu próprio ciclo de protestos nos anos seguintes, onde movimentos de uma nova geração da direita (MBL, Revoltados Online!, Endireita Brasil, Vem pra Rua) capitalizariam sobre o discurso anti-partidário reivindicado pelos coletivos autonomistas durante o ciclo de 2013, paralelamente à reações do setor socialista, que organizou passeatas em reação aos atos verde e amarelos, centralizadas nacionalmente pela Frente Brasil Popular e Povo Sem Medo (ALONSO, 2017).

1.2 O CONTEXTO PERNAMBUCANO

Em Pernambuco, o ex-presidente do Comitê Gestor de Parcerias Público Privadas (CGPE) do governo do estado, Geraldo Júlio, iniciava o primeiro mandato do PSB à frente da Prefeitura do Recife desde o fim dos anos 80, coroando uma fase hegemônica para o partido em Pernambuco, sob a liderança ascendente de Eduardo Campos. Vindo de três mandatos como deputado federal e uma gestão como ministro de ciência e tecnologia, Campos assumiu a presidência nacional de sua sigla em 2005, abandonando o ministério em Brasília para concorrer ao governo do estado em 2006, vencendo o certame. Em termos de política econômica, o governo do neto de Miguel Arraes mostrou *uma receita heterodoxa, que misturou investimentos públicos e privados, concessão de incentivos fiscais, endividamento e aumento de gastos com pessoal* (R7, 2013). O diálogo intenso e permissivo com empreendedores interessados em Pernambuco trouxe investimentos industriais, principalmente no Complexo Industrial Portuário Eraldo Gueiros, com um segundo foco no

município de Goiana. Por outro lado, ao dar prioridade a áreas normalmente preteridas pelas gestões executivas estaduais, como a segurança pública, através do premiado programa *Pacto Pela Vida*⁶, ou a cultura, através da criação de secretaria própria do governo do estado para a área e a expansão no Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura⁷, seu mandato ganhou aprovação entre os habitantes da capital e certos setores de elevado capital artístico e intelectual, alcançando a reeleição em 2010 com 82,83% dos votos. Eduardo Campos buscava associar seu mandato a uma aliança política entre classes ao redor do significado de ‘povo pernambucano’ e ‘um Pernambuco mais justo’, que demandaria um tipo de desenvolvimento não restrito apenas ao crescimento econômico, como se percebe em fala sua quando recém-eleito.

É com grande confiança que olhamos para os novos desafios que temos pela frente. Sabemos compreender o tamanho da missão que está na consciência e no coração do povo pernambucano. Temos um trabalho coletivo, que une diversas forças do Estado, em torno de um mesmo objetivo: construir um Pernambuco mais justo. Todos nós sabemos que não basta crescer. O nosso trabalho é transformar o crescimento econômico em um ciclo de desenvolvimento sustentável que contribua de forma efetiva para a contribuição das desigualdades sociais do nosso Estado. Essa é a nossa missão desde o primeiro dia que assumimos o governo e mostraremos que o povo de Pernambuco é capaz de fazer quando tem a decisão e a coragem de mudar as coisas e a capacidade de criar condições de uma vida melhor para todos.
(PERNAMBUCO NAÇÃO CULTURAL, 2010 apud VALE-NETO, 2017)

-
- 6 *O Pacto Pela Vida criou um modelo de governança integrada da atividade policial, voltado para a redução de crimes violentos, com participação de outros atores públicos importantes, como o Poder Judiciário e o Ministério Público*, afirmou em entrevista José Luiz Ratton, um dos idealizadores do Pacto Pela Vida. Os homicídios no estado caíram 35,5% nos primeiros seis anos, e 51,8% na região metropolitana do Recife, resultados que trouxeram reconhecimento internacional ao programa. A violência voltou a subir no estado após 2014, e em 2017 alcançou os maiores indicadores da história de Pernambuco. Segundo o mentor do programa, *infelizmente, o Pacto Pela Vida morreu*. Cf. (JORNAL DO COMÉRCIO 2016b, 2018b), (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2013b).
- 7 *Filho do escritor Maximiliano Campos, neto de Miguel Arraes, um dos incentivadores do Movimento de Cultura Popular (MCP) na década de 60, sobrinho do cineasta Guel Arraes e amigo íntimo do escritor Ariano Suassuna, Eduardo Campos, como homem público, também deixou um legado para a cultura pernambucana. (...) Em 2011, início do segundo mandato de Campos, foi criada a Secretaria de Cultura (Secult/PE), que passou a centralizar e responder pelas políticas culturais de Pernambuco, incluindo a Fundarpe. (...) Criado em 2008, segundo ano de governo de Eduardo Campos, o Festival Pernambuco Nação Cultural (FPNC) se tornou um momento de culminância das diversas ações e políticas culturais do Estado. Além dos shows de atrações nacionais e locais, o evento congrega mostras de todas as linguagens artísticas, como cinema, teatro, dança, circo, fotografia e artesanato, entre outras, além de encontros de cultura popular e de povos tradicionais, oficinas e seminários. (...) O festival passou a ter uma média de dez edições anuais - com destaque para o Festival de Inverno de Garanhuns (FIG), que passou a integrar o FPNC - e a percorrer todas as regiões pernambucanas* (LEIAJÁ, 2014b).

Misturando a ‘velha política’⁸ de coligações partidárias com a implementação de modelos de gestão atualizados (incluindo aí instâncias pontuais de gestão participativa) e uma política econômica de aspirações desenvolvimentistas, ao mesmo tempo que se beneficiava das transformações estruturais promovidas pelos programas petistas de redistribuição da renda e expansão fiscal (e também da relação amigável com o núcleo duro do executivo federal), podemos dizer que Eduardo Campos constituiu uma versão própria da (e potencializada pela) *praxis* política petista a nível federal. Dessa forma, obteve como resultado sua consolidação como líder nacional do partido e posterior candidatura à presidência da república. Durante o ciclo de uma década entre 2005 e 2015, o PIB *per capita* no estado cresceu 71,35%, a uma taxa média de 5,53% ao ano, quase dobrando o valor real do produto interno pernambucano, que em valores correntes passou de R\$ 50 bilhões para R\$ 157 bilhões no mesmo período. Em algumas localidades, como o município do Ipojuca, onde está situada a maior parte do polo de Suape, as transformações socioeconômicas ocorridas entre 2005 e 2015 foram radicais, com um aumento de 33% na população e a duplicação do PIB per capita, principalmente pela acomodação de boa parte dos mais de 35 mil empregos gerados pelo polo⁹ (NE10, 2014).

O aquecimento econômico a nível nacional, portanto, foi fortalecido em Pernambuco pela *receita heterodoxa* de parcerias com grandes empreendimentos privados orquestrada por Campos. Esses acordos e concessões eram articulados a partir do Conselho Gestor do Programa de Parcerias Público-Privadas de Pernambuco (CGPE), por onde passaram as principais figuras do partido no estado (ESTADO DE MINAS, 2015). A refinaria Abreu e Lima (RNEST), principal obra em desenvolvimento no estado durante esse período, teve seus custos previstos em cerca de 2,3 bilhões de dólares em 2005. Mas o projeto da Petrobras foi transformado ao longo de treze anos numa cremalheira orçamentária cujos sucessivos reajustes consumiram 20,1 bilhões de dólares até 2018 (o que lhe rendeu a infâmia de refinaria mais cara do mundo), quando entrou numa lista de ativos a ser parcialmente vendidos para sanar dívidas acumuladas pela estatal (JORNAL DO COMÉRCIO, 2017d,

8 O termo vem entre aspas pois se tornou um ponto comum de discursos inflamados, tanto pelas oposições à direita e à esquerda do PT, assim como pelos coletivos e grupos autonomistas surgidos no pós-2013, contra a política de alianças petista, que ao aliar-se com o ex-PMDB a nível federal alcançou expressiva margem de governabilidade. O próprio Eduardo Campos chegou a utilizar a expressão em entrevistas às vésperas do início da campanha presidencial de 2014 para postular-se como ‘renovação’ e indicar uma divergência perante o petismo, embora o *modus operandi* do PSB em seus domínios e sua herança da linhagem política do avô fossem a própria ‘velha política’ em funcionamento.

9 Taxas de crescimento da economia e população local foram estimadas de acordo com dados disponibilizados pelo Conselho de Desenvolvimento de Pernambuco (CONDEPE) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos *websites* <<http://www.condepefidem.pe.gov.br>> e <<https://ibge.gov.br/>>.

2018). Inicialmente planejada a partir de uma série de acordos estratégicos entre a Petrobras e a estatal petrolífera venezuelana PDVSA que remontam aos anos 90, parte do encarecimento estratosférico da obra se deveu ao seu redimensionamento quando foi anunciada a descoberta das reservas de petróleo da camada Pré-Sal em 2006, com potencial para tornar o Brasil o sexto produtor de petróleo bruto no planeta (BBC, 2009)¹⁰. Outra parte da inflação nos custos deveu-se às propinas pagas pelas empreiteiras Camargo Corrêa, OAS, Odebrecht e Queiroz Galvão a lideranças da Petrobras, do governo do estado e do PSB, que teriam financiando legal e ilegalmente o partido nas eleições de 2010¹¹, quando Eduardo Campos foi reeleito governador do estado com 82,83% dos votos válidos; 2012, quando Geraldo Julio venceu à disputa pela prefeitura da cidade com gastos de campanha superiores ao de todos os outros concorrentes somados; e 2014, quando apesar da tragédia que resultou na morte do principal líder do partido, Paulo Câmara foi eleito governador e Fernando Bezerra Coelho,

10 *Desde a década de 70 se discutia a necessidade de construção de uma refinaria capaz de processar, simultaneamente, o petróleo pesado nacional e o importado da Venezuela - país que na época era o maior produtor de petróleo da América do Sul. No início dos anos 90, a reaproximação entre Brasil e Venezuela reavivou esses planos. Entretanto, os planos acabaram novamente adiados até que, nos anos 2000, a aproximação da Venezuela com o Mercosul, conjugada com o aumento do consumo de combustíveis na região nordeste do Brasil, fortaleceu a revitalização do projeto, entabulado pelo Governo Federal e pela Petrobras. (...) Com isso a Petrobras e a PDVSA intentaram um acordo mútuo, no qual a Petrobras investiria na exploração de petróleo venezuelano, enquanto a PDVSA faria o mesmo no refino brasileiro. Pelos termos do ajuste, a Petrobras participaria com 40% dos investimentos e receberia o mesmo percentual do petróleo extraído de uma faixa extremamente rica em petróleo, conhecida como faixa do Rio Orinoco, num campo chamado Carabobo. Em contrapartida, a PDVSA participaria do investimento em uma refinaria no Brasil, com o mesmo percentual de participação (40%).(...) A parceria se desenvolveu de maneira conturbada. Ocorreram várias reuniões no Brasil e na Venezuela com participação de equipes integradas da Petrobras e PDVSA para análise do negócio, sob os aspectos técnico, econômico e jurídico, assim como para planejamento do empreendimento. (...) Cumprir registrar que, entretanto, em 2012, a PDVSA firmou joint venture com a PetroChina (China National Petroleum Corp.), maior petrolífera semi-estatal da China, para a construção de três refinarias naquele país, cuja capacidade operacional seria superior à capacidade da Rnest. Além disso, chama atenção a maior vantagem dos custos previstos para as refinarias chinesas, em comparação aos custos da Rnest. Os chineses divulgaram um investimento de US\$ 8,3 bilhões para produzir 400 kbpd, enquanto a Rnest possuía, à época, previsões de investimentos de US\$ 20 bilhões, para processar apenas 230 kbpd. Em setembro de 2013 ocorre o epílogo da parceria, quando a Petrobras decide pela incorporação da Refinaria Abreu e Lima S.A. Merece destaque o fato de que, desde a assinatura do MDE, a Petrobras manteve sozinha as atividades relacionadas à implantação e implementação da Rnest. Nenhum aporte financeiro jamais foi realizado pela PDVSA. Pontos 44, 47, 50 e 56 do relatório de auditoria apresentado pelo ministro do Tribunal de Contas da União, Benjamin Zymler, no acórdão 3052/2016 do processo 026.363/2015-1, relativo à gestão da implantação da Refinaria Abreu e Lima, (TCU, 2016).*

11 O empresário, sócio de Eduardo Campos e ex-diretor da Companhia Pernambucana de Gás (Copergás), Aldo Guedes, já foi apontado por vários executivos como interlocutor do ex-governador para negociar propinas junto à Odebrecht e demais empreiteiras nas distintas obras tanto do Complexo de Suape como no restante do estado. Guedes também foi acusado de receber propinas em nome de Eduardo Campos pelo filho do ex-vice-governador do estado, João Lyra Filho, que teria colaborado com o processo ajudando a obter máquinas para obras de terraplanagem superfaturadas em todo o estado, através das quais as empresas fariam os repasses aos políticos envolvidos. Cf. (JORNAL DO COMÉRCIO, 2015b, 2017a) e (BLOG DE JAMILDO, 2017a)

senador¹². Em memorial apresentado ao Supremo Tribunal Federal relativo a processo em tramitação contra o senador originário de Petrolina, a procuradora-geral da república, Raquel Dodge, argumenta que as somas desviadas na expansão do complexo industrial de Suape¹³ eram parte de uma rede de cobranças de propina milionárias repassadas pelas empresas aos gestores públicos, que por contrapartida facilitavam licitações e ofereciam vantagens tributárias.

A atuação criminoso não se limitou aos fatos ora imputados (...) Os fatos tratados revelam que existia, no Estado de Pernambuco, um grupo de pessoas e empresas responsáveis pela intermediação, pelo recebimento e pelo repasse, de forma oculta e disfarçada, de vantagens indevidas destinadas a Eduardo Campos, inclusive solicitadas, com vontade livre e consciente e unidade de desígnios com Eduardo Campos, por Fernando Bezerra de Souza Coelho, principalmente para fins de financiamento ilícito de campanhas eleitorais.
(PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA, 2018: 7)

Ora, o conluio de interesses entre empresas e representantes políticos não é fato inaugural na história brasileira. Pela extensa e diversa documentação e estudo desse fenômeno, nos ocuparemos aqui apenas das empreiteiras e da construção civil, esse setor chave para interpretar os acontecimentos políticos recentes do país. As empreiteiras responsáveis pelas obras mais ingentes do período que estamos aqui analisando são alguns dos principais grupos capitalistas brasileiros (Queiroz Galvão, OAS, Odebrecht, Mendes Jr., Camargo Corrêa, etc.), que têm em comum sua origem e capitalização na construção civil. Sabemos, a partir da tese elaborada por Campos (2012), que a relação histórica amigável entre as empreiteiras modernas e o Estado brasileiro remonta ao início da década de 30, quando as

12 Além da continuidade no poder por treze anos no governo do estado e por sete anos na prefeitura, nas eleições de 2010 e 2014 o PSB estabeleceu domínio sobre a Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco e a Câmara de Vereadores do Recife. Na Casa de Joaquim Nabuco, a coligação *Frente Popular por Pernambuco*, encabeçada pelo partido, obteve 13, 39, 36 e 32 eleitos nas eleições de 2006, 2010, 2014 e 2018, respectivamente. Na Casa de José Mariano, a *Frente do Recife*, encabeçada em 2008 pelo PT e tendo o PSB como aliado na candidatura de João da Costa à prefeitura, obteve 22 das 37 vagas. A *Frente Popular do Recife*, já sem a parceria com o partido dos trabalhadores, ocupou 24 cadeiras das 39 disputadas em 2012, e 30 em 2016. Resultados de eleições anteriores disponíveis em <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores>>.

13 Desde o anúncio da Refinaria Abreu e Lima, inauguraram-se, nas proximidades do porto, os estaleiros Atlântico Sul (sociedade entre Camargo Corrêa e Queiroz Galvão) e Vard Promar (do grupo norueguês Vard), a Companhia Petroquímica de Pernambuco e a Companhia Integrada Têxtil de Pernambuco (ambas foram vendidas pela Petrobras por US\$ 385 milhões, 4,2% do custo de sua construção, à companhia mexicana Alpek), a Termopernambuco (pertencente à *holding* Neoenergia), a maior usina de resina PET do mundo (pertencente ao grupo italiano Mossi & Ghisolfi) e a Concessionária Rota do Atlântico (sociedade entre a Odebrecht e a Invepar, gestora privada de mobilidade e infraestrutura parcialmente controlada pela OAS); atendo-nos somente, dentre as centenas existentes no complexo, às maiores empresas e as controladas por empreiteiras ou pela Petrobras. Lista de algumas das principais empresas operando no Complexo de Suape disponível em <<http://www.suape.pe.gov.br/pt/negocios/por-que-investir-em-suape>>.

péssimas condições do mercado internacional, associadas a uma obtusa política de proteção do preço do café por parte do governo federal, fizeram com que o mercado interno se tornasse o centro dinâmico da acumulação do capital nacional (FURTADO: 2003), quando uma série de setores públicos deixaram de exercer por si próprios a construção de sua infraestrutura, e passaram a contratar empresas do emergente setor privado nacional (CAMPOS, 2012: Cap. 1). Esse processo se aprofundou e distribuiu ao longo dos principais centros urbanos do país nos trinta anos seguintes, e quando tropas da 4ª região militar seguiram de Minas Gerais à Guanabara, deflagrando o golpe do 1 de abril de 1964, as empreiteiras já era um dos principais setores da indústria nacional. Durante a ditadura civil-militar, essa simpatia se aprofundou e se fundamentava na contratação de obras superfaturadas, frequentemente com financiamentos também por parte do governo federal e em condições mais vantajosas que as encontradas no mercado, retribuídas com propinas e regalias prestadas pelas empreiteiras aos militares no topo da organização. A reciprocidade não se restringia a vínculos financeiros, pois muitos empresários também compartilhavam o interesse na perseguição e tortura daqueles que se opunham ao regime (*ibid*: Cap. 3). Esses vínculos sobreviveram a abertura política do regime e aprofundaram-se na medida em que as mesmas empreiteiras, já transformadas em conglomerados industriais de alcance global, tornaram-se as principais financiadoras de campanhas eleitorais de todos os partidos expressivos no país (*ibid*: Cap. 4). *Quem faz o orçamento da República são as empreiteiras* (*ibid*: 8).

De acordo com a interpretação que oferecemos a partir de resultados de eleições, indicadores socioeconômicos e investigações federais, Pernambuco viveu nos últimos quatorze anos um ciclo de expansão econômica promovido em torno de pacto semelhante, também estabelecido entre representantes públicos e executivos de empreiteiras, onde a acumulação por parte dos agentes do Estado se dá não só na forma do enriquecimento ilícito, mas também de capital político, através de campanhas eleitorais bem sucedidas e da inclusão de novos agentes subordinados na gestão de diferentes estratégias possibilitadas a partir dos excedentes financeiros adquiridos nesses trâmites. Considerando, a partir do levantamento histórico oferecido por Campos (2012), que essas práticas, denunciadas posteriormente pela operação Lava-Jato, configuram o *centro dinâmico*, em apropriação furtadiana, da acumulação dos diferentes tipos de capitais que movem a ‘velha política’, podemos compreender sua exploração como objeto de disputa entre os principais partidos políticos do país. Portanto, a fase vitoriosa do PSB no estado de Pernambuco durante o período recente aqui discutido se deu, também, pela capacidade de seus líderes em converter os lucros

oriundos desses repasses e trocas de favores em uma ampliação de seu capital político, o principal meio para acessar novos pactos e projetos. O símbolo maior dessa capacidade, o Comitê Gestor de Parcerias Público-Privadas, foi a plataforma a partir da qual se planejaram as principais obras de construção pesada durante essa década, e cujos dividendos, lícitos e ilícitos, teriam financiado as campanhas vitoriosas de 2010, 2012 e 2014¹⁴.

1.3 O SURGIMENTO DO GRUPO DIREITOS URBANOS E DA LUTA PELO CAIS JOSÉ ESTELITA

A proximidade entre políticos locais e empreiteiras se reverteu num período de convivência por parte dos três poderes, tanto a nível estadual quanto municipal, na fiscalização aos empreendimentos da construção civil, quando não de contratação de obras redundantes e amplamente criticadas pela população e órgãos civis especializados, ou mesmo a celeridade na remoção de comunidades vizinhas e precarização das exigências mínimas para realização desses empreendimentos. Também chamava a atenção a presença de agentes públicos dentre as contratações das construtoras¹⁵. Dessa forma, a profusão de obras de grande porte na região metropolitana, frequentemente rodeadas de irregularidades ignoradas ou eufemizadas

14 Além das acusações que pesam contra Aldo Guedes, *Exatamente no dia em que ele* [Eduardo Campos] faleceu, eu estava com Henrique, que era a pessoa que ele mandava, ou Geraldo Julio, ou Paulo Câmara, para ir tratar das propinas (...) Nós pusemos lá um limite, pra iniciar, pra ver as coisas. Falamos 'nós vamos deixar aqui pra você uns R\$ 15 milhões de propina, se você começar a crescer nós vamos melhorando isso aí', e isso foi feito (...) Com a morte de Eduardo Campos, Paulo Câmara e Geraldo Julio me procuraram e falaram 'olha cara, temos que honrar aí, temos que organizar isso, porque temos que ganhar a eleição agora em Pernambuco, em homenagem a Eduardo Campos. Paulo Câmara tá aí pra ganhar', disse em depoimento à Polícia Federal sobre o pagamento de propina à campanha presidencial de Eduardo Campos, o diretor da holding J&F, Ricardo Saud. Cf. (G1, 2017).

15 Para sua defesa judicial sobre a ocupação do Cais José Estelita em 2014, o Consórcio Novo Recife contratou o escritório Norões & Azevedo Sociedade de Advogados, onde Thiago Norões, primo de Eduardo Campos e então Procurador-Geral do Estado de Pernambuco, ex-Secretário Estadual de Desenvolvimento Econômico, ex-membro do CGPE e ex-Diretor-Presidente do Complexo Portuário-Industrial de Suape é um dos sócios-fundadores. *Chama a atenção o fato de que tanto a Queiroz Galvão quanto a Moura Dubeux sejam conhecidas doadoras para campanhas do PSB, partido do presidente Eduardo Campos e que exista denúncia formulada (...) em tramitação na Comarca de Salvador de que o mesmo escritório, apesar de ainda ter o primo do então governador como sócio, foi contratado pela empresa responsável pela PPP fracassada para construção do presídio de Itaquitinga, para responder por todos os processos relativos aos contratos de terceirização decorrentes daquele contrato, o que não parece muito apropriado tendo em vista o cargo ocupado pelo sócio do escritório e suas relações de parentesco com o ex-governador*, disse a jornalista Noélia Brito ao noticiar em seu blog a contratação. Segundo o jornalista Magno Martins, o escritório detinha uma série de contratos com instituições do governo e empresas com interesses em projetos sob a responsabilidade do Governo de Pernambuco, como a construtora Moura Dubeux. O website do escritório afirma possuir profissionais qualificados, capazes de antever cenários e propor alternativas seguras e viáveis. Em 2019, o escritório continuava exercendo a função para os empreiteiros. Cf. (BLOG DO MAGNO MARTINS, 2014), (BLOG DA NOÉLIA BRITO, 2014), (LEIA JÁ, 2014), (OP9, 2019) e <<http://www.noroes.com.br>>.

por parte das gestões executivas locais, foi se tornando objeto das preocupações de frações da população, principalmente servidores públicos, profissionais liberais, militantes e estudantes. Nos referimos, dentre os projetos mais conhecidos, aos viadutos da Agamenon Magalhães que não saíram do papel¹⁶, à demolição do Edifício Caiçara no Pina¹⁷, à Via Mangue na zona sul¹⁸, à privatização da Praia do Paiva¹⁹, aos gastos bilionários previstos com a Cidade da Copa e a Arena Pernambuco²⁰, ao estado crítico em que foi entregue o Túnel da Abolição²¹ e aos

-
- 16 Em agosto de 2011, o governador Eduardo Campos anunciou o Programa Estadual de Mobilidade, um conjunto de obras visando a recepção da Copa do Mundo, o qual incluía quatro viadutos transversais à Avenida Agamenon Magalhães, um dos trechos de circulação mais lenta na cidade. A repercussão dos viadutos perante a população foi negativa, inclusive aí mobilizações por parte do DU e técnicos e profissionais da área, e em abril de 2013 o governador do estado anunciou que o Corredor Norte/Sul seria construído sem os viadutos. Um panorama geral das problemáticas de desenvolvimento urbano no Recife, feita por ocasião da mobilização em torno do tema causada pelo anúncio dos viadutos, pode ser encontrada no curta *Velho Recife Novo*, disponível em <<https://vimeo.com/40913933>>. Cf. (JORNAL DO COMÉRCIO, 2013).
- 17 O edifício Caiçara era um residencial de seis apartamentos de estilo neocolonial construído nos anos 1940, na beira-mar do bairro do Pina. O edifício se tornou símbolo da luta contra a especulação imobiliária no bairro quando, cientes do processo de iminente compra e demolição do mesmo para construção de uma torre pela construtora RioAve, um grupo de moradores das proximidades e ativistas entraram com pedido de tombamento do imóvel, que foi parcialmente demolido em 2013, quando a obra foi suspensa por decisão judicial, e finalmente derrubado em 2016. Cf. (PORAQUI, 2017).
- 18 A Via Mangue, via expressa de 4,36 km que percorre os bairros Boa Viagem e Pina na zona sul, era um projeto especulado desde meados dos anos 90 por distintas gestões na PCR, que chegou a ter o Túnel Josué de Castro e sua passarela inaugurados ainda no mandato do petista João Paulo. Com a proposta de desafogar o pesado trânsito de ida e volta da zona sul ao centro da cidade nos horários de pico abrindo espaço viário suprimindo o mangue e as comunidades em seu entorno, o projeto foi alvo de críticas quanto ao seu desenho e integração com o tráfego das proximidades. De início, a obra apresentou uma melhoria significativa do fluxo inclusive nos horários de pico, mas os engarrafamentos voltaram pouco tempo depois. A obra, realizada pela Queiroz Galvão, custou R\$ 433 milhões e foi entregue com dois anos e meio de atraso. Cf. (JORNAL DO COMÉRCIO, 2016, 2017b) e (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2013).
- 19 A Reserva do Paiva é um megaempreendimento de luxo de 526 hectares ao longo de 8,5 km de costa no extremo norte do município do Cabo de Santo Agostinho e limítrofe com o bairro jaboatonense de Barra de Jangada, a anterior fronteira da mancha urbana da zona sul Recife, feito pela Odebrecht Realizações Imobiliárias e os grupos Cornélio e Ricardo Brennand. O projeto foi a primeira parceria público-privada deliberada pelo CGPE e também o primeiro planejado de Pernambuco, inicialmente orçado em R\$ 1,6 bilhão e idealizado para absorver o crescimento da região com a expansão de Suape, e nele se situam alguns dos imóveis mais caros do estado. Na chamada ‘delação do fim do mundo’, executivos da Odebrecht relataram haver pago propina à deputados federais, vereadores e prefeito do Cabo de Santo Agostinho para obter benefícios fiscais no empreendimento. Cf. (JORNAL DO COMÉRCIO, 2017), (BLOG DE JAMILDO, 2007) e <<https://www.radarppp.com/resumo-de-contratos-de-ppps/ponte-de-acesso-e-sistema-viario-do-destino-de-turismo-e-lazer-praia-do-paiva-pernambuco/>>.
- 20 O Estádio Governador Carlos Wilson Campos foi realizado por uma parceria público-privada entre o Governo do Estado e a Odebrecht, no município de São Lourenço da Mata, para ser um dos estádios-sede da Copa do Mundo FIFA de 2014 e um atrator para a expansão do mercado imobiliário na zona oeste da região metropolitana. Inicialmente orçado em R\$ 479 milhões de reais, devido à atrasos na execução do projeto o custo alcançou R\$ 532 milhões. A construtora alegou que o adiantamento do início da obra para completá-la à tempo da Copa das Confederações, pouco menos que um ano antes do mundial, elevou os custos iniciais em R\$ 264 milhões ainda pendentes. Consequentemente, em 2016 o governo do estado rescindiu o contrato e comprometeu-se a ressarcir a empresa no saldo devedor da obra, enquanto a gestão do estádio passou à Empresa Pernambucana de Turismo (EMPETUR). A Operação Fair Play da Polícia Federal investiga suposto repasse de propinas e outros indícios de corrupção na licitação da obra, onde fortes suspeitas pairam sobre a participação de Paulo Câmara e Geraldo Julio no superfaturamento da obra e manipulação da licitação em benefício da Odebrecht. Em novembro de 2018, foi aprovado projeto de lei enviado pelo

residenciais de luxo Pier Maurício de Nassau e Pier Duarte Coelho, que apesar de seu perfil diferente (edifícios de apartamento ao invés de obras públicas), tornaram-se um emblema da cooperação entre políticos e empreiteiros, pela sua licitação bem sucedida apesar de repleta de irregularidades, e sua ruptura com a paisagem histórica do centro antigo da cidade; as duas torres, como ficaram conhecidas, foram construídas pela Moura Dubeux em terreno também adquirido por leilão fraudado, no Cais de Santa Rita, a apenas alguns quarteirões de distância do Cais José Estelita²².

À sua própria maneira, todos esses empreendimentos prenunciavam um ‘novo Recife’, em uma cidade já acostumada a apagar seu passado sem deixar vestígios aparentes²³.

governador para votação em regime de urgência na ALEPE extinguindo a Delegacia de Combate aos Crimes contra a Administração e Serviços Públicos (Decasp), que seria responsável pela continuidade da investigação assim que o processo chegasse ao Recife, e repassando seus inquéritos para duas novas delegacias criadas pelo mesmo projeto. As estimativas baseadas na média dos gastos do governo do estado durante os primeiros cinco anos de operação do estádio projetam um custo total de R\$ 2,6 bilhões ao longo dos 30 anos de concessão. Cf. (BLOG DE JAMILDO, 2015, 2016, 2018), (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2016), (LEIAJÁ, 2018a, 2018b).

- 21 O Túnel da Abolição, no bairro da Madalena, faz parte do conjunto de obras do Corredor Leste/Oeste para a Copa do Mundo. Seu projeto foi reprovado diversas vezes pelo IPHAN, que nunca foi ouvido, devido à descaracterização completa das proximidades do Museu da Abolição, imóvel tombado pelo órgão, além de três outros imóveis históricos protegidos por lei haverem sido demolidos para sua construção. A obra foi entregue inconclusa um ano depois do mundial, em estado crítico de funcionamento, com infiltrações ao longo de toda sua estrutura, que exigem a drenagem permanente por bombas de sucção durante a temporada de chuvas. Cf. (G1, 2015a, 2015b) e (DIREITOS URBANOS, 2014).
- 22 Os dois edifícios construídos no bairro de São José já eram alvo de ação judicial por parte do MPF desde antes do leilão do terreno, posteriormente considerado fraudado pelo órgão federal. As evidências são diversas - a proprietária Mesbla S/A não foi notificada da definição da data de leilão; o valor venal do terreno foi estipulado em R\$ 600 mil ao invés dos R\$ 3,5 milhões indicados pela investigação do MPF; o leilão foi executado por um leiloeiro cuja nomeação havia sido anteriormente revogada; além disso, o leilão inicialmente marcado para às 12:30h ao qual tinham interesse as empreiteiras Queiroz Galvão e Moura Dubeux, foi antecipado sem anúncio prévio para às 09:00 do mesmo dia, concorrendo apenas a Moura Dubeux. Os dois edifícios chegaram a ter demolição exigida pelo MPF, que foi posteriormente revogada pelo TRF5. Cf. (ACERTO DE CONTAS, 2008, 2009).
- 23 O Recife, assim como as demais grandes metrópoles brasileiras, está acostumado à transformar violentamente sua paisagem, frequentemente sem deixar evidências disso. A reforma iniciada em 1909 para transformar o Bairro do Recife, residencial e popular, em um centro de negócios moderno tal qual como as haussmanianas capitais européias (nem mesmo cem anos podem mudar certas coisas), expulsou 5 mil de seus 13 mil moradores em 12 meses, e 10 mil ao longo de 13 anos. Um total de 480 imóveis foram desapropriados, demolidos e convertidos em apenas 127 à venda. A evasão da população original criou bolsões de pobreza ao redor do bairro e pôs em seu lugar bancos, empresas de importação e exportação, associações comerciais, firmas de crédito, etc. Praticamente todas as edificações que haviam sobrevivido do período nassoviano foram demolidas, assim como os Arcos de Santo Antônio e da Conceição e a Igreja do Corpo Santo. Outra obra que ao longo do último século devorou lentamente a história da cidade foi a construção da Avenida Dantas Barreto, feita em três trajetos: o primeiro, partiu da Praça da República à Praça da Independência; o segundo, seguiu da Praça da Independência até a Praça do Carmo, de onde bifurcava a avenida N. S. do Carmo e o terceiro continuou da Praça do Carmo à Praça Sérgio Loreto. Em cada um desses períodos a malha urbana e a tipologia arquitetônica referentes aos séculos XVIII e XIX foram destruídas. O patrimônio arquitetônico irreprodutível foi perdido e os impactos ainda estão presentes com a quebra da continuidade da configuração urbana desses bairros. Sem sair do centro da cidade nem do século XX, ainda podemos citar a abertura da Avenida Guararapes durante a ditadura varguista, que destruiu completamente dezoito quarteirões do bairro de Santo Antônio, junto à diversas construções do século XVII e XVIII, para instaurar uma arquitetura afim do corporativismo, controle social e intervencionismo que

Enquanto se familiarizavam com a dinâmica da correlação de forças que produzem o espaço urbano, militantes, moradores das localidades impactadas, advogadas populares, estudantes e professoras universitárias, jornalistas, profissionais do setor audiovisual, trabalhadores ambulantes e sindicalistas, reunidos pela oposição ao rumo das políticas urbanas na cidade, começavam a se reencontrar nos palcos institucionais dessas disputas e familiarizar-se com seus pormenores, compartilhando os acúmulos resultantes dessas experiências através das redes sociais. Um grupo surgido em 2011 no *Facebook*, nomeado como *Lei Seca de Marília Arraes – Eu digo não!*, pois se formara para impedir dois projetos de lei propostos pela então vereadora pelo PSB para combater a violência na cidade (proibir o consumo de álcool em vias públicas e proibir o funcionamento de bares após às 22h nos domingos), tornou-se veículo desse interesse comum. Como seus encaminhamentos não demoraram em abranger outras causas e a circular diferentes discussões em pauta na cidade, decidiu-se rebatizá-lo como *Direitos Urbanos*. A plataforma digital permitia disseminar com facilidade testemunhos das infrações das leis relativas ao ordenamento da cidade, assim como repasses de audiências públicas e outros procedimentos burocráticos relativos aos empreendimentos, filmagens de construções e demolições irregulares, fotos de infrações em via pública, boatos sobre futuras ações por parte da prefeitura ou dos empreiteiros etc., além de estender (e registrar) esses debates para além dos encontros pontuais de seus participantes.

A campanha *Salve o Caiçara!*, iniciada em 2011 por um incipiente grupo homônimo pelo tombamento do edifício de mesmo nome, ciente de que todos os apartamentos do prédio haviam sido comprados por uma construtora para demolição e construção de uma torre residencial de luxo, foi posteriormente englobada (assim como seus organizadores) pelo DU. Em 2013, por ocasião da demolição ilegal do edifício durante tramitação do seu processo de tombamento, o DU convocou algumas mobilizações de protesto diante do Caiçara parcialmente destruído, onde estratégias como bicicletadas, fechamento parcial de ruas com manifestantes portando cartazes, gritos de guerra e carros de som foram utilizadas pela primeira vez pelo grupo²⁴. Essas ações não chegariam a impedir a demolição completa do

caracterizaram o Estado Novo. Cf. (PONTUAL & CAVALCANTI, 2003), (DINIZ, 2016) e (MARCO ZERO, 2015).

24 Chama-nos a atenção a diferença na composição etária entre os presentes nos protestos contra a demolição do Edifício Caiçara e os Ocupes organizados em 2012, e os ocupantes do Cais em 2014 assim como os manifestantes nos atos posteriores em 2015; conforme os eventos se sucederam, a média de idade dos presentes diminuiu consideravelmente, ao ponto de que durante a ocupação de 2014 a faixa etária com mais de trinta anos era parcela considerável dentre os que frequentavam o terreno, mas certamente minoria, e

edifício anos mais tarde, em 2016, mas corroboraram que era possível chamar a atenção de uma parcela da população contra a forma de agir das construtoras. O Projeto Novo Recife foi encaminhado pela primeira vez ao Conselho de Desenvolvimento Urbano, órgão de gestão participativa subordinado à Prefeitura do Recife, em julho de 2011, como um conjunto de doze torres e dois edifícios-garagem sem parcelamento de quadras, com média de 35 andares por edifício, 2466 apartamentos e escritórios e 5563 vagas de estacionamento (que, caso ocupadas, comporiam cerca de 1% da frota automobilística em circulação hoje na RMR). De julho de 2011 à setembro de 2012, os empresários deram satisfação às exigências sobre o projeto colocadas pelo Conselho²⁵. Em março de 2012, a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) anunciou que não havia impedimentos legais para o início da demolição, alegando que os armazéns de açúcar pertencentes à antiga RFFSA e posteriormente utilizados pelo Instituto do Açúcar e do Alcool não apresentavam valor histórico ou cultural algum (BLOG DE JAMILDO, 2012). A grande mídia da cidade dava o Projeto Novo Recife como um fato consumado (JORNAL DO COMÉRCIO, 2012). O consórcio chegou a destelhar os armazéns para demoli-los em seguida, antes de ser interrompido por questionamento do MPPE. Esse incidente serviu de estímulo para que se organizasse a primeira audiência pública sobre o projeto no final daquele mês, convocada pelo vereador Múcio Magalhães em resposta a pedido do grupo Direitos Urbanos, respaldado por um abaixo-assinado contra o projeto com mais de 1500 assinaturas que foi organizado através das redes sociais (G1, 2012a).

Na audiência, os empreiteiros apresentaram o projeto como um marco no desenvolvimento recente que o Recife estaria experimentando, onde a dúzia de arranha-céus se tornaria o símbolo de uma cidade moderna (em detrimento da atual paisagem da bacia do Pina, o ‘cartão postal’ atual do centro da cidade) e pujante, associando o empreendimento privado ao bem-estar da população como um todo, de forma quase indistinguível do que se esperaria da apresentação de um equipamento público. A audiência foi tumultuada pelas vaias e gritos dos presentes, assim como pelas falas contundentes contra o projeto por parte do representante da UFPE, Prof. Tomás Lapa, e da promotora do MPPE Belize Câmara, ambos membros da mesa²⁶. Um dos principais fundamentos da publicidade sobre o projeto era a afirmação de que uma área ‘abandonada’, ‘inoperante’ e até mesmo ‘perigosa’ da cidade

praticamente ninguém desse grupo dormia ali. As implicações dessas diferenças serão exploradas mais adiante no texto.

25 Para essas e outras informações procedimentais sobre a aprovação do Projeto Novo Recife, Cf. (VAREJÃO, 2018: Cap. 2).

26 Registro da audiência disponível em: <<https://vimeo.com/43160235>>.

encontrara uma oportunidade quase irrefutável de somar-se ao progresso que esse tipo de projeto adjudica para si, um argumento utilizado exaustivamente pelo setor da construção civil para empreender sobre áreas anteriormente sucateadas da cidade, como explica Luana Varejão (2018: 81-82):

A venda de terrenos importantes por um valor tão inferior à média praticada pelo mercado insere-se na lógica de abandono estratégico de áreas históricas e centrais, que se dá, frequentemente, com o objetivo de fazer com que, no futuro, projetos de renovação e privatização do tecido urbano sejam apresentados como soluções para problemas como violência, prostituição e tráfico de drogas em tais localidades. Assim, tais projetos urbanísticos costumam ser aprovados e celebrados pela sociedade, já que a estratégia do poder público de abandonar determinadas áreas facilita a legitimação de um discurso gentrificador, que beneficia a especulação imobiliária.

Estimulados pela repercussão das intervenções na audiência pública e pela aparente proximidade de uma possível aprovação do projeto, os integrantes do DU se apressaram em organizar, através de sua rede de simpatizantes no *Facebook*, um encontro chamado #OcupeEstelita. A descrição do evento convocava²⁷:

No Recife, um movimento de ocupação do espaço público, com inspiração no Occupy Wall Street, convoca todos os descontentes com o consórcio Novo Recife Empreendimentos, para tomar as calçadas dos armazéns do Cais José Estelita no próximo domingo (15 de Abril), das 9h às 16h. Com apoio de diversos segmentos da sociedade, o OcupeEstelita não se opõe apenas à criação, na região central do Recife, de ao menos 12 torres, algumas com mais de 40 andares. O movimento busca manter vivo o debate sobre o modelo de ocupação verticalizado que a cidade adotou nas últimas décadas. No alvo, também está a controversa construção de quatro viadutos sobre a Avenida Agamenon Magalhães. Segundo a mobilização, levada a cabo em redes sociais, com destaque para atuação do grupo Direitos Urbanos, no *Facebook*, o modelo adotado pelas políticas públicas do Recife e do estado desconsidera questões urbanísticas básicas como a mobilidade, a preservação da memória histórica e o arejamento da cidade. Além de semelhanças com o Occupy Wall Street, como a falta de programa e a coordenação difusa, o OcupeEstelita aproxima-se de mobilizações como o movimento paulistano Baixo Centro, associando ações culturais ao discurso político.

A organização descentralizada, autogerida e focada em atividades lúdicas e coletivas propunha demonstrar a possibilidade de outros usos daquele espaço e da cidade como um todo. O encontro ocorreu sem maiores problemas, tendo repercussão tanto na mídia como nas redes sociais (G1, 2012), além de ter recebido apoio de muitos artistas e realizadores culturais reconhecidos na cidade, fortalecendo uma rede de colaboração junto a outros coletivos como Associação Metropolitana dos Ciclistas do Recife (AMECICLO), Coque Vive e Parques do

27 Disponível em <<https://tinyurl.com/yyrctekz>>

Capibaribe. Buscando aproveitar o momento de visibilidade da causa, um novo ‘ocupe’ foi realizado duas semanas depois, e na sequência uma terceira edição do evento associada ao movimento internacional 12M, com a seguinte convocatória: *12M = 12 de maio! Trata-se de um chamado dos movimentos de ocupação ao redor do mundo. Neste dia, manifestantes em diversos países sincronizam suas agendas e ocupam as ruas em defesa de novas alternativas para a sociedade e contra a concentração de poder nas mãos de políticos e corporações*²⁸. Os três eventos juntos receberam grande público e fizeram circular a imagem do Direitos Urbanos, que após esse ciclo de ‘ocupes’ alcançou cerca de 9 mil membros em seu grupo no Facebook. Alguns meses depois, finda a tramitação entre empreiteiros e representantes, o CDU pôs o Novo Recife em pauta para votação.

Chegado o dia da reunião do conselho, a prefeitura instalou no térreo de sua sede um telão que transmitiria ao vivo a reunião que ocorria no 12º andar, e interessados em acompanhar de perto a votação tinham o acesso negado pelos vigilantes na entrada do saguão. Ainda assim, dezenas de pessoas conseguiram burlar o impedimento e se encontraram diante das portas fechadas da sala de reunião para cobrar a abertura do encontro à vista dos interessados. Apesar de que a guarda municipal e a polícia militar garantiram com o uso da força que ninguém entrasse além dos conselheiros, uma liminar expedida pela 7ª Vara da Fazenda Pública, baseada numa ação popular impetrada pelo Direitos Urbanos acusando falta de paridade e participação no encontro, garantiu que a reunião fosse cancelada, e a pauta, suspensa. Poucos dias depois, na festa anual de premiação organizada pela Associação de Empresas do Mercado Imobiliário de Pernambuco (ADEMI-PE), o então prefeito João da Costa foi o grande homenageado da noite, recebendo das mãos de Eduardo Moura, diretor de incorporação da Moura Dubeux, presidente da ADEMI-PE e principal porta-voz do Consórcio Novo Recife, o troféu Ademi Especial²⁹. O empreiteiro agradeceu o empenho do prefeito em estabelecer parcerias com o setor privado. Na noite de 27 de dezembro, a liminar obtida pelo DU para cancelamento da reunião e suas pautas foi suspensa por um desembargador do

28 Disponível em <<https://tinyurl.com/y35sl6us>>

29 Não foi a primeira vez que a ADEMI louvou prefeitos, ou mesmo candidatos. Ainda em julho de 2012, Geraldo Julio se reuniu com empreiteiros que lhe declararam seu apoio na campanha eleitoral daquele ano. *Se você for na Prefeitura 50% do que foi no Governo do Estado, será o melhor prefeito do Recife*, afirmou o diretor-presidente do Grupo Moura Dubeux, Gustavo Dubeux. Eduardo Moura agradeceu a iniciativa do candidato em debater *um novo Recife* com a entidade e lembrou a atuação de Geraldo à frente das secretarias estaduais de Planejamento e Gestão e Desenvolvimento Econômico. *A gente sabe da sua capacidade. Conhecemos o seu trabalho no Governo de implantar a meritocracia e acompanhar a gestão. Nós o vemos muito preparado para administrar o Recife*. Outro empreiteiro ainda avaliou: *o que você senta e acerta com ele, acontece. Quando não é possível fazer, ele também diz logo. Tenho certeza que na Prefeitura ele terá essa mesma clareza*. Ver (Blog do Jamildo, 2012).

Tribunal de Justiça de Pernambuco. Uma nova liminar, obtida ainda naquela mesma noite em nova medida judicial movida pelo Direitos Urbanos e impedindo qualquer reunião do CDU, foi ignorada na manhã seguinte para que uma sessão de emergência tivesse lugar.

Foi assim que, apesar das críticas e repúdio dos presentes na audiência pública realizada em março, da posterior mobilização da sociedade civil contra o projeto na forma dos três eventos organizados no Cais, do impedimento da presença da população interessada nas reuniões do Conselho, das duas liminares de que seu processo de aprovação foi objeto, e da ausência dentre a documentação apresentada ao CDU de plano de parcelamento do terreno³⁰, de consulta ao Departamento Nacional de Infraestrutura e Transportes (DNIT) sobre a operação da linha férrea contígua ao empreendimento³¹, de parecer do IPHAN quanto ao impacto negativo do projeto sobre os monumentos tombados nas proximidades e da ausência de Estudos de Impacto Ambiental e de Vizinhança³², o Projeto Novo Recife foi aprovado à portas fechadas, nas primeiras horas da manhã do dia 28 de dezembro de 2012, último dia útil da gestão de João da Costa. Em março do ano seguinte, o procurador-geral de justiça do estado, Aguinaldo Fenelon, afastou Belize Câmara da Promotoria do Meio-Ambiente do Recife, apenas uma semana após a Justiça haver respondido as ações movidas pela promotora contra os empreendimentos da Moura Dubeux, suspendendo os trâmites do Projeto Novo Recife perante a Prefeitura, e a construção do edifício Jardim Casa Forte, no bairro do Monteiro³³.

30 O parcelamento de projetos de grande porte estabelece o sistema viário, as áreas verdes, as áreas públicas e equipamentos comunitários a serem entregues pelo empreendimento, e é obrigatório de acordo com a Lei Federal nº 6.766/76 e a Lei Municipal nº 16.286/97.

31 Além de operar a atração cultural conhecida como *Trem do Forró*, a linha férrea mencionada está arrendada pelas próximas décadas à Transnordestina S.A., empresa privada controlada pela Companhia Siderúrgica Nacional, à título da integração com as obras da Ferrovia Nova Transnordestina. Segundo resumo das irregularidades envolvendo o Projeto publicado pela promotora Belize Câmara no blog do grupo Direitos Urbanos, parte da ação civil pública nº 0195410-28.2012.8.17.0001 impetrada pela promotora perante o MPPE contra a Prefeitura do Recife relativa ao processo de aprovação do empreendimento, há possibilidade de acidentes devido à ausência de equipamentos adequados para frenagem nas imediações do terreno. Resumo disponível em: <<https://tinyurl.com/y6rvd4eq>>.

32 Exigências previstas pelo Estatuto das Cidades (EIV - Lei nº. 10.257/2001, art. 188) e pelo Código do Meio Ambiente e do Equilíbrio Ecológico da Cidade do Recife (EIA - Leis Municipais nº 16.176/96 e nº 16.243/96). Esses e todos os vícios supracitados foram apontados pela Ação Civil Pública ingressada pelo MPPE em face do Município do Recife em 19 de dezembro de 2012, pedindo a suspensão de todo ato administrativo referente ao projeto e portanto, a nulidade do mesmo.

33 Chama a atenção o abuso recorrente da construtora Moura Dubeux de certas brechas legais. O edifício Jardim Casa Forte, de 40 andares, começou a ser construído em 2013 em área contemplada pela Lei dos Doze Bairros (lei municipal nº 16.719/2001, limitando o potencial construtivo dos bairros mais ricos e tradicionais da zona norte), por haver protocolado seu alvará antes da aprovação da lei, em 2008. O Projeto Novo Recife usou artifício semelhante para garantir o potencial construtivo previsto no plano diretor de 1996, antes da área do Cais José Estelita ser determinada como Zona de Ambiente Natural pelo plano diretor de 2008, o que diminuiu esse potencial e prejudicaria a lucratividade do empreendimento. No decorrer das audiências públicas para discussão do plano diretor de 2018, a Prefeitura evidenciou interesse em reverter a

Os processos movidos pela procuradora demoraram apenas algumas semanas em ser suspensos, assim como outra liminar obtida pelo Ministério Público Federal suspendendo as obras do Novo Recife, derrubada a pedido da Prefeitura pelo próprio presidente do Tribunal Regional Federal da 5ª Região (TRF5). O Direitos Urbanos defendeu Belize com um pedido não atendido de revisão do processo de afastamento da promotora à Procuradoria Geral, e um ato em desagravo foi realizado na Faculdade de Direito. Duas audiências públicas foram realizadas na mesma época, a primeira na Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco (ALEPE) e a segunda na Câmara de Vereadores. Em abril de 2013, o governador do estado anunciou que os quatro viadutos da Agamenon Magalhães (contra os quais o Direitos Urbanos havia empreendido longa campanha) não seriam mais construídos, e que o restante do ainda hoje inconcluso Corredor Norte/Sul seria mantido como apresentado (JORNAL DO COMÉRCIO, 2013). No final de maio, menos de um mês antes que a repercussão da violência utilizada pela polícia militar contra os atos do Movimento Passe Livre em São Paulo desse início a uma onda de protestos que mobilizaram milhões de pessoas em cidades de todo o país, o DU participou da V Conferência Municipal do Recife, onde se elegeu como grupo membro da comissão para elaborar o projeto de lei do Conselho da Cidade. Vemos, portanto, que o grupo ganhava influência nas instâncias participativas da gestão urbana, além de se inserir em novas causas, como o embargo das obras do Túnel da Abolição, o tombamento do Cotonificio da Torre, e a cooperação exitosa com o Coque (Re)xiste contra a desapropriação de 58 casas no Coque para integração do Terminal de Joana Bezerra ao Corredor Norte-Sul, e contra a construção de um edifício da OAB no mesmo bairro.

1.4 O INÍCIO DA OCUPAÇÃO

Os protestos iniciados em junho de 2013 se pulverizaram por todo o segundo semestre do ano. No Recife, houve profusão de atos, algumas vezes mais de um no mesmo dia, que associados às obras de preparação para a Copa (principalmente a construção dos Corredores Leste/Oeste e Norte/Sul) e os índices crescentes de engarrafamento, tornaram a mobilidade através da capital particularmente difícil (BBC, 2013). Enquanto isso, coletivos, movimentos estudantis e sindicatos mobilizavam sucessivos atos, frequentemente saindo do Derby e/ou circulando nas imediações da Boa Vista e nas proximidades da Prefeitura. A Frente de Luta

condição especial da área. O edifício Hilson Macedo, de 25 andares e praticamente em frente ao Jardim Casa Forte, foi anunciado em 2018 amparado pela mesma artimanha que seu vizinho. Cf. (PORAQUI, 2018).

pelo Transporte Público chegou a realizar nove atos entre o fim de junho e setembro, defendendo uma série de medidas para melhorias imediatas na estrutura de mobilidade da cidade, e chegando a ocupar a Câmara de Vereadores exigindo a instauração de uma CPI do Transporte Público (G1, 2013). Por volta dessa época, cerca de duas mil famílias foram desalojadas na região metropolitana pela Prefeitura do Recife e pelo Governo do Estado para execução de obras para a Copa das Confederações em 2013 e o mundial no ano seguinte, o que estimulou um ciclo próprio de protestos que se prolongou até meados de 2014, assim como a criação de coletivos voltados para a fiscalização das arbitrariedades e desmesuras por parte dos poderes executivos nesse processo, como o Comitê Popular da Copa de Pernambuco³⁴. Nos meses iminentes à realização do mundial, mobilizações em várias cidades do país foram convocadas com foco em repudiar os diversos eventos de inauguração e prestígio frequentados pelas personalidades políticas e o alto escalão da FIFA, como inauguração das obras para o mundial, ou mesmo o circuito de exibição do troféu do torneio nas cidades-sede.

Foi durante a escalada desses protestos-denúncia que, no fim da noite do 21 de maio, um integrante do Direitos Urbanos que passava de carro pela Avenida José Estelita se surpreendeu ao avistar máquinas demolindo os galpões de açúcar. Ele estacionou no local e se dirigiu à obra, onde fotografou e gravou a movimentação, postando-a em seguida no grupo do DU. Imediatamente, sete homens o cercaram, imobilizaram e quebraram o celular utilizado na filmagem, em seguida espancaram-o e ameaçando com armas (LEIAJÁ, 2014). O amparo dos que receberam a mensagem não tardou em se manifestar, e em menos de duas horas do ocorrido mais de cinquenta pessoas se aglomeravam nos portões do Cais, acompanhadas pela Polícia Militar, que chegara junto à assistência jurídica que viera ao socorro do agredido. Ele identificou dois funcionários do Consórcio como seus algozes e partiu junto à polícia e sua defesa legal para prestar depoimentos na delegacia. Enquanto mais manifestantes chegavam ao local atônitos com os armazéns já parcialmente demolidos, os portões fechados, e o som das máquinas trabalhando desimpedidas, um muro baixo a poucos metros dali foi utilizado para entrar no Cais. Uma por uma, todas as pessoas presentes transpuseram o muro do terreno de quinze hectares e se aglomeraram para se dirigirem aos armazéns em demolição. Os funcionários do Consórcio entraram em pânico quando viram as dúzias de pessoas dentro do terreno e indo em direção às máquinas. Os mais exaltados dentre os presentes incitavam à queimá-las, enquanto os seguranças particulares da empresa Klaus Costa se perfilavam para

34 Cf. <<https://fundodireitoshumanos.org.br/projeto/comite-popular-da-copa-de-pernambuco-pe/>>.

impedir que os ocupantes pudessem avançar no terreno. Quando a postura defensiva dos funcionários parecia se mostrar intransponível, o então vereador e futuro ministro do governo provisório de Michel Temer, Raul Jungmann, surgiu dentre as lanternas de celulares dos manifestantes e, num gesto autoritário e curiosamente fundamental para que a investida daquela madrugada fosse bem sucedida, expulsou os trabalhadores da empresa aos gritos³⁵.

O espaço aberto pelo fim do tumulto foi aproveitado para fazer uma fogueira em meio à garoa fina que oscilava, e na luz daquelas chamas fez-se a primeira assembleia daquela ocupação. Um consenso imediato foi o da impossibilidade da saída dos manifestantes, uma vez que abandonar o local deixaria o caminho aberto para que os funcionários do Consórcio seguissem com a demolição. Para manter aquela posição, mais pessoas seriam necessárias, assim como água e comida, pelo menos para atravessar a madrugada. Os ânimos amainaram ao longo da noite, enquanto um mínimo de mantimentos chegava, e as quase cem pessoas de início se tornaram, entre idas e vindas, pouco mais que meia dúzia por volta do meio da manhã. Naquela altura sem contato possível com os apoiadores fora do terreno, a aflição dos presentes pelas possíveis consequências caso uma reintegração de posse ocorresse naquele momento se agravou quando, no início da tarde, viaturas da polícia militar e um micro-ônibus do Grupo de Ações Táticas Itinerantes (GATI) se agruparam na entrada do terreno. Um capitão do GATI entrou para dialogar com os ocupantes e obteve apenas a garantia de que estes se negavam a abandonar o acampamento. O bloqueio imposto pelas viaturas e policiais impedia que outros manifestantes entrassem no terreno e rendessem os ocupantes isolados, mas alguns poucos apoiadores conseguiam se infiltrar através de buracos ao longo das paredes do imenso matagal. Quando as tropas anunciaram sua intenção de remover os ocupantes à força, subitamente um grupo de dúzias de pessoas entrou no terreno seguindo pelos trilhos da ferrovia que se estende dali até uma estação metroviária próxima, passando por outras ocupações às margens dos trilhos. Eram moradores da Vila Sul, uma dessas ocupações, exultantes, com enxadas, estacas, picaretas e lonas nas mãos. Em questão de minutos, começaram a delimitar parcelas do espaço para construir suas moradias.

Enquanto os sem-teto recém-chegados trabalhavam a pleno vapor para levantar os primeiros alojamentos, os outros manifestantes, uma maioria de estudantes universitários, estavam compenetrados na assembleia de negociação com a polícia. Os policiais, evidentemente consternados pela invasão súbita, argumentaram que as ferramentas trazidas

35 Cf. *O som ao redor do Estelita*. Disponível em <<http://www.rauljungmann.com.br/o-som-ao-redor-do-estelita/>>.

pelos vizinhos próximos eram armas brancas. Em uma de muitas decisões que viriam a ser tomadas em discussões muito tumultuadas e com pouco consenso, indicando o forte caráter espontaneísta daquela mobilização, parte dos ocupantes aceitou ser revistada pelo GATI para provar que não estavam armados, em troca de poderem permanecer no terreno, barganha proposta pelos próprios policiais. Os vizinhos da Vila Sul, que àquela altura já haviam demarcado vários perímetros, fugiram pelo mesmo trilho que haviam chegado com as acusadas ‘armas brancas’. Nessa segunda redenção em menos de 24 horas, a incerteza do que se seguiria caso a revista coletiva fosse negada foi trocada pela garantia implícita de que apenas aquela assembleia composta basicamente por manifestantes universitários de classe média permanecesse no terreno. A essa altura, o acesso ao terreno já era possível, permitindo que novas barracas e mantimentos fossem trazidos, apesar das repetidas discussões com os seguranças privados. Mas mesmo essa resistência cairia por terra já nos dias seguintes, e o Cais, como sequer os mais otimistas poderiam supor poucos dias antes, estava à disposição de seus defensores.

1.5 OS OCUPANTES

Esta pesquisa surge de questionamentos amadurecidos ao longo de nossa participação da ocupação do Cais José Estelita, do Movimento que lhe seguiu, seu esvaziamento posterior e, mais recentemente, da tentativa de impedir a demolição final dos armazéns de açúcar em março de 2019, processo ao longo do qual estabelecemos uma relação duradoura e pessoal com a causa e muitas das pessoas envolvidas. Tal proximidade nos permitiu testemunhar as várias transformações que tanto a mobilização em seu prol como seus participantes, estratégias e palcos de disputa pelo Estelita passaram ao longo dos últimos sete anos, assim como os efeitos de seu surgimento nos diferentes campos que se cruzam na luta pelo direito à cidade no Recife na atualidade. E se há algo ao que não pudemos deixar de retornar ao longo dessas reflexões, tanto pessoais e coletivas, são as memórias daqueles vinte e seis dias que passamos instalados no terreno às margens da Baía do Pina. Desde o primeiro momento em que pisamos nele, até a remoção violenta pela Polícia Militar, e mesmo além disso, até que por fim o MOE sofreu sob o viaduto Capitão Temudo, nas palavras de um entrevistado, sua *reintegração social de posse*, uma teia de sustentação de nossa presença naquele espaço esteve operando para manter no Cais a negação do Projeto Novo Recife e a afirmação de uma visão contrahegemônica de cidade. Ao impedir momentaneamente que as máquinas

continuassem seu trabalho de demolição, a ocupação foi bem sucedida em angariar visibilidade para a causa, obtendo o apoio de um conjunto de instituições tradicionais e com fluência nas instâncias de participação e diálogo da Prefeitura do Recife, que a partir daí estabeleceu um processo de redesenho participativo do projeto.

Se consideramos que o terreno não oferecia maiores facilidades que a sombra de algumas árvores, e que em menos de uma semana a divisão do trabalho de manutenção da ocupação já havia se ramificado nas comissões de cozinha (manter e cozinhar a comida doada), limpeza, comunicação (principalmente criar material de divulgação, textual e audiovisual), infraestrutura (criar as instalações necessárias para a ocupação – cozinha, depósito, banheiros, toldos, distribuição de água e eletricidade, iluminação), segurança (vigiar a ocupação durante a noite) e articulação política (mediação entre as instituições), que permitiram organizar eventos nos finais de semana que receberam milhares de pessoas, temos uma noção do quanto aquele espaço se reconfigurou intensamente em poucos dias. Essa divisão do trabalho junto à necessidade de que sempre houvesse uma população mínima no terreno (parte considerável dos ocupantes se mudou para lá) criou uma atmosfera imersiva para aqueles acontecimentos, sujeitos às notícias ou boatos dos próximos passos do Consórcio, da justiça e da polícia militar, além das discussões e conflitos recorrentes entre os manifestantes devido à organização horizontal do acampamento³⁶. A fragilidade de agrupar-se contra a operação de interesses econômicos e políticos dominantes e assegurados pela possibilidade de obter uma reintegração de posse que lhes permitisse expulsar-nos com a anuência da lei, intercalada com a euforia por haver ‘conquistado’ aquele espaço extenso e recluso em meio ao centro histórico da cidade, fortaleciam um sentimento comunal e agregador entre os que se dispuseram a participar dessa mobilização.

Após a reintegração de posse, a liberdade e isolamento propiciados pela vastidão do terreno deram lugar a um clima de preocupação constante com a segurança, agora que os ocupantes estavam dormindo na rua, instalados sob a alça do viaduto Capitão Temudo. Além disso, a diversidade e fartura inicial de doações e assistências que a ocupação recebera vinham rareando nos últimos dias ainda dentro do terreno e diminuíram drasticamente após a reintegração de posse, chegando a ser insuficiente para manter os ocupantes alimentados,

36 Ainda que uma quantidade expressiva dos ocupantes se mantivesse em tempo integral no terreno, a organização baseada em duas assembleias diárias de cerca de duas horas cada era exaustiva, e pouquíssimas pessoas eram capazes de acompanhar os acontecimentos entre as distintas reuniões, o que resultava em uma sucessão de dúvidas, discussões e informações essenciais que, dada a estrutura aberta do movimento, precisavam ser repassadas repetidas vezes para recém-chegados, frequentemente distorcidas, e conturbadas pela exaustão dos que já as haviam acumulado.

tornando a convivência ainda mais difícil. Nossa impressão, a partir das trajetórias pessoais dos participantes e posteriores a esses eventos, portanto, é de que esses acontecimentos resultaram em um aprendizado na ordem do convívio, uma experiência de consequências duradouras para aqueles que nela tomaram parte. O que estava acontecendo com aquelas pessoas que se sujeitaram à ser os corpos necessários naquele espaço, através dos quais tantos outros puderam canalizar sua solidariedade, sua indignação, sua aspiração por uma outra forma de viver na cidade, assim como seus esforços e auxílios, materiais e simbólicos?

Esses indivíduos foram expostos, excitados e estressados de tal maneira que os acúmulos dessa experiência se tornaram referência privilegiada e duradoura para suas decisões e posicionamentos posteriores, tanto sobre os aspectos mais objetivos de suas vidas cotidianas (ex.: seus empregos ou cursos na universidade), como sobre o gosto, a maneira de se relacionar, suas opiniões políticas, e não menos importante, seus relatos sobre si mesmos. Isso se fez evidente tanto pelas mudanças nas práticas cotidianas dos que nos eram mais próximos (e também das nossas, onde primeiro encontramos evidências deste processo), como pelos círculos sociais que surgiram ou se aglomeraram a partir das convergências que o Cais permitiu. Já vimos que Angela Alonso (2016, 2017) e André Singer (2013) argumentam que os acontecimentos de junho de 2013 estiveram constituídos por uma maioria universitária, marcada por uma divisão entre os jovens de classe média estabelecida, cujos pais provavelmente já haviam sido universitários, e os que vinham de setores mais pobres, provavelmente tanto eles como seus pais mais próximos do perfil socioeconômico dos *batalhadores* estudados por Jessé de Souza (2012). Entretanto, embora Singer e Alonso apresentem o embarque desse segundo grupo nos protestos de junho como uma possível explicação para a moderação das reivindicações ao longo daquele mês, acreditamos também que uma parcela não desprezível desses ‘novos proletários’ e primeiros universitários nas suas famílias possuía disposições e tendências políticas à esquerda do centro sugerido, e que, assim como seus companheiros de protesto já nascidos na classe média, estiveram buscando nos coletivos e protestos que se seguiram dali em diante uma maneira de seguirem atuando politicamente.

Também precisamos recapitular que naquele mês o Recife teve um único ato na escala das dezenas de milhares de manifestantes, no dia 20 de junho, quando a composição do protesto já se assemelhava ao perfil moderado associado pela literatura à segunda etapa dos protestos paulistas, apenas antecedido por um protesto de cerca de duas mil pessoas no dia 17, composto por um perfil mais jovem e ainda focado nas reivindicações sobre o transporte

público, e seguido no restante do mês por protestos pulverizados voltados para subtópicos da agenda ‘moderada’³⁷. Embora a capital pernambucana tenha testemunhado protestos frequentes durante o resto do ano e com destaque para demandas sobre o transporte público, acreditamos que predominava uma necessidade de acompanhamento do momento político do país, muito mais do que de demandas locais. Novamente, as mesmas questões paulistas se aplicavam ao Recife e foram objeto de reivindicação, vide a ocupação da câmara dos vereadores pela Frente de Luta pelo Transporte Público em agosto exigindo a instauração de uma CPI no município, mas mesmo aí havia um descompasso – os aumentos nas passagens na capital pernambucana ocorrem por volta da virada do ano, quando o potencial de mobilização de campanhas contra o aumento (que já faziam parte do calendário da cidade pelo menos desde o início dos anos 2000) costuma ser maior, vide os confrontos mais acirrados e duradouros em novembro de 2005³⁸.

A resposta violenta da polícia militar perante os protestos do MPL pela revogação do aumento de 20 centavos nas passagens de ônibus da capital paulista foi o estopim para um levante político que significou *uma transição intergeracional, realizada conforme os que já são socializados em um ambiente de classe média, livres do fardo material das gerações anteriores, vão se tornando maioria, provocando mudança profunda na maneira de enxergar a política por parte dos cidadãos* (SINGER: 2013: 37). Como apontado por Alonso (2016), esse levante indicou o esgotamento da política de conciliação de classes do PT, já que mesmo que a prefeitura da capital paulista estivesse sob comando do partido, a revogação do aumento só veio quando o conflito alcançou proporções nacionais e, como o dito célebre à época, já não era mais sobre 20 centavos: tornava-se evidente para a multidão de jovens ‘pós-materialistas’ que o governo do *reformismo fraco* preferia amaciar suas exigências com bombas de efeito moral e balas de borracha à atender uma demanda vinculada a eliminação da tarifa, política de forte caráter redistributivo que já havia sido estudada e debatida durante a gestão de Luiza Erundina na prefeitura de São Paulo, mandato símbolo do período de formulação da nova agenda urbana³⁹. A fração à esquerda dessa nova geração no Recife

37 Cf. (G1, 2013a, 2013b).

38 Cf. (JORNAL DO COMÉRCIO, 2012^a).

39 “Defendemos um sistema de transporte coletivo custeado por toda a sociedade, através do pagamento justo de impostos. Ninguém paga tarifa quando vai ao pronto-socorro municipal, ou quando o lixo é recolhido na porta de casa. Também não se paga tarifa quando os filhos vão para a escola, ou à creche municipal. Queremos o mesmo com o transporte, que também é um serviço público. Nada mais justo do que dividirmos a conta pelo conjunto da sociedade, tomando cuidado para não penalizarmos o contribuinte comum, e fazendo com que a maior carga fique com as empresas e as grandes indústrias, amplamente beneficiadas, porque seus funcionários se deslocam de ônibus para o trabalho. Ao eliminarmos gastos das famílias

adquiriria apenas no ano seguinte um objeto, um símbolo capaz de produzir confronto semelhante, com o início da ocupação do Cais José Estelita.

Mas nesse caso o desgaste não seria exclusivo do projeto petista de cidade. Diante da violência amplamente documentada com que se deu a reintegração de posse no 17 de junho de 2014, quando a polícia militar autorizada diretamente pelo vice-governador atacou centenas de civis desarmados (dentre os quais diversos agentes públicos, advogados, jornalistas, familiares dos ocupantes e até mesmo políticos) durante mais de doze horas, parcelas significativas dessas categorias e, por extensão, da classe média alta de elevado capital cultural da cidade, se posicionaram publicamente em repúdio ao governo do PSB pela primeira vez. Estamos possivelmente falando de parcelas dessas frações de classe que possuem pouco engajamento político mas que estão profundamente imbricadas em uma coexistência cordial, formal e eficiente entre os diferentes centros do poder simbólico estatal. Sem dúvidas, essa ordem não se rompeu pela primeira vez com o gesto violento da cúpula do PSB, dado que a exclusão sistemática da maioria da população brasileira dos direitos humanos e outras salvaguardas previstas em lei pela sua presunta institucionalidade é amplamente reconhecida. O que apontamos é que essas frações que ainda não haviam aderido às críticas do DU contra a política urbana no Recife, mantendo até a ocupação do Cais uma visão predominantemente simpática da gestão de Eduardo Campos, pelos resultados positivos que vinha apresentando e os acenos já mencionados para setores preteridos por outras gestões, só reagiram às crescentes evidências de cumplicidade de interesses entre Estado e empreiteiras no Recife quando a exclusão constitutiva desse modelo projetou seu espectro violento por sobre aquele movimento composto em sua maioria por jovens das classes médias e, talvez ainda mais grave, sobre seus familiares e/ou companheiros de trabalho. Esse deslocamento apontava um obstáculo para a construção de ‘um Pernambuco mais justo’ à que Campos vinha se associando desde 2007. Ainda que essa reorientação partisse de gerações anteriores, essa reação só aconteceu na medida em que uma nova geração, já clivada à esquerda pelos acontecimentos de 2013 mas também representada por estudantes universitários situados em uma posição em falso no espaço social, entre batalhadores de origem popular e de origem mista, e entre as trajetórias já pertencentes aos estratos médio e

humildes com transporte, vamos aliviar seus orçamentos, favorecendo a compra de alimentos e outros produtos. Nosso projeto tem caráter social.”Discurso da então prefeita na Câmara Municipal em 26 de outubro de 1990. Para este e outros registros importantes da implantação da *nova agenda urbana* na maior metrópole do hemisfério sul, conferir o diário de governo elaborado pelo jornalista Ivo Patarra (1996: pp. 190-191).

superior da classe média, dispôs-se a ocupar o Cais em busca de uma maneira própria de fazer política. Que significados moviam essa geração, como ela se posicionou a partir daqueles acontecimentos e que reverberações isso teve no campo militante e na conjuntura específica da luta pelo Cais José Estelita, são questões que trataremos como nosso problema de pesquisa

2 QUADRO TEÓRICO

O primeiro desejo que nutriu a realização deste trabalho foi a intenção de contribuir, junto ao já considerável acervo de publicações, dissertações, teses e monografias elaboradas sobre o MOE e a ocupação do Cais que lhe deu origem, com o registro historiográfico destes acontecimentos e seus desdobramentos. O silenciamento sobre a ocupação imposto nas redações dos maiores veículos impressos do Recife, discutido por Rebecca Portela (2018) através de entrevistas com jornalistas que testemunharam essas censuras, restringiu a cobertura dos acontecimentos à grande mídia nacional e internacional⁴⁰. Por outro lado, a desconfiança dos ocupantes perante a grande mídia fez com que o contato com os meios de comunicação se desse através de entrevistas pontuais nas proximidades e entradas do terreno. Portanto, a ausência de demais registros jornalísticos conferiu exclusividade documental dos acontecimentos internos da ocupação às imagens, gravações e entrevistas feitas por entusiastas do movimento (WANDERLEI, L. C.; 2015). Temos de destacar aí a abundância de profissionais do setor audiovisual dentre os simpatizantes do MOE, especialmente a presença de integrantes da cena cinematográfica pernambucana, que permitiu a produção de uma variedade de materiais de alta qualidade alinhados à uma compreensão ‘ocupante’ daquele conflito – um *cinema de ocupação*, tema da cartografia sobre esse tipo de produção no Recife na última década, com mais de 90 trabalhos, elaborada por Severien (2018). Em que pese essa vantagem estratégica, chamou-nos a atenção a ausência de uma linha do tempo narrativa que integre os acontecimentos que culminaram na ocupação do Cais aos desdobramentos que lhe sucederam. A maioria das declarações por parte do MOE através de sua página no *Facebook* consiste em notas sintéticas que poucas vezes ultrapassam alguns poucos parágrafos, onde temos de considerar que suas narrativas foram muito mais difundidas através dos vídeos produzidos pelo próprio movimento⁴¹.

A descrição minuciosa dos prenúncios da ocupação e de seu dia-a-dia encontrada na dissertação apresentada a este mesmo programa por Francisco Ludermir (2018), também ocupante, quando já estávamos em vias de elaboração deste projeto, é a descrição mais rica dos acontecimentos internos ao terreno à qual tivemos acesso, cobrindo o período entre a gênese do grupo Direitos Urbanos e a reintegração de posse do Cais na manhã do 17 de junho.

40 Uma coletânea de declarações anônimas por jornalistas dos grandes veículos recifenses sobre esse silenciamento está disponível em <www.calicerecife.tumblr.com>.

41 O vídeo ‘Recife, Cidade Roubada’, o mais acessado da página do movimento no Youtube, tem 206 mil visualizações. Esta e demais produções do MOE estão disponíveis em <<https://www.youtube.com/user/ocupeestelita/videos>>.

Outro trabalho que nos respaldou com seu refino meticuloso de fontes primárias e algumas informações vitais sobre as mobilizações prévias ao surgimento do MOE foi a análise feita por Luana Varejão (2018) dos trâmites relativos ao Novo Recife perante a prefeitura para aprovação do projeto, buscando compreender se o processo foi bem sucedido em garantir a participação popular institucionalmente prevista, e consequentemente, o direito à cidade. A discussão feita por Cristina Melo (2016) sobre o documentário *Vida Estelita*⁴², curta-metragem composto por entrevistas coletivas com os ocupantes produzido ainda sob o viaduto Capitão Temudo, junto à noção de desejo de cidade proposta por Duarte (2006 apud GOMES et al, 2015: 3), nos incitaram a compreender o processo de ocupação a partir das reivindicações dos entrevistados daquela forma de se expressar politicamente, por sua vez inseparáveis de uma certa perspectiva sobre si mesmos, do espaço urbano e da sua produção, assim como de questões próprias a essa etapa da vida e os dilemas que lhe são comumente apresentados, apontando o caminho para uma leitura que enfatizasse os aspectos subjetivos desses acontecimentos.

2.1 A PRAXEOLOGIA ESTRUTURALISTA E AS TRAJETÓRIAS DE VIDA

O primeiro ímpeto, a necessidade de contar a história, começou a encontrar seus pontos de apoio quando conhecemos a análise bourdieusiana feita por Vale-Neto (2017) sobre os membros da gestão 2011-2013 da Secretaria de Cultura do Governo do Estado de Pernambuco, da qual o autor fez parte (assim como também da ocupação do Cais), onde encontramos os subsídios teóricos necessários para construir nossos questionamentos sobre o MOE. Foi então que tivemos conhecimento do conceito de *habitus*:

Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de *disposições* duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro. (BOURDIEU, 2013, p. 87)

42 Disponível em <<https://youtu.be/bbvKuKutH9w>> .

O estudo sociogenético de Vale-Neto sobre as trajetórias de vida de suas colegas de repartição aponta que, imbuídas nas necessidades objetivas dos indivíduos, assim como nas suas interpretações e relatos pessoais, há disposições transgeracionais que são capazes de estabelecer reflexões e vínculos para além das frações de classe a que os entrevistados pertencem, quando, sob condições adequadas, se manifestam na forma de uma inclinação solidária e concêntrica a um objetivo ou missão por parte do grupo (no caso, produzir políticas de cultura popular inclusivas). Uma interessante demonstração do potencial de interpretação das práticas oferecido pelo instrumental teórico bourdieusiano.

Porque tendem a reproduzir as regularidades imanentes às condições nas quais foi produzido seu princípio gerador ajustando-se ao mesmo tempo às exigências inscritas como potencialidade objetiva na situação tal como é definida pelas estruturas cognitivas e motivadoras que são constitutivas do *habitus*, **as práticas não se deixam deduzir nem das condições presentes que podem parecer tê-las suscitado nem das condições passadas que produzem o *habitus*, princípio durável de sua produção. Só se pode explicá-las, portanto, com a condição de relacionar as condições sociais nas quais se constituiu o *habitus* que as engendrou e as condições sociais nas quais ele é posto em ação, ou seja, com a condição de operar pelo trabalho científico a relação desses dois estados do mundo social que o *habitus* efetua, ao ocultá-lo, na e pela prática.** (...) É na medida e somente na medida em que os *habitus* são a incorporação da mesma história – ou, mais exatamente, da mesma história objetivada nos *habitus* e nas estruturas – que as práticas que engendram são mutuamente compreensíveis e imediatamente ajustadas às estruturas e também objetivamente combinadas e dotadas de um sentido objetivo ao mesmo tempo unitário e sistemático, transcendente às intenções subjetivas e aos projetos conscientes, individuais ou coletivos. (BOURDIEU, 2013: pp. 92-93, 95)

A partir de nosso testemunho pessoal dos acontecimentos ao redor do Cais, assim como de alguns de seus círculos sociais remetentes, enxergamos nesses eventos uma dimensão pessoal, carregada de reflexividade por parte dos ocupantes enquanto grupo e indivíduos socializados. Seria possível dar conta dos efeitos dessa experiência sobre seus sujeitos a partir de um estudo detalhado desses ocupantes, de suas trajetórias de vida, incluindo aí suas impressões e memórias dos acontecimentos aqui tratados, semelhante à forma como Vale-Neto abordou seus colegas de equipe? Teríamos de levar em conta aí nosso compromisso com o movimento e a proximidade pessoal com os entrevistados: como fazer isso sem confundir-se com o apego e substancialização do próprio passado? *Cumpra então retomar a análise da presença no mundo, historicizando-o, ou seja, suscitando a questão da construção social das estruturas ou dos esquemas empregados pelo agente para construir o mundo* (BOURDIEU, 2001: 179).

Nosso interesse está em discutir os significados capazes de pôr em operação a aprendizagem (incorporação ou *dobra*, no sentido disposicional apontado por Lahire (2003: pp. 257-259)) que a densidade imersiva dos acontecimentos e ensaio de uma moral coletiva própria da ocupação acarretou para seus participantes, o equivalente à uma sedimentação concentrada daquilo que o senso comum designa como caráter ou personalidade. Se buscamos introduzir a ocupação a partir de sua contextualização na história recente local e nacional, necessitamos, por outro lado, situar os acontecimentos do Cais em uma análise disposicional de seus participantes.

Toda disposição tem uma gênese que, pelo menos, podemos nos esforçar para situar (instância de socialização e momento da socialização) ou para reconstruir (modalidades específicas da socialização). A sociologia disposicional está ligada fundamentalmente a uma sociologia da educação, no sentido amplo do termo, isto é, uma sociologia da socialização. Embora o uso do vocabulário disposicional não imponha a todo pesquisador, que, em cada pesquisa, tenha de estudar a formação ou a gênese das disposições, ele pressupõe que alguns pesquisadores dediquem uma parte de seus trabalhos ao estudo da constituição (e das condições sociais de produção) das disposições (incorporação). (LAHIRE, 2004, p. 27)

Logo, percebemos que o potencial contextualizador das práticas que nos chamou a atenção em um primeiro momento na tese de Vale-Neto (2017), tanto pela análise das correspondências entre os posicionamentos dos agentes nas situações pontuais e no agregado social como um todo, passando também pela vinculação histórica representada na trajetória de suas incorporações, assim como pela sua capacidade interpretativa não-dualista entre os significados das experiências e as necessidades objetivas em que estão inseridas, são um dos méritos mais destacados da praxeologia estrutural bourdieusiana.

Dessa forma, podemos observar que, na arquitetura do modelo teórico-metodológico de Bourdieu, o acervo das ferramentas conceituais e explicativas mais úteis legadas pelos modos objetivista e subjetivista de análise passa a ser aproveitado em um quadro de referência novo, que **toma ambas as maneiras de investigação como “momentos” de um capturar a relação histórico-dialética entre as trajetórias biográficas dos atores individuais e a reprodução/transformação histórica de estruturas coletivas, tal como essa relação é corporificada em práticas sociais.** (...) Bourdieu edifica seu esquema teórico-sociológico em torno dessa categoria, tomada como o modo mais característico da existência social humana, no qual estão relacionadas e unificadas as diversas instâncias fenomênicas tradicionalmente referidas pelas clássicas dicotomias da teoria social e da filosofia, como indivíduo/sociedade, ação/estrutura, material/ideal, mente/corpo, sujeito/objeto, entre outras. (PETERS, 2013, p. 51)

Estamos falando de processos inerentes à vida social ordinária, com certeza, mas ainda assim, fenômenos que sobre certas condições não tão corriqueiras (cuja aproximação é um dos interesses desta pesquisa) podem ser condensados, catalizando um processo de identificação e reconhecimento de si próprio que é comumente interpretado nas histórias de vida como um norte quase onipresente, elemento responsável pela sucessão dos fatos que as constituem. Mas, se apesar de nossa condição dupla de sujeito e objeto, esta não deveria ser uma variação autobiográfica, já que o sentido que buscamos é o sociológico, como poderíamos proceder neste esforço interpretativo sem estar sujeitos à reificação de nossa *cumplicidade natural*, tanto com o viés imposto pelas disposições de *profissional da interpretação* indicadas abaixo por Bourdieu, como com a ocupação do Cais?

A narrativa, seja biográfica ou autobiográfica (...) propõe eventos que, apesar de não se desenrolarem todos, sempre, na sua estrita sucessão cronológica (...) tendem a, ou pretendem, organizar-se em sequências ordenadas e de acordo com relações inteligíveis. **O sujeito e o objeto da biografia (o entrevistador e o entrevistado) têm de certo modo o mesmo interesse em aceitar o *postulado do sentido da existência* contada (e, implicitamente, de qualquer existência). Sem dúvida, temos o direito de supor que a narrativa autobiográfica inspira-se sempre, ao menos em parte, na preocupação de atribuir sentido, de encontrar razão, de descobrir uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, de estabelecer relações inteligíveis, como a do efeito com a causa eficiente, entre estados sucessivos, constituídos como etapas de um desenvolvimento necessário.** (É provável que esse ganho de coerência e de necessidade esteja na base do interesse, variável conforme a posição e a trajetória, que os entrevistados atribuem à entrevista biográfica). (...) De fato, sem sair dos limites da sociologia, como responder à velha questão empirista a respeito da existência de um eu irreduzível à rapsódia de sensações singulares? **Sem dúvida, podemos encontrar no *habitus* o princípio ativo, irreduzível às percepções passivas, de unificação das práticas e das representações** (isto é, o equivalente, historicamente constituído, logo, historicamente situado, desse eu cuja existência devemos postular, de acordo com Kant, para dar conta da síntese da diversidade sensível intuída e da coerência de representações em uma consciência). **Mas essa identidade prática só se entrega à intuição na inesgotável e inapreensível série de suas manifestações sucessivas, de modo que a única maneira de apreendê-la como tal consiste em talvez tentar apanhá-la na unidade de uma narrativa totalizante (...)** A análise crítica dos processos sociais mal-analisados e mal-compreendidos que estão em jogo, sem que o pesquisador o saiba, na construção dessa espécie de artefato irrepreensível que é a ‘história de vida’, não é a sua finalidade. Ela leva à construção da noção de *trajetória* como uma série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes. (...) É evidente que o sentido dos movimentos que levam de uma posição a outra (...) define-se na relação objetiva entre o sentido dessas posições no momento considerado, no interior de um espaço

orientado. Isto é, não podemos compreender uma trajetória (ou seja, o *envelhecimento social* que, ainda que inevitavelmente o acompanhe, é independente do envelhecimento biológico), a menos que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou (...) o conjunto de relações objetivas que vincularam o agente considerado (...) ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e que se defrontaram no mesmo espaço de possíveis. (BOURDIEU, 1997: Cap. 3, Apêndice 1)

Ainda assim, ao estabelecer os posicionamentos sucessivos dos agentes nas diferentes dimensões significativas de suas experiências pessoais, é inevitável defrontar-se com a noção de origem, inerente à abstração sugerida pelo conceito de trajetória, ainda que, ao julgo da praxeologia estrutural, passível de ser sucessivamente decomposta nas origens de outros agentes e fenômenos, também significantes e indutores daquilo que vem a ser investigado. A origem, efeito de naturalização duradouro marcado pelas contingências de curto, médio e longo prazo que constituem o nascimento de seu sujeito, imbui inconscientemente (quer dizer, inscrita no *habitus*) um potencial motriz na trajetória individual em relação a si mesma, que é acionado na medida em que a inércia biológica e espacial do corpo habitado em meio ao espaço físico hierarquizado pela economia simbólica constituem um *envelhecimento social* do qual os indivíduos dão conta mais ou menos reflexivamente, a depender de predisposições socialmente determinadas. Para Walter Benjamin, o significado da origem só pode ser completamente revelado a partir da entrega ao que ele chama de *verdadeira contemplação* da experiência: compreender uma obra prescindindo dos *processos dedutivos* das ‘regras’ da arte (ou efeitos de naturalização) e voltando-se totalmente para sua fenomenologia, o que sugere revelar essa fetichização inerente ao ato de procurar conferir-lhe um significado, feitiço (ou ilusão biográfica) contra o qual esse exercício (reflexivo) se chocará sem cessar, produzindo inercialmente o sentido de sua narrativa.

Na verdadeira contemplação (...) o abandono dos processos dedutivos se associa com um cada vez mais amplo retorno aos fenômenos, cada vez mais abrangente e mais intenso, graças ao qual eles em nenhum momento correm o risco de permanecer meros objetos de um assombro difuso, contanto que sua representação seja ao mesmo tempo a das ideias, pois com isso eles se salvam em sua particularidade. (...) A origem, apesar de ser uma categoria inteiramente histórica, não tem, contudo, nada a ver com a gênese. O termo origem não designa o processo pelo qual o existente vem a ser, mas sim aquilo que emerge do processo de vir-a-ser e desaparecimento. A origem é um vórtice no fluxo do vir-a-ser, que em sua correnteza engole o material envolto pelo processo de gênese. [...] Por um lado, aquilo que é original deseja ser reconhecido como restauração e reestabelecimento, e por outro lado, por isso mesmo,

como algo incompleto e inacabado. Em cada fenômeno original se determina a forma sob a qual uma ideia irá constantemente confrontar-se com o mundo histórico, até que se realize na totalidade de sua história. Portanto, a origem não se destaca dos fatos, mas está relacionada à sua história e seu desenvolvimento subsequente. (...) Isso não implica, entretanto, que todo 'fato' primitivo deveria de imediato ser considerado um determinante constitutivo. Deveras é aqui que se inicia a tarefa do investigador, pois ele não pode tomar tal fato como certo até que sua estrutura mais íntima pareça ser tão essencial que se revele como uma origem. **O autêntico – o selo da origem nos fenômenos – é o objeto da descoberta, uma descoberta que está conectada de maneira única com o processo de reconhecimento.** (BENJAMIN, 1998: pp. 44-46 apud AGAMBEN, 2017: *Vortexes*, tradução livre)

É por recomendações do próprio Bourdieu que estamos procurando na arte a lógica das trajetórias de vida⁴³: se a narrativa biográfica é uma construção retórica em que, no limite, seu sujeito é tanto autor como espectador, condição objetiva portanto análoga à da obra de arte, deveríamos pedir auxílio aos *profissionais da interpretação* literária para compreender a relação significante entre narrativa e narrador incorporados. O que Benjamin advoga é que há uma certa forma de posicionar-se, de dispôr o corpo perante a obra, perante os fenômenos (portanto, perante as próprias ações, significadas) em que seu significado se revela não pela remetência a uma construção retórica, regras conscientes e pré-estabelecidas de significados possíveis, mas a uma experiência incorporada (ou seja, inconsciente) e, justamente porque sob efeito da suspensão temporária da narrativa, de acepções muito mais profundas e múltiplas (porque menos condicionadas às hierarquias e relações de significado convencionalmente aceitas e porque comprimidas, ocultas pela dobra disposicional) que seu estreitamento dedutivo pelas regras da arte. No mundo dos espectadores da arte e da construção subjetiva autobiografia, o confronto com a origem se dá justamente pela recusa momentânea da própria retórica em troca da experiência incorporada dos fenômenos com que eles se defrontam. Em termos sociológicos, queremos dizer que há circunstâncias excepcionais em que o comprometimento dos agentes com suas narrativas pré-estabelecidas recua, se maleabiliza, e permite experimentar ações que, enquanto a narrativa até então vigente jaz estuporada, se construam novos significados e relações. Esses posicionamentos aparentemente inéditos,

43 *Produzir uma história de vida (...) talvez seja ceder a uma ilusão retórica, a uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar (...) parece lógico pedir auxílio àqueles que tiveram de romper com essa tradição no próprio terreno de sua realização exemplar* (BOURDIEU, 1997: 76). É de acordo com este conselho que recapitulamos as reflexões de Benjamin sobre a fenomenologia da obra de arte, que aqui extendemos, dada a analogia justificada por Bourdieu, à (auto)biografia, obra de vida. Ambas estão interceptadas pela autoria e pela disputa de seu significado original, onde seus autores, tanto artistas como (auto)biografados, são apenas um dos interessados em conferir-lhe sentido.

entretanto, não surgem do vazio ou de uma presunta liberdade, mas do inconsciente, do *habitus*, que não está aqui sendo transcendentalizado, sublimado, mas sim desdobrado, expondo suas pulsações inconscientes mais íntimas. Como veremos mais adiante, é nessa chave de confronto entre consciente e inconsciente (o âmbito onde está estruturada a origem) que Bourdieu concebe a possibilidade de que os sujeitos históricos capturados pela naturalização de suas narrativas podem agir reflexivamente. Um dos interesses deste trabalho é, portanto, refletir sobre uma série particular de acontecimentos que pensamos haverem produzido esse tipo de confronto em seus participantes.

Já vimos, a partir das análises de Alonso (2016, 2017) que os milhões de manifestantes que foram às ruas em todo o Brasil em 20 de junho de 2013, subdivididos pela autora de acordo com os repertórios patriótico, autonomista e socialista. Até o fim da copa do mundo, a nova onda de movimentos baseados no repertório autonomista, de organização descentralizada e altamente performáticos, voltados para a própria experiência de mobilização política (processo) muito mais do que para seus resultados (ORTELLADO, 2013), foi substituída pelos protestos tradicionais de estilo socialista cujos simpatizantes, partidos e juventudes haviam sido hostilizados nos protestos do ano anterior (vide uma das principais reivindicações do período, ‘sem partido!’), retomando as bandeiras vermelhas e os carros de som com falas de lideranças. O repertório patriótico ganharia espaço somente após o mundial, quando uma diversidade de novos movimentos de direita embarcados no sentimento antipartidário que vinha se estabelecendo desde o ano anterior ganharam espaço, exasperando-se após a reeleição de Dilma Rousseff e defendendo uma gama de pautas conservadoras e anti-corrupção, unificadas pelo unânime antipetismo. Nos anos seguintes se estabeleceria assim uma polarização entre defesa e ataque ao Partido dos Trabalhadores, à presidenta Dilma Rousseff e ao ex-presidente Lula. Mas antes disso, na iminência da ocupação do Cais José Estelita, os supracitados novos grupos de direita ainda não haviam se consolidado, apesar de que mesmo ali houve demonstrações do que viria a seguir⁴⁴.

Se admitirmos que a tomada de posição nessa polarização política parte de um processo de identificação gradativo de seus apoiadores, isso significa que a convergência à esquerda manifesta nos atos de repertório socialista que predominaram até o fim do mundial aconteceu *antes*. Ou seja, apesar de seu caráter marcadamente apartidário, podemos dizer que

44 O grupo de *FacebookOcupe-se!*, surgido ainda nos primeiros dias da ocupação, dedicava-se exclusivamente a repudiar as declarações do #OcupeEstelita e difamar seus apoiadores, pautado por um discurso que enaltecia os ocupantes como ‘vagabundos’ e ‘desocupados’ que pretendiam impedir o ‘crescimento’ e ‘modernização’ do Cais José Estelita.

a nova geração que fez parte da ocupação do Cais já vinha estabelecendo uma identificação com a esquerda do espectro político, pelo menos desde os protestos de junho do ano anterior. Se o processo de identificação política com a solidariedade perante as classes menos favorecidas e a defesa dos direitos humanos - valores historicamente associados em nosso país com a esquerda - está profundamente imbricado com as trajetórias de vida, como observado por Vale-Neto (2017), acreditamos que a experiência da ocupação sobre-expôs certas disposições consoantes entre si, incorporações histórica e socialmente localizáveis e inconscientemente fornecidas pelos ocupantes, recapitulando e acentuando (atualizando) alguns de seus significados. O posicionamento depreendido dessa dobra do social no indivíduo, por sua vez, é homólogo aos posicionamentos à esquerda de gerações anteriores, em confrontos políticos anteriores, assim como suas respectivas oposições à direita em cada um desses confrontos através da história lhes são análogas. A homologia, nesse caso, quer dizer que de acordo com as contingências do contexto histórico, certas inclinações políticas herdadas pelas novas gerações tem a tendência de se manifestar como uma reedição dos confrontos que as antecederam, ainda que a partir das correlações significativas de seu próprio conjunto de disposições, por sua vez imbricadas em outros campos, além da política.

Podemos considerar, por exemplo, a importância dos movimentos LGBTQ e feminista nos campos militante e político contemporâneos. Ainda que gerações anteriores desses movimentos hajam pavimentado o caminho para a assumpção dessa visibilidade ampliada de ambas as causas, há diferenças significativas quanto ao tipo de repertório de mobilização utilizado pelos movimentos (principalmente as campanhas de visibilização nas redes sociais), as ameaças enfrentadas (os riscos da apropriação dos significados desses movimentos pelo *mainstream* midiático, por exemplo, impensável há quarenta anos), e a reverberação dessas demandas na direita do espectro político, onde tanto valores homofóbicos como machistas vem se tornando bandeira para grupos extremistas. Costurando o cerne desses embates políticos ao longo das gerações, há uma disputa entre formas de vida, profundamente imbricado na luta de classes e nas formas de divisão e organização do trabalho, onde a própria incorporação já carrega em si o espectro de outros tempos. *Pois no habitus o passado, o presente e o futuro se interseccionam e invadem um ao outro*⁴⁵, como também aponta Vladimir Safatle sobre o espanto com que parte da população recebeu o resultado do primeiro

45 'Esse 'sentido prático' *preconiza*, lê no estado presente os possíveis estados futuros dos que o campo está carregado. O *habitus* pode ser entendido como um conjunto de 'situações virtuais sedimentadas' albergadas dentro do corpo e à espera de ser reativadas.' (WACQUANT in BOURDIEU et WACQUANT, 2005: 48).

turno das eleições presidenciais de 2018 e a escalada de casos de violência política que lhe seguiram⁴⁶:

É verdade, estamos sozinhos e, como sempre, é diante deste desamparo que podemos realmente criar. Talvez descubramos que as maiores criações são feitas assim, no momento de maior desamparo. Pois não temos para onde voltar. Nossa única possibilidade é ir para a frente. Muitos já lutaram essa luta em outras intensidades, alguns resistiram, outros venceram, outros morreram. Pois este país foi construído através da luta contínua contra esses mesmos que agora levantam mais uma vez suas cabeças. (...) **Alguém deveria, nessas horas, falar de espectros, falar de encarnação, falar de espíritos que transmigram. Por mais que possa parecer contraintuitivo, isto seria uma análise mais analítica. Pois essas falas vieram de outros tempos, esses gestos são de outros sujeitos, esses afetos atravessaram séculos. Ai daqueles que nada compreendem do tempo contraído e multiestratificado da política.** Eles não sabem com quem falam. Falam com senhores de engenho espancando escravos travestidos de parentes próximos, falam com bandeirantes genocidas de índios em roupas de executivos de grandes empresas, falam com torturadores e ocultadores de cadáveres encarnados em taxistas. **As verdadeiras lutas são sempre lutas entre corpos e entre espectros. Mas só se vence tais lutas quando não apenas se ouve este tempo contraído vindo contra nós. Vence tais lutas quando este tempo contraído começa a habitar nossas falas.** (...) Entendamos isto: quando a política chega em seu ponto fundador, ela mostra qual é a natureza real de seus conflitos. Eles não são conflitos sobre modelos de gestão ou discussões sobre a natureza de políticas públicas. (...) Esses conflitos não são também sobre lutas contra a corrupção e pela segurança, como são vendidos. (...) **Na verdade, o conflito que vemos é sobre formas de vida. Para alguns, uma forma de vida baseada na igualdade radical, na visibilidade integral das singularidades e da plasticidade das formas sociais é um insulto.**(SAFATLE, 2018: 7-11)

Apesar de suas conclusões teleológicas⁴⁷, a metáfora dos corpos como veículos de uma circulação inconsciente, sincrônica e diacrônica, de aglomerados de disposições, de predileções simbólicas e comportamentos pessoais e políticos concorrentes, que significam e remetem às trajetórias dos indivíduos e das frações de classe a partir das quais estes esquemas se confrontam no espaço social, não está muito distante da tradição sociológica que tem sua mais completa e sofisticada expressão nas teorias elaboradas por Pierre Bourdieu. Ao longo de sua obra, Bourdieu utiliza o termo *magia* tanto para designar a substancialização

46 Um mapa nacional dos 182 casos de violência política noticiados durante o período eleitoral está disponível em <<https://tinyurl.com/yy6rt82x>>. Acessado em 22 de maio de 2019.

47 'Neste momento, o fascismo nacional acredita que terá à sua frente o espaço livre e oponentes melancólicos. Eles sempre erraram e continuarão a errar. Quis a contingência que nós fôssemos a última barreira. Pois eles descobrirão que esta era a barreira que nunca se abala, que ficará de pé até o fim. Ela é construída pelos desejos, pela inteligência e pela força dos que nunca deixarão suas vidas serem colonizadas pelo medo. E ao final, esta barreira será a primeira parede para a construção de outros países'. (SAFATLE, 2018: 18).

inconsciente dos fenômenos estruturalmente determinados inerente ao *habitus*, que assim justifica suas necessidades objetivas; o termo também é retomado para discutir os atos performáticos de nomeação e titulação exercidos pelas pessoas dotadas da legitimidade necessária:

Toda a verdade da magia e da crença coletiva está encerrada nesse jogo da dupla verdade objetiva, nesse duplo jogo com a verdade, pelo qual o grupo, responsável de toda objetividade, de alguma forma mente a si mesmo, produzindo uma verdade que tem como sentido e função negar uma verdade conhecida e reconhecida por todos, mentira que não enganaria ninguém se todos não estivessem decididos a se enganar. (...) da magia, que permite acumular sem contradição os benefícios de ações contraditórias. (BOURDIEU, 2013: pp. 381-420).

Por sua vez, essa leitura está influenciada pela concepção maussiana de magia (como sabemos, o próprio conceito de *habitus* foi abordado anteriormente por Mauss) como artifício eficiente:

Os atos rituais (...) são, por essência, capazes de produzir algo mais que convenções; são eminentemente eficazes; são criadores; eles fazem. Os ritos mágicos são mesmo mais particularmente concebidos dessa maneira; a tal ponto que, com frequência, tiraram seu nome desse caráter efetivo: na Índia, o termo que melhor corresponde à palavra rito é *karman*, ato; o feitiço é o *factum*, *kṛtya* por excelência; a palavra alemã *Zauber* tem o mesmo sentido etimológico; outras línguas também empregam, para designar a magia, palavras cuja raiz significa *fazer*. (MAUSS, 2015 [2003]: 54)

A sociedade faz magia sem parar, e a grande dificuldade é que o sociólogo, como cientista, tem, para pensar nessa coisa mágica, uma ciência que destrói a magia, que é antagônica à magia (BOURDIEU, 2015: 166, tradução livre). Alguns anos mais tarde, um herdeiro dessa mesma linhagem reiteraria: *tudo sucede como se a sociologia forçasse ou destruísse algo, ao constituir teoricamente seu objeto e ao interpretá-lo de forma diferentes aos atores* (LAHIRE, 2004: 23). Como conferimos com Benjamin, as visões enfeitiçadas da realidade por parte dos sujeitos sociológicos naturalizam seus pontos de inflexão ou os desejos mais singulares, assim como as recorrências e inclinações (muitas vezes paradoxais) dos comportamentos pessoal e coletivo. Dessa forma, compete à sociologia estabelecer e aprimorar os métodos capazes de revelar os fundamentos ‘ocultos’ dessa dinâmica, que rege inclusive as próprias inclinações do sociólogo e seus interesses científicos. Portanto, a sociologia seria para seus praticantes um método reflexivo, onde teriam de, necessariamente, reconceber suas singularidades e comprometimentos ‘inatos’ (inclusos aí seus

posicionamentos políticos) como regularidades verificáveis, explicáveis pelo conjunto de posições ocupadas pelo indivíduo e, por homologia, de seus semelhantes nos múltiplos campos onde estão inseridos.

Enquanto corpo e indivíduo biológico, eu estou, a exemplo das coisas, situado num lugar, e ocupo uma posição no espaço físico e no espaço social. Eu não sou *atopos*, sem lugar, como Platão dizia de Sócrates, ou ‘sem vínculos nem raízes’, como afirma [...] Karl Mannheim. Não sou sequer dotado, como nos contos, da ubiquidade física e social (com que sonhava Flaubert) que me permitiria estar na mesma ocasião em vários lugares e diversos tempos, e ocupar simultaneamente diversas posições, físicas e sociais. (O lugar, *topos*, pode ser definido em termos absolutos, como o local onde uma coisa ou um agente ‘tem lugar’, existe, em suma, como localização, ou então, em termos relacionais, topológicos, como uma posição, um nível no interior de uma ordem). [...] **“Um homem é um demônio”, escrevia Pascal, “mas se for anatomizado, será a cabeça, o coração, as veias, cada artéria, cada segmento de artéria, o sangue, cada humor do sangue?”** Esse corpo-coisa, conhecido de fora como simples mecânica, cujo limite é o cadáver entregue à dissecação, desmonte mecânico, ou o crânio com órbitas vazadas das vaidades pictóricas, e que se opõe ao corpo habitado e *esquecido*, sentido de dentro como abertura, *élan*, tensão ou desejo, e também como eficiência, convivência e familiaridade, **é o produto da extensão ao corpo de uma relação com o mundo de espectador.** [...] A evidência do corpo isolado, diferenciado, é o que impede de levar em conta o fato de que esse corpo, ao funcionar indiscutivelmente como um princípio de individuação (à medida que localiza no tempo e no espaço, separa, isola etc.), ratificado e reforçado pela definição jurídica do indivíduo como ser abstrato, intercambiável, sem qualidades, também constitui, como agente real, ou seja, enquanto *habitus*, com sua história, suas propriedades incorporadas, um princípio de “coletivização”, como diz Hegel: **tendo a propriedade (biológica) de estar aberto e exposto ao mundo, suscetível de ser por ele condicionado, moldado pelas condições materiais e culturais de existência nas quais ele está colocado desde a origem, o corpo está sujeito a um processo de socialização cujo produto é a própria individuação, a singularidade do “eu” sendo forjada nas e pelas relações sociais.** (BOURDIEU, 1997: pp. 160-163)

Portanto, dispôr-se a habitar e reconhecer seu próprio fetiche ontológico seria pré-requisito necessário para esse exercício analítico dedicado a compreender as contingências e restrições devidas à localização social e trajetórias correspondentes de seus objetos. Submeter-nos a essa sociologia dos emissários sociológicos é ainda mais fundamental se considerarmos o forte componente autobiográfico que comporta este estudo, onde parece razoável supôr, como apresentado, que compartilhamos de boa parte das inclinações e posicionamentos que caracterizam os sujeitos a partir dos quais pretendemos esboçar nossa análise, nossos companheiros de ocupação. Para Bourdieu, há um pontecial de liberdade no

exercício reflexivo da investigação sociológica que está além do domínio da análise, inserido no plano maior da própria consciência dos agentes.

Longe de socavar os fundamentos da ciência social, então, a sociologia dos determinantes sociais da prática sociológica é o único alicerce possível para uma possível liberdade a respeito dessas determinações. E é só sob a condição de valer-se desse pleno uso da liberdade, submetendo-se a si mesmo continuamente a esta análise, que o sociólogo pode produzir **uma ciência rigorosa do mundo social que, longe de sentenciar os agentes à jaula de aço de um rígido determinismo, lhes oferece os meios de um despertar da consciência potencialmente libertador.**

(BOURDIEU in BOURDIEU et WACQUANT, 2005: 265)

Ainda assim, como o próprio comentário transparece, as discussões sobre reflexividade do autor estão concentradas no analista. Mais que isso, diz Vandenberghe (et VÉRAN, 2016: 30), *a elaboração de uma sociologia reflexiva por Bourdieu não deveria esconder o fato de que quase não há reflexividade no seu sistema. Em sua sociologia crítica, o único agente reflexivo é o sociólogo!* Loïc Wacquant, por outro lado, destaca que para Bourdieu os vieses que a reflexividade pode corrigir no olhar sociológico possuem três camadas, que se englobam respectivamente: o mais raso e conhecido ignora a localizabilidade do emissário, também sociologicamente determinado e portanto, parte do objeto a ser examinado; o segundo, menos popular, não leva em conta o posicionamento específico do articulador no campo acadêmico, onde se situam os deslocamentos disponíveis a partir de suas ações imediatas; mas é no terceiro onde encontramos a contribuição mais singular de Bourdieu⁴⁸:

O viés intelectualista que nos induz a construir o mundo como um espetáculo, como um conjunto de significações a serem interpretadas ao invés de um feixe de problemas concretos de resolução prática, é mais profundo e mais deformante que aqueles que tem suas raízes nas origens sociais ou na ubicação do analista no campo acadêmico, porque pode nos levar a passar por alto a diferença específica da lógica da prática.

(WACQUANT in BOURDIEU et WACQUANT, 2005: 68)

Logo, entendemos que quando Bourdieu fala em reflexividade, ele não está interessado tanto numa *metanoia* pessoal do interlocutor quanto com submeter *a um contínuo escrutínio(...) o inconsciente científico coletivo fixado às teorias, problemas e categorias*

48 E a mais exclusiva: para superá-lo, é preciso passar pelo fogo da obsessão epistemológica do autor, e consentir com sua crítica mordaz do olhar escolástico (BOURDIEU, 1990), assim como, por extensão, do trabalho de uma parte inestimável do campo acadêmico francês (e além) que lhe foi anterior ou contemporâneo.

(especialmente as nacionais) do juízo acadêmico (BOURDIEU in BOURDIEU et WACQUANT, 2005: 69). Isso não significa, entretanto, que ele não considere a possibilidade de outras reflexividades, mesmo dentre os indivíduos analisados. Ao nosso ver, sua compreensão estratificada e sofisticada da reflexividade como primeiro passo epistemológico de qualquer pesquisa não nega ontologicamente a possibilidade de que os indivíduos busquem objetivar-se, voltar-se sobre si, observar seu *topos*: trata-se muito mais da nitidez desse reflexo, reduzidos praxeologicamente a algum lugar entre o primeiro e segundo níveis apontados por Wacquant, com o agravante de que estas preocupações não estão pautadas a partir de uma visão sociológica. A crítica da *skholè* feita por Bourdieu só reitera a veia pragmatista de seu pensamento, que não lhe permitiria destituir por completo os indivíduos de reflexões, ainda que um tanto foscas, sobre sua própria natureza.

No fundo, os determinismos só operam plenamente por meio da ajuda da inconsciência, com a cumplicidade do inconsciente. Para que o determinismo se exerça sem controle, as disposições devem ficar abandonadas a seu jogo livre. **Isso significa que os agentes se tornam algo assim como ‘sujeitos’ na medida em que controlam conscientemente a relação que mantêm com suas disposições. Podem deixá-las ‘atuar’ deliberadamente ou, pelo contrário, inibi-las em virtude da consciência.** Também, seguindo uma estratégia que os filósofos do século XIX aconselhavam, podem incitar uma disposição contra a outra: Leibniz sustinha que não podemos combater a paixão com a razão, como Descartes pretendia, senão unicamente com ‘vontades oblíquas’ (*volontés obliques*), quer dizer, com a ajuda de outras paixões. **Mas esse trabalho de gestão das próprias disposições, do *habitus* como princípio não eletivo de todas as ‘eleições’, só é possível com o apoio da elucidação explícita. Na falta de uma análise dessas determinações sutis que se resolvem através de disposições, nos tornamos acessórios da inconsciência da ação das disposições, sendo ela mesma cúmplice do determinismo.** (BOURDIEU in BOURDIEU et WACQUANT, 2005: 178)

Ou seja, a reflexividade social além do pensamento sociológico é possível, e é praticada, na medida em que os indivíduos negam ou confrontam seus impulsos disposicionais uns contra os outros (há aí uma equivalência entre disposição e inconsciente), em nome da consciência, apesar de que as disposições operantes ainda ocultas pelo inconsciente deixariam rastros teleológicos, reforçando o tom determinista no pensamento gerativo de Bourdieu sem ter de, por isso, recusar a possibilidade de uma tomada de consciência. Dito isso, temos de levar em conta que, assim como em todos os demais fenômenos do campo militante, a ideia de ‘conscientização’ sobre o ‘verdadeiro’ funcionamento do espaço urbano (enquanto oposto da ‘alienação’) cumpriu um papel

fundamental na construção do sentido agregador de mobilização contra o Projeto Novo Recife.

2.2 ESPAÇO DE APARECIMENTO, PRECARIIDADE E INTERDEPENDÊNCIA

Em seu livro mais recente traduzido para a língua portuguesa, *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*, Judith Butler está interessada em conectar a teoria dos atos de fala, recapitulando conclusões de suas pesquisas no início da carreira sobre a teoria da performatividade de gênero, a suas reflexões mais recentes sobre as alianças estabelecidas entre populações vulnerabilizadas contra o sistema político contemporâneo que lhes impõe um regime precarizante de vida. Uma constatação articula essa trajetória: *a política de identidade não é capaz de fornecer uma concepção mais ampla do que significa, politicamente, viver junto, em contato com as diferenças, algumas vezes em modos de proximidade não escolhida, especialmente quando viver juntos, por mais difícil que possa ser, permanece um imperativo ético e político* (Butler, 2018: 34). Retomando desde suas reflexões em *Problemas de Gênero* (1989), a autora nos introduz o conceito de performatividade, difundido a partir do trabalho de John L. Austin⁴⁹, como o potencial de um enunciado linguístico em causar consequências ou mesmo trazer a si mesmo à existência, *um modo de nomear um poder que a linguagem tem de produzir uma nova situação ou de acionar um conjunto de efeitos* (Butler, 2018: 35). Sendo assim, ‘me passe o sal’, ‘eu prometo que...’, ‘culpado’, ‘OCUPAR!’⁵⁰, ‘eu te perdão’ e ‘quem é você?’, são momentos discursivos que induzem uma ação ou representam uma expectativa (o sal deveria ser alcançado, você atrela sua reputação ao cumprimento da promessa, o réu torna-se culpado e deveria cumprir sua pena, alguém responde ‘RESISTIR!’), a mágoa pelo cometido deveria cessar, espera-se que você se apresente).

Para compreender como a performatividade linguística se torna corporal, precisamos pensar nas situações em que esses enunciados eficazes são apontados sobre nossos corpos,

49 De maneira resumida, segundo a estratificação proposta pela teoria dos atos de fala, a primeira dimensão possível de um enunciado está no nível *illocucionário*, o ato de verbalização em si. A segunda dimensão, *illocucionária*, consiste na possibilidade que certos enunciados tem de produzir efeitos através de sua enunciação, e uma terceira, *perlocucionária*, dá conta dos atos enunciados visando provocar um efeito em outros indivíduos, onde nem todos os atos de fala estão compostos por essas três dimensões. Cf. (AUSTIN, 1962).

50 O grito de ordem ‘Ocupar! Resistir!’ já consagrado não apenas nas ocupações urbanas de todo o Brasil, mas também em marchas, rodas de diálogo, reuniões de coletivos e eventos políticos em geral, normalmente é puxado por uma ou algumas poucas pessoas, que gritam a plenos pulmões o primeiro verbo na expectativa de que a multidão ao seu redor ecoe o chamado com o segundo.

quando nós nos tornamos o alvo e veículo socializado do processo de codificação e recodificação desses eflúvios linguísticos: *as inscrições e interpelações primárias vêm como as expectativas e fantasias dos outros que nos afetam, em um primeiro momento, de maneiras incontrolláveis: trata-se da imposição psicossocial e da inculcação lenta das normas* (Op. Cit.: 36). O nome e o gênero são exemplos de como esse processo é ineludível, pois entram em ação assim que nascemos, e se manifestam imediatamente em níveis dos mais sentimentais e subjetivos, como na reação dos pais ao gênero da pessoa recém-nascida e sua alegria em nomeá-la, aos mais burocráticos e abstratos, como o registro civil da criança. Na medida em que a criança cresce e repete seu nome, se observa no espelho e reflete sobre o que a cerca, assimila não apenas que é assim que ela se chama (que ela é aquele nome) e que é menina ou menino, mas que há também toda uma série de expectativas quanto ao seu comportamento generificado e nomeado que ela deveria cumprir, que são constantemente disparadas pelas locuções performativas de outrem: um corpo correspondente, apreendido dessas normas, é praticado consciente e inconscientemente⁵¹.

51 O nome é parte fundamental das preocupações tanto dos estudos disposicionalistas de Pierre Bourdieu como a teoria da performatividade de Judith Butler, assim como da breve discussão estabelecida entre as duas obras, da qual trataremos na terceira parte deste marco teórico:

‘A linguagem exerce um nítido efeito performativo no corpo no ato de ser nomeado como esse, aquele ou outro gênero, como acontece quando nos referimos a alguém, desde o começo, quando a linguagem ainda é incipiente, como de uma determinada cor ou raça ou nacionalidade, ou como alguém deficiente ou pobre. **Descobrir como somos considerados em qualquer um desses aspectos é resumido por um nome que não conhecemos nem escolhemos, cercado e infiltrado por um discurso que atua de uma maneira que não podemos de forma alguma entender quando ele começa a atuar sobre nós. Podemos perguntar, e perguntamos: ‘Eu sou esse nome?’** E algumas vezes continuamos perguntando até tomarmos uma decisão sobre se somos ou não esse nome, ou tentamos encontrar um nome melhor para a vida que desejamos viver, ou nos esforçamos para viver nos interstícios entre todos os nomes. **Como pensamos sobre a força e o efeito dos nomes pelos quais somos chamados antes de surgirmos em uma linguagem como seres falantes, antes de qualquer capacidade de um ato de fala próprio?** [Observação nossa: poderíamos considerar o surgimento descrito por Butler não só como a transição da primeira infância à vida adulta, mas a inserção do indivíduo na regularidade da situação específica, ou mesmo no campo bourdieusiano](...) talvez não seja simplesmente uma questão de sequência: **a linguagem continua a atuar sobre nós no momento mesmo em que falamos, de modo que podemos muito bem pensar que estamos atuando, quando também estamos, ao mesmo tempo, sofrendo uma atuação?**’ (BUTLER, 2018: pp. 68-69).

‘Como instituição, o nome próprio é arrancado ao tempo, ao espaço e às variações de lugar e de momento: assim, para além de todas as mudanças e flutuações biológicas e sociais, ele assegura aos indivíduos designados a *constância nominal*, a identidade com o sentido de identidade a si mesmo tomem a forma de deveres em relação ao nome próprio (...) **o atestado visível da identidade de seu portador através dos tempos e dos espaços sociais** (...) ‘Designador rígido’, o nome próprio é a forma por excelência da imposição arbitrária feita pelos ritos institucionais: **a nomeação e a classificação introduzem divisões nítidas, absolutas, indiferenciadas, nas particularidades circunstanciais e nos acidentes individuais, no fluxo e na fluidez das realidades biológicas e sociais** (...) ele é o verdadeiro objeto de todos os ritos de instituição ou nomeação sucessivos pelos quais se constrói a identidade social (...).’ (BOURDIEU, 1996: pp. 78-79).

Se o gênero vem a nós em um primeiro momento como uma norma de outra pessoa, ele reside em nós como uma fantasia ao mesmo tempo formada pelos outros e parte da nossa formação (Op. Cit.: 37). Esse jogo de representações ideais coercitivas, que a esta altura a autora está prestes a extrapolar do gênero à construção social dos corpos dentre as quais estas categorias circulam como um todo (seja de acordo com a raça, a nacionalidade, a origem social, a opção política etc.), está sujeito a falhas, pois nem sempre conseguimos reproduzir a coreografia à perfeição, ou algo impede que ela nos seja satisfatoriamente transmitida. Pode ser inclusive que essa experiência nos recompense de alguma maneira, e nos especializemos em desviar, em negar essas normas⁵² (assim como certamente existem muitas circunstâncias em que essas experiências não são atraentes, e algumas outras em que não necessariamente estamos escolhendo que caminho seguir), mas o desvio também está constituído pelas suas represálias. Judith Butler está preocupada com o que chama de *precariedade*, um regime político que segundo a autora vem dominando o mundo contemporâneo, operada em regimes na maioria das vezes ditos democráticos, onde os danos, incertezas e prejuízos causados pelo sucateamento e privatização sistemática dos serviços e empresas públicas, assim como das garantias e direitos comuns adquiridos legalmente, atingem de forma desproporcional pessoas e populações específicas, cujas características e comportamentos as tornam, aos olhos das normas de uma *máquina de cultura* (op cit.: 36), passíveis de serem brutalmente atingidas pela violência e pela morte.

Partindo dessa noção podemos dizer que o desemprego, o machismo institucionalizado, a falta de saneamento básico, o extermínio da população negra, a destruição dos ecossistemas, o desmonte da educação pública superior ou a violência transfóbica são todos exemplos de situações reais e atuais em que de alguma maneira, o Estado não provê a proteção e amparo necessários para garantir a integridade das populações afligidas, ou diretamente as executa. Para a autora, há uma economia política da escassez em ação, regressiva e mortífera, coordenando as principais instituições responsáveis pela logística do usufruto de garantias, direitos e sistemas de sustentação da vida, biológica e socialmente falando, que avança estrategicamente sobre esses benefícios e cuidados ao mesmo tempo que reforça um discurso onde essas populações são tidas como únicas responsáveis pela sua

52 Para uma sociologia do desvio, ver os estudos de Howard Becker sobre músicos de jazz e usuários de maconha (Becker: 2009), ou o estudo de Norbert Elias e John Scotson sobre uma vila anônima no interior da Inglaterra na década de 50 (Elias & Scotson: 2000).

condição. Esse ajuste exige que sejamos cada vez mais responsáveis e autossuficientes⁵³, enquanto a *precarização* – o dirimir das condições de suficiência – se estende sobre a população como um todo, mas especialmente sobre os povos originários, as LGBTQ, os ecossistemas, a população negra, as mulheres, imigrantes ilegais, pessoas pobres assim como as que vivem em zonas de guerra etc., sobre quem ela se impõe como uma mortalha⁵⁴. Objetivamente, o que unifica a condição de todos esses grupos é que eles estão sob ataque ou sabotagem constante, desamparados. Porém, o que justifica o estado de exceção perene sobre essas pessoas? Para Butler, todas elas estão situadas, de maneira homóloga aos gêneros não-normativos, fora do espaço de visibilidade projetado pelos valores que a máquina de cultura (os diversos discursos e normas que são reproduzidos também nos próprios corpos das pessoas, estejam elas em conformidade ou consciência com tais normas ou não) considera inteligíveis e aceitáveis. *E se o campo altamente regulado da aparência não admite todo mundo, demarcando zonas onde se espera que muitos não apareçam ou sejam legalmente proibidos de fazê-lo?* (op. cit.: 42). É a partir dessa exclusão constituinte do campo regulado das aparências que surge a possibilidade de uma aliança entre o conjunto de populações (identidades) que essa normatividade oculta ou desumaniza:

Aqueles que arcam com o peso, ou que efetivamente ‘são’ o custo do humano, os seus restos ou detritos, são precisamente aqueles que algumas vezes se veem inesperadamente aliados uns aos outros em uma tentativa de persistir e exercitar formas de liberdade que superem versões estreitas de individualismo sem colapsarem em formas compulsórias de coletivismo. (...) **Minha hipótese é que modos de reconhecer e mostrar certas formas de interdependência têm a possibilidade de transformar o próprio campo do aparecimento.** (BUTLER, 2018: pp. 49-50)

Esse espaço, campo ou esfera de aparecimento surge do reconhecimento entre os constituintes de uma assembleia, uma reunião por um interesse comum onde os participantes podem falar e se ouvir, levar-se em conta – cujo diâmetro pode estender-se, para Butler, de toda uma população ou conjunto de populações, à própria consciência individual, capaz de

53 Sobre uma sociedade em que a responsabilização se tornou norma, conferir o trabalho de Elisabeth Beck-Gernsheim e Ulrich Beck (2001) sobre a chamada *sociedade do risco*; Ehrenberg (2010) discute a mesma cultura a partir da intensificação do uso de medicamentos relacionados à psicopatologias; Rose (1996) problematiza a internalização de um *self* empreendedor, como continuidade genealógica contemporânea do que Foucault chamou de poder pastoral.

54 Uma análise contundente do regime racista de morte que Butler menciona foi feita por Achille Mbembe em sua *Necropolítica* (2018). Também complementar às preocupações da autora, há uma discussão no *Circuito dos Afetos*, de Vladimir Safatle (2014), sobre as consequências psicológicas perversas de uma relação de necessidade e medo do indivíduo perante Estado, aguçada diante do regime precarizante, e baseada na categoria de *desamparo*, a partir de uma leitura freudiana de Hobbes.

compreender sua composição a partir de várias *vicissitudes culturais* (op. cit.: 77). Tal reconhecimento, capaz de criar uma consciência coletiva sobre as formas múltiplas pelas quais essas pessoas estão sendo violentadas, funciona a partir de e sobre os mesmos pressupostos democráticos do Estado que o engloba, pois pode inclusive rebelar-se e voltar suas intenções contra ele, mas o que parece estar em questão aqui é toda uma outra prática.

A polis propriamente dita, não é a cidade-Estado em sua localização física; é a organização das pessoas, conforme ela surge da ação e da fala conjuntas, e o seu verdadeiro espaço está entre as pessoas que vivem juntas com esse propósito, não importa onde elas estejam'. O 'verdadeiro' espaço está, então, 'entre as pessoas' (...) Para Arendt, essa aliança não está amarrada à sua localização. Na verdade, **a aliança faz surgir essa própria localização, altamente transponível**. Ela escreve: 'ação e fala criam um espaço entre os participantes que podem encontrar a sua localização adequada praticamente em qualquer lugar e a qualquer tempo' (...) 'trata-se do espaço de aparecimento, no mais amplo sentido da palavra, ou seja, o espaço onde apareço para os outros e onde os outros aparecem para mim; onde o homem existe não apenas como outras coisas vivas ou inanimadas, mas assume uma aparência explícita' (...) 'o espaço do aparecimento surge sempre que os homens se reúnem na modalidade da fala e da ação, e, portanto, precede toda e qualquer constituição formal do domínio público e as várias formas de governo (...) (ARENDT, 2016: cap. 27 apud BUTLER, 2018: pp. 82-86)

Ao estarem reunidas entre os fisicamente presentes e suas redes estabelecidas com outros coletivos e indivíduos além dali (institucionalmente e a partir da internet e suas redes sociais), apelando a um direito de assembleia semelhante ao invocado por Hannah Arendt nesses trechos de *A Condição Humana* (2016: cap. 27), essas pessoas podem assumir, mesmo que por um momento, posicionamentos, exigências, ações e reconhecimentos além do convencionalmente permitido. Se não há dúvidas de que a reivindicação por condições materiais e legais de permanecer vivo é uma das pautas que unifica as mobilizações que Butler analisa, algo que extrapola e aprofunda essas experiências está acontecendo quando essas pessoas se reúnem, e, ao debruçarem-se sobre como lutar por seus desejos e necessidades, tornam suas vidas mais possíveis de serem vividas, *agora*. Sabemos, com Ortellado (2013), que essa é uma questão fundamental para os movimentos de corte autonomista também discutidos por Alonso (2016, 2017). Alguns desses grupos por exemplo, compartilham uma fragilidade legal, de maneira que só podem exigir o direito de aparecer ou fazer o que fazem ao aparecerem pontual e multitudinariamente, sob uma espécie de legitimidade expandida e momentânea respaldada pela presença coletiva (ainda que mesmo assim colocando-se em risco – podemos pensar em imigrantes que protestam contra

retrocessos nas leis migratórias e a forma como são tratados, assim como nas marchas do movimento antiproibicionista, e porque não nas ocupações de propriedades, onde busca-se questionar sua posse ou a legalidade do que acontece naquele local⁵⁵). Ou talvez tenham uma condição menor de acordo com os dogmas de uma determinada fé (digamos, as iranianas que militam contra o uso do *hijab* ou a população LGBTQ durante seus desfiles e paradas), cenários em que a própria possibilidade de se reunir com outras que estão passando por isso juntas (mesmo que não próximas) já significa um refúgio, um revigorar que vem do compartilhamento do fardo de existir naquelas condições, de estar presente naquele momento, vivendo apesar de e contra isso.

Podemos então retornar à questão sobre o que significa reivindicar direitos quando não se tem nenhum. Significa reivindicar o próprio poder que é negado a fim de expor e lutar contra essa negação. (...) Algumas vezes não é uma questão de primeiro ter o poder e então ser capaz de agir; algumas vezes é uma questão de agir, e na ação, reivindicar o poder de que se necessita. Isso é performatividade como eu a entendo e também é uma maneira de agir a partir da precariedade e contra ela. (BUTLER, 2018: 65)

Para Butler, quando Arendt ignora, por estar baseada na noção grega clássica de *polis*, que o surgimento desse espaço exige suportes materiais que nem sempre estão disponíveis - a começar pelo próprio espaço que nos permite aparecer, física ou virtualmente, que como vimos pode ser o próprio objeto da disputa - uma série de entraves em relação a quem pode ou não produzir o espaço de aparecimento ao coligar-se vão surgir: na democracia grega apresentada por Arendt, os gêneros masculino e feminino estão separados de acordo com os trabalhos político e reprodutivo e as esferas pública e privada, respectivamente, além de excluir estrangeiros, idosos e crianças (op. cit.: 85). Para superar essa fratura entre seres políticos e apolíticos, a professora do Departamento de Literatura Comparada da Universidade de Berkeley nos aponta que a manifestação do espaço de aparecimento se faz possível precisamente no momento em que nossa ação torna-se dependente, quer dizer, quando ao nos apresentarmos de forma que possamos nos ouvir e respeitar isso, nos abrimos às visões dos outros sobre nós mesmos, visões que estão fora do nosso alcance, mas ainda assim, nos constituem irrevogavelmente. *Nenhum corpo estabelece o espaço de aparecimento, mas essa ação, esse exercício performativo, acontece apenas 'entre' corpos, em um espaço que constitui o hiato entre o meu próprio corpo e o do outro. Na realidade, a*

ação emerge do 'entre', uma figura espacial para uma relação que tanto vincula quanto diferencia (Butler, 2018: 86).

É justamente ao admitirmos essa natureza relacional do espaço de aparecimento que podemos compreender como as assembleias podem ser uma estratégia de confronto à precariedade mesmo para quem não possui direitos, indivíduos que, na visão de Butler sobre o conceito arendtiano, ainda assim pertencem à política. Dessa forma, Judith Butler consegue, através de suas reflexões corporais sobre a performatividade, conjugar as reivindicações institucionalizadas desses movimentos contra a precariedade em suas diversas formas à constituição da assembleia enquanto aliança entre os corpos que podem se fazer presentes – não apenas como forma de organização da resistência, mas como limiar de uma experiência destituente que é fundadora da política, partindo da prática e conscientização da interdependência.

2.3 A EFICÁCIA DOS ATOS PERFORMATIVOS ILOCUCIONÁRIOS

Não é esta a primeira vez que os trabalhos de Judith Butler e Pierre Bourdieu se cruzam, provavelmente porque ambas as obras discutem a reprodução das contingências sociais a partir (mas não somente) da incorporação⁵⁶, onde inconscientemente estruturam-se as práticas possíveis de acordo com as inclinações adquiridas ao longo de uma trajetória formativa do indivíduo através dos diferentes campos da vida social. Da mesma forma, tanto Bourdieu quanto Butler (pensamos aqui principalmente nas conversações de *A Miséria do Mundo* (BOURDIEU: 1999) e na discussão sobre precariedade e aliança em *Corpos em Aliança* (BUTLER: 2018) se preocupam com a vida das pessoas marginalizadas por discursos normativos (*doxa*, para Bourdieu, ou *máquina de cultura*, no livro em português mais recente da autora), cuja exclusão é condição simbolicamente justificada e objetivamente necessária para um regime político-institucional regressivo e precarizante. Como aponta Lois McNay (in ADKINS et SKEGGS, 2005: 180), *o intercâmbio entre Butler e Bourdieu está concentrado ao redor do que constitui a eficácia dos atos de fala performativos*. A noção de performatividade, central para as duas abordagens (embora seja evidente que tenha muito mais importância para Butler, uma vez que sua obra parte justamente desse conceito, do que

56 Como reconhece Butler em seu capítulo sobre o papel da performatividade na teoria bourdieusiana: *Bourdieu sublinha a posição do corpo, seus gestos, sua estilística, seu 'saber' inconsciente, como o local para a reconstituição do senso prático sem o qual a realidade social não seria constituída como tal. O senso prático é um senso do corpo, onde esse corpo não é um mero dado positivo, mas o repositório ou o local da história incorporada.* (BUTLER, 1999: 114 – tradução livre)

para Bourdieu, para quem a performatividade é apenas uma das dimensões/ através das quais o *habitus* articula sua eficácia), é o objeto de disputa do curto mas controverso debate entre o sociólogo francês e a filósofa estadunidense. Explica-se: na virada entre as décadas de 70 e 80, Bourdieu publicou parte substancial de seus estudos sobre o conceito de poder simbólico, *pari passu* à teoria própria da linguagem que propôs como contrapartida praxeológica de sua crítica ao objetivismo dos estruturalistas⁵⁷ (segundo o autor, efeito da influência nestes dos estudos linguísticos de Saussure (2012), a quem o autor acusou de fornecer o *inconsciente epistemológico* do estruturalismo, uma das principais incorporações do que denomina de *pensamento escolástico*⁵⁸), e simbolizado principalmente pela obra de Levi-Strauss (BOURDIEU, 2004: 74). Esses escritos chegaram ao público norteamericano através da compilação *Language and Symbolic Power* (1991)⁵⁹, inclusa aí a recusa da compreensão saussuriana da linguagem como independente de uma construção social - uma ‘ciência linguística’ à parte de outra ‘ciência dos usos sociais da linguagem’ - e, por extensão, do trabalho de John Austin⁶⁰ sobre os atos de fala, no qual o pensamento de Judith Butler está originalmente baseado.

A ingênua questão do poder das palavras está logicamente implicada na supressão inicial da questão dos usos da linguagem, e portanto das condições sociais nas quais as palavras são empregadas. **Assim que tratamos a linguagem como um objeto autônomo, aceitando a separação radical que Saussure fez entre linguística interna e externa, entre ciência da linguagem e ciência dos usos sociais da linguagem, estamos condenados a procurar nas palavras pelo poder das palavras, isto é, procurando por isso onde isso não vai ser encontrado.** De fato, a força ilocucionária das expressões não pode ser encontrada nas próprias palavras, enquanto (enunciados) ‘performativos’, nos quais essa força é indicada, ou melhor, representada – nos dois sentidos desse termo. É somente em casos excepcionais (em situações abstratas e artificiais criadas pela experimentação) que trocas simbólicas são reduzidas a relações de pura comunicação, e que o conteúdo informativo das mensagens exaure o conteúdo da comunicação. **O poder das palavras não é nada mais que o poder delegado ao porta-voz, e seu discurso** – isto é, a substância de seu discurso e, inseparavelmente, sua forma de falar – não é mais que o testemunho, um dentre outros, da *garantia de delegação* da qual está investido. (BOURDIEU, 1991: 107, tradução livre)

57 Essa crítica é apresentada em *Outline of a Theory of Practice* (BOURDIEU, 2013 [1977]: pp. 23-27), e recapitulada no *Senso Prático* (BOURDIEU, 2013: Capítulo 1, Livro 1).

58 Ver *Meditações Pascalianas* (2001: Capítulos 1 e 2).

59 É ao redor de trechos deste livro que Judith Butler concentra seus comentários (BUTLER, 1997 e 1999). Outros exemplos do uso da noção de performatividade por Bourdieu podem ser encontrados nas discussões sobre o poder jurídico em *O Poder Simbólico* (1989: Capítulo 8, *O poder de nomeação*) e na etnografia da eficácia dos rituais de fertilidade na sociedade cabila no *Senso Prático* (2013: 391-395).

60 Ambos os trabalhos estrCf. (AUSTIN, 1962).

Passados alguns anos, Butler retoma a problematização de Bourdieu sugerindo que seu esboço de uma teoria ‘dos usos sociais da linguagem’ que avance sobre a ‘ciência da linguagem’ erra a medida na sobredeterminação das posições de autoridade sobre o efeito dessas falas, pois, para a autora, há uma série de circunstâncias (não necessariamente ordinárias) em que pessoas não autorizadas podem declarar e reconhecer coisas às quais não estão legal, moral ou burocraticamente aptas. Para a autora, mesmo quando Bourdieu diz que *todos os esforços para encontrar (...) a fonte de sua eficiência simbólica estão destinados a falhar enquanto não estabelecerem a relação entre as propriedades de seus discursos, as propriedades da pessoa que os pronuncia, e as propriedades da instituição que a autorizam a pronunciá-los* (BOURDIEU, 1991: 111, tradução livre), deixa de considerar circunstâncias em que algumas dessas instituições estão sendo questionadas, e como alguns atos insurgentes podem se revestir de uma legitimidade que não lhes é garantida, para atentar contra o enquadramento normativo daqueles que são seus alvos.

O que Bourdieu falha em compreender, entretanto, é como o que é corporal no discurso resiste e confunde as próprias normas pelas quais ele é regulado. Além disso, ele oferece um relato da performatividade dos discursos políticos que negligencia a performatividade tácita do ‘discurso’ corporal; a performatividade do habitus. (...) **Em que extensão o habitus é estruturado por um tipo de performatividade, uma reconhecidamente menos explícita e jurídica que os exemplos obtidos da operação do poder do Estado? (...) De fato, se considerarmos que o habitus opera de acordo com uma performatividade, então aparentemente a distinção teórica entre o social e o linguístico seria difícil, se não impossível de sustentar.** (...) Eu proponho tomar de empréstimo e ponto de partida a visão de Bourdieu sobre o ato de fala como um rito institucional, para mostrar que há invocações da fala que são atos de insurreição. Para dar conta desses atos de fala, entretanto, devemos entender a linguagem não como um sistema estático e fechado cujos enunciados são funcionalmente assegurados de antemão pelas ‘posições sociais’ às quais eles estão mimeticamente relacionados. A força e significado de um enunciado não é exclusivamente determinada por contextos ou ‘posições’; **um enunciado pode ganhar sua força precisamente pela virtude de romper pelo contexto em que é ‘performado’.** Essas rupturas com o contexto anterior ou, de fato, com o uso ordinário, são cruciais para que o performativo seja politicamente operante. A linguagem toma um significado não-ordinário justamente para contestar o que se tornou sedimentado no (e como) ordinário. (BUTLER, 1997: pp. 142, 145, 153, tradução livre)

Apesar do argumento extenso e detalhado da autora, a tréplica de Bourdieu segue seu *modus operandi* em relação a seus comentaristas e críticos, destinando-lhe apenas duas citações breves em *A Dominação Masculina*, onde, como bem observa Nunes (2017: 10), *ele*

faz uma leitura bastante apressada da teoria da performatividade de Butler, onde tenta imputar (...) um voluntarismo que não está em sua obra. Ao afirmar que Butler deixou de lado um suposto ‘voluntarismo’, Bourdieu (2001b: 103) ignora que ele nunca esteve presente, pois desde suas primeiras reflexões a autora ressalta que o *gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, uma classe natural de ser* (BUTLER apud NUNES, 2017: 10). Tampouco podemos reduzir o confronto entre ambas obras à oposição entre determinismo e voluntarismo (Op. Cit.: 5), mas alguma distinção é necessária: poderíamos dizer que a obra de Bourdieu está dedicada principalmente à *adaptação*, ao longo de todo o estrato social e seus distintos campos - *toda a minha reflexão partiu daí: como as condutas podem ser regradas sem ser produto de obediência a regras?* (BOURDIEU apud GRENFELL, 2018: 50). Por outro lado, as reflexões de Butler até o momento se dedicaram à possibilidade de insurgência performática contra a invisibilização e demais violências a que certas populações são submetidas: *em Problemas de gênero (1989), algumas vezes parecia que certos atos que os indivíduos podiam executar tinham ou podiam ter um efeito subversivo sobre as normas de gênero. Agora estou trabalhando a questão das alianças entre várias minorias ou populações consideradas descartáveis (...)* (BUTLER, 2018: 34)⁶¹. Apesar da desatenção do autor indicada por Nunes,

61 Estamos cumprindo com uma premissa bourdieusiana quando compreendemos que suas obras dizem respeito às posições respectivas que ocupam tanto no campo acadêmico como no social. Ele, sociólogo que defendeu uma sociologia geral como premissa para pensar *todas* as esferas do conhecimento, conquistou espaço no campo com sua praxeologia desenvolvida a partir dos estudos epistemológicos orientados por Canguilhem, que teve de deixar de lado após haver renunciado ao fascínio de juventude pela filosofia (mágoa parcialmente reconvertida no desdém pelos colegas *normalien*), para retomá-la apenas no auge de sua consagração, com as *Meditações Pascalianas*. Ela, filósofa feminista cujos estudos fundamentais sobre o gênero e a identidade *queer* - inseparáveis das suas preocupações pessoais e políticas enquanto mulher lésbica - vem influenciando profundamente os debates sobre gênero e estratégias militantes feministas e LGBTQ ao redor do mundo, ao mesmo tempo em que sofre ataques de setores reacionários, desde artigos por parte de eminências da Igreja Católica (RATZINGER, 1997) até mesmo intimidações físicas, vide sua última visita ao Brasil (CARTA CAPITAL, 10 de novembro de 2017). Não podemos aqui deixar de lembrar do destaque que Bourdieu dá à homossexualidade e origem burguesa de Michel Foucault na constituição da diferença entre seus projetos intelectuais, que explicariam *o fato de que era e se dizia filósofo – que no entanto, a meu ver, é apenas efeito e fator explicativo dos precedentes* (BOURDIEU, 2004: 105), nem da constatação mais adiante: *a diferença entre as duas espécies de disposições subversivas e as tomadas de posição que lhes são inerentes fica reforçada pelo efeito das expectativas inscritas em ambos os campos, tanto na pesquisa como em matéria de intervenção*

Butler ainda retorna a Bourdieu em um capítulo sobre o papel da performatividade em sua obra na leitura organizada por Shusterman (1999), onde aprofunda sua crítica, *com Bourdieu e contra Bourdieu*, como brinca King (2000).

A rica concepção do ‘prático’ oferecida por Bourdieu nos demais aspectos de sua teoria, relacionada como ela está à produção não-deliberada e ritualística da crença nas reivindicações da ordem social por peso ontológico, poderia ser reconhecida contra essa noção da prática linguística como um uso instrumentalizado da língua? Se o sujeito ‘vem a ser’ dentro o *habitus* que torna esse sujeito inteligível e possível, o que significa posicionar esse sujeito numa relação exterior e instrumental à linguagem, sem a qual ele não poderia ser? (...) O que acontece nas práticas linguísticas reflete ou espelha o que acontece nos ordenamentos sociais concebidos como externos ao discurso em si. Consequentemente, em seu esforço para elaborar o paradoxo de uma ‘heterogeneidade social inerente à linguagem’, Bourdieu constrói uma relação imitativa entre o linguístico e o social, reabilitando o modelo base/superestrutura onde o linguístico se torna epifenomenal. (BUTLER, 1999: 122)

O que Judith Butler explica é que, no limite, para manter seu argumento anti-saussuriano, Bourdieu acaba submetendo sua poderosa descrição prática do *habitus* como processo corporificado à mesma *unmindfulness of the acts* que acusa seus colegas estruturalistas de reproduzirem em suas teorias: *Finding themselves in a position of theoretical dependence on linguistics, structuralist anthropologists have often involved in their practice the epistemological unconscious engendered by unmindfulness of the acts through which linguistics constructed its own object* (BOURDIEU, 2013 [1977]: pp. 23). Quer dizer, apesar de que o triunfo bourdieusiano perante alguns dos dualismos que assombram a teoria social (subjetivismo vs. objetivismo, agência vs. estrutura, naturalismo vs. antinaturalismo, individual vs. coletivo, consciente vs. inconsciente) é seu esforço constante em retornar ao senso prático (e ao corpo, eis sua *mindfulness*) como critério de validade teórica, nesta discussão - ao nosso ver para conquistar um posto avançado sobre a fronteira entre a sociologia e a linguística - ele advoga que o espaço social e a imponderável mas necessária performatividade se intercalam como que em turnos, onde os atos performativos sempre remetem às posições dos agentes no momento imediatamente anterior à ação. Butler propõe, portanto, que apliquemos a elegância monista da praxeologia também sobre esse aspecto do *habitus*. Reiterando nossa impressão de que a postura do autor no

política (Op. Cit.: 107). Tampouco podemos nos surpreender, portanto, ao constatar a influência do trabalho de Foucault no pensamento de Judith Butler.

debate se deve muito mais à disputa dos interesses no campo intelectual do que a obstáculos teóricos intransponíveis, podemos encontrar em seus próprios textos condicionantes capazes de conceber as exceções (que justificam suas regras) sobre as quais Butler se interessa, como nesta passagem, com trechos bastante mais flexíveis do que a defesa de Bourdieu.

Most of the conditions that have to be fulfilled in order for a performative utterance to succeed come down to the question of the appropriateness of the speaker - or, better still, his social function- and of the discourse he utters. A performative utterance is destined to fail each time that it is not pronounced by a person who has the 'power' to pronounce it, or, **more generally, each time that the 'particular persons and circumstances in a given case' are not 'appropriate for the invocation of the particular procedure invoked'**; in short, each time that the speaker does not have the authority to emit the words that he utters. But perhaps the most important thing to remember is that the success of these operations of social magic- comprised by acts of authority, or, what amounts to the same thing, authorized acts- is **dependent on the combination of a systematic set of interdependent conditions which constitute social rituals**. It is clear that all the efforts to find, in the specifically linguistic logic of different forms of argumentation, rhetoric and style, the source of their symbolic efficacy are destined to fail as long as they do not establish the relationship between the properties of discourses, the properties of the person who pronounces them and the properties of the institution which authorizes him to pronounce them. (...) What one might call the liturgical conditions, namely, the set of prescriptions which govern the form of the public manifestation of authority, like ceremonial etiquette, the code of gestures and officially prescribed rites, **are clearly only an element, albeit the most visible one, in a system of conditions of which the most important and indispensable are those which produce the disposition towards recognition in the sense of misrecognition and belief, that is, the delegation of authority which confers its authority on authorized discourse**. By focusing exclusively on the formal conditions for the effectiveness of ritual, one overlooks the fact that the ritual conditions that must be fulfilled in order for ritual to function and for the sacrament to be both valid and effective are never sufficient as long as the conditions which produce the recognition of this ritual are not met: **the language of authority never governs without the collaboration of those it governs, without the help of the social mechanisms capable of producing this complicity, based on misrecognition, which is the basis of all authority**. (BOURDIEU, 1991: pp. 111, 113)

Ora, se é o reconhecimento dos implicados que ocupa o papel central na constituição da eficácia performativa, podemos explicar, a partir do espaço de aparecimento (essa aliança de reconhecimento mútuo aberta entre os constituintes de uma assembleia), o fato de que o Cais José Estelita se manteve ocupado entre a madrugada do 22 de maio e as cinco da manhã do 17 de junho de 2014, apesar dos esforços por parte da polícia e da prefeitura para que abandonassem a área voluntariamente. No tratante às trajetórias de vida, a intersecção de uma análise praxeológica onde a eficácia performativa é mais fluida do que a defendida por

Bourdieu contra Butler (como a concedida em geral por ele mesmo em outros trechos de seu trabalho) com o conceito de espaço de aparecimento pode nos ajudar a compreender que tipo de disposições permitiram a convergência necessária para produzir a aliança contra o Projeto Novo Recife. *O ciclo de 2013 gerou uma “conjuntura fluida”, situação de incerteza estrutural, na qual padrões rotineiros de orientação da conduta política se dissolveram, clivagens usuais esmaeceram e novas conexões, entre setores sociais distantes entre si no espaço social, ganharam expressão política* (ALONSO, 2017: 53). Já sabemos que à altura da entrada no terreno, os grupos que ganhavam as ruas nos protestos frequentes eram predominantemente de esquerda. De que maneira a ocupação do Cais poderia ser uma nova conexão entre esses grupos? Que setores sociais e distâncias poderíamos identificar ali, a partir de uma análise praxeológica dos relatos de seus ocupantes e do nosso testemunho pessoal? Quem são, de onde vem, e em quem se tornaram esses indivíduos que convergiram naquele espaço, sustentando com sua presença uma experiência política de aspirações radicalmente igualitárias? Perguntas inquietantes, portantoilocucionárias e eficazes, pois por isso mesmo precisam ser respondidas.

3 PROBLEMA DE PESQUISA

A emergência de uma nova geração universitária pós-materialista nas metrópoles brasileiras em crescimento acelerado no início desta década, onde as políticas redistributivas e/ou participativas relativas à *nova agenda urbana* perdiam espaço perante as políticas econômicas anticíclicas do governo federal (das quais as empreiteiras eram as principais beneficiárias), foi o principal afluente do ciclo de protestos de 2013, a partir do qual ganhou crescente visibilidade o debate sobre o direito à cidade, uma articulação de bandeiras já conhecidas trazida em nova roupagem pelos coletivos de repertório autonomista, que apresentava uma crítica ao processo de apropriação das cidades pelas corporações em associação com o Estado, através dos processos de gentrificação, privatização e especulação imobiliária dos serviços, territórios e equipamentos urbanos. A conjuntura fluida causada pelos acontecimentos de junho de 2013 (DOBRY, 2014 apud ALONSO 2017: 53), onde a convergência de parte desses jovens em novos coletivos à esquerda do espectro político foi uma de suas manifestações, permitiu que esses grupos emplasassem uma série de ocupações dali em diante - estratégia de mobilização política à qual Butler (2018) atribui a capacidade de estabelecer um campo de aparecimento inclusivo - predominantemente em universidades, escolas e territórios atingidos por empreendimentos imobiliários, ramificando no longo prazo, portanto, o repertório autonomista mencionado por Alonso (2016, 2017). Com isso não queremos dizer que a estratégia ocupante foi inaugurada pelos estudantes a partir de 2013, dado o papel fundacional que a concentração fundiária e as resistências contra ela cumprem na história brasileira. O que dizemos é que foi ali que se fez patente um deslocamento pós-materialista, ainda que marginal, da opinião política de certas frações da sociedade (mesmo entre algumas tidas como conservadoras)⁶², ainda que muito mais significativa entre os jovens, o que permitiu tornar a ocupação de espaços para visibilização de causas políticas uma estratégia comum entre essa nova geração de coletivos, até porque também poderíamos entendê-la, dentro do próprio campo militante, como uma variação pós-materialista da tradicional ocupação por posse.

62 Uma das evidências mais interessantes da mudança da opinião sobre as mobilizações de 2013, e importante justamente por simbolizar um setor conhecidamente conservador da população, é a enquete feita pelo apresentador de televisão José Luiz Datena em 13 de junho daquele ano, enquanto transmitia imagens ao vivo dos protestos que vinham se intensificando: o sim ganhava com mais que o dobro do número de respostas à pergunta *'Você é a favor de protesto com baderna?'*, resultado cuja excepcionalidade se pôde perceber pelo desconcerto quase cômico com que o apresentador o recebeu. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=7cxOK7SOI2k>>.

Muitas das pessoas que acudiram aos portões dos armazéns de açúcar na noite do 21 de maio para impedir sua demolição em andamento e proteger o integrante do grupo que havia sido agredido, vinham participando, já há alguns anos, de manifestações, abaixo-assinados, audiências públicas, campanhas coletivas e mobilizações na internet, sob a alcunha do grupo (DU). Naquele momento, os ali presentes assumiram que a melhor estratégia possível para impedir a demolição de continuar seria entrar e impedi-la coletivamente, mantendo-se no local o quanto fosse possível, o que resultou em 52 dias entre a ocupação do terreno e sua sequência, sob o viaduto Capitão Temudo. O envolvimento crescente do DU na luta pelo direito à cidade, que vinha se concentrando em dar destaque à discussão sobre o Projeto Novo Recife, junto às circunstâncias agressivas e suspeitas em que o Consórcio tentara dar início a obra, deram repercussão maior do que a normalmente concedida pela grande mídia e pela opinião pública para mobilizações políticas ao redor de conflitos fundiários, fazendo com que na medida em que se consolidava aquela ocupação, diversos outros grupos comparecessem em apoio à causa, assim como curiosos e simpatizantes. Em questão de dias, uma rede de sustentação da luta contra o Novo Recife foi estabelecida, e quando aquela ocupação terminou, o Movimento Ocupe Estelita emergiu como um coletivo que, apesar de jovem, já acumulava a experiência de praticamente dois meses consecutivos de ocupação, com capacidade de mobilização notável⁶³, reconhecido por uma série de instituições tradicionais⁶⁴ e ocupando um papel relevante na disputa do aparelhado processo de redesenho do Projeto Novo Recife⁶⁵.

63 Estamos tomando como referência as passeatas de 5 e 7 de maio de 2015: *‘Ato contra plano para o Estelita dura 5h e acaba em shopping do Recife’*, disponível em <<https://tinyurl.com/gm9dln3>> e *‘Grupo Ocupe Estelita protesta em frente ao prédio do prefeito do Recife’*, disponível em <<https://tinyurl.com/y3bothf6>>.

64 Podemos, por exemplo, consultar uma lista de 139 assinaturas de coletivos, ONGs, sindicatos, movimentos estudantis e outras organizações em apoio ao MOE, datada de 8 de agosto de 2014 <<https://tinyurl.com/y6ovzf56>>, ou conferir que na reunião organizada pela Prefeitura do Recife em 3 de junho de 2014, enquanto a ocupação ainda acontecia, estiveram à mesa os representantes locais do Instituto dos Arquitetos do Brasil e da Ordem dos Advogados do Brasil, assim como do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia, da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Católica de Pernambuco, aonde cabe destacar que o então reitor da UFPE entregou um abaixo-assinado com mais de 200 assinaturas de professores da instituição repudiando o projeto e apoiando o MOE.

65 “Contudo, após todas as reflexões feitas através do presente trabalho, pudemos identificar que, apesar de todo o esforço de se construir um aura de participação, por parte do poder público municipal, o processo democrático foi diversas vezes enfraquecido a partir de ações de cooptação social. Pudemos identificar essa característica nas audiências públicas, na falta de autonomia dos agentes governamentais que compunham o CONCIDADE no exercício do seu direito a voz e voto, e ainda pelo não atendimento às regras do jogo no que concerne às legislações municipais que disciplinam os instrumentos participativos, esvaziando assim todas as potencialidades de transformação das relações de poder. Como foi visto também, a Lei 18.138/2015, apesar de ter sido – supostamente – elaborada através de um longo processo de participação popular para garantir a inclusão dos anseios da sociedade no planejamento do Cais José Estelita, estabelece em seu art. 22 que por conta do direito de protocolo, os projetos urbanísticos anteriormente aprovados, especificamente

Já sugerimos que o mesmo fenômeno que deu tais condições e reconhecimento ao MOE foi vivido pelos ocupantes como uma experiência altamente localizada e concentrada de acontecimentos significativos, o tipo de acontecimento durante os quais nossas decisões e posicionamentos são sedimentados na forma do *habitus* incorporado, essa estrutura internalizada que se caracteriza pelo seu comportamento equivalente ao acúmulo de nossas posturas nos diferentes contextos de sua internalização. Qual o significado desse evento na reconfiguração do *habitus* desses agentes? Nossa hipótese é que houve uma atualização das práticas e preferências individuais internalizadas simpáticas aos significados de solidariedade e engajamento experimentados durante a vivência da ocupação, processo que pode ser percebido através de continuidades e/ou rupturas em determinados aspectos de uma trajetória de vida⁶⁶. Para uma análise praxeológica das trajetórias de vida desses sujeitos, *pensar de que maneiras a experiência da ocupação pode ter atualizado disposições homólogas a ela exige pensar de que maneiras o próprio processo histórico de constituição e incorporação dessas disposições pode haver conduzido à ocupação*. Ou seja, o que tínhamos numa primeira impressão nossa como consequência impensada, pode ser compreendido também, através da abordagem monista do pensamento bourdieusiano, como causa constituinte: a ocupação, evento que ‘coincidentemente’ teria atualizado, naqueles que a fizeram possível, as disposições cujos significados lhe correspondiam, se mostra agora também como resultado da necessidade de uma necessidade de manutenção inconsciente dessas disposições herdadas, atualizadas de acordo com seu posicionamento e desdobramento no campo presente, e reproduzidas e compartilhadas *a posteriori*, articuladas pelas narrativas biográficas que dão sentido a nossas trajetórias de vida.

para as áreas onde se pretende construir o Projeto Novo Recife, continuarão podendo ser licenciados de acordo com a legislação vigente da época de sua aprovação. Este dispositivo torna sem utilidade todo o processo de participação desenvolvido, caso seja de interesse do proprietário se valer deste instrumento. Dessa forma, o que se percebe é que instrumentos participativos foram aplicados com o objetivo de se construir um discurso capaz de influenciar a opinião pública sobre o processo, por ser este um *slogan* politicamente atraente.” (VAREJÃO, 2018: 151)

66 Estamos operando a partir das oposições entre continuidade e ruptura: aceitação, endosso, filiação e seus contrários, a recusa dos acontecimentos, dos envolvidos, dos posicionamentos tomados então.

“[...] cada ponto da trajetória pode ter causado uma crise, uma negociação, uma dúvida, uma hesitação entre diversas possibilidades, uma resistência ou uma pressão (eventualmente aceita mais tarde e não mais vivenciada como tal) (...) Por motivos teóricos relacionados ao projeto e devido ao conhecimento já existente sobre esses problemas, pareceu-nos importante dar a palavra aos momentos de ‘rupturas biográficas’, de mudanças ou modificações, mesmo que fossem pouco significativas, nas trajetórias ou carreiras (...) pois nestes momentos as disposições podem *entrar em crise* ou podem ser *reativadas* e sair do *estado de vigília* (...) em cada ‘escolha’ ou situação que surge, uma parte das disposições do indivíduo é colocada em estado de vigília, de forma mais ou menos duradoura. É como se partes do indivíduo fossem ‘colocadas na surdina’ ou se extinguissem durante um período mais ou menos longo.” (LAHIRE, 2004: pp. 35, 37, grifos do autor)

Até aqui, estamos pensando numa análise que permita reconstituir o posicionamento dos entrevistados no espaço social no momento da entrada no terreno através da interpretação dos significados dessa experiência e do período aqui analisado em seus testemunhos, determinando assim que aproximações, reconfigurações e distanciamentos ocorreram em relação a quais aspectos de seu arcabouço disposicional após a experiência no Cais. Com as reflexões já discutidas de Judith Butler (2018) sobre assembleias e alianças corporificadas e a interpretação do ciclo de protestos de 2013 como uma conjuntura fluida por Alonso (2017), temos elementos para pensar a emergência e desdobramentos da ocupação, que podem ser compreendidas, orientando-se a partir das noções de performatividade, reconhecimento e repertório, como parte de um processo de constituição das identidades pessoais e coletiva dos indivíduos, tanto em relação à suas narrativas biográficas como enquanto integrantes da mobilização. Já indicamos as diferentes concepções de Bourdieu e Butler sobre a operação da performatividade na construção dos acontecimentos sociais e da identidade ou *habitus* pessoal, onde observamos que os atos subversivos que interessam a Butler depende de uma compreensão menos rígida e burocrática da eficácia performativa que a defendida por Bourdieu contra a autora (apesar de que, ao contrário do sugerido por Bourdieu, Butler também considere a construção da identidade como uma inculcação lenta, altamente rígida e iterativa), compreensão essa que segundo Butler está disponível nos próprios escritos de Bourdieu.

Por outro lado, também é verdade que a apresentação de Butler sobre o espaço de aparecimento deposita na experiência incorporada da condição precária, enquanto constituinte da subjetividade das diferentes populações e identidades subalternas que ela invoca, um potencial de filiação que sabemos, pela ênfase de Bourdieu em compreender as práticas a partir das trajetórias individuais, e não na posição imediatamente percebida dos sujeitos sociológicos, não ser condição suficiente para explicar a emergência do poder subversivo que emana dessas assembleias. Pois essa capacidade primitiva de situar-nos subjetivamente, a própria espacialidade que permite conceber e em que está compreendida a topologia dos espaços sociais, ou seja, a qualidade fundamental do espaço (albergar os elementos nele contidos), não é por si só discriminativa. O que permite constituir suas distinções, é a identificação com um de seus pontos, situando-se a partir do reconhecimento e distanciamento tanto de si mesmas como umas das outras, ordenação topológica que se torna possível na medida em que estar situado implica um *efeito de naturalização*, reificação que inscreve sua lógica no *topos*, como expõe Bourdieu.

Os agentes sociais, que se constituem como tais em e pela relação com um *espaço social* (ou melhor, com determinados campos), assim como as coisas na medida em que os agentes se apropriam delas e por consequência as constituem como propriedades, estão situados num lugar do espaço social que pode se caracterizar pela sua posição relativa com respeito aos outros lugares (acima, abaixo, entre etc.) e pela distância que os separa deles. Assim como o espaço físico se define pela exterioridade recíproca entre as partes, o espaço social se define pela exclusão mútua (ou a distinção) das posições que o constituem, isto é, como estrutura de justaposição de posição sociais. **Assim, a estrutura do espaço se manifesta, nos contextos mais diversos, na forma de oposições espaciais, nas quais o espaço habitado (ou apropriado) funciona como uma espécie de simbolização espontânea do espaço social.** Em uma sociedade hierárquica, não há espaço que não esteja hierarquizado e não expresse as hierarquias e distâncias sociais, de um modo (mais ou menos) deformado e sobretudo mascarado pelo *efeito de naturalização* que entranha a inscrição duradoura das realidades sociais no mundo natural: assim, determinadas diferenças produzidas pela lógica histórica podem parecer surgidas da natureza das coisas [...] De fato, o espaço social se retraduz no espaço físico, mas sempre de maneira mais ou menos *turva*: o poder sobre o espaço que a posse do capital em suas diversas espécies dá se manifesta no espaço físico apropriado na forma de determinada relação entre a estrutura espacial da distribuição dos agentes e a estrutura espacial da distribuição dos bens ou serviços, privados ou públicos. (BOURDIEU, 1999: pp. 119-120, tradução livre)

São as próprias trajetórias individuais e coletivas que se encarregam de reificar e ordenar esse espaço potencialmente livre, e é pela provável presença da violência e exclusão constitutivas de uma normatividade social do comportamento em suas trajetórias, que é justamente dentre essas populações subalternas que vai surgir a necessidade objetiva de organizar-se politicamente para exigir o direito de aparecer (ou, poderíamos dizer, *desnaturalizar* o efeito exclusivo das formas hegemônicas de aparecimento). Mas essas trajetórias não estão constituídas apenas pela marca da subalternidade, nem tampouco pelas disposições que produzem a inclinação pelo engajamento e pela solidariedade, estas práticas sociais da interdependência⁶⁷.

Assim, a comunhão do reconhecimento estabelecida entre os participantes da assembleia depende não só da violência a que estão submetidos pela sua condição

67 “Minha hipótese é que modos de reconhecer e mostrar certas formas de interdependência têm a possibilidade de transformar o próprio campo do aparecimento. Eticamente falando, tem que existir uma maneira de encontrar e forjar um conjunto de ligações e alianças, de ligar a interdependência ao princípio do igual valor, e fazer isso de uma forma que se oponha àqueles poderes que alocam a condição de reconhecimento diferencialmente, ou que interrompa sua operação tida como certa. Uma vez que a vida é entendida como igualmente valiosa e interdependente, certas formulações éticas resultam daí.” (BUTLER, 2018: 50)

subalterna⁶⁸, mas à uma predisposição à solidariedade e ao reconhecimento da interdependência através da prática política que, tanto como a precariedade mas não necessariamente à sua maneira, não estão homogeneamente distribuídos na sociedade, como indica Vale-Neto (2018: pp. 35, 348) ao destacar a importância das figuras formativas que chamou de *mestres-de-afeto* na constituição da solidariedade de seus companheiros da SECULT-PE para com as classes populares, historicamente impedidas de ‘aparecer’. Essas disposições à buscar reconfigurar de forma mais inclusiva o espaço de aparecimento, portanto, não são elas mesmas ubíquas nem tampouco *atopos*, mas estão vinculadas a experiências socialmente localizáveis cuja explicação generalizada está muito além dos limites desta pesquisa. Mas não a necessária para analisarmos o MOE. Uma primeira pergunta, portanto, seria: *qual a origem social do engajamento político dos ocupantes que estiveram no Cais, e posteriormente vinculados ao Movimento Ocupe Estelita?*

A assembleia que estabelece o espaço de aparecimento, enquanto momento fundacional, inaugura uma comunidade que visa compartilhar a luta contra as vicissitudes das vidas em aliança, mas o rumo que essa identificação coletiva assumirá também está influenciado pelas trajetórias desses que se aliam. É justamente pela natureza contingente do processo de identificação, cuja inércia orienta as trajetórias em meio ao espaço social, que a igualdade política permitida por uma subsunção das identidades em uma identidade agregadora, a aliança, pode se desintegrar, pelo mesmo princípio espectral de surgimento e esgotamento que rege o tempo contraído e multiestratificado da política que mencionou Safatle (ver página XX). Há portanto um componente temporal cíclico, uma expiração interente ao potencial de aliança oferecido por uma identidade subsuntiva, o que explica, por exemplo, no campo político, a necessidade de periodicamente reinaugurar o pacto social do ‘povo’ com novas constituições⁶⁹.

68 Não haveria como explicar, por exemplo, a intenção de voto de 29% da população não heterossexual em Jair Bolsonaro, cujo comportamento violentamente homofóbico foi pauta recorrente durante as eleições de 2018, segundo levantamento do Datafolha em 25 de outubro, três dias antes do segundo turno. Sobre essa questão, ver *Por que 29% dos LGBTs votam em Bolsonaro?* (EL PAÍS, 2018) <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/27/opinion/1540592921_823943.html>.

69 “O objetivo de uma política democrática não é simplesmente estender o reconhecimento igualmente a todas as pessoas, mas, em vez disso, compreender que apenas modificando a relação entre o reconhecível e o irreconhecível (a) a igualdade pode ser entendida e buscada e (b) “o povo” pode se abrir para uma elaboração mais profunda. [...] A conclusão é que essas formas explícitas e implícitas de desigualdade, que algumas vezes são reproduzidas por categorias fundamentais, tais como inclusão e reconhecimento, têm que ser encaradas como parte de uma luta democrática *temporariamente aberta*. [...] Na realidade, a compreensão da exclusão persistente nos força a retroceder no processo de nomear e renomear, de renovar o que queremos dizer com “o povo” e o que diferentes pessoas querem dizer quando invocam o termo.” Sobre a exclusão constitutiva do conceito de ‘povo’, Butler (2018), pp. 9-12.

Portanto, a assembleia, enquanto convocação corporificada da aliança e exercício de familiarização dos indivíduos com a divisão do trabalho político necessário para estabelecer e manter viva a identidade que os congrega, não só surge a partir de indivíduos predispostos por disposições socialmente determinadas ao engajamento e à solidariedade, mas também tende a ser, dentre seus participantes, mais representativa dos interesses daqueles que possuem mais oportunidades e capacidade de utilizá-la para expressar suas inquietudes. O espaço de aparecimento não se amplia, na política, através de uma experiência direta de uma qualidade ubíqua e translúcida de aparecer garantida pela condição não-discriminativa do espaço propriamente dito⁷⁰, mas pela familiarização com essa qualidade a partir dos acúmulos da convivência em estruturas organizacionais políticas mais inclusivas. O espaço de aparecimento não é uma circunferência democrática, como as assembleias circulares podem deixar parecer, nem é abstrato, pois está em constante necessidade, enquanto emanção da interdependência, de um suporte, tanto material quanto processual, para seu aparecimento (BUTLER, 2018: 81). É assim que pensava Hannah Arendt quando cunhou o conceito (apud *ibid*: 82), inspirada pela *polis* grega, onde essa familiarização estava restrita aos eupátridas. É nas assembleias horizontais dos movimentos de repertório autonomista que tomaram o mundo no início da década, sintetizados popularmente pela alcunha de *occupy*, a autora estava inspirada quando trabalhou o conceito arendtiano, e é a partir da trajetória do Movimento Ocupe Estelita que queremos problematizar sociologicamente a leitura de Butler. A questão nos foi apresentada pela também norte-americana Jo Freeman em sua já clássica auto-crítica de sua experiência com o movimento feminista dos anos 60, *A tirania das organizações sem estrutura*, à qual tivemos acesso por sugestão de leitura coletiva no próprio MOE:

Ao contrário do que gostaríamos de acreditar, não existe algo como um grupo "sem estrutura". Qualquer grupo de pessoas de qualquer natureza, reunindo-se por qualquer período de tempo, para qualquer propósito, inevitavelmente estruturar-se-á de algum modo. A estrutura pode ser flexível, pode variar com o tempo, pode distribuir entre os membros do grupo as tarefas, o poder e os recursos de forma igual ou desigual. Mas ela será formada a despeito das habilidades, personalidades e intenções das pessoas envolvidas. O simples fato de que somos indivíduos com aptidões, predisposições e experiências diferentes torna isso inevitável. Apenas se nos recusamos a nos relacionar ou interagir em qualquer base poderemos nos aproximar da "ausência de estrutura" e essa não é a natureza de um grupo humano. Isso significa que lutar por um grupo "sem estrutura" é tão útil e tão

70 Poderíamos dizer que a praxeologia é uma maneira de aproximar-se epistemologicamente de uma ciência social norteada por essa qualidade.

ilusório quanto almejar uma reportagem "objetiva", uma ciência social "desprovida de valores" ou uma economia "livre". Um grupo de "laissez-faire" é quase tão realista quanto uma sociedade de "laissez-faire"; a idéia se torna uma dissimulação para que o forte ou o afortunado estabeleça uma hegemonia inquestionada sobre os outros. Essa hegemonia pode facilmente ser estabelecida porque a idéia da "ausência de estrutura" não impede a formação de estruturas informais, apenas de formais. Da mesma forma, a filosofia do "laissez-faire" não impedia os economicamente poderosos de estabelecer controle sobre os salários, preços e a distribuição dos bens; ela apenas impedia o governo de fazê-lo. Assim, a "ausência de estrutura" torna-se uma forma de mascarar o poder e no movimento feminista é normalmente defendida com mais vigor pelos mais poderosos (estejam eles conscientes de seu poder ou não). As regras sobre como as decisões são tomadas são conhecidas apenas por poucos e na medida em que a estrutura do grupo permanece informal, a consciência do poder é impedida por aqueles que conhecem as regras. (FREEMAN, 1970: *Estruturas formais e informais*)

Em se tratando da estrutura organizacional da ocupação da qual o MOE emergiu, e a partir das preocupações de Jo Freeman, acreditamos que há dois condicionantes da dinâmica daquela ocupação que devem ser recapitulados.

O primeiro diz respeito ao estresse causado pela sucessão de pequenas demandas que tomam lugar a todo momento em uma ocupação. Na medida em que a ocupação consiga produzir um tensionamento significativo na dinâmica ordinária do espaço, a natureza provisória de sua posse implicará, durante toda sua duração, em uma série de momentos de tensão sobre a possibilidade de sua reintegração de posse violenta pela polícia. Pois a ocupação é justamente o ato performático coletivo cuja eficácia ilocucionária está concentrada sobre a desnaturalização momentânea de sua posse como convencionalmente aceita, seja esse terreno privado ou público (no caso do Estelita, essa desmaterialização tinha um sentido duplo, pois se desconstruía a posse de imediato e momentâneamente para impedir a demolição dos armazéns e chamar a atenção para o suspeito processo de aprovação do Novo Recife, assim como também para indicar que essas ilicitudes implicariam na reapropriação do terreno pela União), o que configura um crime de acordo com a lei. Isso significa que há uma temporalidade urgente em andamento durante toda a ocupação, pois a qualquer momento a sua legitimidade, garantida pelo seu estoque de capital simbólico, pode se desfazer. Essas experiências urgentes (e por isso sempre sujeitas à serem resolvidas por decisões mal formuladas e compartilhadas com o grupo) não só acumulam um conhecimento interno prático valioso e distintivo⁷¹ (que veremos a seguir com Poupeau e Matonti (2004)), como

71 Da mesma forma que o trabalho sindical discutido aqui por Rombaldi, a ocupação constitui uma distinção própria relativa, acreditamos, principalmente às duas dimensões que trazemos no texto, afetiva e da divisão do trabalho necessário para seu mantimento e êxito da causa. "O trabalho sindical, como todo trabalho

estão recorbertas de uma afetividade e reconhecimento próprios e dificilmente transferíveis para além dos indivíduos que não experimentaram juntos o acúmulo desses acontecimentos sucessivos, constituindo uma variação de ‘*collusio* em meio à *illusio*’ que Bourdieu (2010: 43) adjudica aos grupos fortemente integrados. Neste caso, ela é causada pelo compartilhamento do estresse enfrentado diante dos obstáculos e ameaças à missão coletiva, como a pele se fortalece ao formar uma cicatriz, ainda que também seja verdade que muitas vezes esse estresse ultrapassa os limites do suportável e conflitos emergem pela mesma razão.

O domínio dos grupos fortemente integrados, cujo limite (e modelo prático) é a família convencional, deriva em ampla medida do fato de que estão ligados por uma *collusio* em meio à *illusio*, uma cumplicidade profunda com o fantasma coletivo, capaz de garantir a cada um dos membros a experiência de uma exaltação do eu, princípio de uma solidariedade enraizada na adesão à imagem do grupo como imagem encantada de si. (BOURDIEU, 2010: 43).

É justamente da incandescência das estruturas sociais causada pela conjuntura fluida⁷² que os manifestantes se imbuem para justificar sua submissão a esse risco coletivo (apesar de que muitas vezes as penalidades dessa estratégia são individualizadas, e esse é um dos determinantes principais por trás da operação desse medo). Poderíamos até mesmo dizer que a eficácia ilocucionária daquele ato se dará na medida em que o estoque de capital simbólico mobilizado pela aliança performativa seja convertido em um avanço sobre as fronteiras convencionalmente (em ‘conjunturas rígidas’) impostas sobre as demandas do movimento. E é na dimensão das diferentes contribuições simbólicas agregadas pela aliança nesse estoque que reside o segundo elemento constitutivo da estrutura não declarada dos movimentos ditos horizontais. Vejamos o conceito de capital militante, elaborado por Poupeau e Matonti (2006).

ligado ao campo político, constitui uma ação instável que requer um aprendizado do conjunto de regras de funcionamento desse campo específico. Pode-se dizer que o acúmulo de aprendizagens específicas conjugadas a certas características pessoais dos sindicalistas constitui uma espécie de capital militante e político, que permite ao seu detentor ocupar um espaço legítimo no interior da entidade da qual participa. [...] Mas é preciso sublinhar que os “conteúdos” que compõem essa posição de legitimidade podem ser alterados por transformações mais amplas que atingem os espaços políticos – tais como as mudanças na ordem econômica mundial ou nacional –, o que exige novas aprendizagens dos seus participantes.” (TOMIZAKI; ROMBALDI, 2009, p. 96-97).

72 “Para a teoria da conjuntura fluida apontada por Michel Dobry, as estruturas sociais e, de forma mais ampla, as configurações de instituições e relações sociais, mesmo quando profundamente objetificadas, não são necessariamente mais estruturalmente estáveis que a matéria. Elas podem ser submetidas à transformações de curto prazo em seu estado, e podem experimentar diferentes estados (que podemos proveitosamente denominar *conjunturas*, como estados particulares de estruturas sociais). Essa perspectiva abre, portanto, a possibilidade de trazer à luz a plasticidade das estruturas e sua sensibilidade às mobilizações dos atores.” (DOBRY, 2011: 491)

Falar de capital militante é insistir em uma dimensão do engajamento do qual o capital político dá conta de maneira insuficiente. Com efeito, o capital político pode ser considerado como uma forma de capital simbólico, “crédito fundado nas inúmeras operações pelas quais os agentes conferem a uma pessoa socialmente designada como digna de crédito os próprios poderes que eles lhe reconhecem”. O poder simbólico que está associado a ele pode ser analisado como uma expressão do “fetichismo político” pelo qual um grupo social se reconhece na representação que ele faz de si mesmo e de sua relação com outros grupos. Esse capital, ligado à representação coletiva que o grupo lhe atribui, é “fundado na crença”, e tem como ponto essencial “acumular o crédito e evitar o descrédito”. O capital militante se distinguiria então do capital político que é em boa parte um capital de função nascida da autoridade reconhecida pelo grupo e, por isto, “instável”: incorporado sob a forma de técnicas, de disposições a agir, intervir, ou simplesmente obedecer, ele abrange um conjunto de saberes e de *savoir-faires* mobilizáveis no momento das ações coletivas, das lutas inter ou intra-partidárias, mas também exportáveis, passíveis de conversão para outros universos, e assim, suscetíveis de facilitar certas “reconversões”. [...] Certamente sua aprendizagem de delegado sindical vai exigir diversas habilidades: ele precisa aprender a redigir um panfleto, a falar em público, a ousar se dirigir à união departamental etc.; mas sua escolaridade anterior facilita também a aquisição de técnicas de escrita e de atas de reuniões, a leitura da imprensa militante, a tomada de notas, a assimilação de conhecimentos jurídicos durante os estágios de formação sindical, a elaboração de dossiês em defesa dos assalariados, a capacidade de argumentar contra a direção etc. (ROMBALDI, 2006: pp. 130-131)

Apesar da ocupação não constituir por si só um campo propriamente dito, como de fato é o campo militante, sabemos com Bourdieu, por sua vez ecoando as reflexões de Freeman, que *em uma sociedade hierárquica, não há espaço que não esteja hierarquizado e não expresse as hierarquias e distâncias sociais*. A hierarquia não declarada do Cais, enquanto espaço político em disputa também dentre seus integrantes, estava constituída principalmente ao redor da distribuição do capital militante entre dois grupos. O núcleo duro do grupo Direitos Urbanos, a fração mais velha, já havia superado a transição entre a vida escolar e a vida profissional. Seu capital militante era robusto, com forte composição de certificados de capital cultural e mesmo de cargos inseridos na burocracia estatal (funcionários do ministério público, advogados populares, urbanistas trabalhando no setor público, professores universitários), pois tanto essas qualificações permitiam dar visibilidade institucionalizada à causa em seus campos respectivos, como também lhes permitiu desenvolver, durante o período de consolidação do DU, um conjunto de *savoir-faires* mobilizáveis nas instâncias participativas governamentais. Mas certamente foram as atuações do Centro Popular de Direitos Humanos, assim como da professora da Faculdade de Direito do Recife, Liana Cirne, que representavam o maior capital militante posto em jogo por essa

fração da ocupação, com seus diplomas e juramentos à Ordem dos Advogados do Brasil duplamente reconvertidos: em reconhecimento de atuação pela causa perante os ocupantes, e legitimação da ocupação perante a opinião pública. Primeiramente pela necessidade legal de uma defesa vinculada pelo nome e credencial da OAB, diferente do anonimato em que quase todos os demais ocupantes se encontravam naquele terreno, assim como pela condição privilegiada para compreender a conjuntura a ser repassada para os ocupantes *in situ*, dado seu testemunho pessoal dos trâmites ocorridos e pela fluência no jargão legal, assim como pela sensibilidade aprofundada pela experiência para especular sobre os possíveis cenários resultantes. Além disso, o *envelhecimento social* implicado não só pela formação acadêmica e pelo exercício profissional, mas inclusive pelas famílias estabelecidas, também acarretava em um elevado capital social, rede de relações posta em funcionamento na organização improvisada do acampamento, que já havia sido ensaiada anteriormente para organizar os primeiros Ocupes.

Por outro lado, estavam os pertencentes a uma nova geração da esquerda, subgrupo da juventude predominantemente universitária que ocupou as ruas, mencionada por Alonso (2017) e Singer (2013). Fortemente influenciados pelo repertório autonomista, era desse grupo que partiam as reivindicações de levar mesmo as menores questões à aprovação da assembleia, ao mesmo tempo que eram também as que buscavam contestar as restrições convencionalmente impostas em outras ocupações, principalmente as que ocorrem em espaços institucionalizados, onde a preservação de sua estrutura e ordem é uma necessidade estratégica para evitar a criminalização do movimento⁷³. Sua posição no processo de *envelhecimento social* impunha por outro lado uma necessidade objetiva de afirmação que, apesar de associada à juventude em geral pelo senso comum, não podemos sobrestimar.

Devo começar com uma proposição – uma que é tão senso comum que sua significância é frequentemente subestimada – de que em nossa sociedade, a juventude é apresentada somente quando sua presença é um problema, ou é tida como um problema. Mais precisamente, a categoria ‘jovem’ é mobilizada em discurso oficial documentado, em editoriais preocupados ou ultrajados, ou nos supostamente desinteressados tratados que emanam das ciências sociais naqueles momentos em que pessoas jovens fazem sua presença ser sentida por ‘sair dos limites’, ao resistir através de rituais,

⁷³ Esse não era o caso do Estelita, onde a ocupação foi feita para proteger um espaço cujo abandono e decadência faziam com que sua configuração e zelo não fosse prioridade de nenhuma das instituições que poderiam expulsar os manifestantes dali, nem tampouco das que haviam sido favoráveis à aprovação do Novo Recife.

vestindo-se de forma estranha, impressionando com atitudes bizarras, rompendo as regras, quebrando garrafas, janelas, cabeças, endereçando desafios retóricos à lei. Quando os jovens fazem essas coisas, quando eles adotam essas estratégias, eles são falados, levados à sério, suas aflições são acudidas. Eles são presos, assediados, advertidos, disciplinados, encarcerados, aplaudidos, vilipendiados, emulados, ouvidos. Eles são defendidos por assistentes sociais e outros filantropistas preocupados. São explicados por sociólogos, psicólogos sociais, por especialistas de todas as complexões políticas. Em outras palavras, há uma lógica da transgressão. Quando [...] adolescentes descontentes desempregados do centro da cidade recorrem à violência simbólica e à violência propriamente dita, eles estão jogando com o único poder à sua disposição: o poder de desconfortar. O poder, isto é, de posicionar-se – de posicionar-se como uma ameaça. Longe de abandonar o bom senso, eles estão atuando de acordo com uma lógica que está evidente – como condição de sua entrada no domínio da vida adulta, o debate público, o lugar onde as coisas reais acontecem, eles devem primeiro desafiar a ordem simbólica que garante sua subordinação ao nomeá-los como ‘crianças’, ‘jovens’, ‘moleques’, ‘pirralhos’.(HEBDIGE, 1988: pp. 17-18)

Ao mesmo tempo, seria uma conclusão apressada resumir a aptidão à chocar-se com o *status quo* como o único recurso disponível para a parcela mais jovem da ocupação, apesar de que a exposição do corpo, o fundamento da estratégia ocupante, era contribuição predominantemente feita por ela, tanto pela motivação indicada por Hebdige, como pelo tempo disponível, normalmente ocupado por aulas da faculdade ou em estágios e subempregos que, para muitos deles, eram prescindíveis⁷⁴. Dessa forma, o tipo de vínculo que é estreitado à partir do calor da experiência, *collusio* em meio à *illusio*, foi se constituindo principalmente entre aqueles que se mantinham indeterminadamente no terreno, em sua maioria parte deste segundo grupo. Mas além disso, havia uma parte expressiva desses ocupantes que detinha habilidades adquiridas nos campos onde eles se iniciavam, e cujos efeitos podiam ser reconvertidos em ganhos para a causa, com destaque principalmente para a identidade visual das campanhas planejadas, feitas por designers, jornalistas e autodidatas já praticantes, e para o material audiovisual produzido por profissionais e pesquisadores do setor audiovisual, vinculados ao chamado *cinema pernambucano*. Os estudantes de arquitetura e direito, por sua vez, ajudavam a elucidar aspectos técnicos importantes para compreensão da conjuntura do processo licitatório do Novo Recife, assim como da possibilidade de expulsão dos ocupantes pelas ações movidas pelo Consórcio.

A distinção de um terceiro grupo, cujos integrantes estavam pulverizados nos dois grupos já mencionados, pode contribuir para nossa análise. Composto pelas jovens advogadas

74 Houve casos de pessoas deste segundo grupo que simplesmente abandonaram seus empregos ou pediram demissão após as primeiras semanas de ocupação.

populares do CPDH, ex-alunas da Faculdade de Direito de Pernambuco e da Universidade Católica, e por um subgrupo do audiovisual militante, específico de realizadores da pós-graduação em Comunicação Social da UFPE, esse subgrupo possuía uma idade intermediária em relação aos dois anteriores, onde suas posições no mercado de trabalho começavam a se distinguir pelos seus investimentos militantes, incrementados também a partir da repercussão de seus trabalhos oferecidos à ocupação. Se por um lado as ex-participantes do CPDH assumiram funções de maior destaque em outras organizações militantes do campo jurídico, como assessoria jurídica à mandatos de esquerda tanto municipais como federais, os realizadores do audiovisual tiveram seus projetos próprios, de enfoque declaradamente político, financiados e premiados no circuito cinematográfico independente. Mais interessante é apontar que, no ciclo pós-ocupação, parcela considerável do MOE recém-originado assumiu trabalhos relacionadas à ambas áreas, principalmente no próprio CPDH e na emergente indústria audiovisual pernambucana. Se a faixa etária deste subgrupo significava uma ambiguidade de seus integrantes quanto ao posicionamento entre os outros dois grupos, a caracterização de seus capitais mais significativos adquirida pelo seu envelhecimento social fazia o contrário: enquanto o capital cultural certificado da advocacia popular foi assimilado pelo mais eficiente DU, o capital artístico objetivado das produções prévias dos realizadores audiovisuais foi incorporado pelo performático MOE, ainda que não houvesse distinção declarada entre essas categorias.

Outra consideração necessária para pensarmos este caso com os elementos fornecidos por Butler, é compreender em que medida podemos ler a causa mobilizada pela aliança em questão a partir da discussão sobre as reivindicações e conjunturas respectivas das populações que constituem alianças nas reflexões da autora. Enquanto ela discute a situação de imigrantes ilegais na Europa e nos EUA (op. cit.: 56, 78-79, 88), da condição das mulheres islâmicas na França (op. cit.: 56-57, 90-91), de pessoas dependentes dos sistemas públicos que são destruídos por políticas neoliberais (op. cit.: 16-19), dos protestos massivos da população negra norte-americana contra os assassinatos racistas e impunes cometidos pela polícia (op. cit.: 33), de militantes em revolta contra estados totalitários (op. cit.: 94-95, 98-100) etc., como poderíamos compreender a ocupação do Cais José Estelita enquanto uma aliança entre minorias perseguidas por uma política precarizante? Mesmo que algumas das demandas dessas populações invocadas por Butler hajam marcado presença no Cais, e que essa luta

fosse contra uma hegemonia precarizante⁷⁵ estabelecida entre empreiteiras, especuladores imobiliários e Estado na produção e configuração do espaço urbano, luta essa que foi censurada pela mídia local e em condições que suas assembleias frequentemente eram acusadas de ilegítimas, também temos de considerar que essa disputa se deu dentro de um terreno considerado público pelos seus ocupantes.

Muitas das manifestações maciças e dos modos de resistência que vimos nos últimos meses não se limitam a produzir um espaço de aparecimento⁷⁶. Elas se apoderam de um espaço já estabelecido permeado pelo poder existente, buscando romper com as relações entre o espaço público, a praça pública e o regime existente. **Assim, os limites do político são expostos e a ligação entre o teatro da legitimidade e o espaço público é rompida. Esse teatro não é mais abrigado no espaço público de forma não problemática, uma vez que agora o espaço público acontece no meio de outra ação, uma ação que tira o poder afirmador do lugar da legitimidade precisamente ao assumir o controle do campo dos seus efeitos.** (BUTLER, 2018: 94)

Já vimos, a partir da análise da distribuição do capital militante dentre a rede de sustentação da ocupação do Cais, que a utilização da estratégia mencionada acima por Butler implica em uma divisão do ‘trabalho militante’, assim como exige, desde seu início, uma série de capitais acumulados em outros campos e reconvertidos com mais ou menos facilidade em ações proveitosas à causa. Butler enfatiza mais uma vez a dimensão corporal em que se manifesta essa luta, uma defesa *do direito de ter direitos, não como uma lei natural ou estipulação metafísica, mas como a persistência do corpo contra as forças que buscam a sua debilitação ou erradicação* (BUTLER, *Op. Cit.*, p. 93). Mas de que maneira os integrantes daquela rede de engajamento contra o Novo Recife estavam sendo *debilitados* ou *erradicados*? A ocupação do Cais compreendia uma luta contra uma certa forma de precariedade, neste caso contra a gentrificação do centro da cidade, que implica na precarização crescente das condições de vida das populações que não são bem vindas nesse ‘novo’ Recife⁷⁷, muitas vezes sobrevivendo na penumbra de seus holofotes⁷⁸. Mas, que dizer

75 Lembrando que a precarização não é uma catástrofe natural inerente à uma conjuntura política frequentemente apresentada como um estado de exceção, mas uma forma avançada do regime de acumulação burguês que busca se apropriar de elementos da infraestrutura e garantias mínimas de manutenção do espaço urbano e da condição de vida de seus habitantes ou eliminar os gastos necessários para sua operação.

76 Aqui a autora se refere aos protestos e manifestações influenciados pelos *Occupy* norte-americanos e o 15M espanhol no início da década, assim como das rebeliões no Oriente Médio e Norte da África que ficaram conhecidas como Primavera Árabe, sobre as quais os textos de *Corpos em Aliança* tratam principalmente, escritos entre 2012 e 2014.

77 Para falar de uma polêmica mais recente e local, podemos trazer o caso dos encontros realizados por jovens moradores das diversas periferias da cidade no Marco Zero nos finais de semana para festejar o *passinho*,

da composição da ocupação e do MOE predominantemente por pessoas que não fazem parte dessas populações? Não estamos pondo em xeque aqui a solidariedade da demanda ocupante em relação à elas. O que nos interessa é saber, de que maneira elas são atingidas por essa forma de precariedade?

Percebemos que ao empregarmos o conceito de precarização talvez estejamos deixando de lado ou subestimando, pelo menos neste caso, um aspecto importante desse processo mais amplo de aprofundamento da exploração do espaço urbano brasileiro como um todo na órbita do *boom* econômico da virada da última década e os megaeventos que o seguiram (MARICATO, 2013, 2014; ROLNIK, 2014), do qual a supressão das condições fundamentais de vida de seus habitantes mais frágeis é apenas uma das consequências, embora a mais grave e infeliz. Acontece que, da maneira que a noção de precarização nos é apresentada, talvez por uma razão semântica, podemos supor que ela consiste num processo que aflige apenas aquelas pessoas que são progressivamente empurradas além do limiar das condições mínimas para uma sobrevivência digna (ainda que seja grave, central e notório que são principalmente essas pessoas que pagam com suas vidas, às multidões, o preço dessa política). Acreditamos que as condições simbólicas para manutenção de certas formas de vida que não se situam nas proximidades desse limiar também constituem um elemento em disputa, fruto de um processo de acumulação, e estão em risco quando um ciclo de especulação imobiliária ameaça desconfigurar uma microrregião como o centro histórico do Recife⁷⁹. Aqui podemos recapitular o modelo bourdieusiano de produção do espaço urbano (ver trecho Miséria do mundo acima), apresentado como espaço físico estruturado pela lógica de um espaço social abstrato, que é, ao mesmo tempo, palco e resultado de uma disputa entre os interesses que adquirem sentido próprio a partir das relações estabelecidas entre os agentes e grupos que coabitam esse espaço social, assim como o fazem suas práticas. Se o espaço

ritmo musical composto por *remixes* e batidas envolventes cuja coreografia provocativa constrange o *habitus* comedido e distanciado da classe média alta que frequenta o gentrificado bairro do Recife. Conforme a brutalização histórica do corpo negro no espaço urbano brasileiro, os encontros frequentemente tem sido interditados pela polícia, com reações violentas e prisões arbitrárias. Cf. (MARCO ZERO, 2019). Anteriormente, a região mais antiga da cidade já havia se posicionado no centro de polêmica semelhante, quando uma série de medidas da Prefeitura instituíram uma militarização do bairro pouco antes de que este passasse pelo *boom* imobiliário que impôs uma nova caracterização da zona como polo turístico e gastronômico para o setor rico e de classe média alta da população. Cf. (A NOVA DEMOCRACIA, 2015).

78 Estamos nos referindo aqui aos moradores de Brasília Teimosa e do Coque, bairros pobres em regiões centrais da cidade que se viram isolados ao longo das últimas décadas em meio ao desenvolvimento imobiliário de seus arredores e sua caracterização pela mídia local como lugares violentos e perigosos. Para um estudo sobre a construção discursiva midiática do Coque como um lugar violento, ver (VALE-NETO, 2010).

79 Ver renderização apresentada em *[Projetotorresgemeas]* de 11:00 à 12:21, disponível em <<https://vimeo.com/31387595>>.

físico da cidade reflete a topologia de um espaço social que se anima a partir das diferenças entre seus habitantes e suas frações de classe correspondentes, é possível compreender os acontecimentos da ocupação daquele terreno e das manifestações pelo Cais José Estelita como um reflexo da disputa entre frações desse espaço social pela ordenação do espaço físico e simbólico do centro do Recife, onde disputa-se, por exemplo, a partir da constituição de um plano diretor⁸⁰, regulamentações sobre a paisagem assim como da tipologia dos edifícios, da diagramação das ruas, a regulamentação do uso do solo, a regulamentação da propaganda visual, e tantos outros elementos técnicos da arquitetura que constituem a experiência corporal do espaço, regulada a partir do campo político onde se disputam os rumos das políticas públicas, pois o Estado possui a prerrogativa legal de intervir no funcionamento dos mercados, dimensão através da qual os empreiteiros buscam se sobrepôr, dado o seu robusto capital financeiro, aos interesses dos demais campos que constituem, no agregado, o campo do poder.

Tenhamos em conta que esta é uma cultura marcada pela desigualdade herdada de uma abolição da escravidão problemática e reatualizada nos termos próprios de uma estrutura de classes capitalista, criadora do que Jessé de Souza chama de *ralé estrutural* (DE SOUZA, 2009), assim como pela ojeriza aos espaços públicos e ao que vem da rua como exposto por Leitão (2009) (tanto sintoma como causa da exclusão estudada por Jessé), e pela concentração da presença do Estado enquanto provedor, regulador e fiscalizador dos serviços públicos previstos legalmente em uma parcela notoriamente restrita de seu território, apropriada por uma minoria de maior renda que o restante da população, como podemos deduzir a partir do estudo da distribuição espacial do preço dos aluguéis no Recife de Tássia Germano e Silveira-Neto (2016). Isso significa que são poucos os que podem se sentir pertencentes (e no direito de pertencer) a essa parcela geograficamente e simbolicamente restrita da cidade, na mesma medida em que a ausência desse grupo torna esse reduto urbanizado uma expressão exclusiva do tipo de relações, significados e comportamentos convencionados entre a minoria de maior renda. Sabemos que quando os corpos jovens, negros e periféricos se sentem autorizados a atravessar a fronteira espacial de sua invisibilidade para usufruírem das amenidades da cidade espetacularizada (MARICATO, 2014), eles são rendidos e encarcerados. Portanto, há razões estruturais para explicar o pouco apelo que esse tipo de movimento (a luta pelo direito à cidade em espaços nos centros históricos das metrópoles brasileiras, em vias de gentrificação)

80 Sujeito, certamente, à ser capturado pela mesma lógica de aparelhamento do planejamento participativo criticada por Varejão (2018), como pudemos testemunhar no processo de discussão e elaboração do novo plano diretor do Recife

tem além das fronteiras das classes pertencentes ao domínio simbólico-geográfico da cidade onde há uma rede institucional operando que permite a reivindicação dessa agenda. Mas sabemos que, ainda assim, uma das principais aspirações do MOE era que o movimento obtivesse visibilidade para além da fronteira de classe apresentada acima. Portanto, uma questão mais interessante seria, *é possível identificar uma convergência para esse tipo de ambição política nas trajetórias de vida dos integrantes do MOE? De que forma essas possíveis forças podem haver conduzido suas trajetórias? De que maneiras essas disposições e os contextos sociais aos quais elas estavam associadas pelos ocupantes foram ressignificadas a partir de suas diferentes experiências nesse movimento? Quando o MOE toma as ruas e convoca 'A cidade é nossa! Ocupe-a!', quem é esse 'nós', e que cidade é essa que está sendo defendida? De que maneiras as narrativas biográficas desses ocupantes se vinculam a um ideal libertário e democrático de cidade?*

Foi com essas questões em mente que entrevistamos seis pessoas da fração mais jovem da mobilização pelo Cais cujos acontecimentos viemos pormenorizando até aqui. Essas pessoas não só participaram da ocupação do terreno, como, assim como nós, continuaram frequentando as reuniões do movimento após seu fim, quando a fração mais jovem supracitada declarou-se desvinculada do grupo Direitos Urbanos, apropriando-se da denominação de Movimento Ocupe Estelita. A ampla visibilidade do MOE no período imediato ao pós-ocupação se traduziu em atos multitudinários de grande repercussão, onde táticas do repertório autonomista foram utilizadas para pressionar a Prefeitura do Recife em meio ao processo de redesenho do Projeto, e para popularizar as reivindicações do movimento. Após um período de bons retornos nas mobilizações, o movimento começou a se desgastar, tanto pela temporalidade burocrática do aparelhado processo de redesenho do Projeto, descrito minuciosamente por Varejão (2018), como pelo pouco retorno que os atos de alto investimento simbólico que caracterizavam o movimento poderiam oferecer naquela conjuntura de longo prazo, onde inclusive a dificuldade em superar o auge de visibilidade do movimento em seu primeiro momento no terreno sugeria um desgaste não perceptível em termos absolutos, mas certamente em termos relativos às expectativas do próprio movimento sobre si mesmo. Cada uma à sua maneira, também como no nosso caso, nossas entrevistadas deixaram de frequentar as reuniões, e esse núcleo do movimento foi esvaziado. Ainda que alguns eventos realizados em datas comemorativas na Avenida Engenheiro José Estelita fizessem circular a imagem do movimento, sua articulação e inserção no cenário político era pouco expressiva, uma vez que o Novo Recife já havia sido aprovado e tinha condições para

retomar a demolição dos armazéns a qualquer momento. No início de 2019 essa ameaça se concretizou, quando novamente manifestantes invadiram o terreno durante sua demolição recém-iniciada, mas apesar da rede de suporte que se estreitara ao longo desses cinco anos ter sido reativada, e uma quantidade significativa de pessoas terem acudido ao chamado do movimento de volta ao Cais, os manifestantes não conseguiram manter-se dentro do terreno, o que neutralizou sua possível interferência e não conseguiu evitar a destruição completa dos armazéns no dia 31 de março de 2019.

A partir da análise das dificuldades enfrentadas pelos militantes em sua tentativa de converter uma mobilização coletiva frouxamente estruturada em um novo movimento social de corte autonomista, queremos problematizar o potencial adjudicado por Judith Butler à política de alianças identitárias. Um movimento social com participação fundamental de uma geração que vinha, como já contextualizamos, experimentando um sentimento coletivo do que Bourdieu chamaria de ‘tomada de consciência libertadora’⁸¹, estabelecido à partir de estruturas ditas horizontais ou não estruturadas, está sujeito, de acordo com Jo Freeman, ao desenvolvimento de uma organização não-declarada que, ao fortalecer implicitamente o senso de *collusio* em meio à *illusio*, neutraliza a possibilidade de que o coletivo como um todo se submeta a uma constante expansão de suas *formas de reconhecimento* (BUTLER, 2018: 11) e de seu reconhecimento da *interdependência*⁸². Por outro lado, também queremos apontar os ganhos interpretativos oferecidos por uma compreensão mais fluida do funcionamento praxeológico da eficácia performativa dos atos ilocucionários, confirmando as sugestões de Butler (1999). *Como as trajetórias individuais dos ocupantes estariam vinculadas à ‘tomada de consciência’ de certa fração de jovens universitários da classe média ampla que Alonso (2016, 2017) e Singer (2013) apontam como sujeitos históricos das insurgências de 2013,*

81 ‘As paixões do habitus dominado (do ponto de vista do sexo, da cultura ou da língua), relação social somatizada, lei do corpo social convertida em lei do corpo, não estão entre aquelas que se possam cancelar por um simples esforço da vontade, fundado numa *tomada de consciência libertadora*. (...) É inteiramente ilusório acreditar que a violência simbólica possa ser vencida apenas com as armas da consciência e da vontade: as condições de sua eficácia estão inscritas de modo durável nos corpos sob a forma de disposições (...) podendo sobreviver muito tempo ao desaparecimento de suas condições sociais de produção.’ (BOURDIEU, 2001: 219)

82 “É somente como criatura que reconhece as condições de interdependência que garantem a nossa persistência e o nosso florescimento que qualquer um de nós pode lutar pela realização de qualquer uma dessas importantes metas políticas em tempos nos quais as próprias condições sociais de existência estão sendo ameaçadas pela política e pela economia.” (BUTLER, 2018: 52)
 “Se somos organismos vivos que falam e agem, então estamos claramente relacionados com um vasto contínuo ou rede de seres vivos; não apenas vivemos entre eles, mas a nossa persistência enquanto organismos vivos depende dessa matriz de relações interdependentes sustentáveis. [...] Não poderíamos argumentar, com Bruno Latour e Isabelle Stengers, que negociar a esfera do aparecimento é, na verdade, uma coisa biológica a se fazer, uma das capacidades investigativas do organismo?” (*ibid*: 96)

uma fração recifense desses jovens cujos atos repercutiram nacionalmente, e que acreditamos estar relacionada à emergência do posterior Movimento Ocupe Estelita, o principal herdeiro dos investimentos concentrados pela aliança da ocupação para combater o Projeto Novo Recife?

Nossa hipótese é de que a clivagem na aliança estabelecida na ocupação, sedimentada pelos 52 dias de experiência no terreno, se deu por uma necessidade objetiva da fração mais jovem da aliança. Apesar de compôr durante praticamente todo o tempo a maioria dos que estiveram presentes no terreno, os ocupantes mais jovens frequentemente discordavam da geração mais velha e cuja maior parte apenas frequentava o terreno, não mantendo-se ao par das vicissitudes da convivência interna e suas exigências. O capital militante da fração mais velha e associada ao DU, com seus profissionais estabelecidos e altamente qualificados, era indispensável de várias maneiras para a continuidade daquela ocupação. Portanto, os ocupantes só puderam estabelecer um espaço próprio, onde fizessem valer sua voz, uma vez que os acontecimentos do terreno se deram por encerrados. Nosso interesse é compreender de que maneiras essa clivagem e os rumos posteriores da disputa pelo Cais José Estelita estão relacionados ao desenvolvimento pessoal das trajetórias de vida dos militantes entrevistados, e o que elas nos podem nos dizer sobre a esse importante ciclo de mobilizações da história recente do país.

4 TRAJETÓRIAS DE VIDA

Nesta seção apresentamos as trajetórias elaboradas a partir das entrevistas semi-estruturadas. Exceto no caso de nossa própria trajetória, os nomes próprios são fictícios.

4.1 MILTON

Milton Ivan Petruczok⁸³ nasceu em Buenos Aires, há 28 anos, época em que seus pais ainda viviam no bairro suburbano de Ramos Mejía, na região metropolitana da capital argentina. Eles haviam se conhecido cerca de sete anos antes, em meados da década de oitenta, nas reuniões da juventude do trotskysta-morenista *Partido Socialista de los Trabajadores* (PST), declarado ilegal pela ditadura militar vigente à época (1976 – 1983), e naquele então prestes a ser reinventado como *Movimiento al Socialismo* (MAS) para driblar a clandestinidade. O pai vivia na periferia da cidade, no bairro proletário-industrial de San Justo, onde crescera com os avôs e tios de Milton - um irmão e uma irmã mais velhos. A família Petruczok comprara a casa de San Justo no início dos anos sessenta, então um bairro ainda em vias de ser urbanizado e onde o tio de Milton vive até hoje, vinda de um recanto distante da zona rural da província de Buenos Aires, onde se alimentavam das próprias colheitas e não tinham energia elétrica, vivendo a horas de distância de caminhada de qualquer cidade. As condições difíceis na Argentina eram resultado de uma viagem mais longa: os avôs paternos, ambos originários da Volínia⁸⁴, pertenciam a famílias camponesas que haviam migrado para a América Latina fugindo das difíceis condições de sobrevivência nessa ex-província do Império Russo às vésperas da segunda guerra mundial, e se conheceram num vilarejo no Paraguai composto exclusivamente por imigrantes de sua terra natal. Lá, a avó recebeu uma inesperada visita do avô, que estava à procura de uma esposa *z nashykh* ('um dos nossos', como os ucranianos fora de sua terra natal chamam sua gente e sua cultura) para mudar-se para Buenos Aires e formar família. Casaram-se no dia seguinte a seu primeiro encontro e seguiram viagem para a zona rural portenha, onde se estabeleceram e chegaram a ter os dois primeiros filhos. O avô trabalhou, até se aposentar, organizando por conta própria

83 Um relato em terceira pessoa da própria trajetória de vida pode supor um distanciamento que não está ao alcance da simples mudança na conjugação verbal, mas facilita a construção da narrativa e sua agregação comparativa às demais.

84 A Volínia é uma região de fronteiras historicamente instáveis no leste europeu, situada na tríplice fronteira atual entre o sudeste da Polônia, o noroeste da Ucrânia e o sudoeste da Bielorrússia, e que pertenceu ao Império Russo, à União Soviética, à Polônia e à Ucrânia somente no último século.

equipes para fazer perfurações de poços artesianos na longínqua e inóspita região da Patagônia, frequentemente passando meses longe de casa; e a avó, desafiada por essa ausência, como dona de casa e cuidando das crianças; as lembranças do pai sobre sua infância estão frequentemente marcadas pela vida frugal que levavam. Quando cresceu, ele se formou técnico mecânico e chegou a trabalhar em uma diversidade de obras ajudando o avô, além de alguns serviços em fábricas.

A mãe, por sua vez, nascera no bairro rural de *Castelar*, filha única de pai descendente de *gallegos*⁸⁵ e mãe descendente de italianos. O avô materno chegou a frequentar o curso de economia da *Universidad de Buenos Aires* mas não o concluiu: além das aulas, tinha dois empregos em companhias vendedoras de seguros pelos quais terminou por optar; a avó, por sua vez, trabalhava como secretária na mesma companhia de seguros em que o avô, onde se conheceram e começaram a namorar. Pouco tempo depois se casaram, e após o nascimento da filha ela deixou o emprego para dedicar-se a cuidar da casa. O avô, por sua vez, entrou para a companhia com recém-completos dezoito anos, e lá continuaria por mais trinta, antes de abrir, em sociedade com colegas de carreira, sua própria empresa vendedora de seguros. Mas muitos anos antes disso os bons resultados como vendedor na companhia já haviam lhe rendido o suficiente para que saíssem da distante e pacata zona rural rumo a *Flores*, um bairro de classe média da capital⁸⁶. A mãe de Milton, ainda criança, ficou profundamente entristecida por trocar a vida em meio às árvores, animais e quintais enormes pela rotina da cidade. Durante a adolescência, os pais a matricularam num tradicional colégio de freiras cabrinianas, onde viria a despertar interesse pela formação humana e por seguir uma vida missionária. Antes que concretizasse seus planos de dedicar-se à disseminação do evangelho ao redor do mundo, ao participar como representante de seu colegiado nas assembleias do movimento estudantil, conheceu a conturbada esfera militante portenha durante a chamada *guerra suja*, a qual pertenciam boa parte dos mais de trinta mil desaparecidos no país entre 1976 e 1983. Durante seu período de imersão na militância, fez licenciatura em pedagogia e se tornou entusiasta dos métodos desenvolvidos por Paulo Freire, que chegou a aplicar na prática

85 A Galícia é uma comunidade autônoma em uma região montanhosa do noroeste da Espanha, cuja população eminentemente camponesa compôs a maior parte da migração ibérica à Buenos Aires no início do século passado.

86 A fronteira entre capital federal e *Gran Buenos Aires*, como os argentinos se referem à maior região metropolitana do país, é um marcador importante para a cidade, aonde salve a exceção de algumas poucas localidades, principalmente na zona norte do *conurbano*, todos os bairros fora da capital tem um perfil socioeconômico desfavorecido em comparação à seus vizinhos *porteños*.

enquanto trabalhou quase dois anos como professora de jardim de infância, paixão de juventude que não levou adiante.

Após se conhecerem nas fileiras da juventude do MAS, seus pais não demoraram para irem viver juntos. Mudaram-se para uma casa alugada em um bairro distante na periferia, e mantinham-se vendendo nas feiras livres das praças da capital diversos tipos de artesanato que aprenderam a fazer com o irmão mais velho de seu pai, que já vinha trabalhando com essas técnicas em viagens pelo país e além, chegando a conhecer regiões tão distantes de Buenos Aires como a Paraíba, ainda no início dos anos oitenta. Apesar da ausência de conforto e outros requisitos que hoje considerariam imprescindíveis, viviam felizes, e chegaram a fazer uma viagem de alguns meses para a Bolívia, onde passaram algum tempo em La Paz financiando-se através da venda ambulante de panquecas. Os avós maternos, por outro lado, se preocupavam com o estilo de vida que a mãe de Milton levava, chegando ao ponto de contratar um detetive particular para descobrir em que andava se metendo. Diante da irredutibilidade da filha em cumprir suas expectativas, insistiram em que se casassem, e os presentearam com uma casa própria por ocasião do matrimônio. Pouco depois, o avô materno propôs que trabalhassem como vendedores de seguros em sua recém engendrada empresa, o que lhes garantiu um nível de renda inalcançável através da confecção de artesanato e o privilégio de serem filha e genro de seu patrão, apesar de que ambos confessam que essa convivência era difícil, e o patrão, rigoroso.

A nova condição financeira, somada a ausência de aluguel para pagar, foi revertida em saciar um desejo intenso por consumo cultural (também amordaçado pelo cerco cultural da ditadura, que chegou a proibir por lei, por exemplo, a radiodifusão nacional de música em inglês), quando, manifestando um fascínio bastante costumaz entre os argentinos de sua geração pelas praias e pela música do país vizinho, se apaixonaram pelo Brasil indo a muitos shows de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Milton Nascimento, Moraes Moreira e outros astros da Música Popular Brasileira que marcaram presença naquela época, além de haverem viajado muito, também incentivados pelo anúncio da política cambial que ficou conhecida como *el uno a uno*⁸⁷. Assim conheceram, em ocasiões diferentes, a Venezuela, Florianópolis, o Rio de Janeiro, Salvador, e por último, Recife, em viagem já no final dos

87 A política cambial *Ley de Convertibilidad del Austral* manteve por onze anos a taxa de câmbio argentina fixa entre dez mil australes (posteriormente um peso, ambas moedas do período) e um dólar, onde sua insustentabilidade fiscal foi um dos estopins da crise política desatada no país em dezembro de 2001. O *uno a uno* elevou o poder aquisitivo de toda uma geração ao nível do mercado internacional e produziu uma intensa influência cultural sobre uma geração egressa cerca de uma década antes de uma ditadura militar sangrenta e conhecida pela sua censura acachapante.

anos oitenta por indicação de amigos que haviam estado na capital de Pernambuco, em que pese haverem conhecido, nos últimos dias da viagem, a vila de pescadores de Porto de Galinhas. O fascínio pelas águas cristalinas das piscinas naturais da praia no município de Ipojuca, zona da mata sul de Pernambuco, foi tamanho que voltaram ali um ano depois, dessa vez para passar um mês. Mais um ano e retornariam com Milton, o filho recém-nascido, e assim seguiram fazendo nos anos seguintes.

Conhecer o Brasil e sua cultura, principalmente Pernambuco, provocou impacto suficiente nos pais de Milton para que começassem a alimentar a ideia de mudarem-se para o nordeste do país. O filho se chamou Milton em homenagem a um amigo que os pais haviam feito em uma das viagens ao Brasil, único neto da família materna e segundo da paterna, e era obsessão dos avós e dos tios, que o cuidavam com imenso carinho. Entretanto, a insatisfação com a vida na fria Buenos Aires como trabalhadores de escritório, a esperança de uma vida mais feliz na praia e a paixão pela música brasileira somaram-se à intrusão constante e incômoda dos avós maternos na vida diária e decisões do casal e as recorrentes crises de ovário que a mãe vinha tendo (que chegaram a lhe custar a perda de uma segunda gravidez) quando finalmente resolveram ir viver em Porto de Galinhas, decisão que os familiares e amigos não levaram a sério até que, em dezembro de 1996, chegaram a sua nova morada. A praia recém despontava como destino paradisíaco remoto nos roteiros turísticos do Brasil e do mundo, condição adquirida que ao longo da década seguinte reconfiguraria completamente sua divisão do trabalho originalmente orientada para a pesca e o cultivo do coco. O deslumbramento causado pela vida colorida e exuberante de seus recifes de coral e suas praias de águas azuis e areias brancas também convencera pessoas de outras localidades distantes, assim como os pais de Milton, principalmente moradores das grandes regiões metropolitanas brasileiras, além de argentinos e europeus, de que a pacata vila de pescadores era um bom lugar para começar uma nova vida.

Precisamos deter-nos para atentar a esse fluxo de novos moradores, que se tornou sintoma e causa da ressignificação daquele território⁸⁸, como um novo destino no cenário

88 Pelo menos desde o início do século vinte, o território nas imediações dos pontais do Cupe, Porto de Galinhas e Maracaípe pertencia a três famílias que utilizavam as enormes extensões de terra para cultivo de coco, os Brito, donos do Cupe, os Uchoa, donos de Porto de Galinhas, e os Chalaça, donos de Maracaípe. Nos pontais desses terrenos à beira mar, havia vilarejos que remontam aos séculos da colonização do litoral sul pernambucano, onde se subsistia principalmente a partir da pesca. Para os donos da terra, as famílias pescadoras serviam como a reserva de mão de obra necessária para exploração das fazendas de coco, e seus resíduos forneciam a matéria-prima necessária para a adubação. Ao longo do século XX, alguns serviços do Estado se fizeram disponíveis em Porto de Galinhas, como um posto de saúde e uma escola. Na década de 50, um estudo conjunto entre o CONDEPE e a SAGMACS (Sociedade para Análise Gráfica e

turístico nacional e internacional, pois praticamente a totalidade dos ex-turistas e novos moradores se tornaram empreendedores desse novo setor, facilitando à outros viajantes como eles a experiência que haviam tido e conseqüentemente, popularizando a praia cuja economia cresceu ao redor desses novos negócios e já havia se tornado completamente dependente do turismo no limiar dos anos 2000⁸⁹. Foram os serviços turísticos dos moradores originários da vila de pescadores que inauguraram a nova vocação daquele espaço na medida em que a renda obtida com essas atividades, demandadas por veranistas e visitantes que ocupavam as primeiras construções dos loteamentos recentes, permitia um melhor sustento que a árdua rotina da pesca. Entretanto, não abandonaram sua primazia sobre o mar, pois a maioria dos nativos que se dedicaram a trabalhar com o turismo se dividiu entre fazer restaurantes em barracas de praia, direito territorial inicialmente garantido apenas pelo respeito da posse dos nativos entre si e posteriormente objetificado em credencial emitida pela prefeitura, ou trabalhar como jangadeiros, levando turistas para visitar as piscinas naturais, atividade que só se viu regulada alguns anos depois, por ocasião de sua exploração desenfreada. A população da cidade também cresceu devido à migração de trabalhadores desses novos empreendimentos nos setores comercial, hoteleiro e gastronômico, desde outras localidades próximas, como Ipojuca, Nossa Senhora do Ó, Camela e Serrambi.

Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais) do Padre Lebrez já apontava para o potencial de exploração portuária-industrial do estuário na foz do rio Ipojuca, pontal seguinte ao pontal do Cupe, justificado pela perspectiva desenvolvimentista do padre de que o crescimento e complexificação da matriz produtiva fora do Recife levaria a um desinchaço gradual de sua população periférica, visto como um dos agravantes estruturais de sua condição subdesenvolvida. Em 1974, o governador nomeado pelos militares, Eraldo Gueiros, lançou a pedra fundamental do futuro porto, e em 1978, Moura Cavalcanti, seu sucessor indicado pelo ditador Ernesto Geisel, fundou a empresa estatal Suape. Esses acontecimentos orientaram as famílias proprietárias dos terrenos ao sul da vila de Nossa Senhora do Ó a providenciar o acesso rodoviário à região e a parcelar suas propriedades como preparação para o futuro fluxo migratório de trabalhadores e visitantes do porto. Os moradores históricos da área central de Porto de Galinhas, desprovidos de quaisquer títulos de propriedade, foram em sua maioria expulsos dos terrenos próximos à beira-mar e compensados pelos proprietários com terrenos próximos ao pantanal à oeste da praia, o que formou os bairros de baixa renda e maioria da população negra do Socó, Salinas e Pantanal, cuja fronteira se expandiu sobre a linha d'água do alagadiço conforme as novas construções se fizeram sobre aterramentos. Os terrenos expropriados mais próximos à beira-mar das que viriam a ser as piscinas naturais mais famosas do Brasil, gradualmente comprados por veranistas do Recife e ex-turistas que se somaram aos nativos já estabelecidos na exploração do fluxo crescente de visitantes, foram parcelados de acordo com um projeto em que todos os terrenos estão voltados para praças públicas, que manteve um padrão de ocupação equilibrado entre área verde e construída, em contraste com a ocupação espontânea, densa e irregular dos bairros aos quais os nativos foram expulsos, criando dessa forma uma fronteira visível entre esses bairros na população e em sua forma de ocupação do espaço.

89 Se houvesse margem para que todo devaneio se tornasse ramificação de um estudo, caberia aqui uma sociologia das fugas aos paraísos distantes, aonde chamam a atenção a reincidência de trajetórias de vida traumatizadas por experiências anteriores nas grandes cidades; a impressão, apenas momentaneamente possível, de que essas ilhas perdidas poderiam oferecer refúgio resistente ou duradouro da política, da economia e da história, essas mazelas do social; e a contradição entre o desejo de entregar-se ao remoto, e por isso, torná-lo mais próximo ou disponível.

Portanto, os turistas que buscavam assentar-se neste ‘paraíso’ distante acabaram por compôr uma nova classe dominante local, após um processo planejado de intensa expropriação e reconfiguração do espaço promovido pelas famílias proprietárias históricas da região⁹⁰ (cuja preponderância diminuiu de acordo com sua carteira de propriedades, após a venda da maioria de seus ativos durante o *boom* imobiliário dos anos 90 e 2000, dado que, exceto a família Chalaça, não viviam na região), inicialmente visando a ocupação residencial do litoral do Ipojuca pela população trabalhadora do futuro complexo de Suape. Essa ascensão se deu não só pela facilidade com que adquiriram parte considerável das propriedades imobiliárias da região a preços irrisórios diante da valorização exponencial que se aproximava, dadas suas rendas urbanas (e quando estrangeiros, frequentemente favorecidas pelo câmbio e pelo salário real superior ao brasileiro), mas também por possuírem condições simbólicas privilegiadas quando consideramos suas socializações inegavelmente mais cosmopolitas do que a da população pescadora local, em que pese a vantagem, quando se trata do sucesso comercial, na interpretação das necessidades e desejos dos turistas, *grosso modo*, seus semelhantes.

Dessa forma, a nova ordem do vilarejo tornado destino badalado separou, ao longo de quase duas décadas, os migrantes e a população originária e das proximidades pela função que exerciam na exploração econômica do turismo: os imigrantes se tornaram empresários autônomos ou de pequeno e médio porte, que junto a grupos de investidores maiores por trás dos complexos hoteleiros cinco estrelas que surgiram na região nas últimas duas décadas, se organizaram através de suas próprias associações⁹¹; os nativos da vila (e alguns poucos imigrantes das proximidades que chegaram à região ainda no início dos anos oitenta) que se mantiveram nas atividades de exploração da praia ou tiveram empreendimentos de pequeno e médio porte bem sucedidos (posto de gasolina, armazéns, supermercados, restaurantes, lojas etc.), originalmente articulados através da colônia de pescadores Z-12 e posteriormente através de organizações de barraqueiros (as barracas frequentemente são empreendimentos

90 Para uma coletânea de fotos dessa outra Porto de Galinhas a que aludimos aqui, ver a página de *Facebook* ‘Porto de Galinhas Memória Viva’, feita por moradores da praia com contribuições de vizinhos, amigos e curiosos. Disponível em < <https://www.facebook.com/PgMemoriaViva/> > , acessado em 3 de julho de 2019.

91 A nova classe dominante de Porto de Galinhas deu seus primeiros sinais de articulação institucional em 2002, quando a gestão do prefeito Carlos Santana anunciou um plano de urbanização para Porto de Galinhas que previa, entre outras coisas, asfaltamento integral das ruas, criação de mais de dez estacionamentos de 400 vagas e pavimentação da orla entre Porto e Maracaípe. A população, encabeçada pelos empresários locais que organizaram um abaixo assinado com alguns milhares de assinaturas contra o projeto, repudiou sua implementação em uma passeata pelo centro da cidade. Os protestos foram atendidos e o projeto não saiu do papel, e a partir dessa mobilização foi criada a Associação de Comerciantes e Amigos de Porto de Galinhas (ACAPG), somando-se à Associação dos Hotéis de Porto de Galinhas, já existente desde 1992.

familiares) e jangadeiros da praia, uma parcela cada vez menos expressiva da população total e cuja maioria se dedicou a serviços que exigiam habilidades dificilmente transferíveis para os recém-chegados, como o manejo das jangadas ou a maestria na cozinha dos peixes e frutos do mar da praia; e os nativos e imigrantes das redondezas que assumiram profissões autônomas ou empregos assalariados nas residências e empresas de seus coterrâneos e dos imigrantes das grandes cidades do país e do exterior, organizados a partir de associações profissionais (bugueiros, ambulantes, feirantes, taxistas) ou sem organização (domésticas, pedreiros, serviços de reparo).

Foi em meio a essa profunda transformação do espaço social da região que a família de Milton chegou a Porto de Galinhas. Falando um português rudimentar e sem os documentos necessários para alugar uma casa ou conseguir um emprego com carteira assinada, o pai se dedicou a fazer serviços e consertos elétricos e hidráulicos, habilidade que aprendera com o avô paterno, e a mãe a ensinar espanhol em um curso de capacitação para vendedores oferecido pela secretaria de turismo do município; além disso, chegaram a trabalhar como motoristas de outras crianças moradoras da vila à escola onde Milton estudava em Nossa Senhora do Ó, e ambos produziam bijouterias que haviam aprendido a fazer nos primeiros anos que estiveram juntos e as vendiam como ambulantes na praia. A mãe, que na juventude estudou canto e violão e já participara de uma banda de *blues*, chegou a fazer shows em restaurantes em parceria com músicos locais. Com o tempo, deixaram os outros empregos de lado para dedicarem-se exclusivamente às bijouterias, até que cerca de quatro anos após terem chegado a Porto, abriram uma loja no centro da vila. Até 1999, moravam no bairro do Socó, em uma casa adjacente à de uma família nativa com duas filhas, que junto das crianças da vizinhança, foram as primeiras amizades que Milton fez.

Lembra que a mãe tinha os pés rachados de tanto caminhar na praia debaixo do sol e que cerca de uma vez por mês acompanhava os pais ao bairro de São José para comprar os materiais necessários para trabalhar, onde ficava atordoado com a multidão e seus cheiros, barulhos, gritos, anúncios, brinquedos e comidas, e quando se cansava dormia na kombi enquanto os pais completavam sua lista, ansiando pelo caminho da volta, onde quase sempre paravam no shopping Center Recife e iam ao cinema, que Milton adorava. Viveram na clandestinidade durante os primeiros dois anos até que a promulgação da Lei Nº 9474, de 22 de julho de 1997, determinou os procedimentos para documentação dos imigrantes ilegais residentes no país. Em busca de um público mais amplo para seu trabalho, os pais encontraram em um anúncio no Jornal do Comércio uma convocatória para vendedores e

artistas que quisessem somar-se ao Mercado Pop, um evento itinerante que misturava feira de artesão com performances artísticas e shows ao vivo, e iniciou-se nos armazéns do então abandonado bairro do Recife, servindo como um guarda-chuva cultural para nichos do *manguebit* ao *drag queen*, passando por *skatistas* e grafiteiros, artistas circenses e jovens em geral. Participaram do Mercado, frequentemente com o filho à tiracolo, até o fim, no início dos anos 2000.

Pouco mais de um mês após haverem chegado ao país, os pais matricularam Milton no particular Colégio José Benjamin de Souza Leão, na vizinha Nossa Senhora do Ó, onde fizeram questão de pedir a dispensa (nunca cumprida) do filho das aulas obrigatórias de religião. Ele lembra que não falava uma palavra em português quando entrou pela primeira vez na sala de alfabetização, mas que naquele momento quem mais sofria era sua mãe, que lamentava a abordagem utilizada e as condições precárias do novo colégio, em comparação à escola de bairro construtivista que o filho frequentava em Buenos Aires. Pouco depois, ela chegou a trabalhar como professora de espanhol na mesma escola, uma fonte de renda fundamental na época, mas que também deixou de lado para dedicar-se ao próprio negócio. Após os primeiros dois anos a família se mudou para uma casa próxima ao mar no loteamento Merepe, isolada a três quilômetros de Porto numa região composta exclusivamente por casas de veraneio e com pouquíssimos moradores fixos. Nessa nova casa, os únicos amigos que Milton tinha nas proximidades eram os filhos já adolescentes de uma família nativa que cuidava de uma casa de veraneio à beira-mar, ou algumas crianças que vinham do Recife em uns poucos feriados. Assim, constituiu amizade principalmente com as crianças de Porto de Galinhas que conhecia na escola, boa parte delas também filha de famílias oriundas de cidades grandes que buscavam recomeçar a vida no balneário, e que assim como a de Milton, também haviam passado por trajetórias curiosas e heterogêneas até chegar ao litoral sul de Pernambuco. A estadia nessa casa não durou muito tempo, apenas porque os pais, que por si estavam bastante satisfeitos em viverem sem ninguém por perto, se preocupavam com a solidão que o filho passava dado que quase todos os amigos que tinha viviam próximos ao centro da praia. Se mudaram para uma casa de esquina na estrada para Maracáipe (dentro do loteamento planejado de Porto) no ano de 2001, e em mais alguns meses, não sem antes enfrentar uma longa resistência por parte da família da mãe, a compraram usando o dinheiro obtido com a venda da casa que haviam ganho como presente de casamento.

A casa fora desocupada pela família do dono após seu falecimento, um recifense ex-gerente do Banco do Brasil que trabalhara por anos na agência em Washington D.C. e

comprara a casa para veraneio. Aquele homem, que os novos moradores jamais conheceram, acabou inadvertidamente deixando-lhes como herança uma coleção de livros, muitos dos quais adquirira em suas viagens e que a família não quis levar, sobre os assuntos mais surpreendentes possíveis, como relatos sobre contato extraterrestre ou textos de Carl Sagan, o Bhagavad-Gita, um dicionário da língua portuguesa em seis volumes de mais de duas mil páginas cada, meia coleção completa da revista Chiclete com Banana e algumas edições d'O Pasquim, uma cópia do Hobbit de Tolkien, ocultismo, autores beatnicks etc. Enquanto não havia internet, Milton passou um longo tempo lendo aqueles livros esquecidos. O gosto pela leitura vinha também de revistas que a avó materna comprava quando ainda viviam em Buenos Aires, presentes que continuou brindando por encomendas mensais que fazia religiosamente com as revistas e outros mimos envelopáveis para Milton e seus pais. O avô, por sua vez, frequentemente levava o neto para jantar e ir ao cinema. Do outro lado da família, sua tia, que se formou psicóloga na *Universidad de Buenos Aires*, gostava de levá-lo junto com a prima, filha de mesma idade de Milton, a museus, exposições e passeios do tipo. Porém, nenhuma dessas pessoas estava lá agora, e a falta delas era muito sentida. Milton ia bem na escola (apesar de que sempre que possível evitava fazer as tarefas de casa e só estudava para as provas que tinha muito receio), mas sofria com as piadas e provocações dos colegas por ser de fora, por ser argentino, pelos longos cabelos loiros que tinha e pelo seu jeito frágil; assim, perdeu as contas das vezes em que chorou depois de ter apanhado ou ser hostilizado, se sentindo sozinho em sua estranheza, o único dentre seus amigos que viera de outro país. Também sofria com as inumeráveis piadas e trocadilhos idiotas sobre futebol, nem sequer apenas de crianças mas também de adultos, sempre que se jogava o maior clássico do futebol mundial, Brasil vs. Argentina, independente do resultado. Gostava muito das viagens que faziam de carro para praias distantes quando tiravam férias, como Maceió e Pipa, escutando e cantando a eclética trilha sonora dos pais.

Em 2004 a Prefeitura do Ipojuca fez uma pista de skate, um equipamento público raro na época (mesmo no Recife havia uma única pista pública de skate em toda a cidade), próxima ao centro da vila. As crianças da vila que tinha ruas de terra e areia fizeram tudo que podiam para conseguir seus próprios *skates* e, eufóricas e felizes, se estatelavam no chão dia e noite às duzias, enquanto aprendiam a se lançar sobre os obstáculos. Mas essas não eram as mesmas crianças que Milton encontrava na escola. O skate, um esporte marginalizado como todos os outros fenômenos sociais profundamente imbricados com a rua em nosso país, tinha uma imagem ameaçadora para os pais dos amigos mais próximos, que os proibiam de ir. Os

amigos da escola, por sua vez, gostavam mais de futebol, esporte que não chamava a atenção de Milton. Assim, quando tinha cerca de treze anos ia todas as noites para a pista nova, praticar por horas seguidas junto a outros recém-adolescentes que podiam e queriam estar na rua, uma maioria de filhos de nativos cujos pais estavam muito ocupados trabalhando para ralhar com os filhos ou não se preocupavam tanto assim. A raridade daquele equipamento também trazia muitos skatistas visitantes do Recife e outras cidades, onde a maioria já não era recém-adolescente há muito tempo, assim como seu comportamento. A pista de skate confirmava as intuições dos pais preocupados de seus amigos, pois lá de fato foram as primeiras vezes que Milton conheceu pessoas de sua idade que bebiam e fumavam cigarros e maconha, outras que muitas vezes acampavam na própria pista por falta de hospedagem, apesar de que não repetia seus gestos. Anos mais tarde, alguns daqueles amigos foram assassinados, outros serviram na linha de frente do narcotráfico portogalinhense, e outros se tornaram evangélicos, enquanto nenhum dos amigos que o acompanharam na escola seguiu esses caminhos. Mas era ali, por mais que eventualmente ainda sofresse alguma provocação ou outra, que sentia que pertencia. Dois ou três anos depois começou a praticar o surf, convencido pela grande quantidade de amigos da pista que também surfavam. Tanto a praia, outro espaço fora da lógica da escola e do alcance e interesse de seus amigos mais antigos, como o surf, eram domínios por excelência dos filhos dos nativos, as pessoas com quem quiçá Milton tivesse menos familiaridade, mas com quem descobria se sentir mais à vontade.

Na sétima série, passou a frequentar uma filial do Colégio Decisão, uma rede de escolas de bairro originária da Estância, no Cabo de Santo Agostinho. Essa transição também foi feita gradualmente pelos amigos da escola anterior cujos pais se preocupavam com a qualidade da educação preparatória para o vestibular que os filhos tinham disponível. Iam todos juntos numa condução particular, os estudantes de Porto de Galinhas e Nossa Senhora do Ó, assim como também havia conduções de outros municípios na mata sul, como Sirinhaém e Escada. A escola era mais exigente e os professores eram mais qualificados, vindos da capital. Milton lembra que ficou fascinado com as aulas de filosofia, em que os alunos abriam uma roda com as carteiras e as pessoas falavam em turnos, ouvindo suas opiniões. Só chegou a ter alguma dificuldade com os boletins já no ensino médio, quando não dava muita atenção às práticas repetitivas exigidas por alguns assuntos de matemática e química, e chegou a fazer algumas recuperações. O Cabo era uma cidade muito maior e muito mais próxima do Recife, e apesar da camuflagem oferecida pela farda, percebia-se a diferença entre o comportamento dos adolescentes do litoral sul e os de lá, em boa parte moradores da

COHAB e bairros vizinhos⁹², que iam juntos a festas de amigos, fumavam cigarros escondidos na saída da escola, iam juntos e sem os pais à capital, namoravam, e não menos importante, conheciam-se entre si há muitos anos. Os alunos que vinham de outros municípios iam ao Cabo apenas durante o horário das aulas, quando voltavam para casa todos juntos nas respectivas conduções, e conseqüentemente, não desenvolviam vínculos de maior proximidade com os alunos cabenses. Por sua vez, o espaço social reduzido de Porto de Galinhas oferecia uma vida social muito menos expressiva, onde Milton manteve um pequeno grupo de amigos praticamente constante desde o início do ensino fundamental e com os quais passava boa parte de quase todos os seus dias convivendo intensivamente, além dos que conheceu andando de skate e surfando, dentre os quais praticamente todos se formaram (frequentemente com imensa dificuldade) nos colégios públicos de Porto e Nossa Senhora do Ó.

Portanto, ao fim do ensino médio Milton se sentia exausto da vida pacata em Porto de Galinhas, e viu no vestibular uma oportunidade de sair dali para ter de cursar o que quer que fosse em alguma grande cidade. Na época, principalmente após a primeira visita do presidente Lula com o presidente venezuelano Hugo Chávez para inauguração das obras da refinaria Abreu e Lima, quase que diariamente os professores da escola comentavam como aquelas turmas, assim como toda a geração de adolescentes moradores da mata sul, seriam os futuros trabalhadores do Complexo de Suape. Milton escolheu o curso de Engenharia da Computação por acreditar ser uma carreira muito bem remunerada, depois de perceber que a facilidade com que entendia as ciências exatas era incomum, sem identificar no seu desleixo maior com a revisão e prática justamente dessas matérias uma preferência pelas humanas que só admitiria mais tarde. Não conseguiu entrar na UFPE na primeira tentativa, mas passou o ano seguinte indo ao Recife duas vezes por semana para fazer disciplinas isoladas de matemática e física em Boa Viagem, e passou na segunda tentativa. Tinha recém completos dezoito anos. Seu avô paterno, que falecera poucos anos antes, lhe deixara de herança uma moeda de ouro, que vendeu, e junto a ajudas e presentes dos pais e outros familiares, viajou por alguns países da Europa por cerca de dois meses com um amigo de escola de Sirinhaém (que fizera um consórcio financeiro semelhante com sua família).

92 O ciclo econômico expandido criado a partir do anúncio da Refinaria Abreu e Lima tornou a região do Cabo de Santo Agostinho o principal destino para moradia dos proletários oriundos de todo o Brasil, mas as condições dramáticas de saúde e segurança pública no município, agravadas principalmente no bairro pobre da COHAB, outorgaram ao Cabo, em 2014, o pior Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial do país, métrica elaborada pela Secretaria Nacional da Juventude da Presidência da República. Fonte: < <https://tinyurl.com/y46s4y68> >, acessado em 5 de julho de 2019.

Apesar da aspiração cosmopolita, quando chegou a Iputinga para dividir apartamento com os amigos de Porto de Galinhas que conhecia desde a infância (também estudantes da federal), demorou um bom tempo para inserir-se na dinâmica da cidade do Recife, da qual os pais sempre haviam se queixado por ser bagunçada, suja e confusa. A indisciplina dos amigos naqueles primeiros semestres, que na mudança para o Recife haviam deixado em Porto de Galinhas todos os seus vínculos (assim como a vigilância dos pais) e nunca haviam tido contato com aquela exuberância de festas, amigos e lugares para conhecer, custou reprovações em série e uma condição de vida bastante insalubre, apesar do suporte financeiro das famílias. Ainda no final do primeiro período, Milton abandonou o curso de engenharia quando compreendeu que entender exatas não significava que ele gostaria de trabalhar com aquilo. Mas já era tarde demais para inscrever-se no processo seletivo para o ano seguinte, o que fez com que passasse um ano sem matrícula, durante o qual os pais, muito generosos, seguiram mantendo-o na cidade, enquanto ele frequentava como ouvinte aulas de sociologia, economia, arquitetura e geografia, buscando escolher a nova carreira.

Decidiu cursar economia após fazer uma formação introdutória em teoria marxista organizada por um dos movimentos estudantis da universidade e se interessar pela reivindicação materialista histórica da primazia das estruturas econômicas sobre todas as demais, mesmo sabendo de entrada que no curso encontraria uma formação neoclássica, um dos eufemismos que os economistas usam para ministrar o neoliberalismo. Já conhecia, das conversas com os pais, algo do pensamento comunista e sobre as lutas anti-imperialistas latinoamericanas (lembra de quando sofria *bullying* dos colegas na escola porque jurava de pés juntos que a Rede Globo de telecomunicações era o governo secreto do país), mas até então, talvez por pura necessidade de diferenciação dos pais e azedume adolescente, tinha a impressão de que essas perspectivas eram idealizações ultrapassadas do social. O impacto daquele curso foi suficiente para que criasse interesse sobre mobilizações políticas e seus debates. Lembra que durante a greve dos professores de 2012, defendia os grevistas e endossava suas exigências nas conversas com colegas e no grupo de *Facebook* da sala, do qual chegou a ser banido por essa razão – atritos semelhantes por opiniões políticas se repetiram ao longo do curso, e mais intensamente a partir de 2013, conforme a República começou a mostrar suas rachaduras. Também foi bolsista do Programa de Educação Tutorial do Ministério da Educação por dois anos, onde começou a se interessar pela carreira acadêmica.

A essa altura, já conhecia o resto da cidade (durante o primeiro ano inteiro não saiu das proximidades da Cidade Universitária), que não era tão difícil como os pais pensavam, e descobriu que na realidade, o carnaval era uma festa fantástica (passara a infância e a adolescência odiando-o), onde foi apresentado a uma conhecida de amigos seus da mesma idade que ele, com quem saiu ainda por mais alguns meses antes que começassem a namorar. Ela estudava arquitetura mas gostava mesmo de urbanismo; vivia com os pais em Casa Amarela, e mostrou mais coisas a Milton sobre o Recife que todas as que ele conhecera até então. Ela e a mãe, que era funcionária da Prefeitura e fizera pós-graduação em urbanismo, discutiam frequentemente sobre as pautas correntes do planejamento urbano naquela cidade em plena expansão, conversas onde Milton ouviu falar pela primeira vez sobre o conflito que começava a ser formar ao redor do destino do Cais José Estelita. Foi também a ex-namorada quem o levou ao primeiro Ocupe, ainda organizado exclusivamente pelo DU, em 2012. Ele lembra do entusiasmo que sentiu quando compareceram juntos à convocação de repúdio da votação do Projeto Novo Recife no Conselho de Desenvolvimento Urbano, em novembro de 2012, e encontraram uma pequena multidão de pessoas acotovelando-se com a polícia que bloqueava a entrada da reunião, que gritava e batia nas paredes para impedir que a reunião tivesse andamento, confusão que só acabou quando uma ordem de impugnação da reunião e suspensão de todas as suas pautas foi apresentada.

Trabalhou por dois anos dando aulas de reforço em um espaço em uma galeria no bairro da Jaqueira (para uma maioria de alunos do Damas e do São Cássio), período em que chegou a fazer uma poupança para visitar a namorada na época em Roterdã, onde ela passou um ano estudando pelo programa federal Ciência Sem Fronteiras. Lembra do incômodo que sentiu no dia em que descobriu que um dos responsáveis de uma de suas alunas mais frequentes era também um dos principais quadros no processo de aprovação do Projeto Novo Recife perante o CDU. Na tarde anterior ao início da ocupação, se encontrou com o amigo sirinhadoara que não via há muito tempo na praça da Várzea, e enquanto almoçavam, conversaram sobre um sentimento mútuo de insatisfação com as rotinas que vinham levando, um sentimento de vazio, no caso de Milton preenchido com aulas de reforço, Econometria e modelo macroeconômicos, e duas horas por dia de trânsito no fim da tarde no trajeto Jaqueira – Terminal da Macaxeira – Iputinga. Não sabiam que iriam se reencontrar à meia-noite do dia seguinte nos portões do Cais, avisados pelo pedido de socorro enviado por Sérgio Urt. Havia algumas dezenas de pessoas atordoadas por um misto de indignação e incredulidade, e quando os agressores, os agredidos, sua defesa e a polícia seguiram para a delegacia para prestar

queixa, a sugestão de entrar no terreno tomou boa parte dos presentes de surpresa, e muitos recusaram essa possibilidade num primeiro momento, mas deixaram o receio de lado quando viram os mais entusiasmados já do outro lado do muro. Após a discussão com os trabalhadores do Consórcio, fizeram uma fogueira e ao seu redor planejaram os primeiros pedidos de ajuda e os turnos de revezamento.

Milton lembra que ficou acordado até a madrugada seguinte, pois durante o dia tiveram de negociar a permanência do grupo com a polícia militar e somente no início da noite tiveram trégua e tranquilidade suficiente para organizar o espaço e os mantimentos necessários. Na noite do terceiro dia voltou a seu apartamento para trazer à ocupação comida e algumas coisas das que pretendia se livrar e poderiam ser úteis. No quinto dia, foi para Porto de Galinhas celebrar o aniversário de seu pai, e lembra nitidamente da sensação de tremendo receio em abandonar o terreno mesmo que apenas por um dia, pensando na possibilidade daquela comunidade frágil já haver sido varrida dali quando voltasse. Retornou no dia seguinte, e dormiu ali as três semanas restantes em que a ocupação se manteve no terreno. Os pais, entusiastas da mobilização, chegaram a visitar o Cais algumas vezes enquanto esteve ocupado. Também encontrou por lá, ainda sem conhecê-la, sua futura professora de sociologia da sociedade brasileira e (alguns anos mais tarde) orientadora, em cujas aulas encontrou tudo que um dia acreditara que a economia poderia lhe dar mas nunca oferecera, a oportunidade de dedicar-se a entender o que era o Brasil. Foi detido no dia da reintegração de posse e liberado no mesmo dia graças ao auxílio do CPDH, que trabalhou incansavelmente por aquela ocupação, mas não chegou a acampar sob o viaduto Capitão Temudo, apesar de ter visitado a ocupação externa algumas vezes. Durante a estadia do terreno, fez parte das comissões de infraestrutura e segurança, e foi nas discussões em assembleia, que atravessavam as horas e os dias, que conheceu a ‘problematização’, conjunto de retóricas vagamente baseadas no sentido foucaultiano da expressão e em rudimentos de *standpointtheory* que eram muito utilizadas para arbitrar debates na ocupação, e que posteriormente se consolidariam como um subgênero próprio dos memes e discussões da esquerda *lato sensu* nas redes sociais.

Entusiasmado com a oportunidade de que o Movimento se tornasse, a partir de uma abordagem interseccional do direito à cidade e embarcando na visibilidade que aquelas discussões estavam ganhando durante o ciclo de investimentos imobiliários da Copa do Mundo, um ponto de convergência das diferentes militâncias do Recife, Milton frequentou as assembleias do MOE nos meses seguintes. Apesar de que concordava, nos momentos que renunciaram a cisão entre MOE e Direitos Urbanos, que aqueles que haviam acampado no

terreno estavam a esta altura interessados em uma experiência que não cabia satisfatoriamente dentro do já estabelecido DU, se sentiu decepcionado com a ausência de apoio por parte do movimento aos seus participantes que haviam sido detidos pela polícia após a reintegração de posse, e que agora arcavam com multas onerosas (por outro lado, pediu ajuda pessoalmente à Iara, uma das nossas entrevistadas, que generosamente o acompanhou e ajudou durante o acerto de sua transação penal). Não fez parte da organização do Ocupe Campo Cidade, apesar de ter ido ao evento, e haver participado das grandes passeatas do mês seguinte. Após se recusar a continuar trabalhando como professor particular, pela quantidade desproporcional de tempo que passava todos os dias andando de ônibus e pela convicção que desenvolvera de que a última coisa que a maioria daquelas crianças e adolescentes evidentemente saturadas precisava era uma aula, ao mesmo tempo em que buscava saldar as parcelas da multa pelo episódio da reintegração de posse sem recorrer ao auxílio financeiro dos pais, ensaiou sair desse impasse financeiro vendendo comida como ambulante, assim como seus pais já haviam feito mais de quinze anos antes.

Em apoio, os pais o ajudaram comprando um forno adequado para as necessidades do ofício, e em pouco tempo Milton estava trabalhando, recordando que a venda ambulante é um ofício cujas dificuldades próprias são enaltecidas pela mal resolvida relação brasileira com a rua e seus pertencentes. Num primeiro momento, vendia no campus da universidade, e uma vez que confirmou o prejudicado potencial de consumo da classe estudantil, em eventos no centro do Recife. Ainda assim, as coisas andavam devagar, sem conseguir resolver as dívidas que contraía com o banco e o Estado. Em meio a essa dificuldade, um amigo ex-coordenador do Coque Re-Existe de quem se aproximara durante os dias no terreno e que lhe apresentara o budismo tibetano e a meditação (assuntos sobre os quais conversavam por horas a fio) lhe ofereceu ajuda, chamando a ele e outro amigo para morarem em uma casa nova que estava montando no privilegiado bairro das Graças, partilhada com um centro de estudos e práticas budistas que ele coordenava, sem que precisassem pagar o aluguel no início. Pouco depois, Milton começou a oferecer as comidas que preparava aos frequentadores daquele espaço, enquanto ouvia com atenção os ensinamentos que estudavam naquelas também assembleias, durante a noite.

A prática na cozinha e o gosto crescente dos visitantes do centro budista pelas comidas fez com que poucos meses depois saldasse as dívidas que adquirira e pudesse se sustentar com as vendas. O amigo também lhe conseguiu um emprego como secretário financeiro de um projeto que ele vinha dirigindo através de uma ONG, onde Milton trabalhou por mais de um

ano apesar do seu péssimo desempenho organizando as contas. Naquele momento, o amigo dedicava-se a concluir sua tese de doutorado em sociologia, orientado pela professora que conhecera no Cais e cujas aulas Milton gostava tanto (depois da sociologia da sociedade brasileira, ele foi seu aluno novamente em uma disciplina sobre sociologia do consumo, onde ouviu falar pela primeira vez em um famoso sociólogo francês chamado Bourdieu, em cujo trabalho o amigo baseara sua tese), buscando compreender a partir das trajetórias de vida de seus colegas de repartição como era possível a constituição de um projeto de política cultural popular por indivíduos de origens sociais diversas. Milton chegou a fazer transcrições das entrevistas, e ficava encantado com a habilidade com que a teoria bourdieusiana permitia compreender simultaneamente as necessidades objetivas e as justificações subjetivas dos indivíduos. A essa altura, frequentava eventualmente as reuniões do MOE, que já deixara de se encontrar com frequência, e se perguntava para onde fora o sentimento potente que aquele terreno ocupado emanava.

Os cinco anos que passou no Departamento de Economia, e a inexistência naquele espaço de qualquer debate teórico minimamente articulado com o momento sociohistórico que o Brasil vinha atravessando, haviam lhe deixado receoso com a possibilidade de se inserir profissionalmente na academia, mas sentia que poderia encontrar algo ali que ainda reluzia, talvez fora da economia; um sentimento de desencontro ainda irresolvido que não podia ser deixado de lado. Fez seleção para o Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE e passou, com um projeto interessado em discutir as práticas políticas do MOE a partir das trajetórias de vida de seus integrantes. Viveu junto com o amigo até 2018, quando ele e sua família se mudaram para Portugal, e Milton retornou temporariamente à casa dos pais em Porto de Galinhas, oito anos depois de haver partido, para dedicar-se à sua dissertação. Simultaneamente ao mestrado em sociologia, se matriculou num curso de formação em terapia ayurvédica de dois anos, influenciado pela devoção recente que desenvolvera pelo budismo tibetano apresentado pelo amigo, e interessado pela compreensão sofisticada que essa filosofia antiga oferecia sobre a interdependência entre corpo, mente, prática e alimentação.

Fez essa escolha levando em conta o cenário de insegurança institucional que vem se apresentando às universidades públicas brasileiras, uma preocupação com que Milton justifica a intenção de construir um caminho paralelo à sua formação acadêmica, mas que respalda também uma incerteza mais pessoal. Percebe-se um receio sobre a possibilidade de seguir uma carreira universitária e assim, entregando-se a suas pesquisas, preocupações reflexivas e

outras névoas do pensamento, distanciar-se da lógica do ‘trabalho duro’, incorporada tanto pela família camponesa-proletária de seu pai como pela família pequeno-burguesa de sua mãe. Uma lógica que foi reinvestida pelos seus pais à sua própria maneira, junto ao capital cultural que acumularam enquanto militantes no fim da ditadura argentina, jovens *yuppies* portenhos e feirantes artesãos, na sua requintada loja de artesanato (esse objeto constituído tanto pela exuberância criativa artística e pelo cultivo do belo, como pela frieza calculista da mercadoria, da margem de lucro e da economia de escala) agora aberta há quase vinte anos, lógica essa que associada ao sentimento de solidariedade com as classes populares que orienta uma outra lógica, a militante, produz em Milton um desejo de atravessar as exigências dos campos, como se aspirasse a traçar um entre-caminho, encontrar um *entrelugar*; como se pretendesse guiar-se dizendo ‘mas e se...’, retomando o distanciamento da necessidade que marcou a trajetória de seus pais mas também atualizando suas preocupações militantes em um contexto histórico dotado de suas próprias contingências, que vieram a ser, também, uma conturbada conjuntura política para a América Latina.

4.2 MAÍRA

Combinamos com Maíra, 21 anos, de encontrar-nos na Praça do Baobá, na beira do rio Capibaribe no bairro das Graças, zona norte do Recife. Sob a sombra das árvores e palmeiras desse jardim espaçoso, comemos pipocas e paçocas para enganar a fome da entrevista na hora do almoço. Seus olhos não param de brilhar em nenhum momento nas falas que remetem ao terreno do Cais, uma característica patente de quem tem na eloquência, empolgação e criatividade. Nós nos conhecemos durante a ocupação do Cais, quando ela ainda estava matriculada no terceiro ano colegial, assim como algumas de suas amigas também presentes. Já no ano seguinte ela frequentava o curso de cinema da UFPE, seguindo os passos dos pais, ambos artistas. Desde então Maíra tem praticado e trabalhado a linguagem cinematográfica, seja participando de coletivos que utilizam a substância fílmica como instrumento para se repensar politicamente, seja registrando diretamente as ocupações e momentos de ação coletiva que encontra em seu caminho.

Nascida e criada no bairro histórico de Olinda, Maíra passou os primeiros anos de sua vida numa das duas casas no bairro dos Milagres que seus pais dividiam com cerca de uma dúzia de outros artistas, num coletivo chamado *Molusco Lama*, onde a experimentação criativa permeava a vivência diária em pleno auge do movimento manguêbit. Muitos dos que

frequentaram e moraram naquele espaço posteriormente seguiram com projetos artísticos próprios, como Fernando Peres, Lia Letícia, Lourival Cuquinha, Paulo do Amparo e Juliana Brilhante. Ela lembra desse momento com carinho, das invenções e provocações dos amigos e visitantes, num espaço onde ela frequentemente era a única criança.

(...) Foi uma casa comunitária, *à la* Ocupe Estelita, só que era uma casa que moravam vários amigos doidões, tanto do meu pai como da minha mãe, e chamava Moluscolama, a galera, tinha até um nome. (...) Eles faziam filmes, faziam blocos e lambes (...) Tem várias lendas que envolvem esse lugar... Sempre chega gente pra contar, porque eu era uma *bebê-molusco*, a única bebê nessa casa, que era nos Milagres, em Olinda, e passava gente de todos os cantos e morava gente muito enérgica, viva, acesa, criando, delirando e alopando. Diziam... De vez em quando me contam alguma coisa assim estranha que meus próprios pais dizem que nunca existiu, ou tem outras lendas que eles assumem. (...) Minha vó aliás era apavorada com a casa nos Milagres, achava que aquilo ali era uma suruba sem fim, e que não era um ambiente familiar pra acolher uma criançinha.

Nessa época o pai e a mãe estudavam na UFPE, ela design e ele uma sucessão de cursos não-concluídos: engenharia química, filosofia, direito e história. A vivência enérgica da casa coletiva chegou ao fim quando ela tinha cinco anos, passando o resto da infância em várias casas, conforme seus pais, recém separados, se mudavam diversas vezes em poucos anos, nas proximidades da Olinda histórica. Ainda assim, as parcerias ali criadas não cessaram de produzir obras e artimanhas, como o curta *Resgate Cultural*, feito entre alguns ex-moluscos, ou visitas eventuais em lugares distantes. *Quando a gente morava fora com meu pai a gente ia em países que tinha algum moluscolama morando, e visitava e se hospedava na casa.* Passado o choque inicial causado pela irreverência dos *moluscos*, ostrabalhos dos que passavam por aquelas casas nos Milagres foram se difundindo, e tanto o grupo como o contexto em que circulavam, reconhecidos como influências no campo artístico recifense na virada do século.

Apesar do pai ter sido criado em Olinda, sua família era do interior pernambucano; a mãe deixou a família em Fortaleza pra fazer faculdade em design na UFPE. Com frequência, viajava com os pais para São José do Egito, para encontrar a família descendente do bisavô, o Louro do Pajeú, expressão maior dessa terra lendária de poetas e cantadores. Maria temmemórias de brincar com muitas crianças, correndo pelas ruas e praças.

Era bom, era um momento de soltura, ficava... Mais desgarrada por aí. Lembro de algumas imagens mais persistentes, como os meninos, a gente correndo atrás de tanajura na época que elas dão em monte, a gente subindo em cima das árvores e os meninos cheios de tanajura nos bolsos e na camisa, levando pra casa pra fritar e fazer farofa de tanajura, era bem bom. Era muito gostosa, essa sensação de um enxame de pirralhada tomando as calçadas e praças e árvores, caçando tanajura. Quem conseguisse mais era herói.

Os avós maternos foram fundadores do PT cearense, contribuição em que a mãe sempre se inspirou. O avô acabou entrelaçando essa veia politizada com seu trabalho na cultura do algodão, fundando uma ONG de fomento à agroecologia; a vó é professora escolar na rede pública de ensino. Ambos se desiludiram com o PT que aprovou a reforma da previdência em 2005 e expulsou do partido seus críticos, o avô terminou abandonando a militância partidária e a avó se filiou ao PSOL. Frequentemente partiam em viagens paravisitar os avós maternos no Ceará, fosse na fazenda deles em Eusébio, nas proximidades de Fortaleza, fosse nas praias de Icapuí, onde toda a família materna se juntava na comemorações de finais de ano. Fato é que as idas e vindas eram uma constante para Maíra: fosse dentro da própria Olinda, fosse nas viagens familiares, ou mesmo nos trabalhos e exposições que iam surgindo para os pais, o movimento fazia parte da vivência familiar.

Até terminar o quinto ano do ensino fundamental, Maíra estudou no colégio ZAB, escola de perfil construtivista, *de filho de maconeiro*, no Bairro Novo de Olinda. Lá conheceu amigos que cultiva até hoje, muitos dos quais filhos dos amigos dos tempos moluscos de seus pais. Como a escola não oferecia o segundo ensino fundamental, foi necessário escolher uma nova. Enquanto a maioria dos colégios consoantes ao ZAB ficavam longe de casa, no Recife, os disponíveis nas proximidades seguiam um perfil voltado para altas taxas de aprovação no vestibular. Diante desse impasse, a família terminou optando pela Academia Santa Gertrudes, uma das escolas mais tradicionais da região metropolitana, fundada por uma congregação beneditina de freiras, no Alto da Sé de Olinda. Enquanto a mãe defendia a Academia pela proximidade de casa, o pai acreditava na importância de estudar com freiras e *opoder repressor da igreja católica* para poder instigar a revolta contra a ordem e a autoridade. A avó por parte de pai, que fora aluna da Academia, também era a favor, e portanto assim foi feito. Nessa época, Maíra diz que nutria muito respeito pela figura de autoridade das professoras, de quem buscava se aproximar ao sentar sempre na frente, respondendo as perguntas com dedicação, e ia bem em todas as matérias.

Estivera próxima da amiga Bia durante todos esses anos, *espécie de denominador comum nessa vida*, com quem compartilhou a casa dos Milagres, o ZAB, a Academia Santa Gertrudes, o Cais e o MOE posteriormente. Juntas, sempre soltas, corriam e brincavam por entre os quintais fundos das casas de Olinda, nas suas ruas pacatas, longe da ambientação mais árida dos bairros médios da região metropolitana recifense. Maíra gostava muito de ver os desenhos e séries mais intrigantes e misteriosos da programação de fim de noite dos canais infantis na TV paga, que *mexiam com coisas ocultas e forças invisíveis, tinham sempre algo de uma ciência um pouco sinistra, inquietante*. Sobre cinema, não lembra do primeiro filme que assistiu mas gostava muito da série Harry Potter, cujos livros não chegou a ler, mas seguiu um por um todos os filmes. Lembra detalhadamente do primeiro livro sem ilustrações que leu, Momo e o Senhor Do Tempo.

Era bem bom, Momo e o Senhor do Tempo. Contava a história de uns senhores, que não eram o Senhor do Tempo no caso, mas que vinham engravatados pela cidade pra comprar o tempo das pessoas. E aí eles faziam um cálculo muito convincente de quanto elas iam lucrar se vendessem o tempo pra eles, e elas vendiam, e todo mundo acabou ficando sem tempo. Momo conhecia o Senhor do Tempo e ia salvar a galera, e Momo era uma menininha-meio-menininho que morava num anfiteatro, é tudo que eu me lembro, que li esse livro. E li também o Menino do Dedo Verde nessa época, que era um menino que onde ele tocava crescia mato.

A avó paterna é a familiar mais presente na criação de Maíra. Era quem tomava conta dela durante as farras dos *moluscos-lamaou* por ocasião de alguma viagem dos pais. No vai e vem de casas seguinte ao fim das experiências nos Milagres, essa figura carinhosa e sempre de portas abertas ganhava cada vez mais proeminência, onde sua casa no subúrbio em Rio Doce se tornou um refúgio, que Maíra até hoje frequenta para ouvir as histórias e conselhos da matriarca. Diz que por lá há sempre gente sendo bem recebida, com carinho e conforto.

Minha vó é uma figura muito acolhedora, muito grande mãe, então a casa dela também é um polo de atração. As pessoas chegam muito, é uma casa gostosa, receptiva, sempre tem muitas comidas e confortos, muitos abraços (...) Sempre abraça, indiscriminadamente, qualquer um, sempre conversou muito comigo. Figura cheia de histórias, todas as histórias, de personagens que cruzaram a vida dela, histórias com H maiúsculo (...) desde a última conversa de Getúlio Vargas com a mulher que limpava o palácio, até o Vignoli, o coronel que carregou Gregório Bezerra amarrado pelas ruas de Casa Forte no dia do golpe de 64 (...) Ela sempre compartilhava essas coisas comigo, e acho que isso me acendia uma vontade, uma curiosidade de saber mais, e de uma maneira muito carinhosa, muito afetuosa.

Ligadas pela escola de freiras beneditinas onde ambas passaram a maioria de sua vida escolar, alguns anos mais tarde, enquanto Maíra esteve longe de Olinda sucessivas vezes, era sempre para a casa da vó que retornava quando tinha oportunidade. As idas e vindas familiares tomaram outra proporção quando ela completou dez anos, e o pai e a madrastra decidiram mudar-se para Londres, onde a madrastra conseguira uma bolsa de mestrado na área de comunicação, levando também seu filho e meio-irmão mais novo de Maíra. A mudança para Inglaterra foi uma reviravolta intensa, pela compreensão do tamanho incontornável do mundo, pelo distanciamento de tudo que conhecia, pela falta que sentia do Brasil. Estando lá também lhe impressionou a questão do racismo, pela diferença como este se dava em comparação ao Brasil.

Era uma sensação de estranhamento muito grande, de se sentir estrangeiro mesmo, e de transformações, porque ao mesmo tempo parecia uma ruptura grande no início. De repente você é lançado num lugar outro, outra língua, sendo mais nova, gente do mundo inteiro lá, porque era isso, Londres é uma cidade muito cosmopolita. Nesse sentido era um pouco acolhedor, por incrível que pareça. Não de se sentir em casa, mas de que existia algum elo em comum entre eu e os meninos da escola, por exemplo, de ninguém estar em casa, e alguma sensação de acolhimento se gerava no desacolhimento geral, sabe? Era muita gente de todos os cantos. (...) Sofria (*preconceito*), me chamavam de um termo equivalente a mulato lá, isso eu, branquela desse jeito. Mas também não era muito exacerbado não. (...) Foi nesse sentido que o preconceito lá, o quanto há uma diferença pro daqui, me fez perceber o quanto eu era racista sem me dar conta. Quando eu cheguei lá, lembro muito dessa compreensão mesmo. Porque aqui existia toda uma maneira de como o racismo influenciava a forma que eu olhava pras pessoas (...) como eu olhava pra mim mesma a partir de certos referentes, como eu pensava as minhas companhias, a beleza, padrões estéticos, de uma maneira muito velada (...) Lá na Inglaterra, o racismo, ele existia, mas num formato muito explícito. Onde ele existia, ele era perceptível, nítido e assinalava, tá aqui, esse é o preconceito, que era, sei lá, chamar o negro de uma forma pejorativa (...) Lá, o que existia de racismo tava na superfície, tava dito. E aí isso me espantou, não por eu ser racista e aquele ambiente lá não ser racista, mas o quanto meu racismo vinha de camadas muito mais subterrâneas e não aparentes do que o racismo com que eu me deparava na Inglaterra.

Ia muito bem na escola, onde chegou a conseguir bons resultados nos SATs, exames classificatórios para as escolas secundárias britânicas. O pai, que não tinha emprego ou projeto ao se mudar para Londres, inicialmente trabalhou como atendente num café, que não pagava muito bem, até que conseguiu um emprego que permitiu sair do aperto financeiro, como riquixá (pequena carroça leve para duas pessoas que é puxada por uma pessoa, muito

popular em certos destinos turísticos). Dessa forma a vida foi se tornando mais confortável, e o alheamento inicial dava lugar a uma saudade mais carinhosa, muitas vezes da comida da vó ou *desejo de tomar um suco de cajá, de conversar com minha mãe, que não me paralisava em nenhum sentido, muito pelo contrário, criava uma memória a ser carregada, a ser evocada, partilhada, eu contava aqui pras minhas amigas*. As amizades eram praticamente todas imigrantes, da Somália, ou de Honduras, fossem os vizinhos ou colegas na escola. Lá aprendeu que havia um mundo de fato, não como nos mapas que os professores na escola no Brasil mostravam. Após um ano e meio no estrangeiro, voltou à Olinda com o meio-irmão enquanto os pais continuaram mais seis meses no exterior, antes de voltarem ao Brasil para morar em São Paulo, onde sua mãe também estava morando. Portanto, teve de se mudar para São Paulo, mas o tempo no estrangeiro e os novos amigos haviam feito com que se afeiçoasse a Olinda, a qual deixou a contragosto para viver na capital paulista. Seis meses depois, os pais (quais? mudaram-se ao País de Gales por mais dois anos, dos quais ainda compartilhou seis meses numa nova visita ao Reino Unido. Nesse ínterim sinuoso de idas e vindas, a saudade de Olinda só aumentava, e assim sendo, voltou para a cidade natal, a casa e a comida da avó, os amigos de quem sentia falta e a Academia Santa Gertrudes, aonde continuou sua formação até o fim do ensino médio. *Um bom filho à casa torna*, diziam-lhe as freiras.

O retorno foi marcado por uma personalidade mais insurgente, principalmente na escola, onde a aluna dedicada e atenta passou a ter problemas constantes com as *forças disciplinares*, sendo constantemente chamada para a diretoria, sentando sempre no fundo da sala, perturbando a aula. *Quando eu voltei da Inglaterra já estava em outra fase da vida, eu procurava o reconhecimento mais nos colegas, nos mais desenrolados, mais do que na figura da professora*. Coincide com essa transformação uma paixão profunda que mantém viva até hoje pelo cantor Chico Buarque e sua obra.

Foi por causa de Chico Buarque que eu descobri o mundo! Nesse mundo, todo o mundo que eu vivo até hoje... Ele foi outro portal na minha vida. Com treze anos, assim, eu comecei a escutar muita coisa, ler muita coisa, assistir muita coisa... Eu lembro, acho que um momento meio emblemático disso, foi quando eu assisti um filme, com meu avô e meu tio, na Fundação, lá no Derby. Era um documentário, e ele aparecia, aí eu fiquei *pô, esse cara é massa mesmo*. E achava ele gatíssimo. Aí eu comecei a procurar mais, comecei a achar as músicas incríveis, e comecei a ler muito porque não eram só as músicas. Eu era apaixonada por ele, então comecei a ler muitas entrevistas, onde ele falava de outras pessoas, outras coisas que movimentavam ele, desde escritores até lugares e melodias. Eu ia buscando mais, e já independia dele. Essas coisas já me abriam outros portos para

outros, mas parecia que tudo tinha como um pano de fundo um amor incondicional por ele.

Essa incondicionalidade não era figurada, pois chegou mesmo a segui-lo em turnê pelo Brasil inteiro, repetindo shows em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Recife. Tamanha foi sua devoção que sua procissão chegou aos ouvidos do próprio Chico, que quis conhecê-la, e assim pôde estar com seu ídolo por alguns poucos e inacreditáveis minutos, antes do início de mais um show. Foi a partir da vastidão de referências que permeiam sua obra que chegou ao cinema de Godard, aos relatos da luta armada contra a ditadura militar, e histórias do Maio de 68 francês. Lia e relia o *Manual do Guerrilheiro Urbano*, de Carlos Marighella, consultava o que podia sobre os situacionistas e espiava os relatórios do DOPS enquanto recriava esse tempo de revolucionários madrugadas afora, *fantasmas, ecos do que tinham sido em alguma época*, sozinha em seu quarto na casa da avó, ao som da Música Popular Brasileira dos anos 60 e 70. *Eu me tocava muito pelas coisas que eu ouvia, era muito constante, eu ficava entregue a escutar música*. Vez por outras escrevia poemas, respirando história naquela parcela aparentemente insípida e inócua de século XXI. A Maíra efusiva e sonhadora ia ganhando espaço.

Ao ter cultivado com dedicação seu apreço por esse mundo rebelde, que parecia tão distante na dimensão da história, terminou por encontrar-se com os protestos multitudinários de Junho de 2013. *Até o Estelita, até junho de 2013 na verdade, todo o meu universo de referências ele tava muito historicizado, ele era a década de 60 e 70, sobretudo. (...) Então alguns acontecimentos históricos me motivavam muito, como o Maio de 68 francês, como a luta armada no Brasil. Isso também me enlouquecia*. Junto com mais duas amigas igualmente empolgadas com a mobilização política (todas já nos últimos anos do ensino médio), vinham descobrindo a partir dessa onda de passeatas e coletivos, os movimentos sociais em atividade e as diferentes maneiras de praticar a militância. Participavam das manifestações e se organizavam junto aos coletivos mais ativos naquele então. Entretanto, passados alguns meses e o calor das primeiras ondas de atos, elas começaram a suspeitar de que havia um esgotamento naquela forma de expressão política, nas possibilidades que tinha de *realmente* *intervir ou alterar as coisas*.

O círculo de amizades da gente tinha muito a ver com a galera da Frente de Luta Pelo Transporte Público, que foi um povo que se organizou e movimentou muito na época dos atos de junho. Uma galera desde *black block* à marxista-leninista-maoísta, e era muito com quem a gente andava e com quem a gente tava pensando (...) Tinha toda essa atmosfera na qual a

gente tava imersa, vinha muito de uma vivência próxima com esses outros coletivos, mais do movimento estudantil, do PCR à essas juventudes do PSOL, tudinho tava meio que misturado tocando os atos de 2013. E a gente tava muito dentro desse universo, porque a gente via algum caminho de movimentação, a gente até participava de um deles. Na verdade eu tinha acabado de sair de um coletivo chamado Juntos, do movimento estudantil, porque achava eles muito dogmáticos. E acho que tudo que a gente tava esperando era uma coisa que nem o Cais, secretamente. (...) Logo no momento antes do Cais a gente tava num momento de questionar qual era a real, o efeito, qual era o real impacto daquilo, tanto na gente como nos arredores, mas buscando algo que talvez fugisse ao quanto aqueles coletivos que a gente tava mais próxima tinham de domesticados, pra buscar uma coisa que talvez nem se pudesse nomear, sabe? Era mais ou menos o que a gente caçava, farejava.

Na noite do 21 de maio de 2014, recebeu uma ligação de um amigo avisando que os armazéns de açúcar no Estelita estavam sendo demolidos. Já os conhecia dos dois anos anteriores, quando na mesma época se organizaram os *Ocupes* de um dia, aos quais foi junto com a mãe e a tia. Já era tarde da noite, e mesmo com a preocupação compartilhada por *whatsapp* com as amigas militantes, eram todas menores e não tinham ideia de como chegar ao Cais. Apesar dos protestos da vó pelo horário e pelo lugar a que se destinavam, seu tio, também preocupado com a situação do Cais, buscou ela e suas amigas, e assim chegaram ao terreno.

Tava demolido, eu lembro da imagem... A gente debaixo, bem pequenininho, o negócio imenso, os tijolos destruídos... Era bem impactante aquela imagem. (...) Depois que descobrimos que caminhando mais pra lá tinha uma galera reunida numa grande discussão sobre fazer ou não uma fogueira, era uma galera maior. Aí quando a gente se deparou com essa discussão, fazer ou não uma fogueira, é que a gente percebeu que talvez fosse nascer algo maior do que um último grito de misericórdia.

Decidiram ficar, mas o tio não permitiu. As amigas retornaram ao Cais no dia seguinte, quando a estadia dos ocupantes já havia sido negociada com a polícia, e ficaram lá a partir daquele momento. Depois de faltar alguns dias à escola, Maíra mandou um e-mail pros pais, tentando convencê-los de que ajudar na ocupação seria muito mais rico do que manter a constância das aulas. Apesar da simpatia pela causa, não lhe permitiram, o que significou que nas semanas seguintes Maíra manteve um rito de dissimular sua presença nas aulas, saindo do Cais para chegar a tempo do horário da saída da escola, onde vestia a farda e chegava em casa como a boa aluna que aparentava ser. *E nem me importava, porque era tanta alegria, ainda com a memória da noite que tinha passado, que tanto fazia a nota que eu ia ganhar naquele*

simulado. Mais que isso, era difícil sair daquele espaço, *eu não conseguia estar longe, era uma dificuldade quase física, meu corpo não se afastava muito*. Sentia-se entregue ao acontecimento, passava todo o seu tempo à deriva no Cais, não havia razão para estar em outro lugar.

Por mais que eu consiga pensar agora na maneira como isso repercutia em mim, como isso me afetava, era justamente nessa dimensão sensível, muito mais do que qualquer outra. Porque eu não, a minha rotina tava, dizia muito mais respeito a isso que eu te descrevi de as vezes ir pra escola, as vezes não, mas passar a maioria do tempo no Cais. Mas essa dinâmica, eu não racionalizava muito sobre ela, eu não decidia muito ela, era como algo que simplesmente lhe toma. E aí você mergulha na dança, sem ter tempo pra elaborar que dança é aquela que tá acontecendo [...] Cada dia tinha a sensação de um milhão [...] Porque parecia que tanta coisa nos atravessava numa intensidade tão profunda que não tava muito no lugar deu [...] Pretender articular em linguagem pra mim o que tava acontecendo, mas simplesmente entregar. O corpo, o desejo, a disposição, a instiga. [...] Tudo isso em promiscuidade assim, tudo isso amarrado uma coisa com a outra, e a gente sentindo com uma densidade, uma dosagem alta. E era só isso, uma coisa meio de vibração, de eletricidade mesmo, que era muito forte, muito grande, então é isso, tava muito mais no campo do sensível, da maneira como meu corpo mesmo era mobilizado por aquela experiência do que da minha capacidade de enunciá-la. Eu vivi aquilo como quem lambe um mel.

Não era a primeira vez que ouvia falar em ocupar espontaneamente um espaço e transformá-lo temporariamente, como lembra dos primeiros encontros com a ideia, nos relatos das ocupações nas fábricas e universidades francesas em 1968, que *pareciam um ritmo semelhante no sentido de uma tomada radical e indiscriminada do espaço, que permitia às pessoas inventar uma nova maneira de habitar aquele lugar de origem, assim, do início de tudo*. Chegara inclusive a participar de alguns ensaios, como os *Ocupes* anteriores e a ocupação da Câmara do Recife, no ano anterior, em prol de uma audiência pública sobre o passe livre. Ainda assim, havia algo aparentemente novo daquela vez.

Eram ocupações de espaços institucionais, já com uma ordem vigente pré-estabelecida, então não tinha muita margem pra inventar um novo mundo, como no Cais, em que tava tudo em aberto porque era um descampado, porque eram ruínas (...) Um amigo chamava de *o Mirabilândia dos Lombrados*, porque era aquele negócio, de armazéns antigos à um trilho de trem, aquele silo que a gente subia de melaço, pelos vários brinquedos diferentes pra gente poder peraltar por aí, traquinar. Lá tinha um pouco disso, de uma atmosfera que parece permitir uma experiência estética mesmo, diferente, naquele lugar. Que acaba incidindo sobre a maneira como as pessoas se comportam ali, ou se descomportam. (...) Nesses outros espaços

não, eles já tinham regras até físicas, materiais mesmo, em termos de espaço, arquitetônicas, muito bem dadas, então não tinha espaço para reinvenção.

O sonho de impedir o projeto, reverter a posse do terreno e implementar ali algo que fosse afinado com o desejo dos ocupantes e da cidade também (*não só nosso, mas ali a gente tava num papel chave de tempo e oportunidade mesmo, por causa das trocas, de pensar que projeto seria esse*), se entrelaçava com algo mais presente e imediato - a possibilidade de converter a crítica ao *conceito privatista de cidade* numa *partilha coletiva dos objetos, em uma cozinha comunitária, em um sentir alguma espécie de circuito das trocas e da convivência que recusasse aquela mesma lógica na gente*. Era nesses pequenos gestos que sentia uma nova forma de ser, *um hábito de convivência que era sempre repensado uma vez que a gente tava inventando o mundo como se não tivéssemos nada atrás de nós, até porque quase que deixamos pra trás tudo*. Mas nem tudo havia sido deixado pra trás. Se num primeiro momento a ocupação se compunha quase que exclusivamente de jovens universitários, militantes do sindicato dos vendedores ambulantes e dos bairros vizinhos do Coque e de Brasília Teimosa, entusiastas do direito à cidade, conforme os dias foram passando essa composição foi mudando. Enquanto os jovens estudantes conectados no *Facebook* pelo grupo Direitos Urbanos nunca deixaram de ser maioria, conforme a ocupação ganhava divulgação e condições materiais para construir-se, crescia sua popularidade, também entre os moradores das proximidades, fosse dos bairros, das ocupações do entorno ou das ruas e viadutos ao redor, principalmente crianças. Segundo Maíra, era no lidar com essas crianças que se tornavam evidentes as limitações desse sonho de reinvenção de si e das relações.

Inevitavelmente, eu sempre lembro dos maiores entraves em relação às contradições da convivência, entre os diferentes sujeitos que ocupavam aquele lugar. No sentido de contradições de classe, de raça, contradições um tanto extremas (...) Era gente que vivia na rua né, e era convidada pra aquele espaço pelo tanto de acolhimento e recepção que ele ofertava mesmo. Não só no aspecto material de rolar colchão pra dormir e três refeições diárias, mas também uma recepção que diz respeito a uma certa troca mesmo (...) Numa interação assim, não funcional ou pontual. Com pessoas que tanto pra elas quanto pra gente, pra quem essa interação não habitava o imaginário do possível, do comum. (...) Foi uma confusão doida assim, porque de repente existia na gente – a gente juventude universitária *prafrentex* – uma ânsia em dar conta daquele acontecimento, que as vezes acabava seafobando. E, por exemplo, romantizando a existência daquelas figuras como os grandes anti-heróis que a gente apenas celebra e endeusa gratuitamente, o que é tão objetificante quanto quem vilaniza, no limite. Porque a idolatria, ela *coisifica* também, a pessoa. (...) Parecia que tinha sempre um excesso de

compensação por causa dos privilégios que a gente ocupava em relação a eles, e que romantizava o lugar deles, paralizando o que poderia ter de mais fluido do contato.

Isso não impediu que houvesse aprendizados mesmo nesses aspectos mais problemáticos do dia a dia no terreno. Quando perguntada do maior mérito da ocupação ter acontecido, responde: *permitir que nenhum de nós pudéssemos sair os mesmos. Talvez nunca tenhamos sido os mesmos na nossa vida, mas ali tinha uma vocação pra despertar isso nas pessoas que era evidente, o quanto não se voltava atrás.* Quando saíram do acampamento, conta, não podiam deixar de reproduzir parte do que haviam vivido ali em outros espaços, em outros aspectos de suas vidas.

Eu fico achando que o maior impacto que o Cais trouxe, em termos do daqui pra frente que tu pergunta, diz respeito a como foi um ativador mesmo, disparador no percurso de cada um que passou perto daquela vida, de ir invocando ela durante o seu caminhar, de seguir diferente. Esse seguir diferente diz respeito a provocar um pouco de ocupação onde passa, sabe?

Essa influência é visível na própria continuidade da disputa pelo destino do Cais depois do fim da ocupação, pensada com os demais simpatizantes que se reuniam para organizar atos, informar-se sobre o andamento dos trâmites legais relativos ao Novo Recife e mesmo de outras questões, como apoio a outras ocupações e movimentos. Esses debates agora eram focalizados pelo Movimento Ocupe Estelita, mas sua razão de ser não era somente enfrentar as ilegalidades e ‘privatismos’ do projeto e da forma de produzir o espaço urbano em geral.

Eu adorava assembleia, uma das coisas favoritas... Ficar assistindo assembleia, foi uma grande escola mesmo. (...) Eu ia pra assembleia só porque, quase que tanto faz o que fosse discutido na assembleia, porque depois a gente sabia que a gente ia parar em algum lugar (...) passear por algum canto da cidade, e acabar todo mundo dormindo na casa de alguém, todo mundo comendo pão com margarina ou mortadela no dia seguinte, um sacão de pão, do mesmo jeito que a gente comia no Estelita, e de lá já engatar numa panfletagem decidida numa assembleia anterior. Mas talvez o que mais nos mobilizasse fosse só sentir um pouco daquele aroma que era exalado no momento em que a gente construiu alguma coisa como o Estelita no espaço do Cais, que a gente tentava acessar e reacender a cada vez que alguma constelação parecida de pessoas se encontrava e podia experimentar a vida e a cidade de uma maneira próxima àquela que havia sido descoberta durante a ocupação.

Diz que só algum tempo depois se isolou do novo círculo de amizades e vivências, por um mês, para dedicar-se a estudar pro ENEM, onde conseguiu um bom resultado, entrando pro curso de Cinema da UFPE pouco mais de seis meses depois da reintegração de posse. Seguiu assim o caminho da tradição artística de sua família, assim como da formação do pai, pois antes do cinema chegou a cogitar cursar filosofia (ambas áreas que o pai havia percorrido, fosse nos tempos em que cursava a mesma filosofia no CFCH da UFPE, ou quando chegou a filmar clipe com a irreverente banda *Textículos De Mary*, ou mesmo na produção do *Resgate Cultural*). Ao mesmo tempo, a universidade se apresentava como um ambiente familiar após as convivências no Cais, como se aquelas pessoas que conheceu apontassem um caminho.

Curioso, o Estelita foi fundamental pra mim entrar na universidade... Porque em algum momento eu sinto que o que eu tava fazendo também era reverberação de parte das vivências do Cais, e eu fui estudar num lugar onde muita gente que tava lá estudava também. Então parecia que eu tinha alguma familiaridade com o espaço da universidade, que vinha daqueles contatos, daquelas experiências na ocupação. Então tu, por exemplo, a gente ficou muito próximo quando eu entrei na universidade, e nos conhecíamos de lá. Tinha um universo de pessoas que o Cais me apresentou e que até hoje eu sou muito grata... Isso na minha vida de vez em quando se revela, que as pessoas que mais me mobilizam e transformam são as pessoas com quem eu me aproximo no ambiente de ocupação.

Apesar do carinho pelas amizades da ocupação e pela extensão daquele acampamento que de certa forma aquele novo ambiente representava, decidiu ir viver em Niterói quando recebeu a confirmação de que também havia sido aprovada na Universidade Federal Fluminense, mais reconhecida pela sua formação na área. A afinidade pelo ato de ocupar fez com que estivesse sempre atenta a esse tipo de movimento onde quer que fosse, sempre viajando com frequência como os pais faziam desde o início de sua adolescência. Ela ressalta que nas demais vezes que pôde participar de coisas parecidas, cumpria um papel mais gestor, de organização, que exigia dedicação física e esforço muito maiores, ao contrário da fruição que diz ter vivido na primeira experiência. Organizou ou participou de diversas outras ocupações, como as pela reabertura do Ministério da Cultura, no Rio de Janeiro e em Recife, como as ocupações do Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho do inconcluso Instituto de Arte e Comunicação Social da UFFe *Boa parte do que me movia a encampar essa missão tinha a ver com, era o cheiro que eu tinha sentido no Ocupe Estelita, e a possibilidade de senti-lo de novo. E um dos adesivos grandões que tinha no IACS era “Eu ocupo o Estelita”*. O significado de uma ocupação para ela, portanto, é o da negação dos valores e

formas de se relacionar convencionais, '*o mundo lá fora*', dentro de um espaço fora do alcance dos poderes disciplinares durante um tempo limitado.

Fui na ocupação do MinC no Rio e era um desastre. As pessoas criavam toda uma casta de comando e governo sobre aquele espaço, com direito a todos os órgãos estatais, como polícia, que se camuflava sobre o nome de uma comissão de segurança. As pessoas tinham pulseirinha pra entrar, as pessoas tinham horário pra entrar ou não entrar, e tinha um núcleo rígido e evidente dos que comandavam e dos que decidiam as coisas. Era realmente a aversão de tudo que a gente acredita que um ambiente de ocupação pode trazer ali, eles negavam. Era uma réplica do mundo lá fora.

Desde que entrou para o ramo do audiovisual, tem se conectado com projetos que trabalham o vídeo como instrumento pedagógico para repensar narrativas de si mesmo, como nos casos do coletivo Vídeo nas Aldeias, ou dos projetos Fazer o Mundo Fazendo o Vídeo e Inventando com a Diferença. Dessa forma vem fazendo do capital artístico consagrado de sua família por parte de pai, um instrumento para uma militância menos autoral, no sentido artístico, mas mais marcada por um senso de responsabilidade e luta pela igualdade, marca da influência militante dos avós maternos de quem fala com admiração. Assumindo essas heranças, Maíra parece buscar uma arte experimental mais popular, engajada e pedagógica, como quem quer meios para continuar *provocando um pouco de ocupação por onde passa*.

4.3 IARA

À diferença do restante das entrevistas, onde fui ao encontro dos entrevistados, Iara veio até minha casa em Porto de Galinhas, um lugar pelo qual tem um grande carinho pois a família tinha uma casa de veraneio no balneário. Nós nos conhecemos por ocasião da ocupação do Cais: ela tem 28 anos, nasceu e viveu praticamente toda sua vida em Casa Caiada junto aos pais e a irmã e irmão mais novos, na casa em que o pai vive até hoje. Seu avô paterno, morador do bairro da Várzea que trabalhava como agrônomo para a Secretaria de Agricultura do Governo do Estado, era uma pessoa de confiança do ex-governador Miguel Arraes. Já naquela época o avô de Iara percebeu que algumas culturas, como a da uva, por exemplo, davam muito certo na região do semiárido pernambucano com os cuidados adequados, e logo passou as descobertas para o gabinete onde trabalhava. Viajava

frequentemente para diferentes lugares no sertão, e foi entre essas idas e vindas que ele se apaixonou por uma jovem do município de Floresta, a futura avó de Iara.

Minha vó por parte de pai é do sertão, de Floresta. E meu avô é do Recife, ali da Várzea. Meu avô era agrônomo, trabalhava pro Governo do Estado. Era uma pessoa de confiança de Arraes. Meu pai fala com muito orgulho, mas eu fico toda assim, porque segundo painho foi Vô quem deu um pontapé na cultura da fruta no sertão, na beira do São Francisco. Então assim, a fruticultura irrigada, que hoje é objeto aí do agronegócio, segundo painho, foi meu avô quem descobriu. Eles moravam perto do rio né, e meu avô tinha... Plantava, ficava fazendo testes e tal. Os experimentos dele. E ele percebeu, por exemplo, que plantar uva ali, na beira do São Francisco, dava muito certo. Então passou isso pra gestão de Arraes e tal. E aí ele conheceu minha vó, porque viajava muito pelo interior. E foi nessas viagens que ele conheceu minha vó, aí pronto. Minha vó contava que no São João... Minha vó era muito católica, muito beateira sabe? E supersticiosa né, principalmente esse povo do interior. Fazia muito dessas simpatias, não sei o quê. Aí no São João minha vó fez aquela simpatia da bananeira, que você a meia-noite, acho que na verdade é em Santo Antônio, você crava uma faca no caule da bananeira, e aí no dia seguinte aparece riscado no caule o nome do seu futuro esposo. Segundo ela, apareceu o nome Nino, e o meu avô, que ela ainda não conhecia, se chamava Liberalino, e o apelido era Nino. Aí pronto, essas coisas, assim.

Feita a simpatia que uniu o casal, alguns anos depois veio o pai de Iara, que chegou a nascer no Recife mas já no início da infância mudou-se e viveu até a maioridade perto do rio, na cidade sertaneja de Belém do São Francisco. Quando cresceu, voltou à capital para estudar engenharia elétrica na Universidade Federal de Pernambuco, onde também fez o mestrado, antes de se mudar para Londres para escrever uma tese de doutoramento no University College na área da eletrônica de alta frequência. Voltou ao Recife para continuar seu trabalho como professor do Departamento de Engenharia Eletrônica e Sistemas, onde entrara ainda no mestrado em 1979 e continua dando aula até hoje, com quarenta anos de carreira.

Por outro lado, a família de sua mãe, originária de Pesqueira, vivia no bairro da Madalena. O avô materno de Iara era servidor público e sua vó dona de casa, o que permitia sustentar os sete irmãos. Apesar das dificuldades, a mãe sempre foi aluna aplicadíssima, e dentre as cinco irmãs e um irmão, foi a única a estudar em escola particular, quando os pais decidiram fazer um esforço para matriculá-la no tradicional Colégio Veracruz, no bairro das Graças. *Segundo ela, ela era a pobre da sala, sabe? Só tinha o pessoal rico e tal, e ela ficava toda deslocada.* A mãe também lhe conta que o avô era muito alegre e gostava da casa cheia, de estar junto da família, faz. Apesar do aperto financeiro da juventude, a mãe conseguiu se formar inicialmente em psicologia na UNICAP, e algum tempo depois de Iara ter nascido, em

Direito na FDR, seguindo a carreira do tio-avô de Iara, irmão de seu pai, que foi desembargador e chegou em duas ocasiões diferentes a ser presidente do Tribunal de Justiça de Pernambuco. Passou em um concurso para funcionária da Caixa Econômica Federal, e nela fez carreira até se aposentar. Conheceu o pai de Iara em um barzinho perto da avenida Beira-Rio, quando ele a paquerou até convencê-la a dançar. Algum tempo depois se casaram e foram viver no bairro de Casa Caiada, onde criaram as três crianças. Iara lembra sorridente que desde pequena cantava afinadas e de cor as canções de lendas da Música Popular Brasileira enquanto o pai tocava habilmente o violão, sempre a chamá-la nas horas mais inesperadas, quando ela interrompia o que quer que estivesse fazendo pra acompanhar sua música.

Meu pai toca violão, e toca muito bem. Ele sempre tocou pra gente, tal, e dos três a que se interessou fui eu. E eu ficava cantando com ele, e era superafinadinha, aí ele gostava. Era onde eu sentia que eu tinha a aprovação dele, sabe? Era na música. E aí eu me empenhava. Me empenhava, podia estar cansada, podia ter acabado de acordar, que as vezes ele fazia isso, eu tinha acabado de acordar, tava com aquela voz horrorosa, e ele me chamar pra cantar todo animado, eu não ia dizer não. Eu sempre cantei com ele. E eram sempre essas músicas. Foi com ele que conheci Cartola, Nelson Cavaquinho, Chico Buarque, Tom Jobim, Zé Ketti, Paulinho da Viola, tudo ele. E aí é uma galera que eu escuto até hoje. (...) Meu gosto de música não mudou muito não... Sempre gostei do que eu gosto hoje, samba, bossa nova... Que foram músicas que eu aprendi a gostar com meu pai. Eu pequeninha cantava Cartola com ele. Nunca gostei muito das músicas que meus amigos gostavam... Kell Key, essas coisas ‘popzonas’, Latino... Nem brega, não gostava de brega. Porque eu também não ouvia, ouvia mais nas festinhas. Era mais essa influência de painho. Aí depois de mais velha eu fui descobrindo outras coisas, adoro a música pernambucana, essa coisa mais experimental, de mistura. Isso, gosto muito de frevo também. Maracatu. Cultura popular. Tenhos escutado muito Cátia de França, sensacional. Psicodelia nordestina, Lula Côrtes, Ednardo, o pessoal do Ceará... Ednardo, Belchior, Amelinha... Esses todos.

Brincava com as crianças vizinhas na rua, subindo nas árvores, jogando bola e esconde-esconde, mas também gostava muito das bonecas Barbie e dos blocos de montar Lego. Passavam quase todos os feriados e verões em Porto de Galinhas, e viravam as noites de ano novo na praia. No São João sempre iam a alguma cidade do interior; Iara diz que tem saudades da comida sertaneja da vó: *Gostava de munguzá, que era um mingau... Munguzá não, umbuzada, que era um mingau de umbú que minha vó fazia. Minha vó sertaneja né, então ela sempre pedia pra painho arranjar umbú pra ela, e ela fazia umbuzada. Só eu e painho gostávamos de umbuzada, ninguém mais. Gostava da canjica de vó, vó fazia a melhor canjica. Era muito gostosa... Que canjica gostosa.* Não gostava muito de desenhos animados, preferia as novelas e o vespertino Videoshow, ou o cinema, onde gostava de ver aventuras

como Jumanji, seu filme preferido. Gostava de ler romances policiais, como as histórias da britânica Agatha Christie sobre o inspetor Poirot, que pegava emprestadas da mãe, ou os enigmas dos *bestsellers* de Dan Brown. Era fã da saga do bruxo Harry Potter: *A-do-ra-va. Adorava, adorava Harry Potter, marcou muito*. Ainda pequena, aprendeu a rezar de acordo com a tradição católica dos pais (que ocasionalmente vão à missas), e rezava antes de dormir pedindo saúde, alegria, e que os pais nunca se separassem. Sobre os estudos, conta que era *muito CDF*, mas nunca obtinha a aprovação do pai sobre seus resultados.

Eu era muito CDF, em todas as matérias. Até em exatas, que eu era menos... A minha habilidade era menor. Assim, pro meu pai né. Meu pai me botava lá embaixo. Porque eu não era, na cabeça dele, eu não era tão boa em exatas, embora eu fosse a primeira da turma. Era mais fácil ele acreditar que a escola não exigia do que que eu fosse uma boa aluna. (...) Assim, hoje em dia a gente tá muito bem. Amo muito ele, é uma das pessoas que mais admiro assim, mas meu pai foi muito malvado comigo quando eu era criança. Meu deus, ficava me comparando com meu irmão, só porque meu irmão era... Ele achava, muito melhor em exatas que eu. (...) Ainda bem que... Eu tinha tudo pra odiar meu irmão, porque meu pai ficava me comparando a ele e tal. A sorte é que ele não entrou nessa, de se sentir superior à mim, que teria tornado ainda mais difícil... Hoje nós somos muito unidos, e ele entendia o que é que painho fazia comigo. (...) É isso, meu pai me punha pra baixo, eu era a 'burra'. Não só em matemática, em tudo, porque saber matemática era o referencial de inteligência né.

Iara e os irmãos estudaram toda sua vida no Colégio São Bento, instituição tradicional de Olinda. Os três eram alunos exemplares, ao ponto de que os três ganhavam bolsas parciais. Não que a família precisasse, considerando que ambos os pais são funcionários públicos de carreira e já estavam bem estabelecidos quando as crianças nasceram. *A gente sempre viveu com algum conforto, mas nunca ostentando. (...) Nunca foi de ostentar, nunca foi de ter luxo, sempre teve coisas simples, por mais que tivesse condições de ter coisas melhores, sabe? Mas sempre direcionaram o dinheiro pra um uso consciente, racional, e pras coisas que importam. Tipo, a única coisa com que meu pai não economizava era livro, mas roupa, brinquedo, essas coisas assim, nunca rolou*. O jeito comedido também ganhava forma nas poucas palavras e semblante fechado do pai (*meu pai faz as coisas, mas é muito fechado, eu não sei direito o que é que tá rolando com ele*), que embora tocasse canções doces para ouvir a filha cantar, podia também ser seco como o que conta dos avós, agreste como a terra da qual haviam partido anos atrás, em Belém do São Francisco.

A minha relação com meus avós paternos era mais próxima, até porque eles moravam muito perto da gente. Mas eram pessoas muito fechadas. Minha vó, por exemplo, bem sertaneja, meio desconfiada, calada... Meu avô também era assim, na dele. Não eram de jeito nenhum carinhosos, de ser aqueles avôzões, de dar chamego, de fazer carinho e tal. Eles sempre foram muito contidos nisso aí, em demonstrações de afeto. Inclusive meu pai teve uma educação muito rígida, muito dura. Meu avô batia muito, assim, castigava muito ele e a irmã. Meu pai também não recebia doçura nenhuma por parte da minha avó. E eu sempre achei eles muito queridos, gostei muito deles, embora sentisse um pouco de falta dessa relação mais próxima.

A dureza desmedida e machista com que cobrava a dedicação aos estudos (valia a pena gastar dinheiro em livros e deviam prestar atenção especial à matemática) visava garantir que os filhos tivessem a mesma disciplina e familiaridade com a linguagem que lhe permitiu sair das margens do São Francisco para o mundo, ainda que às custas da mesma aspereza da relação que ele mantinha com seus pais. Além disso, seu gosto pelas músicas e comidas populares, as visitas e conexão afetiva mais expressiva com a família do interior (*eu não tinha proximidade, mas tenho muito carinho por meus primos por parte de pai, sinto que a gente tem muito mais afinidade do que eu tenho com os meus primos por parte de mãe*), seu gosto pelas músicas e comidas populares, e mesmo a familiaridade com um certo pensamento mágico, comum a uma parcela das frações populares urbanas também originárias do interior, denunciam a identificação que Iara nutre pela parte de sua família que veio do Sertão.

Nossa casa anteriormente era de uma velhinha, e aí meu pai dizia que ela mantinha um quatinho nos fundos da casa, onde ela fazia uns trabalhos. Pois é. Aí a faxineira lá da casa de painho, Simone, ela é bem sensível assim, a essas coisas. Ela já viu essa senhora. E o doido é que ela descreveu a senhora, e conversou com ela, e ela sem entender... Não tava entendendo que aquilo ali era um espírito, era um... Achava que era uma pessoa mesmo. Só percebeu que não era quando a pessoa sumiu, assim. Ela abaixou pra pegar um isqueiro que tinha caído, quando ela levantou a mulher não tava mais lá. E ela me descreveu a mulher, e aí eu fui perguntar pra painho, como era a senhorinha que era dona da casa. E ele me descreveu, Milton, com exatidão, mas exatamente as mesmas palavras de Simone. ‘Ah, ela tinha um cabelo todo branquinho, uma cara bem redonda, bem redonda’, foi exatamente como Simone descreveu. Aí eu, oxe, fiquei toda arrepiada. Mas enfim, é isso, tinha esse quatinho que até hoje existe, e era onde essa senhorinha fazia os trabalhos.

A pele parda de Iara, junto ao *habitus* sertanejo do pai que ela buscava incorporar espelhando-se nele lhe faziam sentir deslocada na escola entre os amigos (como a mãe também se sentira quando ingressou no prestigiado Veracruz nas Graças, vinda de uma condição mais humilde, das proximidades do Mercado da Madalena), alguns dos quais

pertenciam a famílias ricas e brancas, em cujas casas Iara percebia que algo a distanciava daquelas pessoas, ainda que não soubesse exatamente como lidar com aquilo na época.

Eu tava nos grupos populares, sabe? Mas eu não me sentia completamente inserida nesses grupos, e isso me deixava meio chateada assim. Sei lá... Não me identificava direito com a galera, mas sentia uma necessidade dessa aceitação social, então ficava. (...)Tinha uma amiga, uma grande amiga minha, era minha melhor amiga na época, não sei como é que minha mãe deixava eu andar com essa menina. Que era bem riquinha, bem riquinha mesmo, a família dela me adorava, me adotava assim, eu era tipo a escurinha que eles toleravam. Teve uma cena, uma vez que a gente tava lá, na casa dela, que e a gente foi beber água, e aí eu peguei o primeiro copo que vi, um daqueles lisos de requeijão. Aí ela me perguntou porque eu tava pegando um copo daqueles, e eu sem entender nada porque lá em casa a gente usava esses copos né? Mas ela tava rindo disso, '*Na casa de Iara eles tomam água no copo de requeijão!*', ela dizia... E assim, e rindo, e eu não entendi aquilo dali, *é, é copo, dá pra beber água, a gente vai beber água nele...* Mas eu me senti humilhada ali naquele momento, sabe? Porque ela tava rindo de mim porque na minha casa a gente reaproveitava o copo de requeijão. Enfim, eu me sentia muito... ela me botava muito pra baixo, sabe? Me dava... A mãe dela me dava umas roupas velhas, mas minha mãe ficava arretada, e eu não entendia porque mainha ficava arretada, porque eu adorava as roupas. Mas parecia muito um lance de *vamos dar aqui essas roupinhas aqui que vocês não querem pra prima pobre*, sabe? Mainha ficava arretada. Embora minha família nunca tenha sido pobre, mas nunca ostentou, e sempre, e pra fora, sempre foi vista como pessoas muito simples, sabe? Meu pai só andava com as roupas bem surradas, e tal. aí depois, só depois foi que eu comecei a me ligar de que eu era a pobre escurinha de criação. (...) Eram todos muito muito brancos, e eu nunca tinha pensado nessa coisa de racismo. Também não vou dizer que eu sofria racismo, mas eu me sentia diferente quando eu tava com eles, sabe? Eu sentia que eu era diferente. E eles tratavam muito mal as empregadas, as duas eram bem pretas. E eu achava aquilo muito doido, e eu me sentia muito mais próxima a elas do que a eles. Isso me deixava muito mal, sabe? Porque a forma como eles tratavam elas de alguma forma me atingia. Enfim, eram extremamente racistas, do pai da menina dizer *olhe, pode namorar qualquer pessoa, menos com um cara dessa cor ó*, ele dizia, batendo na mesa preta.

Frequentemente se cansava de estar com muita gente por perto, quando se refugiava sozinha na biblioteca durante os recreios. Mas a escola era mais que isso: foi lá também que conheceu o teatro, uma paixão em que podia se investir para além dos estudos aos quais ela e os irmãos se dedicavam fielmente, um espaço onde podia ser reconhecida por algo além dos boletins excelentes que pouco comoviam seu pai, no qual não pôde se delongar muito além do curso vespertino que frequentava durante o fim do ensino fundamental.

Acho que foi a única coisa que eu fazia e sentia '*Pô, eu sou boa nisso*' (...) Eu fazia teatro na escola, e amava, amava, amava... Me marcou tanto que... Sei lá, ao ponto de viver isso sabe, de constatar que era a única coisa que eu

sentia que sabia fazer. É isso, eu era boa, era desinibida, era toda espivetada, eu sempre pegava os papéis principais, sempre a professora me botava nos papéis principais, e aí eu gostava muito. (...) A primeira que fiz foi sobre a mitologia grega, sobre a história do teatro. E aí falando de onde vinha a palavra... Eu pegava uma plaquinha e fazia *‘do grego, teatro – lugar onde se vai para se ver’*. Essa foi minha primeira fala. E pronto, depois teve... Acho que era a princesinha e o sapo, uma releitura de Cinderela. E aí eu era a princesinha, usava umas botas. Tinha duas irmãs muito malvadas, filhas da madrasta, que me colocavam pra baixo e aí rolava uma cena de choro, super longa. E eu chorava, chorava mesmo... Era bizarro pô, muito engraçado. A outra foi sobre a cultura pernambucana, sobre a história de Pernambuco. Contava sobre a Revolução Pernambucana, tinha a parte dos poetas... Tinha declamação de poema. Essa foi maravilhosa... Era *‘As Mais Mais de Pernambuco’*. Era bem legal, lembro dessas três. Acho que foram uns três anos, no final do ensino fundamental.

Já na adolescência, sofreu *bullying* quando foi uma das últimas entre suas amigas a mostrar os primeiros sinais da puberdade. Enquanto esse novo momento não vinha, os garotos dos quais ela gostava só queriam saber das suas amigas, *e eu era bem magrinha, bem pequenininha, e a galera tirava onda. O bullying acabou quando eu comecei a ganhar corpo.* Junto vieram as primeiras paqueras, e com elas, o confronto com o machismo, fortalecido pelo seu jeito caxias de ser. *Eu tinha muitos problemas com isso, de paquera, de ficar, eu sempre fui muito puritana, muito certinha. Rolava também um estigma né, da mulher galinha, da mulher puta, enfim, isso daí mexia muito comigo, muito. E eu jamais queria dar motivo pra ser chamada daquela forma, então eu me tolhia muito, e acabava reproduzindo isso também com outras mulheres né? Olhava torto pra uma menina que ficava com mais de um menino, essas coisas...* Por volta de sua maioridade, os pais resolveram se separar, um período difícil que confirmou um medo antigo da infância, mas que com o tempo foi bem resolvido.

Iara só conseguiu uma trégua desse círculo do mundo escolar e das cobranças do pai quando conseguiu passar no vestibular da Faculdade de Direito do Recife já na sua primeira tentativa, depois de escolher o curso por exclusão da engenharia (por desinteresse nas exatas) e da medicina (pelo imenso desafio que significaria). A conquista abriu os olhos do pai para a possibilidade de que a filha tivesse uma individualidade própria.

Eu não ia fazer um curso que não fosse Direito. Ele não aceitaria um outro curso. Um curso que ele... Que não fosse direito, medicina ou engenharia. Tá bom, vamo nessa. Aí fiz (...) Foi quando ele começou a me respeitar, quando eu passei em Direito. Tipo, aquela burra? Passou em Direito na federal de primeira? Então quer dizer que ela não é tão burra? Aí foi quando ele começou a me enxergar nas minhas individualidades. Já vi ele no meu quarto olhando os meus livros... *Ah, você gosta de poesia!* Como se ele tivesse começado a se preocupar com saber quem é a filha dele, sabe?

A estratégia bem sucedida para ganhar a admiração do pai, entretanto, veio às custas de um curso que, nas suas próprias palavras, odiou do início ao fim. *Não tinha perspectiva assim, no Direito... Odiava tudo, odiava aquela faculdade, aquelas pessoas.* Ainda assim, diz que fez o possível para seguir as cadeiras. Mas a casa de Tobias Barreto escondia mais que disciplinas e conservadorismo: foi em seus corredores que encontrou um espaço que cultivava um sentimento de solidariedade pelos desfavorecidos, compreendido por ela a partir de sua herança do *habitus* sertanejo da família paterna e dos ensaios de posicionamento político aprendidos com o lulismo da mãe, e que apontava um norte para seu caminho através de uma das faculdades mais tradicionais do país.

Eu tinha alguma ideia do que era ser de esquerda, ser a favor do povo... Tinha umas ideias muito pouco elaboradas, sabe? Mas minha mãe sempre foi de esquerda e isso foi muito determinante pra mim. Eu vi minha chorando com a posse de Lula em 2002, eu tinha doze anos, então eu olhei e pensei *vêi, esse cara é muito importante... Tá acontecendo alguma coisa muito importante aqui.* E é isso, eu fui me aproximando da esquerda meio que sendo levada... E fui aprendendo. Primeiro me declarei de esquerda, mesmo sem saber direito o que era. Eu dizia que Lula era maravilhoso, que era PT mesmo, que era a referência de esquerda que eu tinha. Aí pronto. Depois votei em Lula, tirei meu título com dezesseis anos pra votar em Lula. (...) Eu só fui aprender melhor quando eu tava na faculdade, quando eu entrei no NAJUP, que é Núcleo de Assessoria Jurídica Popular, que era um grupo de extensão. O pessoal falava de luta de classes, operário, donos dos meios de produção, e eu ficava muito atordoada, porque eu não entendia o que era aquilo, sabe? Não entendia. *Porque a gente tá falando disso, o que é que tem a ver? Não tô entendendo.* Pra mim era tudo muito estranho, sabe? Aí depois fui entendendo. Foi bem na faculdade que eu fui apresentada de fato à esquerda.

Além do NAJUP, também se juntou ao Movimento Zoadá, organização estudantil de esquerda que esteve adiante do diretório acadêmico da faculdade naquele período e que, dado o posicionamento da FDR em relação às demais instituições acadêmicas, cumpriu um papel articulador no período das mobilizações e protestos que viriam à tona a partir de Junho de 2013. Chegou a fazer ainda um ano de intercâmbio na Alemanha ao longo de 2013, ano a partir de cuja metade a faculdade que Iara não suportava mais se tornou palco e ponto estratégico para incontáveis atos, protestos e assembleias estudantis, a maioria dos quais protagonizados pelas amigas militantes que ela havia começado a encontrar a partir do Zoadá. Ela só retornaria ao Recife em abril de 2014, com apenas dois períodos pendentes para se formar, mas decidida a abandonar o curso definitivamente. Pensava em um retorno ao teatro, que não chegou a se concretizar (*Decidi voltar ao teatro agora, mais velha (...) mas já*

não era a mesma coisa... Rolou essa constatação de que hoje não é isso que eu quero). Foi pouco depois de sua volta à Olinda e sua faculdade que ficou sabendo que não muito longe dali, no Cais José Estelita, uma grande disputa vinha se armando ao redor de uma ocupação que se iniciara há uma semana.

Não foi ninguém me puxando não, eu vi a movimentação, achei interessante e fui sacar. Era no meio da semana... Aí eu cheguei à noite e tava rolando uma assembleia, minha primeira assembleia. (...) Eu nunca tinha visto aquilo. Foi bem impactante. Tinha um tom muito revolucionário naquela movimentação. E eu só via gente muito jovem, senão da minha idade, mais jovem. E achei aquilo tudo muito potente, muito foda. Aí não quis mais sair. (...) Eu ainda demorei pra chegar lá e me fixar, sabe? Eu ia, voltava, tava de carro... O carro que depois passou a ser o carro da ocupação, que fazia todos os corres. Altas vezes eu voltei muito tarde da noite pra Olinda, de madrugada, até que levei minha barraquinha lá e montei. (...) A gente caía nas nossas contradições, a gente via como a teoria era tão maravilhosa, mas na prática não era assim... A gente falava tanto de espaços de privilégio e tal, mas no Estelita a gente viu mesmo quem era privilegiado, e quem não era. (...) No Zoada a gente discutia muito auto-organização, auto-gestão, horizontalidade. Só que a gente tentava colocar aquilo na prática nas nossas práticas enquanto movimento Zoada né. Mas ver isso no Estelita, num grau mais amplo assim, foi muito especial. (...) Acho que não era somente eu que tava vivendo isso. Acho que de alguma forma todo mundo que já vinha construindo outros espaços... Mas outros espaços, é isso, porque movimento, enfim, partido, não colou mesmo no Estelita. Eram mais os coletivos, espaços mais... Sei lá, diferentes, um pouco mais libertários que esses da esquerda mais tradicional. Então essas pessoas que já construíam esses outros espaços, de alguma forma sentiram a mesma coisa, de estarem colocando em prática tudo aquilo que vinham trabalhando, que vinham aplicando numa escala menor dentro de seus coletivos.

Esses outros grupos organizados, dentre os quais Iara lembra dos coletivos responsáveis pela Marcha das Vadias e pela Marcha da Maconha - Recife, do Laboratório de Mídias Autônomas (também conhecido como Rádio LAMA), além de outros movimentos estudantis, se espalhavam pelo terreno quilométrico às margens da bacia do Pina. Em casa, tinha de discutir com a mãe, que incentivava o movimento mas morria de medo de que algo grave acontecesse à filha, e passava mal por conta disso; o pai, mais condescendente, não chegava a discutir, mas era a irmã menor quem a defendia perante os pais quando ela não estava. Foi durante a ocupação do Cais que ela testemunhou a importância das assessorias jurídicas populares, aonde a ajuda do Centro Popular de Direitos Humanos (CPDH), composto por jovens advogadas há pouco egressas da Faculdade de Direito, cumpriu um papel fundamental junto ao Ministério Público na denúncia das ilegalidades do Projeto Novo Recife e no respaldo contra a campanha de intimidação e difamação midiática do movimento.

O Estelita veio nesse momento, chegou mais ou menos nesse momento de muitas perguntas, poucas respostas... Veio alargar o campo das perguntas, mas também veio trazer algumas luzes, alguns caminhos. E um caminho que eu acho que foi muito importante pra mim foi o da advocacia popular. Tipo, apesar de eu não ter atuado tanto no jurídico do Estelita, essa experiência, essa aproximação com o CPDH foi bem importante, assim, pra eu ter mais parâmetros acerca da advocacia popular (...) O Estelita veio dar esse gás pra mim, pra eu ver que *eita porra, tem coisa pra fazer no direito, direito dá pra ser utilizado pra alguma coisa*. E essa relação, essa aproximação com o CPDH ajudou bastante sabe? E mesmo a aproximação, a atuação jurídica de Liana em prol do Estelita, também foi algo inspirador (...) O Estelita alimentou uma certa... A chama da advocacia popular, que é onde eu estou.

Após o fim da ocupação, inspirada pelo exemplo do CPDH e de sua professora na FDR, Liana Cirne, fundou com alguns colegas da faculdade o Coletivo Luiz Gama de advocacia popular, como meio de prestar suporte jurídico à Comissão Pastoral da Terra e ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, além de também terem chegado a colaborar com o Sindicato de Trabalhadores Ambulantes do Recife (SINTRACE). Feita essa primeira experiência, Iara conseguiu um emprego na Comissão Pastoral da Terra, além de ter trabalhado por um período no Centro Luiz Freire, em Olinda. Também chegou a fazer pesquisa de campo em comunidades na zona norte do Recife através do Núcleo de Estudos e Políticas de Segurança (NEPS) da UFPE. Esse acúmulo lhe incentivou e permitiu formar um escritório próprio junto a mais duas amigas recém-formadas. Hoje em dia, é através dessa sociedade que presta seus serviços jurídicos ao Fórum Suape, onde ela se dedica principalmente à luta contra os danos causados ao meio ambiente e comunidades tradicionais da foz do rio Ipojuca pelo complexo industrial e portuário de mesmo nome, empresa gerida pelo Governo do Estado. As denúncias contra o megaempreendimento são contundentes: sonegação de informação sobre o impacto ambiental das obras; perseguição e expulsão dos moradores locais; contaminação das águas, rios e mares, além de ausência e/ou irregularidades dos relatórios de impacto ambiental exigidos. Iara diz que revindicar os direitos dessas famílias e da natureza é um trabalho exaustivo e precarizado, que exige cautela.

Quando o trabalho é sua militância tem que ter nitidez, é uma situação delicada porque a militância requer sacrifício né? E aí é foda, quando o trabalho de onde você gera, tem a sua renda, é um local... É um espaço de sacrifício. Isso as vezes é demais (...) As vezes eu queria muito poder pegar uma causa e que eu não me envolvesse emocionalmente tanto com aquilo dali, sabe? A ponto daquilo me sugar as energias (...) Quando mistura a militância com o trabalho, a cada fase do processo é um mundo caíndo, é

muita emoção, é muito estresse também. Porque a gente não lida somente com o processo, a gente lida com toda a coletividade, então também faz um trabalho político, vê aquela dor muito de perto sabe? É a dor da gente também, então... É muito peso, sabe? (...) Quando a militância e o trabalho tão juntos, você tá entregue 24 horas pra aquilo dali, porque da militância se espera uma entrega de alma, uma entrega total.

Quer dizer, apesar dos desafios enfrentados para misturar os ideais solidários populares com os meios de sobrevivência, e do desejo confesso de explorar outros horizontes além do direito, para ela hoje é impossível dedicar-se a outra profissão. *Não consigo me ver fazendo outra coisa nesse momento... Se eu soubesse eu não estaria mais na advocacia popular.* A indecisão sobre a vocação a fez cogitar carreiras alternativas na medicina (*Eu gosto de pensar em cura, acho o corpo da gente incrível*) e nas terapias psicológicas (*Essa ligação também, com o psicológico. Psicologia é outra coisa que eu viajo... De repente eu faço uma psicoterapia... Eu faço terapia bionergetica. Eu penso em, de repente fazer um mestrado na área*). Mas o momento político não lhe permite abandonar seu posto: *enfim, eu tô tateando os caminhos... Eu ia sair da advocacia popular esse ano, mas esse ano foi um caos. Decidi, inclusive por conta da conjuntura, segurar mais um pouco, ficar mais um pouco...* Conta que parte da família da mãe votou em Bolsonaro nas últimas eleições, *um pessoal diferente, muito diferente*, e que o pai, uma pessoa ‘pragmática’ que enquanto esteve casado com sua mãe votou muito tempo no PT, recentemente começou a defender a Lava-Jato e a prisão do ex-presidente Lula. Ela custa a acreditar que a manipulação midiática e o reacionarismo possam fazer com que o pai apoie uma agenda política que ameaça as populações que compartilham seu universo de origem. *Não chega a ser de direita não, sabe? Eu não quero crer nisso.* Porém, há outras formas de disputar a consciência política na família.

Eu acho que depois que minha irmã se apresentou como lésbica ele tá um pouco mais... Acho que deu uma ligada nele. Na verdade eu nem sei direito como que se deu essa comunicação, porque foi algo meio doido. Ela não me comunicou, foi minha mãe que me disse. E aí ela simplesmente apareceu com a namorada lá em casa, tá, não apresentou como namorada mas todo mundo sabia, dormia lá, passou um ano indo lá... Não rolou muito caso não. Mas eu lembro que eu já cheguei a falar pra ele, o que é que ele faria se tivesse uma filha lésbica, ou um filho homossexual. Porque eles implicavam muito com uma amizade que eu tinha com uma grande amiga minha, e que depois ela veio a se apresentar como lésbica. Só que mainha e painho ficavam com muito medo, que a filhinha deles virasse lésbica por causa dessa influência, sabe? Aí eu cheguei a falar pra painho, teve uma época em que ele ficava falando um monte de besteira, e eu dizia, painho, imagina se um filho seu se descobre homossexual. Porque ele falou que não teria amigo

gay, se soubesse que um grande amigo dele tinha se descoberto gay, ele não andaria mais junto. Mesmo se for um grande amigo teu? Mesmo se for, porque todo mundo vai achar que eu sou também. Aí eu, tá painho, e se um filho teu for homossexual?

Quanto aos caminhos de construção política diante do golpe de 2016 e da perseguição ao legado político do Partido dos Trabalhadores, a motivação é a de quem não se encontra com dificuldades pela primeira vez.

Não fiquei tão abalada, porque já era uma coisa meio previsível demais. Eu nunca fui de acreditar nessas instituições, sabe? Pensei *beleza, é isso, vamos ter de pensar nos próximos passos*. Não ficava *Que injustiça!*, não sei o quê... Pra você ficar falando assim quer dizer que você confiava, que você acreditava, mas eu nunca acreditei. Da mesma forma que a prisão de Lula não me surpreendeu também não. Na época eu já tava trabalhando onde eu tô agora, já tinha visto que, já tava ciente de que outros grupos da sociedade já enfrentam golpes há muito mais tempo, inclusive dados pelo PT. Pelo governo do PT. Então continuei fazendo meu trabalho, sabe? É isso, as coisas estão ficando apenas mais escancaradas. Meu maior medo é a intensificação da perseguição aos movimentos. Pessoas sendo perseguidas, presas, intimidadas, impossibilitadas de algumas garantias mínimas, pelo menos de que sairia vivo e incólume. Esse é meu maior medo. Mas acho que os momentos de crise são momentos também de terreno fértil, pra mudança. E a gente vai desenhar, vai conseguir desenhar uma solução, sabe? Vai conseguir sair dessa. A gente já passou por outros perrengues, assim. A esquerda já passou por outros perrengues, e é isso, a história vai... A gente ainda vai pro fundo do poço, depois a gente volta. A esperança é essa, de se recriar. Acho que a gente vai conseguir recriar, vai conseguir se reinventar.

Não só enquanto esquerda dentro do espectro político, mas com remetências também aos aprendizados, às lembranças de quem tem em seu caminho os exemplos de vidas sacrificadas, cujas cicatrizes sempre fazem lembrar a violência mascarada pelas cordialidades e condescendências da cultura hegemônica, dores que foram feitas música para cantar a história daqueles que se armaram da criatividade, para reinventarem-se, para seguir em frente.

4.4 CÁSSIO

Encontrei Cássio, trinta anos, em sua casa na rua do Sossego, numa terça-feira pela manhã, na região central do Recife. Sem que eu soubesse até marcarmos a entrevista, Cássio havia se mudado recentemente para o apartamento onde vive Márcio, um entrevistado anterior desta mesma pesquisa. Ele trabalha atualmente na gerência nacional dos técnicos e coordenadores do projeto Dom Hélder Câmara, destinado à redução da miséria no sertão através de uma

equipe de 83 pessoas distribuídas por todos os estados do nordeste, além de Minas Gerais e Espírito Santo. Cássio se formou em ciências sociais e é mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local na Universidade Federal de Pernambuco, onde fez pesquisa sobre cooperativismo agrícola. Apesar da dimensão semicontinental do projeto da Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo do Ministério da Agricultura, Cássio dá conta de tudo a partir de seu escritório: a mesa da sala no seu apartamento, daonde ensina e coordena as equipes através de uma conta no skype e um *headset*. Conversa o dia todo com dúzias de pessoas, ensinando abordagens e aspectos do trabalho de campo, e resolvendo imprevistos institucionais de última hora. Está contente com sua situação financeira, afinal, num momento em que o maior medo que confessa é ficar desempregado, ele entrou no seu novo emprego há apenas seis meses – um trabalho como sociólogo fora da academia, oportunidade rara, ele friza - e o projeto como um todo deve durar três anos.

Cássio nasceu e passou a infância no Ibura, zona sul do Recife, o terceiro maior bairro da capital e aquele com menor índice de desenvolvimento humano. Sua família, de maioria negra como ele, vivia em uma de várias unidades residenciais reunidas ao redor de praças, formando uma espécie de condomínio familiar onde a praça era o ponto de encontro e palco da vida diária, e hoje memória afetiva, incluindo aí primos de primeiro à terceiro grau e suas respectivas famílias também.

A minha família foi pra lá devido à cheia de 1973, que foi aquela grande cheia que teve em Recife. Nessa época minha família tinha uma condição de vida ruim, eles moravam no Caiara, que é ali na zona oeste ali, no Cordeiro, que é uma favela que ainda existe e a galera morava ali, na beira do mangue. Aí teve a cheia e o governo pra afastar a galera, todo esse processo que a gente conhece, jogou a galera lá pro Ibura. Aí o Ibura tem as unidades residenciais, que é tudo COHAB, aí eram aquelas casas bem pequenininhas, dois quartos, uma sala, cozinha, não tinha muro... E a praça que eu tô falando, de referência, era de barro, tudo era de barro praticamente, não tinha nem calçada (...) Minha vó criou dois meninos da vizinha da porta, que era Dona Maria. No lado esquerdo tinha o primo da minha mãe. Aí na frente tinha minha vó, enfim, era uma galera assim junta. Ainda é né. E a praça, todo mundo era jogado ali pra brincar, passar o dia ali, brincando, brigando, de tudo né. Ai tipo, Copa do Mundo, São João, Natal, tudo na praça. Fim de ano a galera pinta a praça, rola essa vida social bastante ativa. Carnaval de bairro, mela-mela, La Ursa, aí atrás na outra praça tinha a galera do Pastoril. Quadrilha, esses ciclos festivos aí e tal. Aniversário da galera, enfim. Brincava de pega-pega, polícia e ladrão, queimado, futebol, futevôlei, pião, pipa... Eu lembro que quando chovia a gente gostava por causa da lama, tinha aqueles barros que usava de massinha, aqueles massapêzinhos com umas cores diferentes. Eu lembro que foi ali que na prefeitura de Jarbas mais ou menos começou um processo de revitalização... Aí calçou, paralelepípedo, fez as praças... Aí quando fez a praça, pronto, fudeu né?

Porque era brinquedo, uns brinquedinhos... E foi ali naquela praça que eu passei praticamente toda minha infância.

Os pais trabalhavam muito: a mãe com vendas, dona de casa e cuidando dos filhos, e o pai como caminhoneiro Brasil afora, passando longos períodos de tempo longe do Recife, mas sempre mantendo contato por telefone e cobrando das crianças bom resultados nos estudos. Tanto ele como a irmã tinham medo do pai, que tinha um comportamento violento e exigente. Conta que anos depois entendeu que esse comportamento se devia ao tratamento que os avós davam ao pai e a tia quando crianças – a família do pai, que vivia num sítio no bairro do Cavaleiro, foi abandonada pelo avô, que vendeu o sítio com a família dentro e foi embora. Enquanto ele ainda estava lá, faziam as crianças trabalhar e as castigavam cruelmente. *Tá ligado Mano Brown, do Racionais? Meu pai parece com ele, tipo o nariz fino, mas com o cabelo crespo... Ele tem vários problemas, principalmente teve uma época em que ele foi muito violento, mas ele nunca foi um pai ausente (...) então eu lembro assim por exemplo que quando meu pai chegava a gente escondia os cintos, tá ligado? Uma coisa bem de terror. Mas meu pai melhorou bastante.* Diz que o pai não consegue trabalhar, seis, oito horas, sempre assume jornadas mais longas, trabalhando até chegar a exaustão. Um *workaholic*, diz o filho. A vida de caminhoneiro é solitária; além disso, a possibilidade de assaltos e outras violências a que estão sujeitos os motoristas, junto à má alimentação e as condições para descanso, assim como o uso de diversas substâncias para manter-se acordado durante os trajetos de milhares de quilômetros, fazem da profissão uma carreira custosa para a saúde. Tanto que, anos mais tarde, o pai, que nunca fizera poupanças para sua aposentadoria, descobriu que tinha câncer. Vendo-se sem saída para trabalhar, já sem poder empreender viagens longas e cansativas como costumava, encontrou no Uber uma solução para arcar com os custos do tratamento, e assim tem feito.

A mãe trabalhou com atendimento, caixa, gerência, estoque e outras funções no comércio varejista, o principal emprego dela que vem à memória de Cássio é o de gerente de uma loja de produtos de até dois reais, no Shopping Guararapes. *Eu lembro assim que ela trabalhava muito, gerente de loja, de sei lá, fim de ano, natal, ficar até meia noite... Meu pai e minha mãe eles sempre trabalharam muito. Na época do Ibura a gente ficava trancado em casa... Reforço, pra casa e tal.* Quando chegava a hora do ‘carão’, a mãe tinha reações diametralmente opostas ao pai, optando sempre por soluções pacíficas e diplomáticas. Ela também cresceu no Ibura, sua mãe é evangélica e seu pai, o avô que Cássio afirma ter o poder de descrever o dia a dia *de forma encantada*, viera da mata norte do estado: *ele vem muito*

dessa base afroindígena, da jurema e tal, tem um tio-avô que foi caboclo-de-lança, mas não se declarava do Candomblé nem nada assim. As vezes nem precisa, a própria figura... Cheirava um rapézinho, mastigava um mato... Essas coisas assim bem características de um preto do interior. Diz que nunca houve conflitos com a avó, que foi evangélica toda sua vida, e que nas várias missas por semana que ela frequentava, ele sempre a levava e ia buscar na porta da igreja.

O investimento escolar pago pelo esforço dos pais batalhadores, que permitiu a Cássio alcançar o título de mestre e consequentemente o bem quisto emprego atual, começou a ser objeto de dedicação deles quando resolveram destinar uma parte importante da renda da família para transferir Cássio e a irmã mais velha do colégio de bairro onde estavam matriculados, no Ibura, para o Colégio Atual, em Piedade, na época uma das escolas mais famigeradas da zona sul (Cássio estava na segunda série). Entretanto, em pouco tempo ele começaria a se sentir desconfortável com a vida no novo colégio.

Na segunda série eu fui pro Atual. Na quarta eu fui convidado a me retirar. Ai eu fui pro Souza Leão no IPSEP, depois fui pro Visão (no Jiquiá), depois eu fui pro Avançar (em Candeias) e depois voltei pro Atual e finalizei meu ensino médio. O ensino médio todo eu fiz lá. Era um colégio véi, que pra época assim, era foda né... A gente... Era um colégio bom. Agora eu não me identificava com o colégio, porque existia a questão do estranhamento, porque eu era da periferia.(...) Eu venho de uma vivência de comunidade... Eu acho que é essa coisa da criação, determina muito assim o que a pessoa... Você acaba carregando de certa forma, alguns elementos. Não rolava. E o ambiente escolar pra mim era muito hostil. (...) Tinha meus amigos, mas era tudo pautado no racismo, no preconceito, entendesse? Então eu era um elemento estranho dentro da escola, é por isso muito que eu canalizava minha energia pra tipo, destruir a escola, tá ligado? Me juntava com os baderneiros lá, aí entrava na sala, fechava por dentro, quebrava umas cadeiras e saía pela janela... várias estratégias de destruir patrimônio do Atual. (...) Eu acho que eu tive essa dificuldade com escola, de construção de amizade, porque eu era meio que um inimigo ali dentro, era um elemento estranho. Aí eu sempre me senti muito deslocado. Agora lógico que fica, algumas pessoas e tal, mas não ficou aquela grande amizade não. (...) Meus amigos não estudaram em colégio particular. Quem estudava em colégio particular era eu. No máximo uma galera estudava no colégio da polícia. Lá, onde eu fui criado, eu era o playboy né. E na escola eu era o favelado. Aí sempre tinha essa dualidade assim, o não-reconhecimento nos espaços. Na escola eu não me incluía porque eu era praticamente o único negro. (...) Eu nunca gostei de estudar sabe. Isso era sempre um aperreio muito grande, porque meu pai e minha mãe trabalhavam muito. E eles queriam ver o resultado né. Eu acabava não trazendo esse resultado. Eu sempre fui dos últimos assim, de quebrar, de briga assim, tá ligado? Era um jovem trabalhoso. Eu nunca reprovava, ia sempre pra final... Tipo meu pai comprava algum presente, dizia ‘olhe, se você passar você vai ganhar tal presente’. Aí meu pai comprava... e dizia olha, se você passar vai ganhar

esse brinquedo e tal. Ele sempre me convencia assim com algum brinquedo, algum estímulo externo assim.

A família chegou a morar por dois anos na Muribeca, antes de se mudarem para Candeias já durante a adolescência de Cássio, um bairro de classe média à beira-mar - outro resultado da melhora do poder aquisitivo da família pela dedicação exaustiva dos pais ao trabalho. Eles se tornaram evangélicos (Cássio já estava no ensino médio) assim como a tia e a avó dele já o eram há vários anos, quando Cássio ainda era criança e as acompanhava à igreja, um lugar cuja ambientação escatológica o assustava. *Aquela coisa que o mundo ia acabar e Jesus ia voltar, e a gente ia pro inferno se não aceitasse Jesus, eu tive sempre medo dessa história. Uma vibe meio tensa, a galera falando em línguas estranhas, ano novo ia pra igreja e a galera apagava as luzes... (risos) É, aí o cara acaba assim, sei lá... Jesus voltar e o cara ir pro inferno.* Lembra com mais carinho das refeições em família: *lá em casa a gente sempre teve isso de caranguejo, frutos do mar de forma geral, comida pesada, tipo dobradinha, feijoada, cozido... Como meu pai e minha mãe passaram muita dificuldade tinha muito isso da, uma certa nóia, mesas muito fartas tá ligado? De todo dia ter uma comida diferente bem elaborada e tal.* Também recorda com carinho que foi a partir dos passeios, presentes e conversas com a irmã de seu pai que começou a se interessar por cultura e política.

A tia é uma mulher que ainda jovem abandonou o sítio no Cavaleiro pelos maus tratos que o avô cometia com as meninas da família, entrou na Universidade Federal de Pernambuco e se formou no curso de Farmácia, mérito que Cássio destaca para uma mulher negra vinda de uma vida na periferia numa época sem políticas de inclusão, num ensino superior público com muito menos vagas que as disponíveis hoje. Se casou com um homem também negro e trabalhou como farmacêutica por muitos anos (ele como diretor de uma empresa metalúrgica, lembra Cássio), até que abriram uma gráfica própria e foram morar numa casa com piscina no bairro de Piedade, vizinho à Candeias. Mas a conquista duraria pouco tempo - o marido tinha um comportamento abusivo semelhante ao do avô, traía a esposa e maltratava as crianças, *como se fosse uma continuidade do que ela tinha passado*, além de ter sido demitido por ter operado um esquema em benefício próprio dentro da empresa. A gráfica acabou falindo, o casamento acabou e a tia de Cássio foi morar no bairro de Areias.

Eu tinha uma tia que (...) na primeira eleição de Lula tinha uns comícios aqui, eu lembro que a galera chamava de Marco Treze, não era Marco Zero, aí minha tia me levava, e eu ia pra lá com minha boina e com minha camisa

de Che Guevara, dançava uma ciranda com a galera, assistia os discursos, gostava muito desse ambiente, assim. Aquela galera junta. Eu conheci muito artes através dela, se tinha uma exposição, Rodin, aquele francês, aí ela me levava aqui em Recife, isso quando eu era pirraia, eu já me interessava assim. No fundamental, sei lá, sexta série, o teatro ela já me levava. Aí tipo, ia pra uma livraria, dizia pra eu escolher um livro e ela comprava. Era uma tiazona... Essa parte de artes aí de forma geral, música clássica, tá ligado. Hoje ela mora ali em Areias. Mas ela é uma pessoa refinada assim, gosta de música clássica, o hobby dela, mesmo ela morando em Areias ela junta uma grana e viaja pra França. Ela tem até hoje assim, meio essa pegada. Hoje ela é bolsonarista... Essa minha tia ela sempre foi uma dualidade, tá ligado? Ela foi a tia que falou que eu ia me matar no CFCH, mas ela tinha essa questão da criticidade, porque as pessoas são isso, a gente tenta enquadrar as pessoas no bem ou no mal, nessa dualidade, mas as pessoas não são isso.

O episódio da advertência da tia que Cássio recorda foi decorrente de seu anúncio de que pretendia prestar vestibular para ciências sociais, mensagem recebida com pavor pela família. A tia-avó teve uma conversa séria com ele perguntando-lhe se era isso mesmo que queria da vida: *é porque ciências sociais na leitura da galera é pior que história... Foi todo um frisson; se eu não sabia o que era, imagina minha família.* A irmã concluiu o curso de economia doméstica na UFRPE e o de turismo no antigo CEFET (atual IFPE), e foi ela quem o levou para conhecer a universidade pela primeira vez. *Eu tentei história mas não passei. Aí tava entre história, filosofia... Ciências sociais eu não sabia o que era direito. Aí minha irmã me levou lá na universidade, e eu conheci um sociólogo, um professor e tal, aí eu achei ele bem doidão, e eu pensei, pô, quero ser doidão assim.* A simpatia pelas ciências humanas viera dos incentivos da tia e de alguns professores de história que tivera na escola no tempo do Atual.

Quinta, sexta série, eu já entendia um pouco o que era União Soviética. Aí então, eu tive acesso a bons professores. Os professores de história de lá do atual, eram uma galera... A maioria dos professores era muito boa, mas como eu me identificava mais com história né... Porque eu praticamente não assistia aula de química, nem nada dessas coisas, no vestibular eu chutei tudo 'd' em química. Aí eu já tinha certa noçãozinha assim, eu já meio que tinha um senso crítico, e eu já não me encaixava no colégio por causa desse perfil. (...) Pegava umas fotos de Che Guevara no computador, já escutava uns discursos assim dele, pela internet, fazia o download pra escutar depois. (...) Pelas aulas de história né vei, comecei a ver que tinha esse contraponto ao capitalismo. Esse capitalismo que seria essa história que eu vivo e não gosto. E o contraponto na minha cabeça era tipo a União Soviética, a Cortina de Ferro comunista... Che guevara... Eu já me amarrava mais assim no debate de Trotsky, já era um crítico de Stalin, nunca me apeguei muito a essa veia autoritária da União Soviética... Tudo isso influência de professor de história né. Professores que tinham uma união pegada mais de esquerda

assim. Então eu sempre via aquilo ali como uma coisa que eu queria me encaixar de alguma forma, eu não sabia como.

Foi por volta dessa idade, prestes a entrar na universidade e quando já começava a simpatizar pelos que se contrapunham ao capitalismo, que houve uma tragédia em sua família – seu primo, da mesma idade que ele e que desde pequenos brincavam na praça da UR-3, foi assassinado.

Ele fazia pequenos furtos, sei lá, bola de gude, pião, umas coisas bem de criança, e depois ele foi morar com uma vó dele, porque eu tenho um tio, ele é bem violento, mais do que o meu pai. Aí batia muito, batia mesmo. Eu lembro que meu tio era muito violento, tipo se ele tivesse sem camisa na praça, batia nele. Sem sandália... Uma coisa bem... Aí ele foi morar com a avó em outro lugar e tal, e foram surgindo os burburinhos, de que meu primo tava indo pro caminho errado e não sei o quê. Aí caiu uma vez pra FEBEM, passou um tempo, aí caiu uma segunda vez, aí na segunda vez quando ele saiu executaram ele. Grupo de extermínio, de forma geral, dentro dessa lógica da limpeza. Um jovem que já cometeu um furto, alguma coisa, merece morrer assim, pra limpar ali a comunidade. (...) Eu tenho uma lembrança muito pesada assim, tá ligado. Eu lembro que a gente foi pra uma casa de praia lá em Ponta de Pedra, e ela chorava assim de sussurrar, de grito tá ligado? E isso ficou muito na minha cabeça... aquele grito, terrível. Mas a família de forma geral legitimou o processo. Que foi uma das travas na minha cabeça, como a galera legitimou esse processo de violência, de perda. Com aquelas frases né, ‘ele procurou’, ‘ele tava no caminho errado’... Sem aprofundar muito com essas frases bem... Aí eu sempre achei isso muito estranho, mesmo sendo jovem, isso não fechou, essa matemática. Sempre foi um questionamento mas eu não fazia nenhuma associação com o racismo, nem com o extermínio ou genocídio, nem com a política deliberada do estado, eu não fazia... É porque minha família é basicamente evangélica, na sua maioria. Meu avô, ele não era evangélico, mas minha avó (materna) era evangélica há quarenta anos.

O trauma da perda do primo aconteceu próximo ao seu testemunho pessoal dos protestos de novembro de 2005 contra o aumento das passagens de ônibus pela EMTU (atual Grande Recife Consórcio de Transporte Metropolitano), que duraram uma semana, ao longo da qual mais de cem pessoas foram detidas, dezenas de ônibus foram atacados, barricadas foram feitas em meio a logradouros importantes do centro da cidade, como as Avenidas Conde da Boa Vista, Guararapes e Cruz Cabugá, e alguns confrontos chegaram a acontecer em bairros na periferia. Cássio se interessou pela causa do transporte coletivo, e nos anos seguintes chegou a manter contato com o Movimento Passe Livre local, muito antes de que a perseguição violenta pela Polícia Militar contra a filial paulista do mesmo movimento, em

protesto pela revogação do aumento das passagens, desencadeassem os eventos de junho de 2013.

Rolaram esses protestos em novembro de passagem, quebrou tudo, e eu pensei ‘que foda velho, a galera tá quebrando tudo, quero quebrar também’. ai eu fui pra alguns protestos, uma amiga me levou e tal, a gente foi de vermelho e não sei o quê. Mas tipo, quando eu cheguei em 2005 já tava meio miado, tá ligado? A galera não tava quebrando tudo mais não. Já tava morgando... Eu já fazia parte de algumas movimentações políticas né, do aumento das passagens que tinha aqui em Recife comitê contra o aumento das passagens, aí depois tinha o MPL Recife, isso tipo dez anos atrás, talvez 2008, ou ainda antes disso. E eu tinha um certo interesse por esse debate, de desigualdade, já via a questão da desigualdade enquanto problema social... Mas via ali, na pauta do transporte publico, do passe livre, um caminho de me inserir politicamente.

O sentimento de inadequação que Cássio experimentara durante toda sua vida escolar começou a se transformar já nos primeiros meses de aula na universidade. *No meu curso, eu me identifiquei de certa forma, diretório acadêmico, maconha, namorar, tá ligado... Tomar banho na piscina lá escondido, banho no açude, sarau... Namorei com uma menina da minha sala no primeiro período... Já andava com o bonézinho do MST, já era um ‘esquerdistazinho’.* Fez iniciação científica, quando começou a se interessar em cooperativismo agrícola; começou a trabalhar como professor de reforço antes de entrar na universidade, e já durante o curso trabalhou com pesquisas eleitorais e comerciais. Já mais próximo ao fim do curso, se mudou para uma casa no bairro Engenho do Meio, vizinho à universidade, que dividia com amigos estudantes (a namorada na época inclusive), e a partir daonde também organizavam uma rádio, um pré-vestibular solidário e um cineclube num sítio na mata norte do estado. *A gente dividia o espaço da vida, mas o espaço político também. (...) Nessa casa que eu morava a gente fazia assembleia semanal, era uma loucura né. Hoje em dia eu não suportaria, fazer uma assembleia na casa doido... Tipo, da galera chorar em assembleia... Eu vinha dessa loucura, aí o Estelita era a continuidade disso, como se fosse uma ampliação dessa loucura.* Quando lhe pergunto se já tinha ouvido falar sobre ocupações antes de chegar ao Estelita, conta que participou da ocupação da reitoria da UFPE em dezembro de 2013, contra a cessão do Hospital das Clínicas pela universidade à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), entendida pelo movimento estudantil como uma apropriação dos hospitais universitários públicos do país pelo capital privado do setor de saúde. Assim como Cássio, muitas pessoas que participaram dessa ocupação também estiveram posteriormente no Cais, contribuindo com a experiência dessa mobilização anterior,

também organizada a partir de assembleias horizontais apesar de ter tido presença de diferentes grupos do movimento estudantil. Naquele ano ele entrou no mestrado na terceira colocação de sua turma e, quando se aproximava o final do primeiro período, já no ano seguinte, teve início a ocupação do Cais.

Cássio chegou ao Cais pela primeira vez durante a quarta noite da ocupação junto à Bartô, ex-namorado de Cláudia, uma de nossas entrevistadas, após haverem participado de uma manifestação contra a Copa do Mundo durante a exposição da taça do campeonato no Shopping Center Recife, num sábado no qual diversos curiosos e grupos organizados tiveram a primeira oportunidade de comparecer à ocupação. *A gente entrou e tava sem luz, tinha uma fogueira e eu logo encontrei uma galera conhecida, uma paquerinha da época tava lá também (...) O terreno era bem grandioso né, e com muita gente. Foi uma oportunidade real de ver um processo assim de ocupação ocorrendo, assim, um processo de resistência.* Mas a formação política que Cássio vinha acumulando lhe sugeria que aquela mobilização tinha limitações a serem consideradas.

Na época, eu especialmente, tinha um posicionamento bem crítico ali sobre a atuação do Ocupe Estelita⁹³ e tal, no sentido de que era uma movimentação de maioria de pessoas de classe média, maioria de pessoas brancas, que não se conectava com pautas reais dentro da cidade, enfim, essas críticas né mais gerais assim em torno do movimento, a gente (os amigos que compartilhavam a casa no Engenho do Meio) tinha ido alguma vez ou outra pra algum Ocupe, mas eu nunca tinha identificado assim um espaço político que eu gostaria de me integrar assim de forma orgânica. Mas a partir da ocupação eu percebi que tinha um potencial de aglutinador de pessoas, que também acabou sendo uma leitura desse grupo do qual eu fazia parte... Eu era uma oposição mais autonomista, que não entendia o caminho da institucionalidade como a única saída... Naquelas assembleias era muito isso. Lá a dicotomia existia muito em torno disso, a galera que era pró-instituição *hardcore*, e a galera que era contra instituição *hardcore*, assim. Aí tinha uma galera que era meio-termo, uma galera meio Coque (Re)xiste, tá ali mas tá aqui também... E hoje em dia eu nem tenho aquela posição tão fechada, tá ligado? De negar a institucionalidade e tal. Eu acho que a galera da institucionalidade... O sonho dessa galera eu acho que era uma coisa mais da institucionalidade mesmo né, de materializar aquela luta num avanço institucional. Agora a galera que tava vivenciando aquela loucura toda da ocupação era uma coisa mais utópica, uma galera também que queria vivenciar o hoje, não queria esperar o socialismo chegar, queria ver aquela experiência real ali de convivência comunitária. Eu vejo muita gente que era contra queimar pneu e é do MTST hoje em dia, e a prática deles é queimar

93 Nessa citação o entrevistado se refere como Ocupe Estelita às mobilizações organizadas pelo coletivo Direitos Urbanos, os Ocupes de 2012 e 2013, que apesar de utilizarem o mesmo nome que o movimento posterior do qual tratamos aqui, se trata'vam de atividades de organização aberta focalizadas pelo DU cuja composição, postura e momento político são completamente diferentes daquilo que se reivindicou como Movimento Ocupe Estelita após a ocupação do Cais em 2014.

pneu. Então... é porque mudam também né, as coisas, ao longo do processo de amadurecimento.

Ele continuou visitando a ocupação nos dias seguintes e tentava conciliar essa presença com as aulas do mestrado em final de período. Tinha aula de manhã, ia pra ocupação durante à noite e dormia lá, pouco e mal, antes de voltar à Dois Irmãos (bairro onde fica a UFRPE) na manhã seguinte. Quando perguntado sobre a ocupação, suas lembranças são frequentemente sobre momentos de tensão ou conflito.

Na (comissão de) segurança, principalmente fora, a gente ficava mascarado com pedaços de porrete a madrugada todinha, e a galera roubando, e a galera dizendo que ia matar a gente e tal. Dizendo mesmo, ‘vou matar vocês!’. Os boy que roubavam. ‘Tá me estranhando?!’ e não sei o quê. Era uma coisa que tava naquele clima de me fuder real, alguém dar uma facada em mim. (...) Uma das coisas mais hilárias foi Liana sugerir pra galera do GATI dar baculejo na gente pra eles verem que a gente não tinha... (risos) Essa foi uma experiência... Ela tipo sugeriu uma fila, aí algumas pessoas ficaram na fila e tal, e outras pessoas que ficaram sem reação... Depois ela dizer pra botar segurança particular lá, tá ligado? Porque pra mim isso não fazia sentido nenhum né, chegava a ser cômico né. A pessoa sugerir que a polícia dê baculejo nos ocupantes? O que me surpreendeu foi o conjunto né, vários fatores. No processo de ocupação, tá ligado. Aquela ocupação ali no Estelita foi a maior ocupação urbana dos últimos tempos aqui em Recife. O ápice daquela ocupação era a gestão, da forma de caminhos pra gerir aquela história, tipo duas assembleias por dia, uma de manhã ou era de tarde, e uma de noite. A de tarde era pra resolver questões internas, e a de noite pras externas. As festas gigantes né, tinha esses atritos. Tinha a galera tipo Roger de Renoir, com o Som na rural, chegava aos domingos lá, com Criolo e Lirinha e tipo... Uma galera grande assim que levava milhares de pessoas. Uma galera que ficava na segunda feira de vinte pessoas pra limpar tudo e não sei o quê... E essa galera sempre muito puta, uma parte dessa galera.

Esse ritmo refletia em um péssimo desempenho nas aulas; Cássio dormia na sala e chegou a reprovar uma cadeira, o que despertou comentários negativos dos colegas não-bolsistas mas não demoveu a coordenadora do programa, simpatizante do MOE, de tentar facilitar o momento pelo qual ele, aprovado em terceiro lugar, estava passando – a reprovação que era condição suficiente para perda da bolsa teve a pena abrandada para a produção de um artigo. Apesar das dificuldades, no ano seguinte não só concluiu sua pesquisa sobre cooperativismo agrícola em tempo hábil como foi o primeiro de sua turma. Uma vez finda a ocupação, continuou frequentando as assembleias do movimento até que este declarou-se uma organização à parte do grupo Direitos Urbanos, pouco antes da realização em 2015 do Ocupe Campo-Cidade, no qual Cássio participou da organização. *Um dos ocupas que eu participei*

diretamente que eu achei muito interessante foi aquele Ocupe Campo-Cidade, que reuniu vários movs sociais desde os Xukurus, até o MST, até atingidos por barragens e feirinhas agroecológicas. Também contribuiu para a organização das passeatas do mês seguinte, que considera como o ponto alto das ações do movimento.

Aí ganhou outro fôlego né, ganhou um terceiro ciclo, que foram os protestos de rua. Eu acho inclusive que o Estelita influenciou muito outro movimentos, até mundialmente assim. Porque era tipo, show pirotécnico, com arte, com intervenção política, tá ligado? (A ocupação da rua do prefeito Geraldo Julio) Foi um espetáculo, trinta sinalizadores, uma fumaça gigante, a galera pulando feito carnaval, e a galera do prédio tipo ‘que porra é essa que tá acontecendo’? O drible que a gente deu na polícia foi porque a gente disse que tava indo pra um shopping, porque no ato anterior tinha ido pro shopping riomar, e foi uma loucura também. A galera diz que até hoje a renda mais baixa do shopping foi nessa ocupação, porque fechou mais cedo com receio de que a gente fosse pra lá. Causou meio que um medo no governo, tipo, que galera é essa né vei? Rolaram umas assembléias bem grandes ainda. Teve uns dias aí que meio que deu um... Emperrou o grande Recife assim, né, pelo menos temporariamente. Que foi a grande oposição ao PSB... Até hoje não teve uma força política que contrapusesse aquele discurso oficial.

Assim que terminou o mestrado, passou por um mau momento de desemprego, onde a poupança que fizera com as bolsas que recebera ainda o manteve por seis meses, mas quando esse período passou e ainda não havia encontrado um novo emprego, teve de retornar à casa dos pais. A essa altura o MOE já estava espaçando suas reuniões e enfrentando o desgaste de longo prazo do processo de redesenho participativo do Novo Recife. Cássio, por sua vez, vinha confirmando sua leitura crítica perante a maneira de agir do movimento, que após seu momento inicial de potência aglutinadora na ocupação do terreno, estaria sendo convertido em dividendos para o sistema político representativo.

Eu não me coloca mais, sabe, enquanto Cais. Se rolar alguma movimentação no Cais, eu posso dar um apoio, mas não tipo, ir ocupar, ficar na frente. Porque a questão do Cais ali, que eu identifiquei, que foi o grande motivo da minha saída assim, foi que era uma base do PSOL, e consequentemente uma base do PT também. Então era um projeto que não era meu, no final das contas, era tipo, eu tava numa militância que era uma base pra um partido. E eu não compactuo. (...) Tanto é que saíram muitas lideranças, muitos votos dali. Porque ali é a esquerda crítica de classe média né, que são os mesmos eleitores do PSOL. A galera que vota no PSOL é a galera que tava ali no Cais. (...) A questão da base política é o seguinte pô... Tu nunca fosse do PT, entendeu? Tu nunca fosse pra nenhuma assembléia do PT. Mas toda eleição no segundo turno tu vota no PT e defende o PT. Tu é a base do PT, porque o PT conta com teu voto. No cálculo que Lula fez lá dentro da

cadeia, o teu voto tava dentro dessa conta. Lula através da sua liderança, pra fortalecer... Porque o PT ele sai fortalecido pô (*das eleições presidenciais de 2018*). O PSDB praticamente se fudeu. O PMDB perdeu força, pela metade. O PSDB tá fudido, eles tão com um raxa interno, brigando entre si... O PT vai sair como a grande oposição do governo Bolsonaro pô. Esse foi o cálculo de Lula.

Mas isso não significou o abandono da militância organizada. No percurso do MOE, Cássio conheceu outras pessoas negras engajadas politicamente, assim como perspectivas políticas que colocam o racismo não como uma característica contraditória do sistema político estabelecido, mas como seu princípio fundador. *(Hoje) a questão da raça pra mim é uma questão central, na época do estelita não era. Eu tinha o debate mas eu tinha a leitura mais da classe, que a classe é que era central. Hoje em dia eu faço parte de uma organização que é de maioria negra, o Reaja, então eu tô nessa campanha de Mario (de Andrade)⁹⁴*. Sua ação política, portanto, volta-se para a violência estrutural que vitimou seu primo e segue ceifando vidas no Ibura onde cresceu, compreendendo aí não só as contradições de sua comunidade, mas o processo histórico de acumulação da riqueza em nosso país.

Essa história de Mário é um retorno pro Ibura, tá ligado? Porque o Ibura meio que... Entre eu e o Ibura foi criado meio que um muro. Porque eu sempre fui o diferente da galera. E depois de universidade, a galera não entrou em universidade... meu capital cultural, digamos assim... tipo, eu viajo muito, conheço outro país, e não sei oquê... a galera não mergulhou nessa vivência né. E acabou criando uma certa barreira mesmo, cultural entre eu e minha comunidade de origem, que querendo ou não é a minha referência né, assim, de território. Se me perguntam de onde tu veio, não vou dizer que foi de Candeias, de Barra de Jangada, vou dizer que foi do Ibura, da UR-3. E essa história de Mario, de ser uma execução, que eu vivenciei na minha juventude mas não conseguia fazer uma leitura política, ou apresentar qualquer tipo de resistência a essa questão, entendeu? Aí pô, a campanha de Mario é meio que um retorno a essa comunidade também, meio que como se fosse doar algo, que essa comunidade chegou a me dar né. (...) No português, ou no espanhol, não tem um termo que exemplifique a perda de um filho. Você perde seu pai, sua mãe, você é o quê? Um órfão. E a mãe que perde um filho, é o quê? Tem nem nome. Porque é antinatural. É

94 Na noite de 25 de julho de 2016, Mario de Andrade de Lima e um amigo seu, com 14 e 13 anos respectivamente, dois adolescentes negros moradores do Ibura, estavam andando de bicicleta pelo seu bairro quando colidiram acidentalmente com a moto do sargento reformado da Polícia Militar Luiz Fernando Borges, que em reação obrigou a coronhadas que Mario deitasse no chão antes de executá-lo com três tiros, e atirou três vezes em seu amigo, que conseguiu sobreviver fingindo-se de morto. A campanha Justiça Para Mario de Andrade, mobilizada principalmente por jovens negros e apoiada pelo coletivo 'Reaja ou Será Morta, Reaja ou Será Morto', busca que o assassino seja punido conforme a lei ao mesmo tempo que visa garantir a segurança da mãe de Mario, Joelma Andrade. Luiz Fernando Borges não compareceu às três primeiras datas que foram marcadas para realização do júri popular, antes de ser condenado em 6 de novembro de 2018 a 28 anos e 6 meses de prisão pelo homicídio de Mario. Ver *Ex-sargento da PM que matou adolescente no Recife é condenado a 28 anos e seis meses de prisão*, disponível em <<https://tinyurl.com/y26qwdudc>>, acessado em 30 de junho de 2019.

uma coisa que biologicamente é antinatural, mas foi naturalizada nessa sociedade racista que a gente vive. Que é o caso do meu primo. Um cara que fez pequenos furtos. O que é um celular? O que é uma carteira? O que é um carro perante a vida de uma pessoa? Um cara desse que mora aqui na rua, se ele me roubar mano, assim, tipo esse meu celular eu comprei, ele novo é 1200 conto. Eu tô andando com 1200 conto numa sociedade altamente desigual, no bolso, entendeu? Se ele me roubar, eu tenho condições de comprar outro, tá ligado? Mas se ele me roubar ou roubar uma pessoa, a galera da rua encarar ele como um perigo, podem matar ele porra. E essa galera que matou ele vai ser legitimada. Porquê? Porque matou um bandido. Então a nossa sociedade ela tem uma estrutura... A gente esquece, porra. A escravidão acabou de forma oficial em 1888, 120 anos atrás, o que são 120 anos? Meu avô foi estivador do porto do Recife, entendeu? Quero dizer que a gente vive uma experiência de escravidão recente, e que isso reverbera pra dentro da nossa sociedade. E eu faço uma leitura de que existe uma política deliberada, poderia estar citando autores, que comprovam que existe uma política deliberada de matança de negros pô. Porque matam o jovem negro? Podiam matar os idosos negros. Mas porque matar o jovem negro? Porque o jovem ele tá na sua fase mais produtiva, seja sexualmente, seja intelectualmente. Então você matar um jovem de um povo, você tá matando uma geração de um povo. Aí o Estado brasileiro faz isso massivamente porque não foi planejado? Não existe planejamento nisso? Entendeu? Por exemplo, você pode ser até um branco pobre, vai pra uma UPA (Unidade de Pronto Atendimento), com sei lá o quê na cabeça, chega lá e o cara te dá um Tylenol e manda tu ir pra casa; o que ele tá fazendo? Ele tá te matando, mano! Ele não vai fazer nem um exame na tua cabeça porra? Tu tá com um buraco na tua cabeça! Tu chega lá, tu diz ‘porra Beto, de repente eu desmaio’... O cara tá com câncer na cabeça, tá ligado? E o médico faz o quê? Dá um ... tá ligado? Ou tu passa mal aqui e tal, que já aconteceu com minha vó isso. Minha vó passou mal e chamou a ambulância, e a ambulância tava sem maca! Como é que a ambulância vai socorrer alguém sem maca, mano? Isso é sem querer? Será que isso é sem querer? Será que o Estado mata as pessoas sem querer? Será que a elite branca desse país mata as pessoas sem querer? Existe uma elite escravocrata aí porra, branca véi. De nome e sobrenome. E tão ainda na mesma ponta da pirâmide, desde... A riqueza dessa galera veio do processo de escravidão porra. Essa galera é tipo... É galera que tem torneira de ouro em casa porra, tu acha que quem tem torneira de ouro em casa tá pra brincadeira é?

Essa reorientação tanto da leitura quanto do objetivo de sua militância também vem ao encontro de um momento de debilitação das forças progressistas contra o ultra-conservadorismo no cenário político nacional, simbolizado pela aliança entre grupos e frações paramilitares e neopentecostais ao redor da candidatura vencedora das eleições presidenciais de 2018 de Jair Bolsonaro. De acordo com Cássio, portanto, o momento para aqueles que estão no alvo da perseguição violenta desses grupos é de buscar redes de sustentação da vida e da forma de viver, coisa que o projeto petista não logrou devido à suas contradições internas, apesar dos méritos logrados pelas suas políticas inclusivas.

A gente vai entrar num ciclo de um ultra-conservadorismo, perseguição de minorias... A galera diz que tipo *'candomblé é do diabo'*, isso é tipo... Dizem aqui na esquina, qualquer ônibus que o cara entrar que tiver uma pregação vai ter isso né? E fazer sexo com outro homem é do diabo, então se é do diabo, pode matar né? Porque é o mal. Tem até uns hinos evangélicos falando de violência, tipo *'pisa na cabeça do diabo'*, tá ligado? Quem é esse diabo? Ele tá falando no sentido figurado, mas no mundo real isso é expressado através da violência. Então eu vejo que esse ciclo da violência vai crescer muito. (...) Marielle era uma vereadora com 43 mil votos, porra! E a galera matou ela, e tipo, tá ligado? Até hoje, quem matou Marielle? Tá ligado? Seis meses pô. E não vão pegar esses caras. Porque esses caras são paramilitares. Esses caras são o Estado. Quem matou Amarildo? Quem matou DG? Quem arrastou Cláudia? 505 civis mortos na chacina de maio, depois daqueles ataques do PCC. A polícia matou... A história de lá, das Mães de Maio né. Quantos policiais foram condenados? Não tem policiais condenados. Porque não se condena policial. (...) Esse terror ele vai aumentar, durante esse ciclo desses próximos dez anos. É porque o cenário não é de esperança. Eu acho que o cenário é de construir instrumentos que garantam a nossa existência. Essa garantia ela não vai vir através das urnas, infelizmente. Seria muito bom porra, porque a maioria da galera pensa que tá combatendo o fascismo indo lá e votando, tá ligado? Tipo, eu não tô deslegitimando não, tá ligado? Eu acho que é até importante. Mas a galera encarar isso como a saída principal, isso é problemático. (...) A gente vai ter que fazer leituras históricas. Por exemplo, ali na revolta das farroupilhas no rio grande do sul, tinha os lanceiros negros. Os lanceiros negros eles eram recém-libertos que lutavam pela libertação ali do Rio Grande do Sul, pelo direito de comercializar a charque, e por aí vai. Só que... o que os farroupilhas fizeram? Pegaram esses lanceiros negros e simplesmente levaram eles a morte de forma estratégica. E eu tenho uma sensação de que tá havendo isso novamente. Chegando em pessoas como eu e dizer *'Porra, a galera nunca teve oportunidade de assumir um vereador, um deputado, entendeu? As trans né. Esse é o seu momento'*. Mas só que essa galera que vai ocupar esse espaço, eles vão ter que ocupar colocando o corpo deles né? Freixo passou mais de dez anos falando mal da polícia, porque não mataram Freixo até hoje? Tá ligado? Não tô dizendo que é culpa do Freixo não. Mas eu tô dizendo que existe um projeto, e o projeto ele não tá favorecendo... Existe uma política de inclusão... Essa política de inclusão não tá incluindo. (...) Tipo, a galera continua insistindo no mesmo jogo né. E é um jogo que não trás resultados. Ai na hora tu vai dizer assim pra mim: *'porra Cássio, teve cota, os negros tão na universidade tal'*, aí eu digo, massa, isso é verdade. Agora, no mesmo ciclo que teve a cota, aumentou três vezes mais o número de jovens executados pela polícia, no governo do PT. *'Porra Cássio, tem política pública, tu tá aí trabalhando numa política pública aí e tal, tu tá ganhando grana disso aí né'*? Aí eu vou dizer, foi um ciclo que teve políticas públicas como o bolsa família né, no entanto foi o ciclo que menos assentou, pra reforma agrária. Então... O projeto de conciliação do PT, é uma armadilha né?

Para Cássio, portanto, resistir aos avanços de turno da política de exclusão e violência que funda o Brasil contemporâneo é uma questão de sobreviver a partir de redes, de construir vínculos significativos que possam nos manter vivos enquanto a onda reacionária fascista que

vem sendo preparada pelas forças mais retrógradas do espectro político nacional busca se afirmar. Era isso que vinha sendo ensaiado na casa compartilhada pelo coletivo de amigos, foi isso que encontrou no Cais José Estelita apesar das diferenças ideológicas que buscava manter em relação ao movimento, e é a isso que vem se dedicando, junto a outras pessoas que conheceu a partir da aliança formada para proteger o Estelita

4.5 CLÁUDIA

Conversamos com Cláudia durante cerca de três horas no fim da manhã, na praça do Hipódromo, bairro de Campo Grande, a apenas alguns quarteirões do edifício onde ela vive hoje com sua mãe, seu irmão menor e seu padrasto, a apenas uma rua de distância da casa onde ela passou a maior parte da sua infância e adolescência. Nossa entrevista tem hora para terminar porque à tarde ela trabalha atendendo crianças numa clínica de educação especial no bairro da Madalena, além de também estar prestes a terminar seu bacharelado em pedagogia, na UFPE. A praça do Hipódromo é movimentada, principalmente por homens que descansam sob sua sombra refrescante em meio ao calor do auge do verão. Visitar a praça em algum momento do dia, normalmente com alguma companhia, é um ritual diário para Cláudia, mesmo até tarde da noite, quando tem de pular a cerca da praça já fechada pra voltar pra casa. Ela viveu a maior parte de sua vida a poucos quarteirões de onde fizemos nossa entrevista, onde chegou aos cinco anos de idade após haver passado seus primeiros anos na Iputinga, perto da Estrada do Barbalho, onde viviam as famílias de pai e mãe, que foram namorados desde a adolescência. Quando Cláudia nasceu, os pais ainda estavam juntos e viviam num apartamento no bairro da Várzea, que um tio que falecera precocemente por complicações causadas pelo HIV deixou para eles. Porém, um outro irmão de seu pai, do qual Cláudia menciona com desgosto, reivindicou para si o apartamento, forçando a família a mudar-se para a casa da avó paterna, onde também vivia a família por parte de mãe (a vó materna, a tia-avó e as tias), além de outros familiares do pai.

O relacionamento entre os pais terminou nos primeiros anos de vida de Cláudia; após a separação, o pai freqüentava a casa da família, mas o sentimento de Cláudia em relação a ele é de abandono; alguns anos depois ele se casou novamente e mudou para Salvador, onde vive a outra família. A mãe continuou vivendo na casa da sogra e trabalhava com as irmãs num salão de beleza gerido pela avó materna, até que começou a trabalhar como recepcionista num hospital particular na Ilha do Leite, onde conheceu e começou a namorar com o futuro

padrasto de Cláudia, que era médico no mesmo hospital. Quando Cláudia tinha cinco anos, se mudaram com ela e o irmão para uma casa que o padrasto herdara dos já falecidos pais, em Campo Grande, onde as crianças começaram a estudar no colégio Jesus Crucificado, na Estrada de Belém. Apesar de que a vida no bairro de Campo Grande permitisse que mesmo criança Cláudia ainda brincasse na rua e fosse caminhando pra escola, havia uma distância entre o que ela via e sentia naquele local e a casa da avó na zona oeste. *‘Eu brincava ali na rua na frente do Jesus Crucificado, vinha pra essa praça... Assim, não tive muitas experiências com a rua não, na minha infância. E esse momento de tar na rua era lá na casa da minha vó, na Iputinga e tal, com a família’*. Lembra das eleições presidenciais de 2002, quando tinha seis anos, da avó paterna (hoje anti-petista, mas não bolsonarista, explica Cláudia) colocando nos seis netos bolsinhas com a estrela do Partido dos Trabalhadores com panfletos dentro para que fizessem boca-de-urna. Sobre a vocação educativa que assumiria mais tarde, conta que certa vez por volta dessa idade ligou pra mesma avó, aos prantos, dizendo *‘vó, eu acho que vou ser professora vó, eu não consigo pensar em outra coisa pra ser, eu não gosto de nada’... novinha! E ela dizia ‘Calma, Cláudia, você tá muito nova, porque você tá chorando assim?’*, e eu *‘porque eu tô preocupada vó, porque não recebe bem!’*. Apesar da afeição desde criança pelo ensino e de contar que gostava de literatura quando estava na escola, geralmente não terminava de ler os livros que lhe interessavam; do desempenho escolar, diz que ficava de recuperação mas não chegou a reprovar nenhum ano, nem a mãe ou o padrasto lhe faziam muitas exigências quanto ao seu rendimento.

Percebemos um contraste entre as memórias das casas e os dois correspondentes momentos na vida: o primeiro na casa da Iputinga, compartilhada pela família numerosa e de frágil condição financeira, onde a avó paterna centralizava as decisões, o respeito e a influência na organização da vida diária, e o segundo na casa do padrasto e no apartamento ao lado onde vivem hoje, onde é ele quem cumpre o papel anteriormente exercido pela avó, e também por sua causa o poder aquisitivo e costumes da família tornaram-se outros, marcado nas falas pelo descontentamento com que comenta os passatempos da mãe, do irmão e do padrasto. Ela fala com uma desaprovação enfática, por exemplo, quando conta que eles vão quase todos os dias ao shopping Riomar e viajam todos os anos pro mesmo único lugar aonde já estiveram fora do Brasil, os parques temáticos dos estúdios Disney em Orlando, na Flórida; e fica incomodada porque eles não se sentem à vontade quando visitam a casa da avó, onde vivia antes e hoje visita com frequência para passar os dias de folga tomando cerveja com a avó e as tias. Também lhe surpreende a mudança drástica no estilo de vida da mãe, onde

percebe-se que a impressão de Cláudia é de que a mãe teve de renegar seu passado na Iputinga após a separação do seu pai, onde passava dificuldades financeiras, mas era independente, para tornar-se a esposa de seu padrasto, submissa à ele e ao estilo de vida que adquiriu conseqüentemente.

Minha vó tinha um salão lá na Iputinga, ela tirava o sustento dela do salão, minha tia irmã da minha mãe também. E minha mãe quando tava querendo tirar um mínimo de autonomia também, tirava a grana de lá do salão. Mas assim, sem dúvida alguma, minha mãe é isso amigo, a recepcionista que se casou com o médico, entendesse? Do nada ele tirou ela do bairro em que morava, colocou ela em outra casa, sabe? (...) Inclusive essa semana eu postei uma foto dela, com minha vó e meu avô. E aí eu tentei escrever pra ela dizendo assim, 'E aí boyzinha? Essa mulher que tu foi, tá ligada?'. Uma amiga dela encontrou com ela dia desses e fez 'menina, tu era nega do cabelo cacheado, tás galega, e branca, e gorda!'. Os comentários péssimos delas né. Porque minha mãe era essa figura assim, do cabelão cacheado, que tirava a grana dela dali, tá ligado? Morava numa casa com um monte de gente que minha vó dava uns esporros ou outros porque ela tinha que me deixar... Ela tirava a grana dela, vivia na praia, tinha um namorado ou outro, fazia o corre dela.

Esse processo de reclassificação social, que afastou Cláudia do resto de sua família e cujos indicadores ela comenta com desânimo, foi ainda mais aprofundado quando na oitava série a mãe decidiu transferi-la para o Colégio Damas, um dos mais tradicionais da cidade, onde a condição de vida da maioria de seus colegas era notoriamente diferente da em que ela havia passado os primeiros anos de sua vida, na casa da avó, na Iputinga. Conta que, na época, recebeu com grande entusiasmo a notícia de que estudaria na prestigiada escola, pois já começava a sair com amigos, a beber em festas e conhecer pessoas de outras escolas e localidades mais privilegiadas da zona norte, como o Espinheiro, Casa Forte, Graças, Apipucos e Aflitos; tinha um sentimento, um desejo de conhecer novas pessoas e lugares. Mas mesmo naquela época e apesar do entusiasmo, Cláudia podia sentir o contraste entre sua origem e o novo *locus* onde se encontrava podia ser sentido mesmo naquela época, como quando confessa que tinha vergonha de dizer aos amigos aonde morava.

Era nesse mundo que eu vivia. Era com esses boyzinhos que eu saía. É muito doido, porque eu ia pra um prédio ali na (rua) Dezesete de Agosto, também de um amigo, que eu subi uma vez pra casa dele e eu fiz assim 'mano, o que é isso?'. Aquelas casas todas no ar-condicionado, aquela coisa bem luxo assim... E hoje em dia eu passo na frente desse prédio, ele é na esquina assim, da Dezesete de Agosto, e eu passo na frente desse prédio pra atravessar a ponte que dá no Detran, pra ir pra casa da minha vó. E era algo tão fora da minha realidade que eu nem entendia que tinha uma ponte que

dava na favela do Detran ali⁹⁵. Porque o táxi me deixava ali, eu entrava no prédio e saía. Entendesse?

Naquele momento ela conta que não problematizava seu desconforto, nem os discursos misóginos, elitistas e racistas que muitas vezes ouvia, por vezes até mesmo das freiras da escola. Tampouco tinha o desgosto que manifesta hoje pelo comportamento da maioria de seus colegas, dos quais faz poucas exceções: *eu encontro amigos hoje em dia assim, que não viraram pessoas tão ruins, porque normalmente saem daquele espaço pessoas terríveis*. Um dos eventos que pode ter contribuído para que se desse o distanciamento que observamos nas falas foi sua expulsão do Damas no segundo ano do ensino médio. Ela e algumas amigas foram suspensas por terem bebido Pitú no intervalo do almoço antes de voltarem pra aula da tarde. As mães foram chamadas à escola, e ainda sob efeito da cachaça, as meninas foram forçadas a ter uma conversa com as freiras. *Ela falou ‘aqui a gente tem aula de formação humana, você carrega esse brasão do Damas no peito’, e eu disse, ‘mano, na minha aula de formação vocês colocam uns palitinhos assim’, aquelas coisas como se fosse teste psicotécnico, ‘que é essa aula de formação humana pra vocês?’*. A ousadia custou-lhe a expulsão da escola. Fez, portanto, o último ano do ensino médio no Colégio NAP, no bairro de Casa Forte, segundo ela igualmente caro mas frequentado por uma *galera mais alterninha*, onde exemplifica lembrando de duas amizades LGBT que posteriormente reencontrou no Ocupe Estelita, e que curiosamente fizeram parte da lista de possíveis entrevistas para compor esta pesquisa. Sobre sua trajetória escolar, reflete: *fico pensando como o espaço do Jesus Crucificado, até a minha sétima série, contribui pra de alguma forma eu não ter virado uma Cláudia tão ruim que não voltasse mais*. Após terminar o colégio, entrou no curso de publicidade e propaganda da Universidade Católica. Pouco antes do início das férias do primeiro semestre cursado, viu uma postagem de um amigo convocando a comparecer à ocupação do Cais José Estelita, um lugar ao qual ela lembra que não sabia nem como chegar de ônibus. *‘Tás por aí?’, ‘Tô, tô com barraca, sábado tem um show’, ‘então eu acho que sábado chego por aí’*. *Aí no sábado que teve um show de Otto, o primeiro, lá dentro, eu fui pra lá*.

Cláudia não conhecia a breve história da mobilização contra a edificação do Novo Recife, tampouco sabia que aquele era um protesto contra a apropriação pela iniciativa privada de um patrimônio público. Mas ela dormiu lá por duas noites e conheceu algumas

95 Pontilhão entre o início da Estrada do Barbalho, no bairro da Iputinga, e a rua dezenove de abril, no bairro de Apipucos.

pessoas; quando chegou em casa, não conseguia deixar de pensar em voltar pro terreno. Voltou, dessa vez sem combinar com ninguém, e ficou o quanto pôde nos quinze dias de ocupação que se seguiram. Num primeiro momento admite que se sentia atraída principalmente pelas festas e pelas pessoas que as frequentavam, *eram figuras né, maioria branca, maioria bonitíssimas, alternativas, bem vestidas, patrocinavam umas festas ótimas, de primeira... aquele espaço me lembrava algo tipo, porra, que espaço massa, olha como a galera fica aqui... Mas tipo, não tinha conteúdo político do que aquela ocupação representava, ainda*. No dia da reintegração de posse, a mãe lhe acordou com a notícia e Cláudia chegou a ir pra lá, mas não ficou por muito tempo, lembra que tinha um aniversário pra ir à noite – *vê como as coisas são, de forma alguma faria sentido num dia como aquele, ir pra uma festa*. Ela foi e voltou no dia seguinte, quando os ocupantes já haviam se reorganizado sob a alça leste do Viaduto Capitão Temudo, de frente para a Praça Abelardo Rijo, onde já haviam sido realizadas algumas das atividades dos dias mais cheios durante a ocupação do terreno. Ali, sente que passou a ter confiança o suficiente para falar durante as assembleias, e foi quando sua identificação com o movimento, politicamente falando, começou a se aprofundar. Mas essa identificação teria um custo altíssimo para a Cláudia que havia chegado ao terreno há menos de um mês.

Querendo ou não, numa construção do movimento tão efetiva como o que eram aqueles das ali do Estelita, você se sente com mais autonomia pra falar quando você está ali presente, tá ligado? No dia a dia. E aí embaixo do viaduto foi quando eu comecei a falar em assembleia, garantir meu direito de voz, a sentir que eu tinha propriedade sobre o que se estava falando, sobre o que se estava decidindo, e já saí dali meio que com meus outros vínculos partidos assim, comecei novos vínculos a partir daquela vivência ali. E aí eu acho que tem algo que é muito determinante assim, no que faz mudar muito, é que eu comecei meu relacionamento com Bartó, tá ligado? A gente começou a ficar lá, lá do Estelita eu já ia dormir na casa dele. Que foi um namoro de três anos, a minha vida começou ali. E aí quando a gente saiu de lá, debaixo do viaduto, pouco tempo depois Eduardo Campos foi... O governador Eduardo Campos morreu. E aí eu postei no meu *Facebook*, era algo bem simples assim, do tipo ‘galera, vamo com calma aí, vocês tão dizendo que tá Pernambuco inteiro de luto, tem uma galera que não tá. Então vamo com calma.’ Isso virou algo bem louco na minha vida assim, porque é isso né, eu era estudante do Damas (...) Conhecia os filhos dele, que estudaram comigo, os amigos do filho, a gente tava sempre em festa juntos. Então aquela postagem ela virou algo assim, sem dimensão na minha vida. Eu não tinha dimensão de forma alguma. Para além do campo virtual, que era tipo, um comentário me chamando de escrota tinha quatrocentas curtidas, eram coisas que eu não conseguia ter proporção, eu comecei a passar pela rua e ser chingada. Um filho de um deputado daqui me mandou altas mensagens assim, no *Facebook*, que eu comecei a ficar assustada (...) Essa

foi a hora que eu rompi completamente (...) Acho que aquela postagem foi quando tipo, zerou. Eu comecei a não ter, eu não tenho hoje em dia, contato com ninguém, ninguém, ninguém, que veio da minha vivência no Damas. Ninguém.

Condenada ao ostracismo no meio que habitava, Cláudia seguiu em direção a um novo processo de reclassificação social, agora como parte da juventude universitária militante em meio à qual se encontravam a maioria dos Estelitas. Quando voltou pra casa após um mês no qual passou a maioria do seu tempo na ocupação, percebeu as contradições entre o mundo em que mergulhara intensamente nos últimos dias e a vida que levava com sua família. Se deu conta que passaria os quatro anos seguintes estudando publicidade na Católica - *um playground do Damas* - sendo bancada pelo padrasto; que a condição de trabalho precária em que a empregada doméstica de sua casa vivia era decorrente de sua condição de mulher negra numa sociedade historicamente racista; que o shopping que frequentava quase todos os dias pertencia aos mesmos grupos empresariais que exploram a cidade através da especulação imobiliária; e que muitos de seus amigos do ensino médio eram herdeiros de uma elite política e econômica composta por pouquíssimas famílias que, dentre outras coisas, dava respaldo ao Novo Recife, que ela agora entendia como um projeto excludente, uma fraude para se apropriar de um patrimônio coletivo (*porque não é que eles não assumiram nada, eles assumiram o lado contra*). Cláudia, portanto, não olhou para trás: se mudou para morar com o novo namorado, que conhecera na ocupação, e assim eles passaram três anos juntos, morando no bairro da Boa Vista, enquanto ela passou no ENEM e trocou de curso para pedagogia na UFPE. Uma amiga da mãe lhe ofereceu um emprego como assistente financeira de sua microempresa, onde emitia notas fiscais e despachava produtos para entrega, o que lhe garantiu independência financeira com um trabalho relativamente fácil num contexto em que a recessão econômica nacional que viria nos anos seguintes ainda não havia disparado a taxa de desemprego. Dessa forma ia se delineando uma nova relação com a cidade, com novas pessoas e lugares.

Quando a gente saiu debaixo do viaduto o debate era vamos ocupar a cidade. Aí a gente começou a fazer alguns encontros... Em formato de diálogo, outras coisas assim, em parque, na cidade. Lembro que primeiro foi no (parque) Treze de Maio. E aí o que é que isso fazia? Fazia com que eu me encontrasse com essas pessoas que eu tinha dialogado no estelita, fora do estelita, na mesa do bar. E isso me possibilitava um aprendizado também. Porque ali, durante o percurso da ocupação, a gente sempre tinha uma assembléia pra fazer, algo pra resolver, um sim ou um não pra dar pras coisas, sabe? E aí fora daquilo, no momento de só tomar uma cerveja, as

trocas elas conseguiam as vezes ser até maiores pra mim, sabe? (...) A casa que eu morava com Bartó também era point de muitos encontros porque era em plena (avenida) Conde da Boa Vista (...) Foi essa trajetória que organizou meus círculos afetivos, foi a partir dali, entendesse? (...) Eu morava ali na conde da boa vista, então comecei a fazer outro debate em relação às drogas, em relação a essa criminalização fudida que a gente tem, e que prende só determinados corpos... E aí fui pra essa parada de organização.

No novo curso de pedagogia, logo no primeiro semestre pagou uma cadeira sobre movimentos sociais, e se dedicava intensamente à organização do MOE. Nessa altura a cisão entre MOE e Direitos Urbanos já havia se consolidado:

O que eu acho que aconteceu, além dos rompimentos ideológicos mesmo, MOE-DU, foi que a gente organizou o Ocupe Campo-Cidade. (...) E aí ficou bem específico, quem estava construindo aquilo (...) eu acho que quem construiu o Campo-Cidade se fortaleceu, e se fez mais que nunca MOE, assim, que a gente vai até fazer uma autocritica depois. Aquele grupo, aquele vínculo, é isso, se fez MOE, e foi dali que a gente tipo, começou a fazer reuniões super internas, que até outras pessoas que tinham vivenciado o MOE não participavam (...) e foi quando a gente organizou aqueles atos sozinhos. Foi quando nosso rompimento ficou 'ó, rompemos com vocês', assim... foi. Com o DU. E eu acredito que também mudamos nossa forma de atuação.

Conforme o grupo se tornava cada vez mais independente e distinto do DU, Cláudia se dava conta de que tinha um desejo crescente de que as mobilizações do MOE se entrelaçassem com outras lutas na cidade, com demandas populares e pra além de discussões, assembleias e eventos lúdicos. A demanda de trabalho para tocar o movimento era muito exigente, as vezes com três reuniões (que, se queixa, duravam horas e eram pouco deliberativas) por semana. Tinha medo de que o MOE se tornasse *uma FUNDAJ* (Fundação Joaquim Nabuco).

Meu medo grande foi que aquilo virasse uma FUNDAJ. Aquilo começou a ser tipo, mano, eu tô aqui, dias e dias, noites e noites, batendo cabeça, organizando reunião, e o debate que eu vejo externo, falando do Estelita, me parece que o que a galera quer é tipo, botar um cinema aqui, uma praça, uma coisa aqui que a gente tipo... Gente bonita com cheiro de perfume chegue pra se paquerar... E tipo, dialogar o mesmo diálogo de sempre que elas já sabem fazer. Então esse começou a ser meu medo real. Tipo, véi, será que daqui a dois anos eu vou olhar pra mim e vou dizer, *mulher, olha o que tu ajudou a fazer*. Dos males o menor, ok, mas assim, de forma alguma é o que até hoje eu penso pra aquele espaço assim, sabe? (...) Minha esperança assim era de conseguir visualizar, tocar pessoas, conseguir visualizar mudanças em que corpos eram esses que estavam sendo tocados, sabe? E aí tipo, foi algo que a gente tentou na beirada assim, rastejando pro fim, e acho que a gente conseguiu pouco. Mas enfim, outra grande esperança assim era

fazer daquele espaço um espaço de moradia popular véi. Eu acho que, não sei, mas eu acho que o que fazia a gente respirar, todo mundo que tava ali naquela luta do MOE assim, era conseguir fazer daquilo um espaço que garantisse o mínimo de moradia digna, pra aquela galera assim. Aí eu acho que foi até por isso, foi nesse movimento que a gente se aproximou com a galera do Coque ((Re)xiste), a gente fez o evento do Sítio do Cajueiro, que a gente começou a levar nossos debates pra outros espaços né. O Ocupe Campo-Cidade também, trouxe esse debate do direito à cidade a partir de uma perspectiva de agroecologia, direito à terra, direito à plantar e colher, garantir a nossa autonomia né, nas nossas vivências.

Após os atos de maio de 2015 (o ato que terminou no Shopping Riomar e a ocupação da ‘casa’ do prefeito), o desgaste da rotina de divisão do trabalho entre cada vez menos integrantes, junto ao prosseguimento da aprovação do Projeto apesar de suas reformulações superficiais e do amplo repúdio demonstrado pela população e pelo Movimento nas audiências públicas e outras mobilizações, seguidos por algumas mobilizações que obtiveram pouca visibilidade apesar do planejamento envolvido, levaram a um misto de desinteresse e sobrecarga dos militantes que tornou as reuniões cada vez mais escassas. Apesar da imagem dinâmica e apelativa do movimento egresso da ocupação, e de sua *nova forma de atuação (...)* *tentamos mudar tanto que nos perdemos, e não estamos fazendo nada, tá ligado?* Por volta dessa época começou a trabalhar como estagiária na escola municipal Nilo Pereira, voltada para alunos de educação especial. E, enquanto o MOE parecia perder forças, o Cine Olinda, em reforma há mais de trinta anos, foi ocupado em setembro de 2016, principalmente por pessoas que haviam ocupado o Cais José Estelita. Cláudia era uma delas, e comenta com aprovação a celeridade e pragmatismo com que as decisões eram tomadas nesse novo cenário, uma vez que já havia um acúmulo de experiência da ocupação do Cais. O Cine Olinda se manteve ocupado por mais de dois meses, e no final daquele mesmo ano começaram as ocupações de escolas e universidades públicas em todo o país, mobilizadas principalmente contra a PEC do Teto dos Gastos, o movimento Escola Sem Partido e a reforma do ensino médio apresentada pelo governo Michel Temer através da MP 746/2016. Em Pernambuco, 17 prédios das três universidades públicas no estado, além de três unidades do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)⁹⁶ e mais de dez escolas estaduais⁹⁷ foram ocupados, inclusive aí a escola Nilo Pereira, onde Cláudia trabalhava (ela também participou da ocupação da UFPE na mesma época), que chegou a ser cercada pelo exército durante aqueles acontecimentos e foi a

96 ‘UFPE anuncia fim das ocupações estudantis nos prédios da instituição’, Portal G1, 23 de dezembro de 2016. Disponível em <<https://tinyurl.com/y3pdcrho>>.

97 ‘Secundaristas vão contar em filme experiência das ocupações nas escolas do Recife’, Marco Zero Conteúdo, 22 de dezembro 2017. Disponível em <<https://tinyurl.com/y5y4grme>>.

última no estado a ser desocupada. Nessa época de mobilização política intensa, chegou a se reaproximar do pai, que sempre mantivera uma relação fria e reticente com ela.

Por outro lado, painho era filiado do PSOL, por mais que ele seja esse macho bem uózinho assim, no ponto de vista paterno, ele fazia um debate político minimamente parecido com o meu. Então depois de velha a gente se encontrou pra tomar umas cervejas. Ele se separou da outra mulher dele, lá da Bahia. Deixou minha irmã igual, pagou de loki. Conheço Bianca, minha irmã, próxima tá ligado? Tento manter uma mínima relação com ela, mas meu pai também foi escroto com a mãe dela. Ela mora lá (Salvador), a gente sai juntas quando ela vem pra cá. Mas ainda tive essa vivência assim com meu pai, de sair com ele e tal. Quando eu tava na ocupação da federal, a gente ia pegar, fazer os corres pra fechar a BR (232, em frente a reitoria da universidade). Painho tinha um carro de carga, ele ia com a gente fazer o corre de madrugada. Pegar pneu e pá, não sei o quê, altos corres, foi um momento em que a gente conseguiu estar próximos. Mas é isso, ele sempre prefere, sei lá, a mulher dele e tal, aí de novo ele passa meses sem falar com minha irmã, sem falar comigo... Aí tá de boa né, a pessoa acha que pode entrar e sair assim, de boa, quando quer? Por tão pouco? Não. Tenho a minha mami aí, que não faz o debate... O quanto também o debate político não fala muito sobre quem você é na vida pessoal.

Por ter participado da ocupação da Nilo Pereira, ser estagiária e maior de idade, foi intimada a depor pela investigação levada à cabo posteriormente pela Polícia Militar sobre materiais da escola que teriam desaparecido durante os 48 dias em que estivera sob o comando dos estudantes. Acompanhada pelo Centro Popular de Direitos Humanos (CPDH), Cláudia não foi acusada de nenhum delito, mas foi demitida da escola e passou aí por um hiato de sete meses sem emprego. Isso coincidiu com o fim do relacionamento com Bartó, e consequentemente de sua vida com ele no apartamento da Boa Vista, assim como do seu envolvimento com a militância. *Aí depois fiquei nesse corre de organizar a vida pessoal, trampo, financeiro, faculdade...* Voltou a morar com a mãe e o irmão num apartamento próximo à casa onde viviam com o padrasto. Ironicamente, o período de desemprego acabou quando Cláudia recebeu uma proposta para trabalhar como professora no Damas. Ela aceitou com relutância, para apenas confirmar sua intuição de que seria uma experiência difícil, onde se demitiu em poucas semanas. Após sair do Damas, trabalhou temporariamente com educação de jovens e adultos através do programa Brasil Alfabetizado do Ministério da Educação.

É bizarro, primeiro que o treinamento no Damas pra você entrar, elas fizeram cada pessoa dentro da sala repetir ‘agora meu nome é não sei o quê, não sei o quê, Damas’, como se agora fizesse parte do seu sobrenome. E eu participando daquilo e eu ficava... saca? Aquela mesma escola que eu estudei, quando uma boyzinha ficava grávida era expulsa. Ainda tem

aquelas freiras... As vezes eu falo com... Porque é algo que eu tenho um nível de antipatia que eu não consigo descrever, porque são umas freiras... E não é dizendo que toda freira é assim de forma alguma, porque inclusive eu conheci muita freira massa em movimento social, que faz outro debate (...) Eu fiquei um mês só no Damas, e do mês inteiro, acho que você trabalha 21 dias tirando os finais de semana, acho que eu faltei 5. Inventei uma desculpa e saí. Não consigo. (...) Comecei como alfabetizadora de jovens e adultos lá no Vasco da Gama, um projeto pro qual eu tinha passado há muito tempo. Dava aula num conjunto habitacional do governo, aí tinha a associação de moradores. Eu dava aula dentro da associação, dentro desses prediozinhos tinha essa associação, eu dava aula lá. Era um lugar com quadro preto ainda, de giz (...) Em geral homens, mulheres que moravam naquela comunidade e tal, mazelas mil né, tá ligado? E a oportunidade de ser alfabetizadora (...) Eu tentava a cada aula também refazer todo esse debate que a gente tá fazendo aqui né. Eram muitas mulheres, trazer esse debate do machismo, eram muitas empregadas domésticas, trazer esse debate de raça junto com o trabalho.

Cláudia ainda começou a ensinar em mais duas escolas particulares de bairro, e em ambas também sentiu que não tinha condições de trabalhar e pediu demissão em poucos dias. Foi então que conseguiu seu emprego atual, numa clínica para crianças com necessidades especiais. Se o emprego lhe permite apreender abordagens e métodos que não podia sequer pensar em aplicar em seu estágio na Nilo Pereira, ela se sente negando o que acredita ao dedicar sua força de trabalho à uma empresa privada. *Tudo que eu quero é voltar pra escola pública. Eu só quero sair de empresa privada véi. Porque tem um propósito muito grande no que é educação pra mim, estar ali é muito difícil, parece que eu jogo no ralo de várias formas o que eu acredito do ponto de vista educacional.* Diz que depois de seu afastamento das ocupações, está novamente rumando para outros espaços e gostos, longe dos que costumava ir nos tempos que organizava o MOE. É notável, portanto, a sensibilidade aguçada que Cláudia tem sobre a relação intrincada que há entre fatores como gosto, comportamento, posicionamento político, as posições sociais relativas entre as pessoas e os grupos que frequentam e os espaços físicos e sociais onde esses fatores se interpelam e manifestam.

Sabe o que eu acho engraçado, que é algo que fala também sobre minha trajetória assim, pós-estelita... eu tava no Olinda Beer domingo. E no meu período Estelita, movimentos sociais e tal, morando com Bartó ali no centro da cidade, meu rolê jamais seria os rolês que eu dou hoje, sabe? Tipo ir pro Olinda Beer. Eu tô namorando com um boyzinho, tipo bem diferente dos boyzinhos da militância, que fazem os debates... O básico ele já tem assim. Pipi morava em São Bento do Una, mora aqui em Recife só há 3 anos... Ele trabalha numa terceirizada que faz serviço em escola municipal, então dá pra gente tirar algumas coisas assim. (...) Antes eu só saía pra essas coisas assim né, todo ano eu ia pra Gravatá na semana santa, Tamandaré no começo do ano, então em geral eu tava sempre em espaços que tocava Wesley Safadão,

essas coisas bem da moda assim, sempre gostei de pagode... Aí cheguei no Estelita, fui morar com Bartó, outras coisas, outras informações, novas coisas... MPB né, Chico, Caetano, Maria Bethânia... Aí você depois vai conhecendo as regionais, essas coisas mais... Eu ouvia também, muito, Tom Zé, muito, arrumando aquela casa, meu deus. E eu comecei, meus eventos, que eu ia no meio do ano, serem esses assim, ir pra Garanhuns, ir pra Arcoverde, então acompanhava a playlist desses espaços também. Você já vai conhecer Nação, Academia, Eddie, Otto... Eu consigo perceber hoje em dia, que consigo me olhar muito mais mulher, de alguma forma assim, com muito mais certeza de quem sou eu nesse espaço. Sem estar com uma necessidade de auto-afirmação, sabe? E aí eu tava me pegando assim, indo pro trampo ouvindo muito rap, mas também estando sempre nesses espaços que eu tô ouvindo uns bregas, uns forrós, tava no Olinda Beer (maior prévia de carnaval do Brasil), de vez em quando eu tô afim de ir pra um brega no sábado, ir pro Esquentá (casa de shows no bairro do Arruda), vou pra Gula (casa de show no bairro Jardim São Paulo)... É isso, espaços que eu não dialogava também, quando tava no Estelita. E de várias formas você precisa entender.

Sua convicção e comprometimento com a militância, enquanto mantinha sua independência financeira nos primeiros anos que saíra de casa, e sua nova trajetória como professora, fizeram com que a mãe e o padrasto a tratassem de outra maneira. As discordâncias e discussões por opiniões e questões menores da vida diária se tornaram suportáveis, e ela reconhece que hoje consegue conviver com esses aspectos que menos admira de sua família, até mesmo porque tem como prioridade estar próxima ao seu irmão, em quem diz ter plantado a semente da insurgência contra a influência bolsonarista do padrasto - *ele ia comigo pra casa de Bartó, ele via outras coisas, eu levava ele quando tinha evento do Estelita, ele não tá sendo uma pessoa... Eu acho que o Gordo não vai pro lado mau da força não*. E tem mantido uma relação equilibrada até mesmo com o padrasto, a quem várias vezes ao longo da entrevista deu sinais de considerar como um reflexo ou equivalente dos aspectos que relembra com mais desgosto da sua experiência no Damas e com as pessoas privilegiadas que conheceu ali, ao mesmo tempo que admite ter um grande carinho pelo papel de pai que ele cumpriu.

Hoje em dia tem um respeito muito bom uma com o espaço da outra assim (mãe e filha), meu padrasto mais ou menos, ele fica na dele, porque ele viu que eu não sou uma 'menina rebelde'. (...) Eu acho que assim, complicado mesmo, da minha família entender, foi o momento exato pós-ocupação, porque eu saí da faculdade, eu comecei a trabalhar, e eu lembrei agora, eu cortei o cabelo. Eu tirei o liso, e fiquei com um cortezinho assim, tipo uma franjinha bem curtinha, com o cabelo muito curto. E aí tipo, comecei a assumir algumas coisas, e aí nesses muitos processos que eu mudei, eu comecei a andar sem sutiã, que é algo que nem uso mais hoje... Enfim, a partir de alguns debates que você vai entendendo. Comecei a demorar mais

pra me depilar, ou as vezes não me depilar... Comecei a travar alguns debates com muito mais intensidade, que eu não sabia nem o que era, como é que eu ia travar algum debate? Então assim, a gente se atritou algumas vezes, e aí acho que inclusive faz parte da maturidade... Me sinto mais madura hoje, porque é isso, não faço mais alguns entraves com minha mãe, ela já entendeu essa pessoa que eu sou, eu passei por esse momento de transição aí e eu me estabeleci bem. Finalmente organizou, entendesse? Agora já tô perto de me formar, já me banco.(...) (Sobre conviver com os aspectos mais difíceis da família) Aí é um babado, você fica chatinha né, pós-tudo... (risos). Eu ainda me esforço porque eu sou uma pessoa muito apaixonada pelo meu irmão... mais perto da ocupação eu fiquei uma pessoa bem chata, bem intragável. E é por isso que eu falo que hoje eu me sinto uma mulher muito mais segura, entendesse? Eu consigo simplesmente estar naquele espaço (os shoppings) e tipo *'ah, meu deus...'*, sabe? Isso também não vai anular quem eu sou, também não posso mentir quem eu sou, onde eu nasci, daonde eu venho, quem é minha família, sabe?

4.6 MARIO

Entrevistei Mario, 28 anos, em seu apartamento no bairro de Santo Amaro, nas proximidades da Universidade Católica, quando conversamos por três horas consecutivas. Toda sua ambientação é típica de um apartamento de jovens estudantes, com móveis modestos, luzes coloridas, bicicletas empilhadas na porta, uma cozinha simples com geladeira guardando apenas o imprescindível, além do quarto bagunçado com uma rede atravessada, onde ele respondeu minhas perguntas. A família de sua mãe é oriunda de Juazeiro do Norte, aonde ela viveu até o fim da adolescência com os avós e tios de Mario. O avô materno era funcionário da CHESF (Companhia Hidro Elétrica do São Francisco), um cargo público de prestígio no sertão em meados da década de 60 a serviço da sociedade de economia mista criada por Getúlio Vargas ao fim do Estado Novo, para gerir a produção de eletricidade no nordeste do país. A avó materna, por outro lado, ainda vivia com os pais e frequentava às escondidas o Partido Comunista Brasileiro local. Já o avô era conservador, e desinteressado dos rumos do campo político. Os tempos de perseguição que corriam foram se agravando conforme terminava a década, o auge da caça aos dissidentes da ditadura. Nessa época de Atos Institucionais, desapareções e mortes, a avó de Mario se casou, segundo sua mãe, porque as mulheres 'de família' tinham outro reconhecimento, um particularmente distinto em se tratando de um 'bom partido' como o avô, um jovem funcionário público e estudante de engenharia, o que serviria para despistar a atenção alheia de seu interesse subversivo no comunismo. Compreende-se a justificativa quando Mario nos conta que o relacionamento entre os avós era muito tóxico, pois o avô paterno constantemente fazia ameaças e agredia

física e psicologicamente a família. Isso causaria uma ruptura afetiva que se estenderia até os netos, onde Mario conta que tanto ele como a irmã carregam certo desafeto pela sua figura.

A situação não se resolvia porque a avó tinha medo de repetir a sina de sua mãe (bisavó materna de Mario), cujo casamento resultou em separação numa época em que o divórcio era tido como tabu, principalmente em uma localidade profundamente tradicionalista e católica como o sertão do Cariri. Após já haverem se casado e as crianças, crescido, se mudaram ao Recife, pois o avô materno foi aprovado nos vestibulares da UFPE e Católica, mas se viu forçado a escolher a universidade particular devido a incompatibilidade dos horários entre a federal e o órgão público. Assim, foi promovido graças à especialização e obteve bons resultados na companhia, onde trabalhou durante toda a vida. Mario conta que sua mãe tem mágoas do pai e das suas atitudes, além de descrever-se sempre como muito contestadora e teimosa perante ele, principalmente quando as coisas lhe eram impostas, uma personalidade que se chocava frontalmente com a do pai autoritário. A imagem dela do avô paterno como impositivo e violento, agressor de sua mãe, quem trabalhou arduamente a vida inteira em casa para criar os três filhos, só se agravou quando terminaram por se separar e o pai não prestou mais auxílio algum à família.

Diante do abandono do pai após a separação, a mãe de nosso entrevistado não teve opção senão ajudar a mãe na renda da casa, e passou a dar aulas particulares de piano. Retrocedamos: quando criança, ela se encantava pelos desenhos que fazia o bisavô de Mario, um técnico em projetos de edificações. O filho diz que ela sempre contou com admiração que tinha disponíveis os melhores materiais para desenho: lápis suíços, nanquim, papéis de qualidade etc. Também foi por volta dessa época que ela aprendeu a dançar balé e fazer colagens e outros trabalhos plásticos, em aulas particulares que teve desde pequena. Assim, desenvolveu várias habilidades artísticas e manuais, sempre exercendo sua criatividade. Foi se valendo desse capital cultural incorporado que ela pôde manter o padrão de vida e a renda familiar depois que o pai se ausentou e não ofereceu nenhum auxílio, uma dura ruptura afetiva. Anos mais tarde, essas mesmas sensibilidades e habilidades criativas da mãe seriam transferidas com sucesso para Mario e sua irmã. A mãe entrou para a engenharia elétrica mas só cursou até o oitavo período, quando já havia conciliado em outro turno uma graduação em arquitetura na Católica (o avô de Mário queria que ela tivesse escolhido civil ao invés de elétrica). Voltou-se para a arquitetura, mas a necessidade de dividir a carga horária no início com os últimos períodos que passou na engenharia e depois com uma diversidade de trabalhos informais, a fez levar mais de uma década para formar-se finalmente na UFPE, para onde

havia conseguido uma transferência. Sua primeira aspiração havia sido o Design, mas ela tinha a impressão de que o curso de Arquitetura era mais completo para o mercado de trabalho, além da profissão de arquiteta oferecer maior prestígio que a de designer. Assim, escolheu o curso onde mais adiante acabou se encontrando com o urbanismo, a partir de cujas leituras ela criou interesse sobre a produção do espaço urbano, seu planejamento e suas questões políticas no Recife. Precisamos compreender aqui, portanto, a importância do curso de arquitetura, na trajetória da mãe de Mario: o curso não só logrou dar continuidade a sua aspiração criativa herdada do avô como permitiu, ao mesmo tempo, romper as expectativas estatutárias do pai que a queria engenheira civil mas também levá-las em conta ao preferir a robustez da arquitetura ao interesse criativo no design, e mais adiante, através do interesse pela questão urbana e pela construção do movimento estudantil, permitiu manifestar a simpatia política que herdara da vó materna, ex-militante do PCB em Juazeiro do Norte durante os primeiros anos da ditadura.

A carreira cumpriu um papel central na formação pessoal da mãe, e foi através do urbanismo que ela compreendeu que as cidades eram o palco de uma disputa política entre as classes sociais, naquele momento em torno da campanha em prol da convocação de eleições presidenciais. Também foi através do diretório acadêmico do curso que ela conheceu o pai de Mario, estudante de engenharia civil que em breve se tornaria seu companheiro, que naquele então flertava com a política estudantil por convencimento de um grande amigo. A mãe de Mario também trabalhava com todos os bicos possíveis minimamente relacionados a carreira e a sua criatividade incorporada: decoração de vitrines, ilustração de livros, aulas particulares de Autocad, estágios em escritórios de arquitetura etc. Naquela época, a tia de Mario, mais jovem, era estudante de medicina e saiu de casa por também ter brigado com seu avô, que consequentemente deixou de sustentá-la. Como a avó de Mario não tinha condições para cuidar da filha estudante, coube a sua irmã mais velha, a mãe de Mario, bancar os estudos de sua irmã mais nova, num curso reconhecidamente exclusivo e exigente.

Sabemos um tanto menos sobre o pai de Mario, que era um de seis irmãos (todos universitários, a maioria se tornaram médicos) numa família de descendência italiana que teve de se separar momentaneamente durante os anos de chumbo da ditadura. O avô paterno, assim como a avó materna, era militante do Partido Comunista no Recife, e sentia o cerco da repressão apertar em uma das cidades onde sabidamente a perseguição e hostilidade do regime foram mais implacáveis. Por isso, ele foi morar temporariamente no Pará, enquanto o temporal político amainava. Segundo Mario, o avô paterno protegera toda sua família de sua

prática política, aonde seu pai admite que sequer tinha noção, por exemplo, de que na época o Brasil vivia sob uma ditadura militar. O fato é que, apesar de não termos muitas informações sobre a vó paterna de Mario, sabemos que o cargo de auditor fiscal da Receita Federal do seu esposo lhe deu condições financeiras suficientes para criar os filhos, apesar de sua ausência, com as melhores condições materiais que a classe média recifense podia aspirar na época, em comparação às agruras que a família materna teve de passar após separar-se do pai por razões distintas. Se houve uma ruptura clara na transmissão da influência política pela blindagem feita pelo pai, por outro lado o capital econômico da família paterna foi reconvertido pelos filhos em capital cultural certificado, onde todos se tornaram médicos e engenheiros.

Após se apaixonarem em meio a efervescência política do círculo universitário durante os primeiros anos de reabertura política do país, os pais se casaram e foram viver juntos. Mas o mau momento econômico nacional dificultava a estabilidade financeira do jovem casal, enquanto a mãe além de trabalhar sempre com pequenos serviços informais e portanto não ter estabilidade ou planejamento possíveis, ainda era principal responsável pela criação dos dois filhos, pois surgiu uma oportunidade de trabalho para o pai em Cabrobó, na mesma CHESF que empregara o avô de Mario, a quinhentos quilômetros da capital, e por cinco anos ele ia e voltava para trabalhar no sertão durante a semana e passar os finais de semana com a família no Recife. Tamanhas demandas exigiram demasiado esforço físico e resistência emocional, principalmente da mãe, de quem Mario lembra sempre exausta, por vezes até apática, durante esse período de grandes sacrifícios e dificuldades nos meados da década de 90 em Jardim Atlântico. Ainda que tivesse de lidar com essa sobrecarga de dificuldades emocionais e financeiras, ela era resoluta em não ‘alienar’ os filhos diante das técnicas modernas de supervisão infantil - videogame e TV - nem tampouco entregá-los às especializações escolares, como cursos de idiomas, que via como um excesso de imposições e restrições a crianças que deviam estar mais ‘livres’, brincando e criando como ela fizera um dia, longe da imagem esterilizante da sala de aula. Logo, esse outro aspecto sempre foi estimulado, com cursos de férias, gincanas, jogos de tabuleiro, aulas de balé, esportes e brincadeiras inventadas pela mãe, sempre disponível e disposta a sacrificar inclusive suas próprias aulas da faculdade para passar algum tempo na praia com Mario e sua irmã.

Eu agradeço muito à minha mãe por ter estimulado (...) uma visão mais crítica das coisas, uma visão multidisciplinar das coisas, de ter as vezes uma visão metalinguística das coisas, de ver as várias formas de interpretação, das várias linguagens que as interpretações podem ter. Porque ela sempre estimulou muito isso em mim e na minha irmã.

A devoção de sua mãe à família em meio a uma época de dificuldades deixou uma identificação no filho com seu cuidado e com o carinho que podemos notar em oposição à imagem que tem da tia, irmã mais nova da mãe, que viveu em vários lugares no exterior depois de formada médica e foi financeiramente muito bem sucedida, mas não retornou à família a sustentação nem o afeto que lhe permitiu adquirir essa condição tão distinta.

Minha tia foi uma coisa assim, que dizia, *eu tô aqui no meio dessa merda e vou sair daqui por mim mesma*. Nesse âmbito eu acho que ela foi bem egoísta (...) Minha vó nunca vai superar o fim do casamento, porque na visão dela talvez ela tenha falhado enquanto família, saca? Aí tem todo esse carrego, porque ela sofre e é doente todo esse tempo, e os filhos sofrem junto, porque é todo mundo cuidando dela, e aí eu vejo isso, minha tia dando pouquíssima assistência, sabe? Eu digo até que com grana, porque em algum momento minha vó precisou de assistência em casa (...) Sei lá, a vida da minha tia é meio um mistério pra todo mundo, ela é uma pessoa extremamente fechada, de não se abrir com a mãe, de não se abrir com os irmãos, ela é a vida dela, o nome dela. E aí não sei, você vê toda essa situação... Eu acho se doar muito pouco pra vida ao seu redor, do tipo, ela chegou onde chegou porque tinha alguém literalmente bancando essas coisas, não só financeiramente, mas emocionalmente. Porque não adianta bancar financeiramente e comer sua mente o tempo inteiro, não deixando conseguir pensar, que é a rotina de viver com meu avô.

A família de Mario passou toda sua infância vivendo em Olinda, por um breve período no bairro do Janga, e em seguida até sua adolescência em Jardim Atlântico, bairro de classe média próximo tanto de comunidades pobres como a favela do rato, não muito distante de sua casa, como da orla olindense e suas residências mais vistosas. Posteriormente se mudariam para uma casa herdada da avó materna, próxima à rua do Príncipe em Santo Amaro, onde o pai e a mãe vivem até hoje. Mario lembra do Jardim Atlântico pelas brincadeiras com os amigos de seu condomínio e dos arredores, que deixaram de ser uma possibilidade quando se mudaram para a casa em Santo Amaro.

Eu brincava muito na rua e muito embaixo do prédio, porque eu passei muito tempo com poucos amigos no prédio e eles foram se mudando, eu fui crescendo e ficando sem amigos, e aí em dado momento por conta de um... Não sei se tu saca mas em Olinda assim na década de 90 rolou um monte de prédios cedendo, rachando, e aí uma galera morava lá perto da gente num prédio desses e um pessoal alugou o apartamento ou comprou o apartamento lá onde a gente morava, e aí voltou a ter muitas crianças no prédio. E aí eu tenho muitas memórias assim, jogando bola, brincando na rua, nos aps, jogando futebol de botão... Mas aí quando viemos pra Recife era um isolamento total, porque a gente morava em casa, tinha prédios, mas uns prédios pequenos assim de seis andares no máximo, tinha muita gente idosa

e as crianças eram muito mais novas do que a gente, não tinha gente pra interagir. E aí a gente acabava trazendo muito amiguinho da escola, ou os filhos dos amigos, mainha levava muito a gente pra casa dos primos pra interagir com outras pessoas porque a gente acabava passando muito tempo em casa.

O pai engenheiro estava quase todo o tempo trabalhando nas obras que conseguia, chegando a ter de viajar e passar vários dias fora de casa, por um longo período. As condições, apesar de *não faltar nada*, eram difíceis, chegando algumas vezes a serem insuficientes para pagar as contas mensais, quando a avó materna acudia a família em formação. Conta que não se ouvia muita música naquele apartamento, tampouco *dava muito rolê pra cinema porque sempre foi uma coisa cara*. Dentro de casa lembra de ver muita televisão aberta, na maioria desenhos, documentários sobre a natureza e os programas da TV Cultura, como Rá-Tim-Bum, Glub Glub e O Fantástico Mundo de Beakman, apesar de que só assistia quando não havia nada melhor pra fazer. Também jogava muitos jogos de tabuleiro, que a mãe dava de presente para estimular a criatividade, o raciocínio, o silêncio e a calma no apartamento pequeno com duas crianças com seus cerca de cinco anos. Sobre leitura, conta que leu pouquíssimos livros na vida pois tinha um perfil irrequieto, quase eufórico, o que lhe causaria dificuldades na escola, mas lembra de gostar de histórias como o Menino do Dedo Verde ou A Droga da Obediência, se atendo a esses e alguns paradidáticos mais lúdicos. O que parece lembrar com mais carinho são as viagens à praia com a família e amigos, outras famílias com crianças, com quem explorava esses lugares distantes da cidade, onde podiam se aventurar um pouco sem receio dos pais. As dificuldades financeiras dessa época estão sempre presentes nas memórias, onde são perceptíveis a sensação de privação e a imagem do pai como alguém que vivia para trabalhar, incessantemente. *Acho que é isso, não consigo lembrar qual é a sensação que eu lembro da minha mãe, do meu pai, na infância (...) Eu só consigo ver que não quero ter a vida do meu pai, que era sair cedo e chegar tarde pra poder pagar as contas de casa e a gente poder estudar numa escola boa, comer do bem e do melhor e não fazer nada, porque a vida era isso, só dava pra pagar as contas*. Dentro dos muitos tios e tias por parte tanto da mãe como do pai, a impressão de Mario é de ser de uma parte remediada, mas menos favorecida da família.

A família do meu pai tem muitos médicos (...) Tem uma prima minha que foi da primeira turma da faculdade do IMIP, e depois resolveu que ia fazer residência no Canadá, e tá morando em Nova Iorque agora, saca? Minha família tem muitos extremos. Tem meu tio que saiu daqui porque tava desempregado, foi morar no Rio de Janeiro e agora tá em São Paulo, e é

assim, aquela classe média que mora de aluguel mas vive muito do bem e do melhor, saca? E aí tem minha família, que é aquela classe média que nunca passou necessidade porque minha vó nunca ia deixar um filho passar necessidade, mas também que nunca teve...

A duras custas, as dificuldades financeiras dos anos 90 foram sendo deixadas para trás. A mãe avançou no curso de arquitetura, apesar de sempre ter sido simultaneamente a responsável pelas crianças. Essa proximidade e cuidado sempre retornam paralelamente a uma visão do pai como alguém muito carinhoso, mas mais inacessível. *Sabe uma argila quando tá secando, que é dura por fora mas mole por dentro? É isso, ele tem uma casca bem grossa que é muito difícil de dialogar.* O ambiente de dedicação à criação dos filhos na família de Mario é lembrança vívida, onde existe um senso de gratidão pelo cuidado, e admiração do filho pela trajetória batalhadora dos pais em meio a amigos, talvez por uma origem mais favorecida e já estabelecida no ponto culminante da trajetória da família de Mario, cujas trajetórias dos pais não tem o mesmo tom de superação e afeto. *Sei lá, você tem aquela imagem, aquela visão com todas suas críticas e elogios, mas... Porra, eu admiro muito meu pai e minha mãe (...) e me sinto muito privilegiado por isso, porque a maioria dos meus amigos não pode dizer o mesmo.*

Da escola, Mario conta que sofria muito com várias matérias e que com certeza foi uma criança disléxica, apesar da família nunca ter procurado diagnósticos. As dificuldades com deveres e notas eram resolvidas com acompanhamento particular, e quando não, da mãe, paralelamente às suas estratégias para entreter as crianças a partir das brincadeiras e técnicas lúdicas que aprendera desde jovem. Mario estudou no colégio católico salesiano Maria Auxiliadora desde o jardim de infância até o início da adolescência. Os círculos de amizades foram intermitentes durante esse período, principalmente devido às mencionadas mudanças frequentes dos amigos da vizinhança. Diz que transitava entre os nerds, o *peçoal que jogava bola*, a *playboyzada* etc, tanto na escola como no bairro. Gostava de ficar na escola depois do almoço, porque significava brincar a tarde toda, mas percebia que não se fixava em nenhum grupo.

Na teoria eu tive convívio com pessoas que estudaram comigo da terceira série ao primeiro ano, tem gente que é minha amiga e eu não convivi esse tempo todo. Só mostra o quão, eu vejo assim, o quão eu era uma pessoa aceita, mas não era inserida. Porque todos esses vários grupinhos de várias séries, essas pessoas ainda permanecem juntas, saca? Mas aí você percebe quais eram as pessoas flutuantes nesses grupos, que acabam que são sempre os mesmos estereótipos, era isso, a galera mais retraída, a galera mais tímida...

No penúltimo ano do ensino médio passou a estudar no Colégio Contato, no bairro da Boa Vista, numa turma que estudava junta desde a quinta série e portanto tinha grande intimidade e fluidez consigo mesma, onde se sentiu acolhido. O companheirismo que havia entre esses colegas, a forma como se relacionavam pra além da sala de aula, fazia Mario se sentir bem, e parte de um grupo.

(As amizades) sempre foram relações muito flutuantes, eu acho que eu só vim criar vínculos assim com as pessoas na época que estudei no ensino médio no Contato (...) os grupinhos não eram tretados, não tinha confusão na turma, era sempre muito unida pra conseguir os interesses comuns, era muito unida nas atividades acadêmicas, era muito unida na hora das filas, os CDFs não tinham... rolava o gabarito geral nos celulares... Fora ter um respeito muito mútuo (...) Eu tenho muita nostalgia dessa época.

Apesar de que havia sim algumas pessoas específicas que sempre sofriam mais pelas provocações e agressões dos colegas, conta que nessa turma sempre havia alguém *que tava ali pra segurar a barra quando você tá na pior por conta do bullying*, enquanto que em outras turmas algumas pessoas eram completamente excluídas, muitas vezes por serem LGBT, o que deixou de ser objeto de histeria para Mario muito cedo.

Tinha uma galera muito pesada (...) Difícil de lidar, de tentar dialogar com elas e começarem a tirar brincadeiras e tentar atingir aquela pessoa só porque sabiam que ela ia ficar muito magoada, e que não vai ter reação... Engraçado, como essa galera continua sendo os mesmos panacas de sempre... Enquanto outras que eram pessoas melhores nessa época, não essas que ficavam 'maldando' com as outras, mas que tinham um mínimo respeito com as identidades das outras pessoas, principalmente com a de gênero, porque quando a gente é adolescente, lidar com a homossexualidade, meu deus, quanto queijo, puta que pariu... Engraçado que hoje eu sempre me vejo muito mais confortável no nicho dos meus amigos homossexuais, e como eu tenho bem poucos amigos heterossexuais.

Já na época da reabertura política pós-ditadura, a mãe de Mario, seguindo os passos da vó comunista de Juazeiro, tornou-se militante assídua do PT. Durante sua infância, tem várias lembranças dos comícios, reuniões do partido e discussões sobre as decisões e questões internas da sigla.

Lembro demais, lembro muito de época de eleição, da primeira vitória de Lula, da primeira vitória de João Paulo, de quando Luciana ganhou a prefeitura de Olinda. Era muito doido porque minha mãe sempre sofreu

muito, porque minha mãe era militante assim, de ir pras reuniões do partido comigo e minha irmã pequenos; de por ter se mudado pra Olinda começar a frequentar o PT de Olinda e não o de Recife pra fortalecer lá, de estar sempre tentando articular essa movimentação de fazer alguém chegar a um cargo, de vereador, deputado, o que fosse.

Se até meados dos anos 2000 a figura de Lula era praticamente unânime entre os familiares, depois que o PT alcançou o protagonismo do campo político brasileiro os mesmos foram se tornando críticos ferrenhos, até odiosos, do partido e suas políticas inclusivas, num movimento paralelo ao comportamento que André Singer (2009: Cap. 2) descreve de uma fração da classe média apoiadora histórica do PT, e mais recentemente assumiram a intenção de voto no agora presidente Jair Bolsonaro.

Todo mundo votava igual exceto essa minha tia que votava na direita, um ou outra que votava num candidato perdido (...) Todo mundo votava em Lula lá em casa. Aí de repente, não que seja uma coisa boa ou ruim, o PT assumiu e todo mundo é liberal agora. (...) Todo mundo votava em Lula, exceto uma ou outra pessoa. A história é essa, com exceção do meu tio, que é médico, e de painho, todo mundo virou coxinha. De uma forma que meus primos médicos que são filhos desse meu tio e dessa minha tia que é politicamente ignorante, são alienados de uma forma surreal, como eu disse, eles vão votar em Bolsonaro.

Ao ser favorecida economicamente no decorrer da transição de poderes entre o último mandato de Fernando Henrique Cardoso e o primeiro de Lula, a classe média 'progressista' abandonou a, dita por Singer, *primeira alma* do partido dos trabalhadores, em nome de sua própria estabilidade, conforme a mesma escada pela qual havia subido dava passo para a emergência das classes menos favorecidas. Assim, os familiares que se revelaram conservadores e defensores dos interesses dos 'cidadãos de bem' não tardaram em endossar as narrativas da grande mídia brasileira sobre o escândalo do mensalão, posteriormente conectadas aos descobrimentos da operação Lava-Jato. Foi no interim entre o fim da vida escolar e o início da faculdade que Mario namorou as primeiras vezes. Conta que isso tardou a acontecer, pois veio com a conexão com a turma nova de amigos do Contato. Lembra do avô paterno e do pai como homens carinhosos e românticos nos quais busca se espelhar:

Acho que meu avô era aquela figurona, o marido que as mulheres procuravam na década de vinte. Aquele cara que vai ter um emprego formal, que vai ser um maridão afetuoso (...) Porque ele é o exemplo de todo mundo da família, inclusive de afeto. Meu avô era a pessoa que pegava o microfone no meio da festa e fazia uma declaração de amor... e botava a velha pra chorar. Nesse nível, sempre foi. Eu acho que meu pai tem muito

disso na relação com minha mãe, de respeitar ela enquanto mulher e enquanto esposa.

O primeiro relacionamento durou somente alguns meses, e logo depois começou a namorar novamente, dessa vez por quase três anos, com uma colega do pré-vestibular também do Contato, em que se inscreveu após reprovar o primeiro vestibular. Seguiram juntos depois do curso preparatório, quando entraram na mesma turma do curso de arquitetura da Universidade Católica, o mesmo em que a mãe de Mario fizera a maior parte de sua formação. Apesar do carinho pela nova namorada, cresceu-lhe um sentimento de estagnação, de estar capturado pelo relacionamento, enquanto suas amizades cada vez mais derivavam de seu namoro, o que indicava uma insegurança que só veio perceber anos depois, e que naquela época exigiu um desgaste longo para que o relacionamento terminasse.

Dos dezessete aos vinte oito anos, eu acho que nunca me dei espaço para assumir minha própria personalidade, porque eu sempre percebi muito isso, sou a pessoa que me dou pra relação, eu vou muito mais pro nicho social da pessoa do que trago ela pro meu, eu trago a pessoa muito mais pro meu nicho familiar do que de amizades (...) Inclusive eu sempre fui uma pessoa que me relacionei pouco e muito mal, e sempre tive minhas paixõezinhas adolescentes como frustrações, quando eu me via numa situação de um relacionamento que não tava dando certo eu tentava resolver de todas as formas, e quando você é muito novo e começa a lidar com relações você demora muito a entender que por mais que você goste da pessoa, não dá certo.

O curso de arquitetura exigia dedicação crescente, como aprendera com a mãe. *Minha faculdade foi muito isso, foi estar sempre nessa dicotomia de um curso que me consome quase todo o tempo, e você praticamente só se relaciona com essas pessoas, e acaba que se envolve com alguém nesse ciclo de amizades.* Estagiou em diversos escritórios da cidade, seguindo também à guisa da mãe o interesse pelo urbanismo. Não chegou a participar do diretório acadêmico por falta de *uma turma que se empolgasse comigo pra ir atrás.* Nesse ritmo ocupado que se encontrou com a ocupação do Cais José Estelita, da qual ficou sabendo em sua própria casa. A mãe, que uma vez formada passou em um concurso para trabalhar no setor de planejamento urbano da Prefeitura do Recife, nunca deixou as convicções militantes de lado e utilizava o espaço conquistado na administração da cidade para contrapor-se ao planejamento gentrificador e excludente. Foi buscando ampliar essa resistência que envolveu-se com os organizadores da página no *Facebook* Direito Urbanos, do qual foi uma das membras fundadoras. Dessa forma, assuntos como o futuro das imediações do Cais José

Estelita foram pauta nas conversas familiares na casa de Mario muito antes de chegarem às capas dos jornais, por exemplo. Sendo assim, recebeu em casa, naquela quarta à noite, a notícia de que se iniciava uma demolição clandestina nos armazéns de açúcar do Cais. Assim que souberam que os ocupantes haviam pulado o muro, ele e a namorada que conhecera há poucos meses arranjaram uma barraca de acampamento e foram para lá.

Ela foi uma pessoa incrível que apareceu na minha vida, porque vai fazer cinco anos que a gente se conhece e nesse tempo aconteceu tanta coisa... Porque 2014 foi um marco muito forte não só pela ocupação do Cais (...) De irem se colocando questionamentos que foram escancarados pra gente... E de descobrir mesmo o quão a gente é ignorante com as coisas ao nosso redor, saca? De quanto a gente vive num mundinho pequeno, e que a gente precisa se dispor a estar fora da zona de conforto. Nesses cinco anos, foi ela quem me acompanhou e que mudou pra cacete comigo nesse momento.

Apesar de não poderem estar presentes o tempo todo – devido aos empregos que tinham, Mario frisa - sempre davam um jeito de aparecer por lá em algum momento do dia. Toda a situação era nova e inusitada para ele, que se sentiu comovido pela experiência do Cais.

Eu desconhecia que ocupação podia ser uma ferramenta, que poderia ser uma tática. Quando aconteceu, eu só fiquei pensando, caralho que foda, a galera conseguiu entrar no terreno! Eu só consegui pensar isso. E aí, agora a gente fica aqui até tirarem a gente debaixo de bala ou não fizerem mais esses prédios, e com certeza a ocupação desse cais e ter participado disso de alguma forma ou minimamente, foi uma coisa assim muito importante pra construção do ser humano e do caráter que eu sou e tenho hoje. Me colocar em contato com a diversidade de pessoas e de situações que aquela experiência e lugar me proporcionaram e me proporcionam até hoje, sei lá, me mudou como ser humano como os vinte e três anos anteriores não tinham me mudado. Com certeza uma parte integral e forte da minha personalidade e do que eu quero do mundo, ou do que eu acredito como pessoa, vem da loucura que era aquele lugar.

Durante toda a ocupação Mario se manteve em contato direto com dois grupos cujas distinções entre si naquele momento eram apenas embrionárias, mas que se desenvolveriam e passariam a evidenciar uma disputa na hegemonia da luta pelo cais, apesar de que até aquele momento aparentavam conciliar-se dentro de uma mesma identidade - o Direitos Urbanos, e o futuro Movimento Ocupe Estelita. Como já explicamos anteriormente, o DU tornou-se o equivalente de um determinado perfil, mais velho, demasiado comprometido para poder 'viver' a ocupação, e portanto menos presente e radical quando comparado às pessoas que

podiam estar presentes no terreno praticamente o dia todo ou a maior parte dele, na maioria jovens estudantes e/ou desempregados. Dessa forma, Mario mais uma vez se posicionava na fronteira entre os grupos que o atravessavam, uma *pessoa flutuante*, vendo com um olhar crítico as dificuldades de mediação entre os dois lados que começavam a se esboçar naquela resistência, mas aproveitando-se de sua perspectiva na encruzilhada entre as frações para o proveito do grupo com o qual se identificava mais.

A imaturidade dos jovens e a arrogância dos experientes foi o que cagou aquele rolê, porque ninguém sabia escutar, que era o principal, acho que as pessoas se escutavam muito mal, e ninguém sabia falar. Se buscava uma manipulação absurda, de ambos os lados. Do lado de fora querendo interferir com o que acontecia na ocupação e do lado de dentro de se esconder e maquiar uma carapuça de horizontalidade que não existia (...) Eu me sentia como um agente infiltrado do DU quando tava no Estelita e eu me sentia um agente infiltrado do Estelita quando tava no meio do povo do DU. Eu evitava ao máximo levar informações de um lado pro outro, mas como eu discordava muito mais das abordagens e estratégias que o DU queria fazer, eu me aproximei muito mais das outras pessoas e dos outros grupos (...) Eu me via como um tráfico de informação, sabe? Porque era muito claro... Quando a informação chegava lá em casa e quando ela chegava na ocupação, eu dizia *oxe, meu irmão, que filtragem do carai é essa?* Aí eu comecei a pegar as informações do DU e passar na íntegra pra gente, saca?

Enquanto isso, acompanhava não só a progressão do alcance da causa e os acontecimentos e dificuldades da ocupação, mas também a pressão que a mãe sofria, incólume, por trabalhar na prefeitura, uma prova de seu comprometimento militante e resistência emocional, ambas reconhecidas por Mario como qualidades admiráveis, mas a um alto custo.

Ela minou qualquer possibilidade de crescimento dela dentro da máquina, pelo menos nessa gestão. Porque como ela é concursada, não tem medo de nada. (...) E aí ela se fez muito dessa blindagem pra defender as posturas dela, que inclusive em dados momentos são muito importantes; mas a postura dela acabou com ela num nível de perseguição que eu não sei como ela lida com isso mentalmente. Coisas de receber, sei lá, ameaça por telefone (...) eu não entendo como ela tem estrutura emocional com o que ela faz, saca? Como estar no meio dessa galera, e ela se impõe de uma forma que ela é muito respeitada lá dentro. Só que ela é completamente temida, de ninguém a querer dentro da secretaria. É isso, ela tem uma postura da qual eu posso me orgulhar muito, só que completamente autodestrutiva.

Quando calhava de se encontrarem em casa, a família de Mario falava da ocupação como a principal pauta do momento. Vivia-se o tema naquela casa com entusiasmo, uma oportunidade de expôr os interesses em disputa na construção do espaço urbano, de maneira

totalmente diferente das de muitas outras pessoas que dormiram naquele terreno, que em sua maioria evitavam tocar no tema com seus familiares na medida do possível. Depois da reintegração de posse e o fim da ocupação sob o viaduto, diz que as reuniões e atos do MOE tornaram-se sua ocupação principal durante o ano seguinte. Após os atos de rua e demais protestos ao longo do ano seguinte à ocupação se sentiu esgotado das mobilizações do grupo e preferiu manter-se distante, até agora.

(...) Eu demorei a voltar a viver minha vida normal, porque depois que a gente saiu do Cais a minha vida ficou muito nisso, sabe? De semanalmente estar envolvido nas reuniões do Estelita, de estar envolvido na construção dos atos, de estar buscando, trocando informação, de como andava o processo, de como andava juridicamente, de quais eram os nossos prazos, que que a gente podia fazer, como a gente podia se movimentar pro assunto não morrer.

Mesmo sem seguir frequentando as reuniões do movimento, as amizades que construíra a partir do Cais o acompanharam após o término de seu envolvimento. Formou-se cerca de um ano após a reintegração de posse, e depois de procurar emprego por longo período, começou a trabalhar como interventor urbano para a Prefeitura do Recife, além de iniciar uma pós-graduação quinzenal em Design e Arquitetura de Espaços Efêmeros no Instituto de Educação Superior da Paraíba, faculdade particular em João Pessoa. Saiu da casa em que morava com os pais em Santo Amaro desde os doze anos, na parte mais residencial e segura do bairro, para ir viver com o amigo Bartó (que também participou do movimento em suas várias fases e foi namorado de Cláudia, outra de nossas entrevistadas) num antigo edifício da rua Sete de Setembro, a dois quarteirões da ponte Duarte Coelho. Quase dois anos depois mudaram-se juntos para onde vivem agora, nas proximidades da Universidade Católica, perto da casa onde Mario morava com a família. O novo emprego concilia os ideais de ocupação dos espaços públicos com os interesses da Prefeitura, antes adversária.

O conceito de intervenção urbana vem de você pegar espaços para ressignificá-los, reafirmá-los, trazer algo novo e diferente pra esse espaço que vai chamar a atenção pra ele, que pode ser um trabalho com graffiti, uma performance artística, um show, um teatro de arena (...) Eu trabalho muito com, eu descobri que é um conceito, que eu nem sabia que existia, que chama acupuntura urbana. Eu trabalho pontualmente em locais estratégicos escolhidos (...) Com pontos pequenos e com ferramentas limitadas. E tirando todas as grandes crises políticas do meu trabalho, eu o considero muito importante porque é uma coisa relativamente nova, pelo menos no Brasil eu desconheço prefeituras que estejam fazendo trabalhos parecidos (...) A intervenção de forma lúdica trazendo a arte pra lugares

completamente 'subnegados', como o mirante que eu trabalhei agora no Alto Santa Isabel, era só isso, um grande cimentado, todo cinza e rachado. E aí a gente fez só isso, botou umas árvores, botou um jardim, e pintou. E sei lá, acho que até a frequência da praça aumentou, saca? Que já era o pico que a galera ia fumar um, mas agora ainda é o pico que a galera vai porque tá muito melhor, tá bonito de ficar lá, saca? Esse meu trabalho me traz muitas coisas boas principalmente dessas vivências, mostrar um Recife desconhecido pra uma boa parte da população, por trás dos morros e avenidas, porque como eu trabalho nas áreas de morro é isso, aqui tá a Avenida Norte, aqui é morro, aqui é a cidade formal.

Chegou a dedicar-se também à militância partidária do PSOL, apoiando e trabalhando na candidatura de Severino Biu, líder do sindicato dos vendedores ambulantes e trabalhadores informais da cidade do Recife (SINTRACE) pelo PSOL. Curiosamente, diz não acreditar mais nas possibilidades dos meios institucionais tradicionais levarem a transformações verdadeiras, apesar de dedicar-se a construí-los e trabalhar com isso.

Eu escolhi não votar mais, mas na hora do vamo ver eu não sei como vai ser. Eleição passada eu trabalhei na candidatura de Biu, disse que não ia votar pra prefeito, só vereador, etc. Eu já não tava mais disposto a participar do meio institucional tradicional, mas acho que o que me moveu foi muito mais o afetivo do que qualquer outra coisa, porque eram pessoas nas quais eu acredito, que confio (...) E aí no segundo turno, quando voltei de viagem, era domingo de eleição, e aí eu pensei assim *porra, vai que ele perde né?* ...Aí eu votei em João Paulo, mas a muito contragosto véi... eu acredito que mudaria pouca coisa, não acredito que ele teria força pra barrar o Novo Recife, entende? (...) [*Sobre a candidatura de Leo Cisneiros pelo PSOL*] É exatamente isso, ele acredita que precisa dessa figura lá dentro, que põe pautas e números em cima da mesa, contestando a câmara, que vai conseguir brigar com GeJu e as construtoras... Não vai mano. Só que aí eu vou ficar gongando o rolê das coleguinhas? Não vou, porque no fim das contas a gente quer chegar no mesmo caminho.

Ao mesmo tempo, diversas vezes aparece uma compreensão mais simpática da estratégia de disputar a hegemonia das instituições e poderes, reflexões constituídas a partir de sua compreensão da trajetória da mãe mas atualizadas principalmente a partir das contradições experimentadas agora como ele mesmo um funcionário do executivo municipal.

A gente tem que entender que as transições são muito lentas, e que a gente tem que dar força a nossos companheiros e companheiras que tão na luta nesse desgaste de tentar mudar a instituição por dentro. De apoiar nossas lutas por dentro. Eu não acredito nisso, no agente que vai 'hackear' o sistema através do sistema. Mas eu acredito que essas peças são de extrema importância (...) E eu sinto isso hoje na pele, estando num cargo da prefeitura. Tem informações soltas que são intenções da prefeitura, dos empresários, de fazerem, por exemplo, certas desapropriações... informações

que eu tenho na mão e posso passar pras pessoas que precisam saber disso, sabe. (...) Esse lugar precisa ser disputado, essa luta precisa acontecer.

Hoje em dia, após o golpe de 2016 e em relação a todos os retrocessos e ameaças que temos vivido no Brasil, se sente sem esperança, com medo, sem perspectivas de futuro. Seu maior temor é pela liberdade dos amigos e amigas mais engajados que seguem lutando pelas causas atacadas, no MTST, na organização do PSOL, nos coletivos antiproibicionistas, nas universidades. Sente que o cerco está se fechando sobre essas pessoas, sem perspectivas de alívio dessa perseguição.

(O golpe de 2016) foi uma coisa assim, que me afetou psicologicamente, porque eu me vejo um jovem de quase trinta anos, um jovem no fim da juventude, sem perspectiva de nada. (...) Tão tirando nossas universidades, então eu como pessoa não-acadêmica, mas interessada em se inserir na academia apesar do desgaste com ela, sinto que se não correr pra nos próximos dois ou três anos entrar, talvez eu não consiga nunca mais (...) A cada votação que a gente vai perdendo eu vou me sentindo cada vez mais num redemoinho mais fundo e escuro, onde a qualquer momento eu vou voltar pra pior situação possível na minha vida, a mais confortável que eu posso ter, que é voltar pra casa dos meus pais. (...) E aí eu, com a visão que eu tenho de um governo autoritário, começo a temer, no espaço desses próximos dez anos, pela vida dos meus amigos ativistas e militantes. Porque eu acho que o Brasil é o país que mais mata militantes e ativistas, principalmente quando envolve questão de terra, e o que é o Estelita senão uma grande questão de terra? E o que é toda essa grande questão de moradia que muitos amigos meus estão disputando a nível nacional? Porque são esses meus amigos de luta que estão na dirigência local do MTST, por exemplo (...) Dentro desse cenário político, eu começo a temer pela vida dos meus amigos, é isso.

Portanto, percebemos a trajetória de Mario como marcada principalmente pela herança da vocação urbanística da mãe, ramo da arquitetura mais preocupado com questões sociopolíticas que estão no seio de ambos os lados de sua família, marcados pela presença dos avós militantes do PCB. A formação arquitetônica tem, pelo menos no que trata sua veia urbanística, como bem antecipou sua mãe ainda em juventude, um prestígio próprio que resulta da propriedade sobre essa ciência capaz de arbitrar a produção da cidade contemporânea, mesmo que seja reivindicando os interesses populares, vide seus esforços e resistência na Prefeitura do Recife. Dessa forma, para Mario o Cais não era um espaço estranho, ainda que nunca houvesse o frequentado, pois o que o preenchia era uma discussão antiga à qual se familiariza incentivado pela figura carinhosa e prestativa da mãe, cujo afeto generoso se traduziu na transmissão de suas habilidades criativas para ambos os filhos (a irmã

de Mario formou-se designer, também na UFPE). Por outro lado, dentre os dois grupos que se formaram a partir daquela vivência, Mario se manteve no bojo do MOE, mais jovem e provocativo. Evidências de que há algo que busca passagem nessa herança carinhosa que entrelaça resistência e criatividade, algo que possa marcá-la com o signo do inaugural.

4.7 ALESSANDRO

Estive com Alessandro, 24 anos, na casa da família de seu pai em Pau Amarelo, bairro de Paulista onde passou praticamente toda sua vida, e é lá que tem vivido desde que voltou do Recife, onde viveu um período com amigos que conhecera no MOE em um apartamento na Madalena, e posteriormente, com a atual companheira no bairro das graças, com quem teve um filho há pouco mais de um ano, mas preferiram não continuar vivendo juntos. Trabalha como administrativo num dos maiores escritórios de advocacia da cidade, onde ganha pouco mais que um salário mínimo por mês e destina a maioria à criança, que ainda vai completar dois anos. A namorada, cerca da mesma idade, vive no Recife, onde passa sua parte da semana com o filho. Até o início do ano passado, Alessandro era coordenador de segurança e ações estratégicas de um dos principais movimentos sociais por moradia da capital, dedicando-se intensivamente à um tipo de militância cuja abordagem radical frequentemente se intersecciona com as fronteiras da legalidade. Enquanto conversamos por cerca de três horas, observamos vários sinais de que Alessandro é muito bem quisto dentre seus amigos de bairro e infância, além de na sua própria família, e seu trabalho dentro da mobilização política popular é visto com bons olhos. Isso merece destaque tendo em vista que nas localidades mais afastadas dos centros metropolitanos é menos comum encontrarmos simpatia à organizações e manifestações políticas mais arrojadas. Acontece que as portas da casa da família de Alessandro estão sempre abertas, assim como o sinal de wi-fi sem senha que oferece para a rua e que eventualmente torna sua calçada parada temporária dos transeuntes da vizinhança que aproveitam os dados livres. A casa é contígua a uma fábrica de salgados, também da família, onde amostras da produção na cozinha de escala industrial circulam entre os colegas e visitantes frequentes, lanches que a família vende em diversas localidades na região metropolitana, principalmente em escolas e integrações de ônibus. Alessandro está sempre trocando cigarros, piadas e meias-palavras com os homens que vem e vão durante todo o dia na casa-fábrica, enquanto brinca com seu filho num final de semana à tarde. Apesar de sua simpatia e eloquência, é difícil aprofundar sobre os aspectos mais pessoais e afetivos de sua

vida, enquanto as perguntas e comentários sobre o Estelita e sua experiência posterior como militante consomem a maior parte da entrevista.

A família da mãe de Alessandro é originária de Itapissuma, município ao norte de Paulista, e a partir do esforço de sua bisavó, superaram as dificuldades do tempo em que a família se sustentava com as roupas que ela lavava no rio

Começa com minha bisavó, que faleceu faz três anos. Ela morava em Itapissuma, conhecida como Nega de Xana. Teve quatro filhos, e criou os quatro lavando roupa na beira do rio. E conseguiu educar os quatro, três mulheres e um homem, cada um tem um rolê, cada um tem sua vida. Aí minha vó mesmo, que é uma dessas três, ela é técnica judiciária, tá ligado? Eu admiro muito, porque fico pensando, se hoje em dia é difícil, naquela época então... A bicha é uma preta né, já tem seus 65 anos, e é funcionária pública há muito tempo do Tribunal de Justiça, tá ligado? A mãe da minha mãe. Aí mainha não sabe quem é o pai dela não, minha vó nunca disse... É um mistério. Minha vó é preta, e minha mãe é branca.

A condição frágil, diz Alessandro, se traduziu em uma simpatia histórica da família pelo PT, que se mantém até hoje. A mãe trabalhou como vendedora de porta a porta de produtos cosméticos e se matriculou no curso de administração da faculdade Joaquim Nabuco em Paulista, onde também trabalhou depois de se formar. Nesse interim, chegou a trabalhar no setor administrativo da fábrica de garrafas PET que há em frente a casa dos sogros em Pau Amarelo.

A família do pai, por sua vez, vive na região de Paulista há pelo menos três gerações, onde Alessandro recorda que seu bisavô foi um vereador de esquerda no período pré-ditadura (*é até nome de praça, da maior praça que tem aqui em Pau Amarelo, é o nome do meu bisavô*), e que seu avô chegou a participar de uma resistência contra o regime civil-militar. *Que é uma família negra (família paterna), tá ligado? O meu avô era preto, e meu bisavô também. É uma doideira... Meu pai tem um pai preto e uma mãe branca, e minha mãe tem uma mãe preta e um pai desconhecido. Só que os dois ficaram brancos, aí eu fiquei branco.* A família do avô paterno tinha uma padaria no bairro, negócio que viveu um momento de prosperidade financeira no limiar entre os anos 80 e 90 mas veio à falência na metade da década. A crise fez com que o avô começasse a vender coxinhas que fazia em casa na parada de ônibus na BR-101, a dois quarteirões dali, negócio tímido mas que foi ganhando sua clientela, até que conseguiram estabelecer uma estrutura inicial para a fábrica de salgados, época em que Alessandro conta que se tornaram evangélicos. O pai de Alessandro, nesse período, trabalhava com sua família. Ele e a mãe se conheciam do bairro, e quando

Alessandro nasceu para viver na casa da família materna em Paulista, e logo depois em Itamaracá, também por pouco tempo, antes de ir viver com a família do pai em Pau Amarelo, quando o filho tinha quatro anos. Estiveram ali durante os instáveis primeiros momentos do novo negócio da família, até que por volta de 2001 os pais se separaram, quando Alessandro completou sete anos e seu pai se mudou para a Califórnia devido à escassez de oportunidades para ajudar com o rendimento da família, onde trabalhou em uma loja de produtos importados e remessas internacionais de dinheiro indicado por um amigo, e todos os meses enviava dinheiro para a família e seu filho.

Alessandro e a mãe voltaram a morar na casa da família materna, que é católica (Alessandro, que foi batizado evangélico aos quatorze anos, frequentava a igreja do bairro até o fim da adolescência e chegou a fazer curso de leitura bíblica, lembra que se divertia provocando a família da mãe dizendo coisas como *Nossa Senhora não existe!*), no centro de Paulista. No colégio que frequentava, em Pau Amarelo, havia aulas de *Taekwondo*, uma arte marcial coreana que chamou a atenção de Alessandro, que se dedicava intensamente aos treinos, e tinha o prestígio de ser atleta (*Eu tinha oito anos de idade, aí começou a ter Taekwondo lá na escola, lotava a quadra véi; aí o professor fez 'daqui só um vai ser faixa preta', aí eu fiz 'vai ser eu'. Aí eu fui o primeiro faixa preta dessa equipe daqui de Paulista*). Sempre gostou de comida regional, como diz: *macaxeira, inhame, charque, feijão, arroz, carne, essas coisas assim. Minha comida é muito simples*. Gostava de brincar com os amigos de esconde-esconde, queimado, pião, bolinha de gude, chuta-lata e dono da rua, e de descer a ladeira do sítio histórico sentado em palhas de coqueiro. Já pouco antes do início da adolescência, gostava de reunir os amigos de bairros diferentes organizando festas ou se encontrando na rua.

Na escola eu era atleta né, aí tinha um 'hypezinho' assim de atleta. Eu colava com a galera que gostava de rap, ficava cantando rap no intervalo, ouvia muita música internacional também... Aí Racionais sempre foi uma coisa bem presente assim, curtia muito, pra um bicho que era evangélico... tá ligado? Ouvia pagode, brega... Mano, sou apaixonado por brega, eu acho que o brega vai dominar o mundo, quando juntar brega e rap. Brega é... Pô, teve um tempo que eu morei ali no centro de Paulista. Aí na minha rua tinha a tenda de Adriane, você ia comprar pizza e pipoca de micro-ondas, que ninguém tinha micro-ondas. Aí era só brega véi, só brega, só brega... Fazia umas festinhas em casa, já pirraia. Tinha um confronto muito grande aqui que era Pau Amarelo e Paulista assim, que são dois bairros. E eu morava em Paulista na época, e estudava em Pau Amarelo, então eu conhecia gente nos dois lugares, aí no final das festinhas tinha birga, uma resenha...

Mas a convivência com a mãe não era das melhores, e quando tinha onze anos foi viver com o pai nos EUA. A experiência foi marcante, conta, pois viviam em Richmond, cidade vizinha à mais famosa Oakland, ambas na margem leste da baía de São Francisco, uma região historicamente conhecida pela sua população majoritariamente negra e hispânica, uma das mais etnicamente diversas do país. A imersão profunda na cultura das periferias afrohispanicas norteamericanas parecia empolgar em um primeiro momento pela simpatia que já possuía pelo rap, mas o entusiasmo rapidamente cairia por terra diante da frustração com o *bullying* sofrido por ser um imigrante da América do Sul, agressões que vinham inesperadamente dos próprios imigrantes latinos:

Porra, eu pedia pra voltar sempre véi (...) Gostei no começo assim, gostava do rap e tal, mas depois que você saiu... Querendo ou não, você aqui no Brasil né, na cabeça de uma criança... Porra, você bonitinho, pá, de uma galera conhecidinha, que estudava aqui em Paulista, tá ligado? Ou seja, você tinha um *status* na escola, e lá eu fui pra ser o cocô do bandido, tá ligado? Um imigrante latinoamericano. Sem pano nenhum (...) (*O bullying*) Me fez não querer estar lá. Ou ter enfrentado algumas vezes e sempre ter essa possibilidade de enfrentamento.

Tu chegou a ser agredido verbalmente?

Oxe, e fisicamente, na escola. Aí você troca um tapa e você é o errado, tá ligado? E o pior man, é que do tipo, não eram nem uns branquinhos Donald Trump não, tá ligado? Eram tipo, os latinos, tá ligado, assim, a galera latina (...) Aí tipo, vamo fuder esse aqui que tá mais fraco pra galera que tá mais forte dar um reconhecimento à nós, tá ligado? O sistema é muito nojento, porra. (...) Pronto, lá nos Estados Unidos é que eu tive acesso a Martin Luther King, por exemplo. Na escola, também por causa de um feriado que tinha... Tinha muita gangue também... Sempre tinha gente morta. E aí você vê, você sabe quem é preto e quem é latino, é diferente dos brancos.

A popularidade entre os amigos nas festas do centro de Paulista e o ‘*hypezinho*’ de atleta na escola em Pau Amarelo deram lugar a um estranhamento hostil, que levou Alessandro a se defrontar com sua própria condição hegemônica enquanto ‘*bonitinho*’, branco de cabelos lisos de uma família com história conhecida e negócios próprios em seu bairro de origem. Mas essa desterritorialização também foi capaz de produzir alianças, que junto ao perfil esportivo e físico privilegiado de Alessandro (ele tem quase dois metros de altura e nas competições de *Taekwondo* concorre na categoria peso-pesado), o ajudaram a se sentir enturmado.

Tinha umas paradas assim, agora a gente conversando o cara vai lembrando... Depois eu fui me desenvolvendo né, fui criando amizade, tá

ligado, fui jogando basquete, fui criando vínculos com uns brasileiros que moravam lá, andávamos de skate, patinete... Tentei jogar bola lá, porque você sendo ruim aqui você consegue ser melhor que os caras lá, metia uns gols, uma doideira, e eu jogava inspiradão visse? Acho que baixava o brasileiro assim em mim. Tanto que na sexta-série tem o *yearbook* né, que tem sua foto, aí você bota o que você quer ser quando crescer. Aí eu botei 'jogador de futebol', mas acho que a galera perguntou e eu pensei 'pô, não sei o que eu quero ser'... Aí disseram, bota jogador de futebol, e ficou, *soccer player*. Não sabia inglês, então fui aprendendo lá, na tora. Lembro que eu era sexta-série lá e a escola tinha um processo democrático dentro assim, de eleição de presidente, aí a quinta-série elegia o secretário, a outra série elegia o... Só que a sexta-série elegia o presidente. Aí eu me juntei com um bicho que era Elijah o nome dele, de lá, que ele era preto, tá ligado? Oxe, eu fazia os cartaz dele lá em casa, 'Elijah Presidente', não sei o quê... Aí o bicho foi o primeiro presidente eleito preto da escola, boy.

O pai ainda viveria em Richmond mais seis anos (completando dez anos longe do Brasil e do filho), até os dezessete de Alessandro, onde após o negócio onde tinha seu emprego ser fechado, trabalhou na construção civil, limpando casas, *foi se virando como dava*. Alessandro voltou para a casa dos avós paternos em Pau Amarelo, que o matricularam em uma escola maior em Paulista (*que pagava de ser melhorzinha assim né, mas...*) por pedido do neto, *por causa de procurar outros ares mesmo, essa escola daqui era muito evangélica, a diretora era muito evangélica, conservadora, patriotista. Você vai se incomodando né, com isso*. Nessa época já não frequentava a igreja, por não aceitar que os dogmas da sua fé não aceitassem um amigo homossexual que tinha. *Eu ficava: meu irmão, o bicho é meu amigo, a minha igreja que é uma parada que é pra ser importante na minha vida não aceita o cara... Tô no lugar errado véi*. Durante toda sua adolescência, Alessandro teve na figura do avô o carinho, o cuidado e a presença de um pai.

Do desempenho escolar, conta que passava *filando né, estratégia, você ajuda de um lado, a galera ajuda do outro*. Ficava muito em recuperação: gostava apenas das matérias humanas e não dava atenção às demais. Já visando a preparação para o exame vestibular, os avós o transferiram para o Colégio Atual de Olinda nos últimos dois anos do ensino médio, um lugar e um tempo onde Alessandro diz que se sentia em desvantagem constante por ter de passar três horas do dia indo e voltando de ônibus até o bairro de Casa Caiada. Mas seu objetivo era nítido: *Primeiro eu tinha que passar em alguma faculdade pra não reprovar o terceiro ano, era a estratégia. Aí dentre as que o ponto de corte era mais baixo, Ciências Sociais era a que mais me interessava, tá ligado? Tanto é que eu passei em Zootecnia também. Eu só queria sair da escola*. Por causa de semestres pulados pela alternância entre os calendários escolares norteamericano e brasileiro e por haver pulado um dos anos pré-

escolares, Alessandro concluiu a escola aos quinze anos, em 2010. Ri quando lembra que queria que José Serra ganhasse as eleições presidenciais naquele ano, e que ficou chateado com a vitória de Dilma Roussef: *machistinha na escola né, aí... A gente muda.*

Passou no vestibular para o curso de ciências sociais da UFRPE, onde as cadeiras do ciclo comum de antropologia, sociologia e ciência política começavam a fornecer-lhe novas concepções sobre política, história, desigualdade e justiça social. Apesar de que não teve o costume de ler durante a infância ou a adolescência, começou a se interessar por literatura, especialmente romances de autores latinoamericanos como Gabriel Garcia Márquez, Mario Vargas Llosa e Jorge Amado. Por volta dessa época o pai retornou dos Estados Unidos e voltou a viver com sua família na casa-fábrica em Pau Amarelo: o avô compadecia de câncer nos pulmões. Apesar de haver sido tratado com quimioterapia e radioterapia através do Sistema Único de Saúde, o patriarca da família faleceu em 2011, quando o pai de Alessandro assumiu a fábrica de salgados. Foi no curso de sociologia que conheceu Cássio, outro de nossos entrevistados, que estava concluindo o curso e já considerando fazer seleção para seu futuro mestrado em desenvolvimento agrícola e agricultura familiar, também na UFRPE. O colega veterano foi taxativo: *abandone esse curso, que aqui você não vai ganhar dinheiro nenhum.* Concordando com o conselho, deixou o curso na UFRPE de lado ainda no início de 2013, e se matriculou no curso de direito da Universidade Católica no segundo semestre. Foi nesse lapso que os protestos de junho de 2013 cruzaram seu caminho.

Antes disso já tinha participado de um protesto que botou fogo em pneu lá na Caxangá em 2012, saiu da federal esse ato. Tava rolando um encontro político de várias universidades do país lá, aí a galera aproveitou, juntou uma turma e fez um ato. (...) Eu sabia que (os protestos de junho de 2013) era uma parada massa, tá ligado, que a gente precisava protestar, que tinha uma efervescência política rolando, que a gente era uma geração, que a gente podia... Aí eu fui. (...) Na verdade não era nada, eu chegava no ato com amigos assim, mais pessoais, morava em Paulista. Teve um ato que fui com um pessoal da escola praticamente, assim. Só que não era com estratégia nenhuma, era só ir participar dos atos e se tivesse algum barulho a gente ia atrás do barulho. Tinha estratégia não, nem nada. (...) Pra mim esquerda, dentro do sistema, por eu não ter me aprofundado ainda, era o que mais se aproximava do rompimento do que eu acreditava que tava errado, tá ligado? Pra mim isso era ser de esquerda, em suas várias vertentes. (...) Teve uma galera que participou dos atos e virou fascista, e teve uma galera que participou dos atos e virou anti-fascista né. Procurou sua ideologia.

A injeção de ânimo político do ciclo de protestos foi reinvestida no novo curso na nova faculdade, onde se juntou à gestão do coletivo MUDA (Movimento Universitário para o Desenvolvimento Acadêmico) no diretório acadêmico de direito. Foi através de conversas

com colegas do diretório que ficou sabendo, no final do semestre seguinte, que uma ocupação havia sido iniciada em um terreno baldio nas margens da bacia do Pina.

Eu lembro de uma galera assim, que fazia arquitetura, que acompanhava umas reuniões, que já rolavam uns protestos, uns cacetes e uns bate-bocas assim... Mas eu nunca parei pra entender qual era a ideia ali no começo. Aí quando disseram que tava rolando esse barulho, eu disse 'é quente', nem fui direto pra lá. Voltei pra casa, quando cheguei de noite troquei uma ideia com meu primo e a gente foi. Chegamos lá sem conhecer ninguém. A gente subiu por trás, por uma janelinha. Pulou e tal. Demos umas olhadas.... Ficamos tentando entender qual era, aí voltamos pra casa. No dia seguinte, a mesma rotina, fui pra faculdade só que depois eu já não consegui mais... tocar uma vida de boa assim sabe? Sabendo que aquilo tava acontecendo. Aí fui-me embora véi, pra lá, pro Estelita.(...) A esperança era do novo formato de viver assim, porque a gente é uma sociedade que se desenvolveu a tal ponto que a gente parou de se envolver né. Então ali havia envolvimento, das nossas próprias necessidades com a nossa prática. (...) Tinha uma galera se movimentando mano, e porra, pra mim é se movimentar, assim. Tinha uma galera fazendo coisa. Aí eu fui me chegando, perguntando o que tava precisando (...) Eu meio que entendi que minha missão era mais por ali pela cozinha, tá ligado? Ai fui tendo um ciclo de conhecer, você vai conhecendo as pessoas dos outros setores através das festas, das culturais, aí você vai criando relacionamento.

Apesar da empolgação em haver encontrado um espaço onde podia depositar sua vontade por *barulho* e *movimento*, também encontraria ali uma sensação antiga conhecida sua.

Eu me cobrava muito de estar na ocupação e eu sentia que não havia um reconhecimento, de entender que tipo, eu morava em Paulista, tá ligado? Eu não podia chegar na minha casa a hora que eu quisesse, pra tomar um banho, pra tirar um bode. Por mais que a galera vivesse ali 24 horas e tal, mas... No momento em que precisasse um... Tá ligado? Eu não tinha. E eu me cobrava muito assim, de estar lá... E isso é foda, tá ligado? (...) Tinha medo da polícia, medo de ser preso, medo de não ser ninguém, de você morrer e não dar em nada (...) Sei lá mano, você cria amizade, mas querendo ou não, você sabe que há um ciclo recifense, sabe? Você é o cara... Você é a pessoa de fora, você não... É difícil pô, ganhar a confiança da galera. Tipo, ter que estar provando todo o tempo, ser um desconhecido.

Aproximou-se das amizades que construiu ao longo da ocupação e dos meses seguintes, com quem foi viver em um apartamento no bairro do Benfica, enquanto nas assembleias dos ex-ocupantes a clivagem entre MOE e DU se estabelecia. Por volta desse período recebeu por três anos uma bolsa atleta (cerca de um salário mínimo) do governo estadual pelo seu desempenho competitivo no *taekwondo* (era um dos três melhores em sua categoria a nível nacional), e depois começou a estagiar em um dos grandes escritórios de

advocacia da capital. Mais tarde, também como estagiário, passou pelo Tribunal de Justiça assim como sua avó materna. A essa altura o MOE já havia separado suas reuniões e organização do Direitos Urbanos, e buscava afirmar-se como um movimento de protestos de rua.

Pra mim um momento que muda muito é quando começam as lutas de travamento mesmo, assim, de queimar pneu, de resistência urbana. Porque ali eu entendia que eu podia participar 100%, tá ligado? Ali eu entendia que eu conseguiria fazer a parada acontecer. A gente começou a estudar junto, a fazer as coisas junto, reuniões de madrugada... E isso dava uma estiga de você se sentir num processo de luta mesmo, assim, de estar organizado contra o inimigo e de poder se fuder a qualquer momento. E isso fortaleceu muito véi, assim, a minha ideia enquanto militante, tá ligado? O que eu quero. Foi nesse processo assim, do Estelita, de tentar bloquear as reuniões, que a gente fazia. Acho que eu vivi mais intensamente esse período do que o período da própria ocupação. (...) E durante todo o processo a gente bebeu muita coisa do MPL (Movimento Passe Livre), principalmente nesse momento de fazer processos de rua. Até uma companheira nossa viajou para um encontro lá, e angariou muita informação pra gente, organizacional e tal... Cuidados que você precisa ter, tá ligado? Primeiro que a gente aprendeu ocupação na tora, tá ligado? Ninguém chegou pra ensinar como ocupava. Não tinha modelo. A gente ocupou na tora. Aí depois, na tora movimento de rua também, saca? Aí porra, um bom dia, em algum momento, a gente ia precisar que... Porque tem coisa que é na estiga, e tem coisa que é tipo... o que você quer, tá ligado? Quando você estiga, você vai e faz. Quando você quer, você vai e planeja. Então assim, a gente passou do momento em que era só na estiga. A gente já tava ali, a gente já se conhecia. É diferente. A gente já tinha vínculos de amizade, a gente já tinha reconhecido, a gente já tinha confiança. Aí oxe, já tá todo mundo aqui, a gente já tá nessa mesma, já vai fazer um ano... Vamo se planejar véi, vamo ler, vamo entender o que é esse processo aqui. Tipo, vamo ser o melhor. A gente já tá, a gente já é holofote, tá ligado? Vamo fazer da melhor forma. (...) O movimento conseguiu ser uma referência política num espaço e num tempo muito importante, assim. Era uma referência política, talvez a gente não tivesse noção do quanto a gente poderia ter se aproveitado disso. E hoje a gente sente muito véi, assim... Por mais que o nordeste não seja um espaço pra facista assim hoje, e por mais que eles não se criem, a gente era um canal político que a gente talvez não tenha feito tudo que poderia ter feito, sabe? Mas foi uma conquista muito importante, a de ser esse canal político e essa referência. Faltou planejamento né. Tinha muita instiga, mas a gente nunca... Tu já parasse pra pensar no movimento daqui a dez anos? Naquela época? Tu tinha parado pra pensar? Não, a gente só vivia ali, aquele momento. Inclusive nossos corpos porra, como é que a gente vai planejar uma parada... Quem é que vai ser a gente daqui a dez anos, tá ligado? A gente precisa ter um ciclo de entradas e saídas, de presenças e de distâncias, e a gente nunca planejou isso. A gente ia até o limite, aí se afastava... Não tinha nenhuma prática de repasse de conhecimento. O que você sabia, você sabia, o que você não sabia... Se você se afastasse você não repassava pras pessoas o que você sabia. E ia tratando isso como a coisa mais normal do mundo, cada reunião é uma reunião.

Em meio a essa dedicação apaixonada ao movimento em seu momento de ocupação das ruas da cidade, a convivência no apartamento compartilhado com amigas do Estelita, da qual lembra com grande satisfação, apesar disso chegava ao seu fim. O sentimento, embora estivesse entre colegas da ocupação, era mais uma vez o de ser um *outsider*: *foi uma configuração difícil pra quem tá começando, assim, olhando hoje, porque você pega uma parada já em funcionamento. Não é com outras pessoas que tão começando. Já existia uma disciplina ali, um processo em que você entra e se perde. (...) Se é sua primeira vez, comece a casa do zero, vocês sendo as primeiras pessoas a estarem ali.* Um acontecimento virtual marcaria, por outro lado, a constatação de que tinha de procurar outros caminhos de organização política.

Outra coisa, teve uma parada em quando o Estelita já tava meio que nada para nada assim, na mídia, aí se juntou... Na época morávamos eu e essa amiga também do MOE juntos, aí a gente se juntou no dia em que saiu essa sentença que proibia a Torcida Jovem do Sport de entrar em qualquer estádio do Brasil, para lançar uma nota pelo Ocupe Estelita dando apoio à Jovem contra o Sport. Oxe... Teve uma repercussão no rolê, assim. A galera toda não acreditou... Oxe, a gente foi muito criticado mano... Principalmente pela galera de esquerda assim, a galera de esquerda fez crítica muito pesadas à gente. Teve gente que já me chamou de marginal mano, de ligação com torcida organizada, tráfico, sei o quê... Dentro da esquerda, tá ligado? E aí é justamente onde eu não vejo meu crescimento man, que é tipo, aonde eu quero desenvolver, não tem espaço nessa esquerda classe média não... O que eu quero desenvolver enquanto militância. A galera chamar o cara de marginal...

Foi a partir das necessidades do movimento que encontrou, junto a outros companheiros do MOE que em determinado momento se viram planejando estratégias de resistência com o aliado Sindicato dos Trabalhadores Ambulantes do Recife (SINTRACE), os primeiros passos para estabelecerem-se como grupo em uma outra forma de militância.

Acho que a semente plantada foi naquele ato ali que era uma reunião na prefeitura, que a ideia, o planejamento era tocar fogo em pneu nas três pontas do Recife. Que aí foi um envolvimento muito forte com o SINTRACE, e o SINTRACE foi a base do MTST em Pernambuco. Aí eu já conhecia mais ou menos a galera né... Foi ficando, criando vínculo. Um companheiro nosso do Estelita foi pra São Paulo e participou de uma assembleia do MTST de lá, e disse que a gente tava querendo começar o de Recife. (...) Eu era a referência pra todos os corres de bloqueio... E aí o meu diferencial, que eu sempre achei em relação a todos os militantes que remanesceram no MTST, é que a galera manda mas não faz, tá ligado? E eu falava e fazia o corre desde a madrugada, a coleta do pneu, o corre da

gasolina, estar lá na hora, saca? Comigo não tem essa de mandar a base fazer e você não fazer com a galera. E a galera sabia e me respeitava a partir disso, então eu fui ganhando confiança e respeito a partir disso, a partir da minha prática... Gerar segurança numa ocupação.

A destreza para o confronto físico, a força e o gosto por situações caóticas o acompanham desde cedo, tanto pela dedicação ao *taekwondo* e o gosto pelo basquete, como por uma das principais paixões, o Sport Club do Recife. Mas apesar de ser dedicado, talentoso e bem sucedido no que lhe interessa, ele se sente desqualificado diante de quem tem habilidades criativas, como boa parte dos companheiros no Estelita, como ele mesmo recorda. Por trás desse desapontamento por não haver desenvolvido o que talvez fosse um lado mais delicado e expressivo seu, há um sentimento de compromisso com a segurança das organizações militantes e de urgência do momento histórico que estamos vivendo: não podemos, como se espera de nós enquanto filhos da classe média, ater-nos à fazer faculdade e viver no mundo das ideias.

Na primeira vez que eu fui pra um estádio, eu tinha oito anos de idade e foi Sport vs. Santa Cruz no Arruda. Fui pro meu primeiro jogo na torcida visitante. Aí quem conta essa história é meu tio, que diz *meu irmão, vocês acham que Alessandro é doido hoje em dia? Nesse jogo, quando a gente saiu da arquibancada tava a polícia militar quebrando todo mundo, as torcidas brigando, tudo um caos... Baculejo, vidro, sei o quê...* Aí ele conta que me botou debaixo do braço assim, e perguntou *Alêzinho, tá tudo bem?* E eu olhei pra ele e respondi *tá muito massa tio, é isso que eu quero, é isso!* Tanto mano, que uma das minhas grandes frustrações assim, da vida, é que eu acho que não sou muito bom em nada não, tá ligado? Eu só sou bom em destruir o sistema... Eu não acho que tenho talento... Tipo, eu sou bom em lutar, é uma ‘arte’ marcial, só que na minha ideia é dar porrada né? Eu gosto de bater, de lutar. Bater é agressão. Eu gosto de lutar, de ter condições de levar de uma pessoa que esteja no mesmo porte, pá. Mas eu não tenho... Tem gente que... Porra, sabe tocar, sabe produzir filme, sabe não sei o quê... Muitos companheiros do Estelita inclusive. E eu não me acho muito bom em nada man, tá ligado? Então a gente volta pra aquela ideia da segurança que eu falei, que a gente precisa formar militantes, e eu tenho tentado me formar nessa área. Tipo, ser essa pessoa no processo de luta contra o sistema. (...) Eu acho que quem desenvolve pra esse lado assim, na vida, que é um lado de disputa mesmo, de território, vira polícia né. Você não cresce uns militantes pensando em segurança, pensando em domínio de território hoje em dia, aqui. Antigamente a galera fazia né, hoje em dia parou... E aí você não progride nesse processo, são experiências momentâneas. Naquela época (da ocupação do Cais) a gente nunca tinha, não tinha ninguém. (...) As pessoas da classe trabalhadora que teriam esse perfil mais, que o ideal pra gente seria que eles fossem guerrilheiros, eles tão sendo absorvidos pela polícia. Os policiais eles são da periferia.

E as pessoas de classe média não desenvolvem o conhecimento sobre segurança?

Desenvolve mano, pode desenvolver, com certeza, só é correr atrás. Mas... Quem tá na classe média consegue fazer faculdade né. (...) A gente vai esperar ter outro CCC aqui em Recife, Comando de Caça aos Comunistas, tá ligado, que vai ter o pano da polícia e do exército pra estar matando a gente? Se a gente tem essa compreensão histórica, talvez eles tenham começado a ter a compreensão histórica de que são fascistas agora. A gente já sabe que eles são fascistas, a gente já sabe de antes. Mas eles tão sabendo que são agora. Então a gente tá a frente deles enquanto geração, tá ligado?

Embora os interesses e convicções radicais de Alessandro impliquem em riscos conhecidos e documentados, sua família respeita seu trabalho com a militância, e assim fez também quando ele trancou a faculdade momentaneamente para dedicar-se apenas ao trabalho e ao MTST. A irmã, hoje já adulta, criou um *delivery* de hambúrguer artesanal em Paulista e abandonou a faculdade de odontologia para dedicar-se ao próprio negócio; Alessandro conta que ela o apóia em suas mobilizações e tem orgulho do envolvimento do irmão com os sem-teto. O pai, em um caso inusitado, também deu sinais de reconhecimento pela organização política do filho.

Meu pai já ficou preso num bloqueio... De descer assim e eu usar ele como exemplo. Eu fiz.... Tinha um bicho pesando muito na minha, eu fiz 'então, aquele bicho ali é meu pai, não vou abrir nem pra ele, vou abrir pra tu?' Meu pai fazia as entregas na época, e foi o dia da greve geral. Aí a gente fechou a 232, e meu pai faz entrega no TIP, tá ligado? De salgados, de madrugada ainda... E eu dei os alô a ele antes, tá ligado? Aí ele não tinha nem do que reclamar... Falou nada não pô, desceu o bicho que trabalha com ele assim, aí quando voltou pro carro diz que ele fez 'ei, o comando é de Alessandro'... Aí acho que ele ficou com uma mistura meio de puto com orgulhoso.

O envolvimento de Alessandro com o MTST chegou a custar-lhe uma detenção no início de 2017, após o ataque violento da polícia militar a um grupo de centenas de militantes do movimento que realizavam ato em frente a Companhia Estadual de Habitações e Obras (CEHAB). Mas dessa vez o sentimento foi de proteção, apesar do mau momento que passou, quando sua companheira já grávida o acompanhou na delegacia, e depois quando uma multidão acudiu ao Fórum Joana Bezerra para que ele e seus companheiros fossem liberados.

Foi um dia depois daquele roubo da Brinks, aí a polícia tava meio desmoralizada. A gente foi pra Secretaria de Educação que é aonde fica o 11º batalhão, e a gente não tinha essa informação. Aí quando chegamos lá, os caras já vieram batendo e quebrando tudo. Me pegaram por trás do Campo

do Onze na casa de uma galera, porque eu tentei fugir. Aí quando me pegaram foi só tapa na cara, humilhação, chute, me deitaram com a cara no chão, aí já me levaram algemado pra prisão, pra delegacia de flagrantes. Aí lá foram dez detidos do movimento, numa cela menor que esse terraço aqui, três por três, toda melada de água, lama, mijo, bosta, só de cueca e mais nove caras do movimento e dez de outros delitos, dentro de uma cela. Até lá eu cantei Racionais mano, com os caras... Passei um dia assim. Julia já tava grávida, foi pra delegacia grávida. Aí foi algemado pé e mão, fomos pro IML, e do IML foi pro Fórum. Chegou lá e tinha uma mobilização muito grande, não tinha como deixarem a gente preso não. Aí liberou na audiência de custódia, relaxou dois crimes, que foram quatro, dano qualificado ao patrimônio, tentativa de incêndio, resistência à prisão e associação criminosa. Quiseram colocar a gente como quadrilha, tá ligado? Aí relaxou associação criminosa e tentativa de incêndio. Ficou dano qualificado e resistência à prisão, aí o MP conseguiu arquivar o caso.

Chegou ainda a passar algum tempo praticamente vivendo na ocupação Carolina de Jesus, em um terreno colado ao Terminal Integrado do Barro, mas foi se afastando gradualmente conforme se aproximava o nascimento do filho. Destrancou o curso de direito, entrou como administrativo no emprego atual e foi viver com a namorada prestes a tornar-se mãe de seu filho. Após algum tempo dividindo o apartamento e a nova vida como pais, preferiram voltar cada um para a casa dos seus e tornar-se no cuidado do bebê. Assim, Alessandro voltou ao bairro de infância, agora como pai, onde consegue uma renda complementar com os quitutes da família: *todo dia eu vou trabalhar e levo vinte salgados, aí boto uma bandeja em cima do micro-ondas... Oxe mano, eu tiro um extra massa.* Alessandro leva o filho sempre com ele por entre as casas dos amigos, primos e vizinhos do bairro de muros baixos, enquanto conversa com eles sobre a cena do rap nacional, sobre o perigoso projeto que se aproxima de reforma da previdência social, ou mesmo da necessidade de organização por parte dos amigos que trabalham nas fábricas próximas. Os amigos ouvem com atenção, e chama a atenção o quanto admiram a militância de Alessandro, que lhes empresta livros e recomenda filmes sobre o assunto, cuidando do interesse dos amigos pela mobilização política com atenção e carinho, com a aspiração de que esse interesse possa tornar-se resistência o quanto antes possível, como fez o avô que o criou, na Paulista de tantos anos atrás.

Por enquanto ele se dedica a concluir sua formação no direito que deu à sua vó materna, uma mulher negra que foi mãe solteira e vinda da pobreza na beira do rio em Itapissuma, a condição de criar sua família com dignidade. Mas nenhum desses dois caminhos suspende a urgência imediata de sustentar o filho recém-nascido, a quem socorrem os salgados da família batalhadora. Lhe pergunto do futuro de nossa política, ele assevera: *No*

tempo... Dar tempo ao tempo, fazer o seu... E ver no que vai dar. O que não pode é ficar parado, desacreditar... Mas esperança mesmo... Acho que acreditar e esperança é diferente né. Não é esperança, é possibilidade. Você vê a possibilidade, e eu acredito na possibilidade. Minha prática ela é há três anos essa possibilidade. Sua vida estendida entre Paulista e Pau Amarelo, a paixão pelas multidões e pela rebeldia, a trajetória batalhadora bem sucedida em ambos lados da família, sua ancestralidade negra que não se pode perceber à primeira vista, a trajetória política de resistência à ditadura de seus bisavô e avô... Enquanto aguardamos pacientemente o andar vagaroso do tempo no tempo inviável que enfrentamos politicamente, a prática de Alessandro não é aspirar a distanciar-se, a ser algo que não se é, mas sim continuar resgatando e se nutrindo das forças que o movem, do turbilhão de sua origem.

5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Analizamos as trajetórias de vida apresentadas até aqui para compreender de que maneiras elas convergiram no Cais, sob a hipótese de que é possível encontrar disposições homólogas entre si e em relação aos ideais autonomistas e solidários que prevaleciam na ocupação, e que também é possível contextualizá-las com o desenvolvimento histórico da época em que viveram. Em uma segunda parte da análise, analisaremos os relatos dos ocupantes sobre os acontecimentos do Cais e do Movimento Ocupe Estelita.

5.1 DISPOSIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DAS TRAJETÓRIAS

Para estabelecer a análise da trajetória individual no espaço social, identificamos algumas categorias de variáveis que podem ajudar a diferenciar nossos seis entrevistados, dentre os quais hoje predominam posições pertencentes à ampla classe média. A experiência escolar e consumo cultural a que tiveram acesso; os bairros onde cresceram; o tipo de emprego e contexto em que viviam os pais e os avôs; sua cultura religiosa; e a filiação às visões políticas das gerações anteriores.

5.1.1 Experiência escolar e consumo cultural

O contexto da experiência escolar foi, para todos, o da escola particular, onde percebemos um agrupamento de escolas católicas dentre as mais tradicionais da cidade (Iara no São Bento, Cláudia no Damas e Maíra no Santa Gertrudes), um de escolas ‘competitivas’, com perfil baseado em bons resultados no vestibular e uma estética moderna (Alessandro e Cássio nas filiais de Candeias e Olinda do Atual, Mario no Contato) e escolas de bairro, que buscam consolidar-se replicando o modelo das escolas competitivas em menor escala, onde a maioria dos entrevistados fez um período inicial antes de seguir para escolas mais prestigiadas (Alessandro, Cássio, Mario e Cláudia fizeram apenas os primeiros anos, e no caso de Milton, toda a formação). Quanto ao seu desempenho, nenhum das trajetórias esteve marcada pela reprovação, embora Cássio e Mario hajam necessitado de aulas particulares de revisão ao longo de toda a formação. Iara tinha desempenho excepcional, ganhando, tanto ela como seus irmãos, bolsas da diretoria da escola; Maíra e Milton tinham boas notas em todas as matérias até o fim do ensino fundamental (ela chegou a ter bons resultados nos SATs britânicos quando

viveu lá temporariamente), mas se tornaram descuidados e fizeram recuperações nos últimos anos de escola; Alessandro era um aluno regular, indo bem nas matérias das ciências humanas, que lhe interessavam, e garantindo sua aprovação nas demais através da cooperação com os colegas na ‘fila’ (ainda assim, terminou a escola com quinze anos por haver pulado séries na ida e na volta do período que passou nos EUA devido à incongruência entre os períodos escolares nos dois países). A predileção pelas ciências humanas foi atestada por todos, onde apenas Milton e Iara tinham bons resultados nas matérias de exatas, em ambos casos por uma cobrança dos respectivos pais, ambos com formação vinculada às ciências exatas, vindos de uma origem camponesa e que haviam incorporado uma disposição ao pensamento abstrato dos avós cujos trabalhos demandavam uma familiaridade prática com as ciências exatas⁹⁸).

Os problemas disciplinares foram significativos apenas para Cláudia e Cássio, que chegaram a ser ‘convidados a se retirar’ das respectivas escolas: ele, ainda na quarta série no Atual, por danificar equipamentos, passando por uma sequência de escolas de bairro onde não se fixou em nenhuma também por razões comportamentais, até retornar ao Atual no ensino médio; ela, por desrespeitar as freiras responsáveis após haver bebido com as amigas no intervalo da aula. Tanto no caso dele, pelo comportamento violento e a imagem de ‘garoto-problema’, como no dela, por ficar ‘afoita’ ao ingerir álcool, vemos como o *habitus* das camadas populares em vias de aquisição de capital cultural, principalmente quando reagindo à hostilidade simbólica e sentimento de não-pertencimento ao espaço escolar (ainda mais intenso em escolas prestigiadas), é penalizado ativamente pelas instituições escolares de alto capital simbólico, tanto as de corte tradicional como moderno. Alessandro teve apenas um período de dificuldades no ano em que viveu com seu pai na Califórnia, quando chegou a ser advertido por mais de uma vez reagir violentamente às ofensas xenofóbicas dos colegas de classe norteamericanos. Em relação à violência sofrida no período escolar, apenas Milton chegou a sofrer agressões físicas e verbais com regularidade; Cássio passou por um processo longo de discriminação racial durante toda sua trajetória escolar; tanto Iara como Cláudia contam que sofriam com os julgamentos machistas de suas turmas pelo seu interesse nos colegas do gênero oposto, assim como também se sentiam ‘diferentes’ e eventualmente desconfortáveis com seus colegas de turma pelos seus traços de descendência negra, no caso de Cláudia, e cabocla, no caso de Iara, embora ambas evidenciem um receio em confirmar as

98 Chama a atenção, portanto, o protagonismo do *habitus* masculino no processo de aquisição das competências relativas às matérias exatas, inclusive aí uma disposição ao esforço repetitivo.

experiências como episódios de racismo devido à sutileza com que essa violência simbólica se dava. Confirmando a natureza completamente relacional dos processos de classificação, tanto Maíra como Alessandro, ambos brancos de pele clara e cabelos lisos, sofreram preconceito por serem latinoamericanos, ela no Reino Unido, ele nos EUA.

Sobre consumo cultural, temos de lembrar que estes jovens pertencem à geração em que se popularizaram a TV por assinatura e o acesso à internet (os domicílios com TV à cabo saltaram de 3,8 milhões de domicílios para 19,6 milhões entre 2004 e 2014, e entre 2005 e 2015 os domicílios com internet passaram de 7,2 milhões para 39,3 milhões, em ambos casos em todo o país). É através desses dois canais, principalmente a internet, que vão desenvolver seus interesses pessoais: Iara programava e desenhava interfaces gráficas de blogs, Maíra se informava dos acontecimentos do Brasil dos anos 60 e 70, ouvia músicas da MPB e baixava filmes, Cássio ouvia discursos de Che Guevara e lia histórias sobre a União Soviética, Milton ouvia e pesquisava sobre bandas de rock antigas. Sobre música, Milton, Cláudia, Maíra e Iara aprenderam a gostar de música com os pais: Iara cantava os clássicos da música brasileira que o pai tocava com maestria no violão, Maíra começou a gostar de Chico Buarque depois de vê-lo em um documentário no cinema acompanhada de um tio, os pais de Milton tinham uma vasta coleção de música de CDs e fitas cassete, Cláudia sempre passava muito tempo com a mãe e ouviam MPB. Alessandro e Cássio ouviam as músicas que conheciam com os amigos da escola, segundo Cássio porque a família evangélica não ouvia música em casa, lembrando apenas de CDs de pagode que animavam as festas na praça no IPSEP, enquanto Alessandro lembra que além dos bregas das festas, gostava muito dos Racionais MCs. Sobre cinema, Milton e Cláudia iam com frequência aos *multiplex* dos shoppings do Recife com seus pais; Maíra também ia com familiares para o Cinema da Fundação Joaquim Nabuco; Mario diz que a família *‘nunca foi muito de ir pra cinema, que era coisa cara’*, marca de um período de contas justas e dedicação intensa dos pais ao trabalho durante a infância dele. E Iara conta que os pais, apesar da estabilidade financeira por ambos serem funcionários públicos de carreira, tinham um padrão de consumo frugal, onde a única coisa com a qual não mediam gastos eram livros, apesar de que durante a adolescência ela se interessava apenas por *bestsellers*. Cássio eventualmente os ganhava de presente da tia que se tornara dona de gráfica, que também o levava para mostras de arte e museus. Alessandro passou a se interessar por literatura latinoamericana quando entrou na universidade. Milton lia a biblioteca que tinha em casa misturada entre vários livros infantis, uma coleção própria que os pais haviam trazido da Argentina e a que fora deixada para trás pelos ex-proprietários da casa aonde se mudaram,

além de ser muito estimulado pelos pais e pela avó materna que sempre lhe comprava revistas e as enviava por correio. Todos os entrevistados leram paradidáticos, mas apenas Mario não desenvolveu outros interesses literários; da mesma forma, exceto ele, todos os entrevistados lêem com frequência hoje em dia.

5.1.2 Bairros onde cresceram

No que concerne aos bairros de origem, há dois agrupamentos. Cláudia e Cássio viveram em bairros historicamente pobres da cidade, o IPSEP e a Iputinga, ambos de maioria negra e evangélica, com infra-estrutura precária; ela ainda jovem se mudou para uma casa espaçosa que pertencera anteriormente aos pais de seu padrasto, próxima à avenida principal de Campo Grande, bairro popular da zona norte da cidade; ele se mudou com os pais no fim da adolescência para Candeias, mesmo bairro de classe média à beira-mar da zona sul do colégio em que fez a maior parte de sua formação, e onde relata que se sentia um *elemento estranho*. Milton e Alessandro viveram até a maioridade em lugares longe da capital, conhecendo apenas em visitas esporádicas o centro do Recife; Milton depois passou a viver nas proximidades da Cidade Universitária, no bairro da Iputinga, enquanto Alessandro fez movimento semelhante ao mudar-se para um apartamento também dividido com amigos no Benfica, mais próximo ao centro da cidade. Viviam em áreas pouco urbanizadas, com ruas de terra e casas com quintal, e ainda menores já andavam sozinhos na rua mesmo durante a noite, suas famílias não tinham com o que se preocupar. Iara e Maíra viveram em diferentes partes de Olinda, em bairros suburbanos populares e de classe média (Rio Doce, Milagres e Casa Caiada), assim como Mario, que ainda passou seus primeiros anos no também olindense Jardim Atlântico e depois se mudou para uma área mais tradicional, próxima ao cemitério de Santo Amaro. Cláudia, Alessandro, Cássio e Milton tem lembranças de se amontoar com outras crianças em praças próximas às suas casas. No caso de Cássio, a vivência da praça era como extensão da própria casa, espaço comum onde comemoravam as datas festivas e onde ele e os primos brincavam modelando o massapê úmido das chuvas de inverno); Alessandro peralteava com os amigos pelo centro histórico de Paulista com quem também se juntava em uma barraca da rua e fazia festas para ouvir brega; já na adolescência, Milton ia todas as semanas à pista de skate ou à praia. Maíra, Iara e Mario contam de encontros com amigos da escola nas respectivas casas, brincando nos quintais ou no máximo na rua de suas casas, sem memórias marcadas por espaços coletivos próximos; para os três as lembranças de espaços

semelhantes estão associadas às viagens à praia e ao interior nos feriados e finais de semana. Milton, Maíra, Iara e Alessandro viveram no exterior em diferentes momentos de suas trajetórias, e Cláudia, Cássio e Milton viajaram ao exterior à lazer.

5.1.3 Origens familiares e o mundo dos avós

Sobre as origens familiares, a primeira consideração a ser feita é que alguns dos entrevistados são descendentes de primeira ou segunda geração de camponeses: o avô materno de Maíra até hoje trabalha com agroecologia na região metropolitana de Fortaleza, vivendo junto com sua vó já aposentada da carreira de professora de escola pública; Iara tem familiares sertanejos pela família do pai - seu avô agrônomo foi viver às margens do rio em Belém do São Francisco, quando casou com a avó, onde desenvolveu os seus experimentos com a fruticultura irrigada e onde o pai de Iara viveu até a maioridade; os avós paternos de Milton saíram do campo na província de Buenos Aires pouco antes que seu pai nascesse e fossem viver no bairro proletário de San Justo, sempre dependendo da renda obtida com os trabalhos de perfuração hidráulica que o avô fazia na Patagônia. As demais partes das famílias são originárias de diferentes localidades na região metropolitana ou outras cidades. O lado paterno da família de Maíra veio de São José do Egito, onde o bisavô e seus dois tios-bisavôs se tornaram os mais famosos repentistas dessa terra de poetas, Otacílio, Dimas e Lourival Batista Patriota. Os avós maternos de Milton viviam em um subúrbio rural de Buenos Aires, antes de se mudarem para uma casa em um bairro de classe média da capital, onde o avô fez carreira em uma companhia de seguros, onde acumulou o capital social e econômico necessário para abrir mais tarde, em sociedade com ex-colegas da firma, uma empresa de venda de seguros.

A família materna de Iara vivia na Madalena, seu avô era funcionário público mas a condição de vida deles era apenas suficiente para que sua mãe pudesse frequentar o tradicional colégio católico Rosa Gattorno, no bairro da Tamarineira. A família de Mario é originária de Juazeiro do Norte e do Recife, ambas famílias de funcionários públicos de carreira cuja condição financeira foi investida no capital escolar dos filhos, tanto no caso da mãe, que esteve ao ponto de formar-se como engenheira elétrica além de arquiteta, e sua tia materna, que se formou médica, como do pai, que se formou engenheiro, e seus irmãos, médicos. Os parentes por parte de mãe de Cássio foram viver no conjunto habitacional onde ele morava no IPSEP ao serem realocados de suas palafitas na beira do Capibaribe pela

prefeitura da cidade, após a cheia de 1973, e seu pai passou uma infância marcada pela violência com que os avós tratavam ele e as irmãs, antes que o avô os abandonasse ao vender o sítio no bairro do Cavaleiro. Ambos as partes da família de Cláudia vivem na Iputinga até hoje, onde seus pais começaram a namorar ainda jovens - tanto a família de sua mãe, que ela visita nos finais de semana, como seu pai, com quem ela mantém contato. Nega de Xana, a bisavó materna de Alessandro, criou seus filhos lavando roupa na beira do rio Itapissuma, o que deu a oportunidade à sua avó, também negra, de se formar técnica judiciária e ser concursada no Tribunal de Justiça; o bisavô paterno de Alessandro foi vereador em Paulista pouco antes do início da ditadura militar, e seu avô, por sua vez, ainda jovem, fez parte de mobilizações de resistência à ditadura na região. O capital econômico da família foi investido em uma padaria em meados dos anos 80, que chegou a viver um período de boa lucratividade, mas as contas passaram a não fechar poucos anos depois e no fim dos anos 90 o negócio já havia falido, quando o avô de Alessandro começou a fazer os primeiros salgados e vendê-los na parada de ônibus próxima à sua casa.

5.1.4 Trajetórias dos pais

Quanto à ocupação dos pais, a maioria pertenceu a ampla classe média, onde alguns tiveram origem nas classes populares. Desses quatorze, não pudemos identificar apenas o sentido da trajetória do pai de Cláudia. O sentido da trajetória a que nos referimos aqui está pensado a partir dos deslocamentos entre as profissões dos pais em relação aos avós, e às diferenças na capacidade de acumulação dos diferentes capitais em relação aos núcleos familiares da geração anterior, em que os pais foram socializados. Também consideramos o crescimento generalizado do nível de vida e padrão de consumo da população brasileira nos últimos quarenta anos, período no qual os responsáveis pelos entrevistados passaram da adolescência ao auge da vida adulta.

Primeiro, as famílias cujas trajetórias resultaram em patrimônios de capitais semelhantes aos compartilhados pelos núcleos familiares da geração anterior. A família do pai de Alessandro, apesar do capital político detido pelo bisavô, que foi vereador de Paulista, só conseguiu reconvertê-lo em capital escolar (os investimentos na formação de Alessandro, em um colégio particular com bom desempenho no vestibular e, posteriormente, na mensalidade do curso de Direito da Universidade Católica de Pernambuco) e capital econômico através do empreendedorismo do avô, pai de criação de Alessandro, pois a padaria que abriram no bairro

por volta dos anos oitenta faliu cerca de dez anos depois, quando ele mesmo recomeçou os negócios do zero com a fabricação de salgados, que hoje em dia é um negócio de porte equivalente ao tipo de capital necessário para gerir uma pequena padaria em Pau Amarelo; pelo lado da mãe de Alessandro, sabemos que ela completou o ensino superior e conseguiu um cargo administrativo na faculdade privada onde se formou, dividindo com os sogros e o ex-marido a criação de Alessandro e sua irmã, enquanto a avó materna, apesar de técnica concursada, tinha de manter os filhos sozinha.

No caso de Mario, ambos os pais conseguiram manter o capital escolar da geração anterior: ela, arquiteta, se tornou funcionária pública como o avô materno, engenheiro; ele, também engenheiro, trabalha em uma empresa de pequeno porte no ramo, enquanto o avô paterno, contador, foi Guarda-Mor da alfândega do Porto do Recife. O título de chefe das inspeções alfandegárias do porto da capital implicava, além uma concentração de capital simbólico, um salário generoso sob a estabilidade laboral do serviço público, mas também estamos considerando a família numerosa sustentada pelo avô, assim como o padrão de consumo mais elevado mantido hoje em dia pelos pais (e duas outras fontes de estabilidade: uma família em que ambos os pais trabalham, e a casa própria que herdaram da vó materna). Portanto, consideramos que ambas gerações estão em posições homológicas em relação à renda assim como sua posição no mercado de trabalho, onde o resultado do trabalho que Mario conta que consumia quase todo o tempo todos pais foi a reconversão bem sucedida dos investimentos familiares dos avós em capital escolar no mercado de trabalho.

A mãe e o pai de Milton, apesar de não terem acumulado capital econômico significativo com sua loja em Porto de Galinhas, adquiriram casa própria por presente de casamento dos avós maternos, e receberam importante capital cultural incorporado de figuras de afeto centrais para suas trajetórias: ela, pelos investimentos escolares e pelo fascínio que o avô materno tinha pela música e pelo cinema, sempre levando-a ao teatro para ver óperas e *sarzueltas*, e ao cinema para ver musicais e clássicos da era de ouro hollywoodiana; ele, pelos discos de rock que ouvia do irmão mais velho, com quem aprendeu a cascavilhar as doações de uma filial antiga da rede de Trapeiros de Emaús que havia próxima a sua casa, atrás de novas músicas, roupas e livros. Anos mais tarde, essa sensibilidade adquirida foi utilizada para desenhar as peças e decorar a loja que construíram em Porto de Galinhas, mantendo a renda necessária para investir na escolaridade do filho.

A família do pai de Maíra se consagrou como artista plástico, fazendo parte de importantes exposições nacionais e mesmo algumas na Europa; a mãe, por sua vez, fez das

experiências e estudos artísticos nos tempos do *moluscolama* um meio para se inserir no mercado da produção artística, trabalhando *free lance* com projetos de pequeno e médio porte, ora como designer, ora como produtora; se o nível de renda é semelhante à geração anterior, o capital cultural é muito mais elevado, conforme sugere a conversão de Maíra desse acúmulo de capital incorporado em certificado, dedicando-se ao estudo do audiovisual.

Todos as demais famílias tiveram trajetórias ascendentes. Começando pelos de origem popular, a mãe de Cláudia teve uma reclassificação relativamente súbita, ao casar-se pela segunda vez com seu padrasto, que trabalhava como médico no mesmo hospital que ela: mudaram de bairro (de uma parte relativamente pobre da Iputinga para o bairro de baixa classe média de Campo Grande), os espaços que frequentam (a praia *versus* o shopping) e, pelos comentários de Cláudia, deduzimos que parte importante do círculo social da mãe foi deixado para trás, na vida que levava no bairro que hoje visita esporadicamente.

Os pais de Cássio são batalhadores *stricto sensu*: ambos nasceram pobres, trabalharam toda sua vida em empregos flexibilizados e pouco qualificados (ela, vendedora e gerente de lojas, ele, caminhoneiro, e mais recentemente, motorista de *Uber*) e tinham jornadas exaustivas. O investimento batalhador se fazia perceptível também nos filhos, que apenas voltassem da escola e almoçassem tinham de estudar, só ficando livres mais tarde. Professores particulares eram chamados para ajudar as crianças quando necessário, e o pai oferecia brinquedos e outros estímulos nos finais de ano para incentivar os filhos, que começaram o colégio em uma escola de bairro no Ibura e no ensino fundamental foram matriculados no Colégio Atual de Piedade, uma das escolas mais particulares mais caras e prestigiadas de Jaboatão dos Guararapes. Eis toda uma família investindo seu tempo e sua renda em mudar de vida. O reconhecimento de Cássio de que se sentia *devendo um resultado* à família quando trazia boletins com notas baixas, e de que fora ele e sua irmã, não conheciam nenhuma outra criança do bairro que também estudasse em escola particular, confirma nossa interpretação: ao acentuar os estímulos da classificação escolar como percebida pelo senso comum⁹⁹, os pais estimulavam um comportamento prospectivo de lógica meritocrática, assim como a familiarização com o conhecimento escolar, ambas características associadas à fração de classe à qual se dirigiam mediante esse esforço implícito e explícito.

99 A mesma lógica que Bourdieu expôs estar permeada por um processo de desclassificação dos alunos de origem popular, cuja pouca familiaridade com uma série de disposições exigidas ou premiadas pelas instituições escolares em comparação a seus colegas de frações da classe média os separa entre si, ao longo da formação escolar, de acordo com os resultados dos sistemas de avaliação, tidos como representativos do potencial dos alunos mas em verdade uma fronteira delimitada pela natureza socialmente localizada do *habitus* escolar. Cf. (BOURDIEU, 2008, 2015).

Por fim, os pais de Iara são os únicos originários da classe média que tiveram uma trajetória ascendente. Ambos vieram de famílias com condições financeiras frágeis, mas suficientes para que, pelo menos no caso da mãe, houvesse um investimento escolar, sua matrícula em colégio tradicional católico do bairro da Tamarineira. O pai se tornou o único doutor dentre os pais dos entrevistados, e seguiu toda sua carreira no mesmo Departamento de Engenharia Elétrica da Universidade Federal de Pernambuco em que se formou. A transmissão do capital cultural do pai, na forma de seu acompanhamento e cobrança por bons resultados escolares dos filhos se viu tão bem sucedida que ainda durante a escola já seria reconhecido na forma de bolsas parciais, preparando o caminho para o ingresso dos três irmãos na UFPE. Considerando os comentários de Iara sobre a forma de vida frugal dos avós paternos, assim como das dificuldades enfrentadas pela família da mãe, concluímos que ambos os pais alcançaram empregos mais estáveis e bem-remunerados que os dos avós, além de, como na família de Mario, ambos trabalharem.

5.1.5 Cultura religiosa

A espiritualidade não foi abordada previamente dentro do roteiro de entrevista que utilizamos, mas acabou se mostrando como um marcador cultural importante. Maíra, Mario e Milton foram criados por pais de famílias católicas que não levaram adiante a frequência às missas: Maíra estudava em escola católica por influência da vó, mas o próprio pai já via a escolha muito mais como um aprendizado a partir do convívio com formas de vida mais disciplinadas e conservadoras, do que pelo próprio exercício escolar ou religioso propriamente dito. Os pais de Milton não mantinham quaisquer práticas religiosas, apesar de que o pai foi batizado pela Igreja Ortodoxa Russa, e a mãe fez formação em uma escola vinculada às Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, uma congregação de freiras católicas; ainda assim, a avó materna lhe deu um terço quando ainda era criança e o levou a algumas missas; também frequentou missas evangélicas já estando em Porto de Galinhas, levado pelos pais de um amigo. Na casa de Mario, por influência de sua mãe, a vinculação católica foi formalizada pelo batismo e primeira comunhão dele e da irmã quando crianças, mas essa inclinação não se enraizou e a família deixou de tratar do assunto, principalmente na medida em que a religião passou a ter uma conotação crescentemente conservadora a partir da ascensão de lideranças evangélicas no campo político, o que por sua vez marca a importância da política representativa no comportamento da família.

No caso de Iara, as práticas religiosas dos avós foram mantidas pelos seus pais. Ela, assim como a mãe, estudou em escola católica tradicional e conta que quando criança tinha o costume de rezar antes de dormir. Pelo lado do pai, recebeu a influência de um catolicismo sertanejo popular de forte influência mística e que foi incorporado por ela, como observamos a partir de seus relatos da simpatia feita pela avó paterna, que era ‘bem beateira’, para descobrir o nome de seu futuro amor, e da história da senhora antiga moradora de sua casa que fazia seus ‘trabalhos’ em um dos quartos. Ambos os pais continuam indo às missas hoje em dia. A família de Alessandro se tornou evangélica no fim dos anos 90, período em que passaram pela sua maior dificuldade e iam com frequência à igreja do bairro. Ele participava dos cursos de hermenêutica e leu extensamente a Bíblia, costume que só deixou de lado quando começou a questionar o comportamento dogmático e perceber que a igreja que frequentava condenava a homossexualidade, quando um de seus melhores amigos era gay; o restante da família deixou de ir ao culto posteriormente, por volta do fim da década. Cássio também chegou a ir aos cultos evangélicos, primeiro com a avó e a tia, depois com seus pais, que assimilaram o costume junto do restante da família da mãe, vizinhos deles no conjunto habitacional da UR-3 (a vó materna é evangélica há quarenta anos). Diz que não se sentia confortável naquele espaço, apesar de que lembra com carinho da escola dominical que fazia parte da igreja. Cássio também tinha uma conexão com a matriz espiritual afro-indígena através de seu avô, um senhor que viera da mata norte, onde aprendera os segredos das plantas e do silêncio. *Muito calmo...Meu avô eu imagino muito ele num arquétipo de preto velho, uma pessoa que fala as coisas, como se tivesse falando o dia a dia de forma encantada, não fala, conta uma história [...] Cheirava um rapézinho, mastigava um mato, essas coisas bem características de um preto do interior.* De Cláudia não tivemos falas que permitissem interpretar a filiação à alguma tradição religiosa, mas sabemos pelas suas falas que a mãe escolheu o colégio Damas mais pela tradição da instituição que pelos seus resultados nos exames vestibulares, relacionada à rede social da elite política e econômica que frequenta a escola, mas, não podemos ignorar, também profundamente imbricada na filiação católica da centenária congregação belga que lhe confere seu nome.

5.1.6 Filiação Política

Todos os entrevistados têm memórias com familiares que identificamos como simpáticas pela esquerda, portanto decidimos recapitular suas trajetórias de acordo com a

frequência dessas experiências relacionadas à política. Começando pelas mais esporádicas, Cláudia lembra de ser muito criança, ainda na Iputinga, e ganhar da avó materna, junto aos primos, bolsas com adesivos da estrela vermelha do PT na campanha presidencial de 2002. Não se interessou ou envolveu diretamente com política ou militância alguma até o momento que visitou o Cais.

Iara viu a mãe emocionada assistindo a cerimônia de posse do ex-presidente Lula em 2003, e percebeu que aquele era um acontecimento importante para a história do país. Ela não recebeu maiores influências explicitamente políticas que a simpatia eleitoral da mãe, que também conquistou votos do pai para o PT até a instauração da crise política do *impeachment*, até entrar na universidade, onde começou a participar de suas atividades de extensão na advocacia popular e do movimento estudantil, espaços históricos da esquerda recifense aos quais ela se dedicou com avidez e rapidamente assimilou seu *ethos*.

Alessandro sabia algo da política pelas histórias de seu bisavô, que cumpriu dois mandatos de vereador por Paulista, lembradas pelo seu avô paterno, que também contava histórias de acontecimentos no município durante o regime militar, mas nenhum dos dois era de esquerda. Somente no final do ensino médio ele voltaria a se interessar pelo assunto, pelo gosto que tinha pelas ciências humanas, quando lembra que chegou a nutrir simpatia pela campanha de José Serra pelo PSDB em 2010, ficando decepcionado com a vitória de Dilma Rousseff. Começou a compreender a história da luta de classes e a gestão do poder político pela classe dominante na faculdade, através das matérias do ciclo básico do curso de sociologia.

Cássio também começou a se interessar pela política através da escola, com os professores de história do colégio que contavam sobre a União Soviética e o sistema socialista de produção, que ele via como a oposição ao sistema no qual ele sentia que não se encaixava. Por sua vez, a tia que incentivava seus interesses culturais também o levava para os comícios petistas que costumavam acontecer no Marco Zero, quando ele vestia sua *boina e camiseta de Che Guevara, dançava uma ciranda com a galera, assistia os discursos, gostava muito desse ambiente, assim. Aquela galera junta*. Além da tia, toda sua comunidade familiar era simpática ao petismo, *mesmo a galera sendo evangélica[...] eu tava tentando me encaixar de alguma forma*.

Maíra teve quatro presenças marcantes nesse aspecto: de seus avós maternos, militantes fundadores do PT da região metropolitana de Fortaleza, da qual a mãe compartilhava; da identificação anárquica do pai, que também costuma marcar presença em

suas obras; do fascínio pela vida e obra de Chico Buarque, que foi seu ponto de partida para muitas das questões políticas abordadas pelo cantor, cujas canções marcaram toda uma época; e também das histórias antigas do Recife e de Olinda que a avó paterna contava, muitas delas sobre os atos nefastos do regime empresarial-militar.

Mario lembra de ter participado junto da irmã de comícios e assembleias do PT que a mãe ajudava a organizar enquanto ainda militava pelo partido, costume que deixou de lado na medida em que o emprego e o trabalho adicional para criar as duas crianças passaram a ocupar todo o seu tempo. Essa verve política voltaria a se manifestar com a criação do grupo Direitos Urbanos, processo cujas reuniões frequentemente se davam em sua casa e que Mario, já adulto e estudando arquitetura, testemunhou pessoalmente, ouvindo atentamente as discussões sobre o rumo das políticas urbanas na cidade.

Milton por sua vez desde criança ouvia histórias dos pais sobre a militância no início dos anos 80 na Argentina, das perseguições, da censura e dos desaparecidos políticos. Da mesma forma, os pais lembravam com frequência que o mundo era dominado pela burguesia, que os trabalhadores eram os criadores da riqueza e que a miséria e a violência do mundo não eram naturais, mas impostas pela classe dominante para explorar a classe trabalhadora. No início dos anos 2000, também lembra de ter acompanhado os pais nas reuniões de moradores, autônomos e empresários do setor turístico e outros serviços contra a implantação de uma reforma de grandes proporções na praia, voltada principalmente para a criação de estacionamentos e ampliação do acesso de automóveis à vila de Porto de Galinhas.

5.1.7 Síntese

A partir dessas caracterizações, pudemos estabelecer uma divisão analítica com a qual nortearmos nossa interpretação posterior das falas sobre os principais temas relativos à ocupação e ao MOE. Primeiro, consideremos a ênfase da literatura consultada no componente geracional dos acontecimentos de 2013, principalmente o destaque dado por Alonso (2017) e Singer (2013) à forte presença de jovens estudantes de famílias emergentes da classe média popular com empregos precários. Junto a eles, outros jovens também universitários, vindos de frações já estabelecidas da classe média, provavelmente há mais de uma geração. Juntos, vislumbravam na convocatória do MPL, violentamente reprimido após a primeira semana de junho, a oportunidade de se manifestarem enquanto sujeitos políticos em vias de ‘pós-

materialização', no sentido de Inglehart¹⁰⁰, na maioria sem processos mais amadurecidos de reconhecimento enquanto militantes. Como afirmamos anteriormente, ainda que as escaramuças com a polícia militar já fizessem parte de uma tradição metropolitana brasileira¹⁰¹ (o que explica parte da resposta nacional aos eventos de reivindicações inicialmente restritas à São Paulo), as demandas que mais repercutiram nos protestos de junho no Recife já eram resultantes do realinhamento ao centro dos protestos paulistas, permitindo pouca (mas ruidosa, como atestaram os atos da FLTP pelo restante do ano) expressão das demandas de um sujeito geracional histórico de esquerda em busca de afirmação política. Uma de nossas hipóteses é, portanto, que a ocupação do Cais José Estelita cumpriu o papel de pivô das demandas pós-materialistas próprias dos recifenses que poderíamos associar ao grupo misto descrito por Singer e Alonso, do qual acreditamos haver obtido uma amostra representativa devido à aderência de suas hipóteses, aqui levantadas brevemente mas já exploradas na contextualização, às trajetórias de vida aqui analisadas. Além disso, estamos levando em conta que há uma concepção de 'cidade' e de combate à apropriação capitalista desse espaço e seus símbolos e significados que os protestos e coletivos surgidos do ciclo de 2013 propagaram. Concepção cujo significado atinge uma parcela socialmente localizada da população, como verificamos pela descrição dos dois grandes grupos que compunham as assembleias no Cais. Portanto, se encontramos uma forte correlação entre capital cultural e essa concepção específica (uma compreensão historicizada, inclusiva e participativa de cidade), ao mesmo tempo que todos os agentes de origem popular tiveram trajetórias marcadas por fortes investimentos escolares, não só contextualizamos o 'pós-materialismo' em questão às especificidades da luta do Cais, como reconfirmamos as hipóteses de Alonso e Singer. Em acordo à essa leitura e considerando as especificidades socioespaciais levantadas pelas categorias analíticas, optamos por dividir o total de sete trajetórias em dois subgrupos relativos ao seu posicionamento em relação aos acontecimentos do Cais e do subsequente

100 Utilizamos o mesmo conceito empregado por Alonso, ainda que suas várias interpretações possam causar confusão, já que muitas das demandas da maioria jovem mista da segunda semana de protestos tinha demandas por escolas e hospitais 'padrão-FIFA', reivindicando maiores investimentos públicos e garantias de serviços urbanos, centralizadas inicialmente ao redor da revogação do aumento. Se essas demandas surgiram por um conflito sobre condições materiais (a contradição constitutiva do modelo petista entre a progressão marginal de direitos, garantias e espaços participativos para a população urbana e os pagamentos e concessões bilionárias aos conglomerados de construtoras e demais empresas que exploram serviços urbanos), o materialismo a que Inglehart se refere em seu conceito está baseado nas necessidades fisiológicas como conotadas na Hierarquia de Necessidades de Maslow (1987). Sob essa ótica, apesar dessas demandas estarem baseadas fundamentalmente em um conflito distributivo (e também ainda fisiológico, considerando as demandas relativas ao SUS), o que se enfatiza é seu caráter democratizante e igualitário.

101 Sobre uma história dos conflitos entre passageiros, manifestantes e forças da ordem ao longo do último século no Brasil, ver (MOISÉS et MARTINEZ-ALIER, 1978).

MOE. Acreditamos que esta divisão é representativa das condições observadas de acumulação dos capitais necessários para incorporação do *habitus* que compreende a concepção de cidade mencionada, e portanto, para incorporação das condições subjetivas que permitem a identificação própria com um movimento que dispute essa cidade como causa política. Entretanto, devemos ressaltar que essa categoria é analítica, não havendo ocorrido uma clivagem bem definida, como a anteriormente descrita entre as duas gerações de militantes presentes no Cais.

O primeiro composto por Maíra, Mario e Iara vem de famílias com alto capital cultural incorporado e certificado, cresceram em localidades centrais das respectivas cidades e estudaram em colégios reconhecidos. Seus *avós* foram funcionários públicos, categoria de trabalho que não só trás consigo uma possibilidade de familiarização com a máquina pública e as dinâmicas da política institucional, mas que consideramos como evidência da longevidade da exposição familiar às condições de incorporação do *habitus* de classe média, e todos tiveram uma parte da família originária do sertão. Seu alto capital cultural incorporado, absorvido entre a casa e o colégio, junto dos primeiros acúmulos de capital social, sempre geograficamente referenciado, marca sua diferença em relação ao segundo grupo.

O segundo, composto por Cláudia, Alessandro e Cássio, vem de famílias com menos capital cultural certificado, cresceram em localidades mais distantes do centro histórico da região metropolitana e estudaram por tempo significativo em colégios menos reputados que o primeiro grupo, onde a transferência para instituições mais prestigiadas foi um investimento familiar resultante da melhora nas condições de vida ao longo da infância e adolescência dos entrevistados. Isso também significa que a condição de solidariedade para com a condição precária em seu caso está originada em sua própria experiência. Além disso, apenas Alessandro é neto de funcionária pública de nível técnico.

Três trajetórias do primeiro grupo estão marcadas pela continuação dos investimentos culturais dos pais, artísticos no caso dos pais de Maíra, e escolares, nos casos dos pais de Mario e Iara; os três convertidos em capital cultural certificado. Além disso, essa trajetória já se apresentara por parte de seus pais: a mãe de Iara foi funcionária pública, assim como seu avô materno, e seu pai engenheiro elétrico, um ofício da ciência, como a agronomia de seu avô paterno. A mãe de Mario se fascinara quando criança pelos desenhos do bisavô materno, que era projetista de estruturas, e seguiu carreira na arquitetura, além de haver trabalhado com uma série de ofícios nos quais seu diferencial era a sensibilidade adquirida desde aqueles momentos de admiração; o pai de Mario formou-se engenheiro civil, carreira com forte ênfase

na matemática, assim como a não exercida pelo seu pai, de contador. O pai de Maíra tornou-se um artista reconhecido, como o Louro do Pajeú, seu avô; sua mãe é a única exceção nesse sentido: não seguiu o caminho dos pais, ele agricultor, ela professora, e formou-se em Design, trabalhando também com produção artística. Outra diferença que chama a atenção é a recepção das famílias sobre a participação na ocupação. No caso de Mario e Maíra, o tema era debatido com entusiasmo desde antes da ocupação (a mãe de Mario era uma das participantes mais ativas na organização do DU, a mãe de Maíra foi com ela aos ocupes de 2012 e 2013). Na casa de Iara, a mãe apoiava a ocupação, apesar do receio pela segurança da filha, e o pai era indiferente, e só quando ela começou a se ausentar por longos períodos de casa foi que eles começaram a se preocupar e discutir por isso, mas a irmã de Iara a defendia, sem que ela soubesse. Milton, por sua vez, sofreu um processo de desclassificação brusco ao se mudar junto com seus pais de Buenos Aires para Porto de Galinhas, onde viveram inicialmente no bairro do Socó, até que saíram da clandestinidade por decreto presidencial. Além disso, sofria *bullying* intensamente na escola por ser argentino. Saindo da vida escritorial em Buenos Aires com os salários generosos oferecidos pelo avô materno, para os serviços de consertos domésticos com que o pai trabalhou brevemente, assim como para a profissão tanto de seu pai como sua mãe por alguns anos, vendedores ambulantes de bijuterias, até que conseguiram estabelecer sua própria loja, a família passou por um processo de reaquisição das condições materiais de vida que dispunham na Argentina que durou cerca de vinte anos.

A marca batalhadora desse processo de reclassificação, assim como a condição de *outsider* enfrentada durante sua infância e adolescência poderia enquadrar o caso de Milton no segundo grupo, considerando que queremos destacar a importância que os capitais social e cultural incorporado das escolas tradicionais, da inserção das famílias no serviço público e da maior familiaridade com o centro do Recife e seus círculos sociais, tiveram na identificação daquelas trajetórias com a causa do Movimento Ocupe Estelita. Mas não podemos ignorar a distinção social permitida pelo desinteresse, pelo deleite estético inalcançável pela necessidade material urgente ou, menos que isso, inadiável, já apontada por Bourdieu¹⁰². Portanto, ainda que a família de Milton haja cumprido com as características de um processo de reclassificação mais semelhante aos elementos narrativos do segundo grupo, temos de considerar a distância da necessidade sugerida pela escolha dos pais em constituírem nova

102 Considerando a analogia também traçada pelo autor entre as narrativas biográficas e as obras de arte, Cf. (BOURDIEU, 2006: Cap. 1, *A distância da necessidade*).

vida em um país distante, sob condições incertas e amplamente desfavoráveis à condição econômica da família, pela admiração profunda que nutriam pela cultura do país.

Poderíamos dizer que o segundo grupo possui trajetórias marcadas pela aspiração à alcançar e/ou consolidar condições materiais e simbólicas de existência já garantidas pelas frações de classe às quais os primeiros pertencem e já vem em um processo de longa exposição às aptidões e disposições necessárias para incorporar sua forma de vida. Entretanto, apesar da direção das trajetórias indicar isso, seria precipitado concluir que os entrevistados admitiram esse direcionamento de maneira não-problemática. Todos os integrantes do segundo grupo são descendentes de famílias pobres e negras, característica que se manifestou em suas trajetórias como uma conscientização dessa identidade através do processo de engajamento político, com elementos duradouros e marcantes de suas trajetórias que remetem uma recusa à sua ascensão social: Alessandro chegou a abandonar um estágio no Tribunal de Justiça para focar na campanha eleitoral do líder do SINTRACE, Severino ‘Biu’ Vicente, pelo PSOL, ou mesmo deixar temporariamente os estudos da faculdade de lado para dedicar-se à ocupação Carolina de Jesus; Cláudia passou a repudiar enfaticamente o *habitus* das frações mais ricas da zona norte após sua experiência no Estelita e sua desclassificação violenta devido à seu *post* sobre a morte do ex-governador Eduardo Campos, o que refletiu mais tarde em sua recusa a seguir trabalhando no Damas quando teve oportunidade, sentimento que hoje estende para colégios particulares em geral quando admite se sentir negando seus valores trabalhando em instituições particulares, e que está ansiosa para voltar a trabalhar em escolas públicas; já Cássio se sentiu um *outsider* ao longo de sua vida escolar por ser negro e vir do Ibura, origens implicitamente penalizadas pelo sistema de avaliação escolar que junto ao racismo e estigmatização de seu comportamento rebelde conduziram sua busca por uma realidade paralela, uma em que ele não fosse um excluído, um deslocado.

5.2 Falas sobre o Cais e o MOE

Além do roteiro de perguntas sobre suas trajetórias, incluímos um outro grupo de perguntas relacionadas diretamente aos acontecimentos em torno do MOE, cujas respostas, além de menções a esses assuntos no âmbito das demais perguntas, organizamos ao redor dos seguintes quatro subtópicos.

5.2.1 A zona autônoma temporária

Este tópico exerceu um magnetismo nas nossas primeiras especulações sobre a ocupação, nascido de nosso próprio testemunho pessoal da estadia dos ocupantes no terreno: a experiência de estar presente no Cais José Estelita durante aquelas três semanas. No desenvolver da pesquisa, entretanto, devido à nossa pouca familiaridade com a literatura do campo sociológico que poderia elucidar um sentido corporal e afetivo do espaço, essa tarefa aparentemente simples para o ponto de vista naturalizado do ocupante, se mostrou um exercício inusitado para a abordagem praxeológica. Por isso, vamos nos ater à explorar as falas dos entrevistados sobre esse aspecto daqueles acontecimentos. Partes destas falas já foram inseridas na reconstituição das trajetórias pessoais, mas tendo em vista a importância de sua contextualização para a análise de seus significados, preferimos manter esses trechos.

MARIO

Acho que no primeiro momento foi isso, eu não podia deixar de apresentar esse trabalho porque... Enfim, eu não tinha essa dinâmica, se eu fosse um estudante mais dedicado a outras coisas e mais politizado na época talvez eu tivesse largado a disciplina pra estar mais forte na ocupação. Tipo, minha irmã adaptou toda a rotina dela pra estar lá no cais, sabe? Ela acordava, ia trabalhar e voltava. Eu desconhecia que ocupação podia ser uma ferramenta, que poderia ser uma tática a ser usada. E quando aconteceu eu só fiquei pensando, “caralho, que foda, a galera conseguiu entrar no terreno!”. Eu só consegui pensar isso. E aí é do tipo, agora a gente fica aqui até tirarem a gente debaixo de bala ou não fizerem mais esses prédios, e com certeza a ocupação desse Cais e ter participado disso foi uma coisa assim, muito importante pra construção do ser humano e do caráter que eu sou e tenho hoje. Do tipo, me colocar em contato com a diversidade de pessoas e de situações que aquela experiência e lugar me proporcionou e me proporciona até hoje, sei lá, me mudou como ser humano como os últimos 23 anos não tinham me mudado. Com certeza uma parte integral e forte da minha personalidade e do que eu quero de mundo, ou do que eu acredito de como pessoa ou nas pessoas ou em mim mesmo ou no mundo como um todo, vem da loucura que era aquele lugar. [...] Teve uma sexta-feira eu fiquei lá e a gente deu um rolê, eu peguei umas telhas naquele galpão lá da frente, peguei um grampo daqueles do trilho, e eu fiquei muito irado porque eu deixei isso se perder na ocupação, ao invés de ter levado pra casa no primeiro momento que eu pude. Eu disse “não, vou pegar depois”. E aí se perdeu naquele vórtex, porque aquele lugar era um vórtex. Acho que essa memória do amanhecer no estelita, de ver o sol na baía do pina de cima daqueles tonéis dos silos, saca? De tipo, de ver aquela relva com o sol batendo, nossa véi, que... Eu até me arrepio, lembrando da sensação que eu tive. Acho que o momento mais marcante, tirando o dia da reintegração de posse foi com certeza esse dia, que foi um dia só *good vibes*. Foi ver o quão aquele espaço estava sendo negado à cidade, o quanto só derrubar aqueles muros podia significar muito pra cidade, e é isso, uma sensação muito boa, uma energia... Aquela terra passa uma energia muito positiva, e do tipo, com certeza aquele

espaço foi construído em cima do suor e do sangue negro, na época da expansão da cidade, saca? E mesmo assim esse lugar não tem esse carrego. E era uma área de estiva de porto, onde a gente sabe que a mão de obra é a mão de obra explorada, negra, pós-escrava [...] A gente tem 100, 150 anos de pós-escavidão, então o funcionário, o estivador daquele porto era um escravo dos tempos modernos né? E a população que mora diretamente ao redor é toda conectada nessa linha do tempo, saca? É muito assustador o quanto esse lugar bota uma energia diferente pra fora. Do que da forma como foi concebido, saca? Ele foi concebido em cima da exploração do sangue e suor de pessoas massacradas, de uma população, de uma nação vinda de... Porque é isso, não tem como sair disso agora, aí não tem como sair disso na época da construção, não tem como sair disso na época que o porto funcionava, não tem como sair disso na época que ali nem era aterrado, porque se você vai buscar é tudo uma linha do novelo que você vai puxando, vindo da mesma fiada.

MAÍRA

Já tinha entrado, tava demolido, eu lembro da imagem... A gente debaixo, bem pequenininho, o negócio imenso, os tijolos destruídos, as coisas assim... Era bem impactante aquela imagem. Ficamos vendo assim, paradas, sem nem entender direito o que é que tava acontecendo em termos da presença da galera no espaço, porque tinha gente passando, vindo, passando, não tinha aparentemente ninguém do consórcio lá, e tudo isso ainda era assim que a gente chegou, nos arredores do armazém. Depois que a gente descobriu que caminhando mais pra lá tinha uma galera reunida numa grande discussão sobre fazer ou não uma fogueira, e era uma galera maior. Aí quando a gente se deparou com essa discussão, fazer ou não uma fogueira, é que a gente percebeu que talvez fosse nascer algo maior do que um último grito de misericórdia. [...] Acho que em Junho, que foi o mês mesmo de duração do Cais, final de maio e junho, eu fui uns três dias pra aula. Mas aí eu fazia um esquema que eu ia na hora que tavam saindo da escola, eu saía do Cais, botava uma farda, e chegava em casa, como se tivesse ido pra aula. Ou as vezes alguém ia me buscar, aí eu chegava perto da escola de farda, aí era como se eu tivesse ido pra aula. Isso aconteceu muito, várias vezes. Outra vez, que era imprescindível a presença, eu lembro de simulados que eu fui virada depois daquelas noites intermináveis, vestia a farda e ia lá fazer de qualquer jeito, brincava de escolher qualquer coisa na... No negócio de assinar lá. E nem me importava, porque era tanta alegria, ainda com a memória da noite que tinha passado, que tanto fazia a nota que eu ia ganhar [...] Era curioso porque eu nem deliberava direito sobre isso, era como se fosse um redemoinho que lhe puxa e quando você vê não é mais você que tá comandando ele mas ele que tá lhe rodopiando, e aí você só vai se dar conta de qualquer coisa quando for cuspidado pra fora dele... É uma boa sensação. [...] Eu lembro a primeira assembléia de todas, grande assim, que definiu as comissões, que foi na quinta feira, quando o bebê ainda tava engatinhando. A gente já tinha uma primeira fogueira, a cozinha do lado ainda era uma pilha de estantes, com vários mantimentos, mas a gente ainda não tinha nem aquela estrutura de fogão nem nada, era tudo reunido meio que num mesmo perímetro, próximo, depois foi se expandindo, virando uma cidadela. Mas naquela época da primeira assembléia, onde tudo era apertadinho e próximo, a gente formou as primeiras comissões e eu me botei na de... Comunicação? Não lembro, mas era algo que logo depois rolou uma reunião, que era esse esquema - se formavam as comissões e as pessoas então se desmembravam pra se reunir entre as comissões, e discutir o que tava precisando. Eu nessa

primeira de todas eu lembro de tar em uma que discutia atos festivos, lúdicos, e informações, como transmitir informação. E aí depois foi mudando... Engraçado que essa foi a primeira ocupação que eu participei né, olhando hoje em dia, retroativamente, eu sinto que a minha participação na ocupação ela tava muito mais num lugar de desfrute, e naquele momento eu também percebia. Acontecia o aflorar de um debate do quanto esse desfrute tinha sim uma potência política nele, no sentido de que se eu não puder dançar não é minha revolução mesmo, e do quanto esses atos lúdicos, ou de delírio-evoé, eles carregavam em si uma energia de transformação que tinha implicações políticas, que a gente sentia na pele mesmo, mas ainda assim era a mim, num âmbito ainda do próprio umbigo. Pra manutenção da ocupação em si eu ajudava no que dava... E que foi muito positivo na verdade, pra maneira como eu olho pra esse engajamento na ocupação depois do Cais. Posteriormente, nas outras ocupações, eu fiquei num lugar de dedicação física mesmo, de esforço muito maior. E toda vez que existia uma tendência de olhar para o outro engajamento, que é mais da ordem do desfrutar, mais da ordem do curtir a ocupação, toda vez que tinha uma tendência pra olhar pra ela, pra menosprezar ou inferiorizar, eu imediatamente me questionava, porque já tinha vivido uma experiência muito semelhante na época do Cais, e compreendia bastante o quanto existia de potência política ali também, numa participação que é saborear junto, sabe? E que é bem vinda também. [...] Eu lembro de uma carta de demissão escrita coletivamente na mesa da cozinha, durante um café da manhã de uma segunda-feira. Foi logo depois de um daqueles domingos que ia o Som na Rural pra lá, e era uma festa, uma farra... Tudo se combinava e tudo confluía. E virada, ainda da noite anterior, Cileide, na cozinha, na mesa, lamentava que ia ter que ir pro trabalho encontrar o chefe dela, e vestir uma roupa séria, uma máscara séria, entrar em todo aquele esquema que ela já tava... Já não cabia mais. Principalmente quando ela saía do Cais, ela não conseguia mais vestir aquele personagem, da trabalhadora que dava aula num curso em inglês pra alta elite pernambucana, segundo ela, “os filhinhos da alta elite pernambucana”. E aí a galera começou a incitar ela pra escrever uma carta, pra pedir demissão, “peça demissão, Cileide, sai dessa, sai dessa...”. E foi num momento em que algumas pessoas tavam pedindo demissão do trabalho, isso aconteceu, assim. Gente que não se preocupou, não quis mais saber do que tava por vir que não fosse se entregar ao sopro daquele furacão mesmo. E aí ela, “tá”. Aí a galera pegou um papel e começou a dizer “bota isso pro teu chefe, bota aquilo”, e eu lembro que iam escrevendo, e ela dizia também, a galera dizia, e era uma carta... Eu pouco vou lembrar do conteúdo, mas eu lembro que tinha uma consistência na argumentação, do quanto não fazia mais sentido pra o que ela queria, na experiência... Estar submetida àquela atmosfera ali, daquele trabalho, daquele chefe, daquela obediência, daquela monotonia. E eles escreveram, sei nem se ela chegou a entregar, não sei o que aconteceu, mas a galera escrevendo junta foi um negócio que me marcou bastante. E noutras ocupações, depois, quando eu descobria que alguém deixou o emprego por causa da ocupação, porque isso rola, é um fenômeno que acontece, deixam tudo né, deixam namoros, empregos, escolas, faculdades... É porque é essa entrega incondicional, em que o corpo já lhe joga mais do que a mente pode segurar. E desde então toda vez que eu me encontrava com algo sobre isso eu me lembrava dessa imagem da galera na mesa da cozinha, escrevendo uma carta de demissão coletiva, assinada só por Cileide, mas que tinha mãos de todo mundo, que compartilhava dessa sensação de Cileide. [...] Por mais que eu consiga pensar agora na maneira como isso repercutia em mim, como isso me

afetava, era justamente nessa dimensão sensível, muito mais do que qualquer outra. Porque eu não, a minha rotina tava, dizia muito mais respeito a isso que eu te descrevi de as vezes ir pra escola, as vezes não, mas passar a maioria do tempo no Cais. Mas essa dinâmica, eu não racionalizava muito sobre ela, eu não decidia muito ela, era como algo que simplesmente lhe toma. E aí você mergulha na dança, sem ter tempo pra elaborar que dança é aquela que tá acontecendo [...] Cada dia tinha a sensação de um milhão [...] Porque parecia que tanta coisa nos atravessava numa intensidade tão profunda que não tava muito no lugar deu [...] Pretender articular em linguagem pra mim o que tava acontecendo, mas simplesmente entregar. O corpo, o desejo, a disposição, a instiga. [...] Tudo isso em promiscuidade assim, tudo isso amarrado uma coisa com a outra, e a gente sentindo com uma densidade, uma dosagem alta. E era só isso, uma coisa meio de vibração, de eletricidade mesmo, que era muito forte, muito grande, então é isso, tava muito mais no campo do sensível, da maneira como meu corpo mesmo era mobilizado por aquela experiência do que da minha capacidade de enunciá-la. Eu vivi aquilo como quem lambe um mel. [...] Eu já tinha vivido a ocupação da Câmara do Recife, que durou um dia, no ano anterior também nesse contexto de movimentações pós-2013. A gente ocupou a câmara numa audiência pública que teve pra discutir o Passe Livre, mas durou isso, dois dias. E eram ocupações de espaços institucionais, já com uma ordem vigente pré estabelecida, então não tinha muita margem pra inventar um novo mundo, como no Cais, em que tava tudo em aberto, porque era um descampado, porque eram ruínas, porque estava abandonado, e a gente podia construir a cidade de papel que a gente supusesse que fazia sentido, e podia ser qualquer uma. Nesses outros espaços não, eles já tinham regras até físicas, materiais mesmo, em termos de espaço, arquitetônicas, muito bem dadas, então não tinha muita margem pra reinvenção. [...] Eu lembro que uma coisa que me mobilizava bastante de ler sobre e descobrir eram as ocupações nas fábricas e universidades na época do maio de 68 francês, que pareciam um ritmo semelhante no sentido de uma tomada radical e indiscriminada do espaço que permitia as pessoas inventar uma nova maneira de habitar aquele lugar da origem, assim, do início de tudo. Como fazer... vamo pensar tudo de novo. E era a maneira como a universidade funcionava sobre o regime de ocupação, como as fábricas funcionavam. [...] O sonho mais presente naquela experiência, ele dizia menos respeito ao que a gente conseguiria, uma vez que alcançássemos nossos objetivos. E que a implementação dessa ou daquela ideia de cidade aqui dentro, e mais sobre a maneira como na imediatez do agora, daquele momento em que a gente se junta ali, e que a gente se percebe já construindo algo, como é que a gente encarna e como é que a gente faz surgir esse sonho do qual a gente fala sobre. E nesse sentido pensar como é que, por exemplo, debates abstratos como um conceito privatista de cidade, como é que a crítica conceitual a isso se transforma, por exemplo, numa partilha coletiva dos objetos, em uma cozinha comunitária, em um sentir alguma espécie de circuito das trocas e da convivência que recusasse aquela mesma lógica que a gente, que imperava nessa cidade que a gente condenava, então como é que a gente fazia isso se sentir num instante mais imediato mesmo. O que faria com que, por exemplo, Bruno, um menino que tava do primeiro ao ultimo dia, contasse que sair do Cais pra ele foi nunca mais conseguir abrir uma garrafa d'água e não passar adiante. Ele disse que, pra ele, ele adquiriu esse vício, não conseguia mais abrir uma garrafa d'água sozinho. Porque era essa natureza de pequena modificação, num habito mesmo de convivência que era sempre repensada.

ALESSANDRO

A galera fez, “Meu irmão, tá rolhando esse barulho”; eu fazia parte do DA de direito na época, isso foi numa conversa lá no DA, aí eu “é quente”, nem fui direto lá. Voltei pra casa, quando cheguei de noite em casa troquei uma ideia com meu primo e a gente foi. Chegou lá sem conhecer ninguém, pá. Deu umas olhadas, não sei o quê... Ficou tentando entender qual era a de menos, aí voltei pra casa. No outro dia, a mesma rotina, fui pra faculdade só que depois que eu fui pra faculdade eu já não consegui mais... tocar uma vida de boa assim, sabe? Sabendo que tava acontecendo, aí fui me embora vei, pra lá pro Estelita. Segundo dia. Aí eu comecei a cumprir tarefa, tá ligado? Tentava dormir. Ai comecei a me envolver no processo, a entender o que era que tava acontecendo. O que eu podia e o que eu não podia. Tinha uma galera se movimentando mano, e porra, pra mim é se movimentar, assim. Tinha uma galera fazendo coisa. Ai eu fui me chegando assim, perguntando o que tava precisando, o que tava querendo tá ligado? Aí eu lembro que de noite tavam fazendo uns cartazes assim também. Tava rolando uma oficina de cartaz. Ai fui tendo um ciclo de conhecer, ai você vai conhecendo as pessoas dos outros setores através das festas, das cultural, ai você vai criando relacionamento, necessidade, a galera vai compreendendo que você não podia tar 24 horas ali, tal, você vai vivendo, vai criando. E a ocupação foram vários processos, e você é uma pessoa em cada processo, tá ligado? Você é uma pessoa em cada momento. Nesse momento eu era essa pessoa, sendo que em outro momento eu já era outra totalmente diferente, tá ligado? Que é o que forma o que eu sou hoje, uma pessoa diferente do que eu era. Que já sou diferente do que vou ser né. E nessa luta do estelita, eu acho que eu fui uma pessoa diferente em vários momentos. [...] *[Tinha]* Medo de polícia, medo de ser preso, medo de não ser ninguém. Não, de eu não ser ninguém a minha vida assim, de eu poder morrer e não dar em nada né. Porque você morrer e dar em alguma coisa, talvez sua morte tenha valido a pena né, mas morrer pra não dar em nada, só enfraquecer o movimento... A esperança era a do novo formato de viver assim véi, porque a gente é uma sociedade que desenvolveu a tal ponto que a gente parou de se envolver né. Então ali havia envolvimento, das nossas próprias necessidades com a nossa prática.

NINO

Eu tava numa atividade contra a Copa, no Shopping Center Recife, que é a Taça do Mundo, o troféu tava percorrendo os estádios né... Aí algumas pessoas marcaram de ir lá fazer um ato assim de desagravo né, aqui em Recife. Eu tava lá e de lá a gente foi pra lá, pro Estelita. Sabia que tava rolando, aí tava nessa atividade e emendou pra lá. Não tinha luz nem nada, era na fogueira e tal. A gente pegou uma carona com um cara que a gente até achou que ele era um ‘P2’ assim na hora, que o cara tava na atividade, ele era meio estranho assim e tal, mais velho. Aí a gente foi, eu tava até com Doró né, a gente foi, a entrada ainda era na lateral com aquele buraco e tal pela escadinha né... A gente entrou e tava sem luz, tinha uma fogueira e eu logo encontrei uma galera conhecida e tal, uma paquerinha da época tava lá também. E o terreno era bem grandioso né, e com muita gente. Foi isso, foi uma oportunidade real de ver um processo assim de ocupação ocorrendo né, assim, um processo de resistência. A gente não dormiu não. Ficou acordado, conversando com uma galera assim, mas não dormiu lá não. [...] Tinha aquelas matérias bem bizarras de Cardinot por exemplo, que o auge foi ele filmar uma barraca, a barraca tremendo, e tipo, “olha lá, eles vão pra lá transar!”, e tal. E era tipo, jornal, rádio, botando pra fuder, *[chamando de]*

“maconheiro”, a porra toda. Pra desqualificar. Eu era anti-proibicionista, era crítico assim mas não crucificava. Eu era mais crítico no sentido de não fazer nada, porque tinha uma galera que não fazia nada. Mas tinha uma galera que trabalhava, ou trabalhava, estudava, ia lá, mas tinha uma galera que simplesmente não fazia nada. Aí eu era crítico assim, nesse sentido. [...] Outra coisa que marcou foi isso da segurança, principalmente fora, a gente ficava mascarado com pedaços de porrete a madrugada todinha, e a galera roubando, e a galera dizendo que ia matar a gente. Dizendo mesmo, “vou matar vocês!”. Os *boy* que roubavam. “Tá me estranhando?!” e não sei o quê. Era uma coisa que tava naquele clima de me fuder real, alguém dar uma facada em mim. Também teve a desocupação, que foi uma loucura né. Eu fiquei com a função de mascarado com luva pegar o gás lacrimogêneo e jogar de volta. Ou jogando na água. Fiquei nessa função e era uma loucura, entrar naquela fumaça, pegar a história, queimar a luva e jogar... Uma experiência difícil, que envolveu muito com o corpo. [...] A galera queria ver aquela experiência real ali de convivência comunitária, era uma galera também que era muito influenciada naquela história... Não sei se tu conhece aquele Hakim Bey, que é um anarquista meio loucão, que ele fala de Zona Autônoma Temporária¹⁰³, é uma coisa meio nessa linha assim. De utopias

103 O clássico *web* anarquista inicialmente publicado sob o pseudônimo de Hakim Bey, hoje reconhecido como o escritor norte-americano Peter Lamborn Wilson, é parte das referências literárias do enquadramento autonomista já mencionado anteriormente por Alonso (2016, 2017). Reproduzimos aqui parte de seu segundo capítulo, *Esperando a Revolução*. Ao longo do livro a linguagem se torna significativamente mais esotérica, mas a riqueza que o texto tem a oferecer para compreender analiticamente a ocupação do Cais a partir de seus relatos vai muito além que esta citação. Consideramos que para a compreensão da emergência de uma nova geração ativista no Brasil como sujeito histórico, o trecho a seguir é talvez um de seus mais interessantes, principalmente se considerarmos as implicações de suas metáforas para o enquadramento teórico do espaço de aparecimento, que discutiremos nas conclusões:

“Como é possível que “o mundo virado de ponta-cabeça” sempre consiga se *Endireitar*? Por que, como se fossem estações no Inferno, após a revolução sempre vem a reação? *Sublevação*, ou a forma latina *insurreição*, são palavras usadas por historiadores para rotular revoluções *fracassadas* – movimentos que não percorrem o ciclo previsto: revolução, reação, traição, fundação de um Estado mais forte e ainda mais opressor – a volta da roda da fortuna, o retorno da história repetidamente à sua forma mais elevada: coturno na cara da humanidade para sempre. [...] Se a História É “Tempo”, como ela diz ser, então a sublevação é um momento que se lança acima e para fora do Tempo, que viola a “lei” da História. Se o Estado É História, como ele diz ser, então a insurreição é o momento proibido, uma imperdoável negação da dialética. Ela dança no alto do poste e sai pela ventarola da tenda, uma manobra de xamã executada a partir de um “ângulo impossível” em relação ao universo. A História diz que a Revolução chega a ter “permanência”, ou ao menos duração, enquanto a sublevação é “temporária”. Nesse sentido, uma sublevação é como uma “experiência de apogeu” em oposição à consciência e à experiência “ordinárias”. Como os festivais, as sublevações não podem acontecer todos os dias – ou não seriam “extraordinárias”. Mas esses momentos de intensidade dão forma e significado para uma vida inteira. O xamã retorna – não se pode ficar no telhado para sempre – mas as coisas mudaram, transformações e integrações ocorreram – criou-se uma *diferença*. Você dirá que se trata de uma proposta desesperada. E o sonho anarquista, o estado sem Estado, a Comuna, a zona autônoma com *duração*, uma sociedade livre, uma cultura livre? Devemos abandonar essa esperança em troca de algum *acte gratuit* existencialista? A questão não é mudar a consciência, mas mudar o mundo. Aceito isso como uma crítica justa. Mas, no entanto, eu faria duas objeções; primeiro, a *revolução* nunca chegou a realizar esse sonho. A visão ganha vida no momento da sublevação – mas assim que “a Revolução” triunfa e o Estado retorna, o sonho e o ideal já foram traídos. Não desisti da esperança e nem da expectativa de mudança – mas desconfio da palavra *Revolução*. Segundo, mesmo que troquemos a abordagem revolucionária por um conceito de *insurreição que se transforma espontaneamente em uma cultura anarquista*, nossa situação histórica particular não é propícia a uma empreitada tão vasta. Absolutamente nada além de um martírio fútil poderia resultar agora de uma colisão de frente com o Estado terminal, o Estado megacorporação da informação, o império do Espetáculo e da Simulação. [...] Em suma, não estamos tentando vender a TAZ como um fim exclusivo em si, substituindo todas as outras formas de organização, táticas e objetivos. Nós a

piratas, ele fala muito de utopias piratas. Os piratas ocupavam umas ilhas no caribe e tinham uma vida livre naquelas ilhas... Aquelas coisa também de contrapor o poder hegemônico. Mas eu acho que uma coisa genuína que tinha nos ocupantes era aquela coisa de vivenciar uma utopia. A galera tinha uma liberdade de imaginação bem elevada, de pensar ali em fazer uma bioconstrução no terreno, banheiro-seco [...] Pô, uma das coisas mais hilárias foi Liana sugerir pra galera do GATI dar baculejo na gente pra eles verem que a gente não tinha... (risos). Essa foi uma experiência... Ela tipo sugeriu uma fila, aí algumas pessoas ficaram na fila e tal, e outras pessoas que ficaram tipo... Depois ela dizer pra botar segurança particular lá, tá ligado? Porque pra mim isso não fazia sentido nenhum né, chegava a ser cômico né. A pessoa sugerir que a polícia dê baculejo nos ocupantes? [...] Aquela ocupação ali no Estelita foi a maior ocupação urbana dos últimos tempos aqui em Recife. Porque aquela area é muito grande né. Eu não conheço assim, até movimentos sociais e tal. Mas não tinha loteamento, porque era tudo coletivo né. O ápice daquela ocupação era a gestão, da forma de caminhos pra gerir aquela história, tipo duas assembleias por dia, uma de manhã ou era de tarde, e uma de noite. A de tarde era pra resolver questões internas, e a de noite pras externas. As festas gigantes né, tinha esses atritos. Tinha a galera tipo Roger de Renoir, com o Som na rural, chegava aos domingos lá com Criolo e Lirinha e tipo... Uma galera grande assim que levava milhares de pessoas. Uma galera que ficava na segunda feira de vinte pessoas pra limpar tudo e não sei o quê... Eu não ia pra show, tá ligado. Quando rolava show lá era meio que meu dia de folga, eu ia fazer outra coisa. Eu tava mas não via show nenhum, só capotava, dormia... É, eu tirava meio que meu dia de folga, não ficava no show não. Então era... Era um conjunto, um conjunto de doideiras.

IARA

Eu tava num momento, naquela época eu tava me formando, tava meio sem saber o que queria da vida, não queria nada da faculdade de direito, aí fiquei sabendo dessa movimentação e fui chegar junto, uma semana depois. Eu sigo o direitos urbanos, mas não tinha ninguém muito muito próximo meu naquela época que tava no Estelita, e mesmo assim eu fui, sabe? Não foi ninguém me puxando não. Eu vi a movimentação, achei interessante, fui sacar. Ai eu cheguei... Era no meio da semana. Cheguei à noite e tava

recomendamos porque ela pode fornecer a qualidade de aperfeiçoamento associada à sublevação sem necessariamente levar à violência e ao martírio. TAZ é como uma sublevação que não se envolve diretamente com o Estado, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e que depois se dissolve para se refazer em outro lugar, em outro momento, *antes* que o Estado consiga destruí-la. Porque o Estado se preocupa essencialmente com a Simulação e não com a substância, TAZ pode “ocupar” essas áreas clandestinamente e realizar seus propósitos festivos por algum tempo em paz relativa. Talvez algumas pequenas TAZs tenham durado vidas inteiras por terem passado despercebidas, como enclaves rurais – porque jamais se interseccionaram com o Espetáculo, nunca apareceram fora daquela vida real que é invisível aos agentes da Simulação. A Babilônia toma suas abstrações por realidades; precisamente *dentro* dessa margem de erro a TAZ pode vir a existir. Dar início a uma TAZ pode envolver táticas de violência e defesa, mas sua maior força está em sua invisibilidade – o Estado não pode reconhecê-la porque a História não tem uma definição para ela. Assim que a TAZ é nomeada (representada, mediada), ela deve desaparecer, ela *irá* desaparecer, deixando para trás uma casca vazia, para brotar outra vez em outra parte, outra vez invisível por ser indefinível nos termos do Espetáculo. A TAZ é, assim, uma tática perfeita para uma era em que o Estado é onipresente e todo-poderoso e, no entanto, ao mesmo tempo repleto de fissuras e vazios. E sendo TAZ um microcosmo daquele “sonho anarquista” de uma cultura livre, não me ocorre técnica melhor para trabalhar com vistas a esse objetivo, enquanto ao mesmo tempo se experimentam alguns de seus benefícios aqui e agora.” (BEY, 2018: pp. 15-18)

rolando uma assembleia, minha primeira assembleia. E enfim, não conhecia absolutamente ninguém ali, foi quando eu comecei a chegar junto, a procurar saber mais... Pronto. Entrei. Nunca tinha visto aquilo, nunca tinha visto aquilo. Foi bem impactante assim. Tinha uns... Tinha um tom muito revolucionário naquela movimentação, sabe? E eu só via gente muito jovem, muito jovem, senão da minha idade, um pouco ainda mais jovem. E eu achei aquilo tudo muito potente, muito foda. E aí eu não quis mais sair. Eu ainda demorei pra chegar lá e me fixar, sabe? Eu ia, voltava, tava de carro... O carro que depois passou a ser o carro da ocupação, que fazia todos os corres. E aí eu voltava sempre muito tarde da noite pra olinda, quase madrugada, altas vezes eu voltei de madrugada, até que eu finalmente levei minha barraquinha lá e montei. A casinha na árvore também, de Fernando Peres, foi uma coisa que me impactou muito quando eu vi. Essa auto-organização... porque é isso, na época eu tava no Zoada. E no Zoada a gente discutia muito auto-organização, auto-gestão, horizontalidade né. Só que era uma coisa... A gente tentava colocar na prática nas nossas práticas né, enquanto movimento zoada, mas ver isso no estelita, num grau mais amplo assim, foi muito especial. Mas eu acho que não era somente eu que tava vivendo isso. Acho que de alguma forma todo mundo que já vinha construindo outros espaços, mas outros espaços... Porque movimento, enfim, partido, não colou mesmo no Estelita... Eram mais coletivos, espaços mais, sei lá, espaços diferentes, um pouco mais libertários que esses da esquerda mais tradicional. Então essas pessoas que já construíam esses outros espaços de alguma forma sentiram a mesma coisa, de tarem colocando em prática tudo aquilo que vinham trabalhando, que vinham aplicando numa escala menor dentro de seus coletivos. Acho que outras pessoas também tiveram essa sensação, e é isso, foi muito especial, porque o Estelita era um microcosmos da sociedade. Era um... sei lá, tudo acontecia ali, tudo que numa escala maior na sociedade a gente via também. Então lá a gente teve que lidar com a questão das drogas né, e aí vinha o debate do anti-proibicionismo né, veio a questão também de gênero, que a gente tinha que lidar, questão de segurança, segurança mesmo, contra a violência, a segurança pessoal né. A questão das crianças, também, questão de direito à infância, ao brincar, e ao mesmo tempo responsabilidade mesmo com aquelas crianças que tavam junto da gente, então é isso. Era... Racismo, machismo, enfim. A gente tava nesse momento tendo que aplicar tudo que a gente vinha teorizando nos nossos espaços e aplicando de forma muito miudinha, a gente teve que aplicar pra casos reais, que tavam acontecendo ali no estelita. É isso, foi bem especial. Isso foi bem especial. Aí a gente caia nas nossas contradições, a gente via como a teoria era tão maravilhosa mas na prática não era assim... A gente falava tanto de espaços de privilégio e tal, mas no Estelita a gente viu mesmo quem eram os privilegiados e quem não era, e a gente teve que lidar com isso porque a distância entre esses dois grupos tava muito pequena, rolou todo esse choque. Gerou uma síntese interessante... Eu via as mulheres da Marcha também, da Marcha das Vadias, que na época tava surgindo, em Pernambuco. Tava se fortalecendo. Mas tinha o pessoal do CPDH também que tava surgindo, tinha o pessoal do Lama, da rádio comunitária né... Tinha a questão de rolar muita rotatividade de pessoas. Então a gente decidia uma coisa na assembléia, aí algumas pessoas não tavam, enfim, rolava. Era uma coisa meio fluida mesmo, mas eu acho que com o tempo, fruto de uma maior organicidade mesmo, a gente conseguiu cada vez mais chegar a um grupo mais coeso e com pessoas que a gente sabia que a gente podia sempre contar, nos espaços de deliberação e tal. E aí as coisas ficavam um pouco mais amarradas. [...] Eu achava muito bonito o pôr do sol no fundo do terreno,

perto do trem desativado. Pra mim essa é uma das cenas mais bonitas. E aí no terreno ainda tinha aquelas florzinhas, uns matinhos, que pareciam sei lá, um trigo assim. E aí o sol batia, se pondo assim, ficava muito bonito. E aí teve uma vez que foi um grupo de pífano tocar nesse vagão desativado. E não era nenhum show não, eles tavam com os instrumentos e começaram a tocar, e foi muito bonito, porque tava o sol se pondo com essa luz toda, eles dentro do vagão lá, de trem desativado, tocando Feira de Mangaio. Foi bonito... Tinha também as questões, os embates internos né, eram pessoas muito diferentes, com métodos muito diferentes, mesmo dentro da ocupação... Tinha a galera mais moderada, mais diplomática, tinha a galera mais da ação direta, mais anarquista, e tinha os incendiários... Era sempre uma confusão. Ia fazer ato, aí vinha uma galera querendo botar fogo em tudo, aí vinha outra dizendo que não, aí começava a briga, tu é pelego, e não sei o quê, e quem é mais revolucionário, sabe? Ai... Eu tinha preguiça dessas discussões. Mas é isso, eu ficava meio em crise sabe? Me achando muito medrosa, me achando muito... É, porque rolava muito essa certa disputa de egos sabe? Em relação a algumas pessoas era uma certa disputa de ego, de quem é mais vida louca, sabe? [...] Tinha um sonho mais referente à questões mais imediatas, essa coisa da utopia, de uma cidade democrática, de uma cidade acessível pra todos, de uma cidade... E, naquela época, tinha essa.. Ah, mas não é bem esperança né. Não é bem esperança. A vontade louca de viver aquilo, de colocar em prática tudo aquilo que a gente sonha pra uma sociedade, sabe? Eu acho que tava muito com essa sede de viver essa experiência de horizontalidade, de auto-gestão e tal. Que fazia parte da concretização de um sonho maior, de ver aqueles valores sendo aplicados num alcance maior. [...] Eu era mais um corpo ali, eu era mais um braço, eu era mais uma perna, pra construir um banheiro, pra fazer uma comida, servir uma comida. Meu carro também, contribuiu absurdamente. Pra tudo assim, de levar as barracas pra ocupação na prefeitura, de salvar Bartó pra ele não morrer espancado, ter levado ele no hospital. Levar a galera que se machucava pra UPA... Era o transporte. Levar material... Tudo. E eu cheguei a participar de algumas ações mais jurídicas assim, redação de peça. Eu tava sempre transitando entre os núcleos, eu só não gostava do de segurança, que eu não peguei em nenhum momento. Era o pessoal que ficava acordado, fazia as rondas, tal. Eu pegava muito a cozinha, gostava muito da cozinha, pegava umas coisas de infra-estrutura também. E articulação política, eu também participava.

CLÁUDIA

Vi no *Facebook* as coisas acontecendo, por causa de um amigo que postou, bem específico assim, porque a minha rede de contatos não tinha ninguém mesmo que estivesse ali. E aí eu entrei em contato com ele, “tás por aí?”; “tô, tô com barraca, tem espaço na minha barraca, sábado tem um show”; “então eu acho que sábado eu chego por aí”. Aí no sábado teve o primeiro show de Alessandro, lá dentro eu acho, eu fui pra lá. Foi a primeira vez. E tipo assim, nenhum contato anterior com o que era o Estelita e com o que era aquele espaço, com saber que ele estava pra ser vendido, sem contar nem com que era uma iniciativa privada tentando se apropriar de um espaço que era público assim, nem entendia nesses termos. Dormi essas duas noites lá, já conheci algumas pessoas, e quando voltei pra casa fiquei nessa assim. E aí já peguei minha autonomia. Acho que do dia que eu fui pro dia da reintegração foram dez dias, quinze dias... No dia da reintegração eu tava em casa, mainha me acordou e eu fui pra lá. Mas assim, ainda conhecia poucas pessoas, eu tinha contato com quem ficava na cozinha. E aí pra tu ter

noção, assim, eu nem sabia que ônibus pegar pra ir pro Estelita. [...] Eu acho que embaixo do viaduto foi quando eu comecei a... Além do debate, de entender né, o debate da parte da vivência ali, eu passei a garantir o meu direito de voz. E querendo ou não, na construção do movimento tão efetiva como o que eram aqueles dias ali do Estelita, você se sente com mais autonomia pra fala quando você está ali, presente, tá ligado? No dia a dia. E aí embaixo do viaduto foi quando eu comecei a falar em assembléia, a sentir que eu tinha propriedade sobre o que se estava falando, sobre o que se estava decidindo, e já saí dali tipo meio que com meus outros vínculos partidos assim, comecei novos vínculos a partir daquela vivência ali, embaixo do viaduto. [...] Aquela vivência, na real, do Estelita, ali primeiro, enquanto ocupação, ela me parecia muito interessante por causa das figuras que estavam ali, querendo ou não... Assim, eram figuras né, maioria branca, maioria bonitíssimas, alternativas, bem vestidas, patrocinavam umas festas ótimas, de primeira, era aquilo... Aquele espaço me lembrava algo tipo, “porra, que espaço massa, olha como a galera fica aqui”... Mas tipo, não tinha conteúdo político do que aquela ocupação representava, ainda. Lá dentro da ocupação, por exemplo, eu me lembro de um dia em que a gente teve um diálogo sobre a polícia fazer a nossa segurança (risos). [...] Eu acho que aquela ocupação inegavelmente foi uma realização enorme. A gente já começa com algo muito grande assim, do ponto de vista de possibilidades de troca. Uma ocupação é sempre algo muito grande, tá ligado? Chega muita gente, você tem a possibilidade de diálogo enorme assim, e trazer essa possibilidade da ocupação no meio dessa cidade como um formato de reivindicação, pra qualquer coisa véi, pra qualquer coisa, sabe? Não é só pra reivindicar moradia. Isso eu achei algo de um ganho enorme, assim. E um ganho que a gente viu se reproduzir em outros espaços, sabe? A gente viu o Cine Olinda ocupado, outras escolas, a UFPE... E aí eu não falo de forma alguma que a gente vê isso só a partir... Eu não falo nunca que isso vem do Estelita, assim. Mas foi um movimento que ganhou uma notoriedade nacional assim, que tava acontecendo do nosso lado. A gente tava ouvindo todos os dias a palavra ocupação, “está ocupado”. Mesmo que a galera tivesse discutindo pra dizer que a gente tava invadindo, e que era um bando de vagabundo. Aí enfim, aquela ocupação eu já acho ela algo grande. Os corpos frequentadores daquele lugar em geral, até o último dia assim, do Estelita, em alta, foram os mesmos. A gente ainda chegou no Coque, ainda fez o Sítio do Cajueiro, que foi uma, foi outro dia assim bem... Mas enfim, a palavra realização é algo bem... Me parece muito mais que os ganhos que o Estelita possibilitou foram muito mais individuais, tá ligado? De conhecimento individual. E alguns também de organização coletiva, porque outros saíram também do que foi a história organizada com o Estelita pra se organizar em outros espaços, pra propôr outras coisas... Mas é isso assim, o Estelita não conseguiu mostrar efetivamente a outras pessoas a possibilidade de se organizar, porque a gente também tava aprendendo, entendesse? Então assim, o momento em que a gente teve mais contato com a base, sem dúvida alguma foi o momento da ocupação. E a gente perdeu aquela oportunidade. Porque eu tava falando desses ganhos individuais, do que foi pra mim, pra Cássio, pra senhora, pra outras pessoas, pros nomes que a gente consegue contar assim. [...] Eu acho que um espaço de ocupação é isso, ele é sempre uma possibilidade. Pra algumas isso vai ser... alguns, não sei, vão pegar aquela possibilidade e fazer daquilo crescimento mesmo, político e pessoal, e outros não. Mas eu acho que só estar ali já é uma lembrança diferente, porque é uma sensação diferente. Não tem como véi... É um espaço que você tá ocupando, reivindicando algo pro Estado. Então no momento que

você tá ali, de alguma forma você tá dizendo “ó, eu tô tomando como meu isso daqui, que o Estado diz que é dele, eu tô tomando como meu, então estamos em confronto”. Eu não tô simplesmente andando na rua e passiva a qualquer coisa que vai acontecer. Eu tô dizendo “ó, precisamos...”. E aí quando você coloca em choque com esse Estado, tá ligado, em geral você sente que a organização daquele espaço é diferente. [...] Eu fico me lembrando desse dia que eu tava contando, da gente vendo a polícia como uma possibilidade de segurança, uma amiga nossa [*colega de movimento negra que hoje milita contra a violência policial*] votou que a polícia ficasse ali. Olha quem é essa mulher hoje! E não é porque as vivências todas que ela já tinha passado enquanto mulher negra, periférica, não tinham servido, de forma alguma! Mas tem momentos na nossa vida que eles fazem assim ó [*estala os dedos*], e ela começa a descer a escadaria da casa dela já vendo todos os espaços de outra forma. Eu descendo do meu prédio de elevador, e olhando de outra forma pra qualquer praça que eu vou. E aí quando você parte de novo pra uma ocupação, efetivamente, você já tem esses outros acúmulos.

Cláudia, Cássio e Maíra afirmam que uma vez que adentramos um espaço que foge do controle do Estado, incluindo aí da arquitetura convencional dos espaços públicos, por mais breve e inócua que possa parecer essa fuga, estamos explorando formas não-convencionais de relação com o espaço¹⁰⁴ e com o tempo¹⁰⁵. Esses espaços desordenados, cuja raridade é atestada pelos testemunhos de Maíra, Cláudia, Cássio e Alessandro sobre outras ocupações que conheceram, nenhuma das quais com essa abertura. Um espaço logístico como o terminal ferroviário-portuário do Cais José Estelita exigia, no auge de seu funcionamento, em meados do século XX, uma organização axial de circulação, de acesso restrito e preparado para a utilização de equipamentos motorizados para operar com eficiência o deslocamento das cargas, trabalhadores e passageiros entre os trens, caminhões, barcas e ônibus. Algumas décadas de abandono, porém, foram suficientes para que parte de suas estruturas, e portanto da geometria de sua paisagem, sucumbissem ou fossem demolidas, e que as plantas cobrissem suas ruínas. Por muito tempo ainda além do tempo de vida como terminal de cargas daquele espaço, viveram ali também famílias de ex-funcionários da extinta RFFSA que haviam

104 É igualmente verdadeiro que as ações coletivas agregaram o próprio espaço, congregam a calçada, organizam e animam a arquitetura. Do mesmo modo que devemos insistir na existência de condições materiais para a assembleia e a fala públicas, também temos que nos perguntar de que maneira as assembleias e a fala reconfiguram a materialidade do espaço público. [...] Nesses momentos, o ambiente material é ativamente reconfigurado e refuncionalizado [...] E as nossas ideias sobre ação precisam então ser repensadas. (BUTLER, 2018: pp. 80-81)

105 A prática se desenvolve no tempo e tem todas as características correlativas, como a irreversibilidade, que destrói a sincronização; sua estrutura temporal, ou seja, seu ritmo, seu andamento e principalmente sua orientação, é constitutiva de seu sentido: como no caso da música, qualquer manipulação dessa estrutura, nem que se trate de uma simples mudança de andamento, aceleração ou desaceleração, impõe-lhe uma desestruturação irredutível por causa de uma simples mudança de eixo de referência. Em resumo, devido a sua total imanência à duração, a prática está ligada ao tempo, não somente porque se realiza no tempo, mas também porque ela joga estrategicamente com o tempo e particularmente com o andamento. (BOURDIEU, 2013: 35)

recebido os títulos de terra daquelas moradias, suas casas hoje abandonadas, também em ruínas, conforme as venderam ao Consórcio Novo Recife.

Esse espaço consumido pelo tempo de abandono portanto não tinha as barreiras de seu uso simbólico convencional, tanto no sentido do deslocamento físico (áreas restritas à funcionários, escritórios, galpões, as casas dos trabalhadores) como no sentido da produtividade, do uso produtivo, eficiente do espaço, precisamente porque custoso, pago, contado pelo metro quadrado e alugado pelo tempo. Ao entrar no terreno contra a legitimação do leilão denunciado como ilegal, recusando sua apropriação pela lógica da maior lucratividade possível¹⁰⁶, e para isso lançando-se contra as forças de policiamento e judicialização do Estado, os ocupantes convocam sua reação em um período inevitavelmente curto (porém mais longo de acordo com a contundência de sua estratégia) mas vivido em ansiosa incerteza, *como se cada dia fosse um milhão*. Essa convivência sob pressão exige uma cumplicidade, *peçoas com quem você pode contar nos espaços de deliberação*, explica Iara. O que queremos destacar é como essas falas conectam a experiência da presença no espaço ocupado, de participação na organização ocupante, à assumpção de uma transformação subjetiva, de uma ressignificação de si mesmos: o abandono de um 'eu', uma visão de si ainda inconsciente das relações de poder interdependentes que compunham sua forma de viver. E que há um acúmulo dessas vivências, sob essas condições mais plásticas de posicionamento e convivência, que vão tornando certos aspectos do 'normal' que antecedia aquele encontro mais distantes, até que em certo momento, no que poderia parecer um estalar dos dedos, as relações de poder por trás da constituição das vidas desses ocupantes saltavam diante de seus olhos. Nessa chave de intensidade, podemos considerar os diversos atos carregados de impulsividade que já mencionamos e que se repetiram com diferentes pessoas, sempre com a motivação de passar quanto tempo fosse possível naquele ambiente: demissões de empregos, saída da casa dos pais, abandono das obrigações escolares, pessoas que iam à ocupação para apenas conhecê-la e não voltavam para casa etc.

Ser uma pessoa em cada processo, nas palavras de Alessandro, envolve uma revisão heurística do afeto por parte desses sujeitos em movimento, uma atualização das maneiras de sentir que vai alimentar os mencionados debates longos e estéreis sobre questões aparentemente triviais da comunicação e do convívio. Esse é o desgaste cognitivo-coletivo que exige deslocar a ordem do comportamento a partir de uma aliança, um exercício de

106 Os empreendimentos de luxo multiuso e espaços públicos erigidos sob a arquitetura do espetáculo que menciona Maricato (2014).

metabolismo sem atalhos que se trata justamente de reordenar os significados, inclusive aí os sentimentos. Não podemos supor, entretanto, que tais ressignificações compartilhadas estejam ao alcance da fala ou da presença mútua no espaço. Vejamos, por exemplo, o contraste entre as memórias da ocupação do Cais de Alessandro, Cássio, cujos corpos foram marginalizados e tratados com hostilidade em momentos marcantes de suas trajetórias, e as de Mario e Maíra, para quem estar no Cais era uma realização inclusive a nível familiar (ambas as famílias apoiavam sua presença na ocupação e frequentaram o espaço). Enquanto os primeiros contam histórias sobre o medo de se machucarem em algum confronto violento ou mesmo morrerem¹⁰⁷, *medo de não ser ninguém*, até porque ambos eram justamente da comissão de segurança, para os segundos aquele era um *lugar de desfrute*. Não surpreende, portanto, saber que o dissenso sobre até onde as margens desse experimentalismo dialogavam com a população veio principalmente daqueles cuja sensibilidade vinha de uma origem distante da estética desse desfrute.

Para a rede de movimentos sociais *mais libertários* que se inseriram naquele espaço (e seus integrantes, muitos dos quais desacompanhados e assim um pouco mais livres de seus coletivos), aquela foi uma oportunidade de pôr em prática conceitos até então executados em condições previsíveis e/ou reduzidas, simuladas. Através dos acúmulos individuais, esses resultados foram levados adiante, participando de outros ciclos de protestos, como as ocupações estudantis de 2016, onde membros do movimento participaram de vários focos na cidade apesar de o movimento não ter se inserido oficialmente em nenhuma, e a ocupação do Cine-Olinda no mesmo ano, essa sim reivindicada como uma bandeira própria do movimento.

5.2.2 Fronteiras de classe: as crianças, o MOE além da classe média e a lei da rua

As imediações do Cais José Estelita, porção sul do bairro de São José, estão rodeadas ao norte pela Vila Brasil, no mesmo bairro, e pela comunidade dos Coelho, em bairro homônimo; à noroeste pela comunidade do Coque, no bairro Ilha de Joana Bezerra; à oeste pela ocupação Via Sul, às margens dos mesmos trilhos da extinta RFFSA que levam ao Cais; à sudoeste pelo bairro residencial de baixa renda do Cabanga, ao sul pela Bacia do Pina, e à nordeste, pelo predominantemente comercial bairro de São José. A estratégia ocupante exigia tornar a estadia o mais atrativa possível, o que incluía, dadas as condições restritas de acesso

107 Ver relatos de Alessandro sobre ameaça sofrida no subtópico seguinte e de Cássio no último subtópico deste capítulo.

ao terreno, torná-lo mais visível. Se no primeiro momento a entrada na ocupação se dava pelo marco de uma janela (a *janela da resistência*, dizia uma inscrição) e por um portão que era controlado pelos funcionários do Consórcio e portanto não estava sempre disponível, com o passar dos dias foram surgindo aberturas nas extensas paredes que separavam o terreno da Via Sul e da quadra de acesso à alça leste do viaduto Capitão Temudo (defronte a praça Abelardo Rijo, ocupada durante os eventos de grande porte dos finais de semana). Essas aberturas feitas às marretadas foram se aglutinando, e em poucas semanas o terreno que até poucos dias permanecia como uma pradaria oculta no coração da cidade se tornara visível para quem quer que acessasse o Capitão Temudo vindo da Avenida José Estelita, assim como para todo o trânsito da movimentada Via Sul. Isso facilitava o acesso para quem vinha desde o bairro de São José, pela Dantas Barreto, e pelas linhas de ônibus vindas da zona sul pela Imbiribeira. Por esses muros derrubados entravam não só simpatizantes do grupo Direitos Urbanos no *Facebook*, mas também transeuntes curiosos e, sobre quem queremos refletir neste trecho, crianças e jovens das comunidades próximas ou sem teto, que já conheciam aquele espaço que se revelava agora para os ocupantes.

O terminal de desembarque abandonado próximo ao Forte das Cinco Pontas, apesar de estar em ruínas, oferece abrigo coberto para muitos moradores de rua, boa parte dos quais crianças, que foram se aproximando daquele acampamento peculiar. A rede de contribuições cuja ‘ponta do *iceberg*’ era aquela ocupação era afluyente: durante as primeiras três semanas de ocupação, todos os dias se recebiam caldeirões de refeições prontas, refeições congeladas e compras de supermercado, além dos materiais de infraestrutura necessários. Em relação ao conforto, a ergonomia inicialmente agreste do espaço dera lugar a um pequeno patrimônio de colchonetes, colchões infláveis e barracas de acampamento. Além disso, os diálogos entre os ocupantes e os que já percorriam aquele espaço desde antes, além do oferecimento do alimento e das instalações improvisadas, foi estabelecendo uma troca entre esses dois grupos. A *praxis* autonomista que exercia forte influência sobre as decisões do grupo acampado demandava uma horizontalidade entre os presentes que conciliava uma estrutura não-declarada em desenvolvimento, e portanto, frequentemente, a liberdade de agirem ou não conforme o concordado em assembleia. Dessa maneira, e dadas as incongruências entre esses dois mundos ou *habitus*, uma série de discussões tomaram lugar durante aquela ocupação sobre qual deveria ser o posicionamento do movimento em relação à presença daquelas crianças e adolescentes, e principalmente em relação ao mais controverso e estigmatizado do comportamento de alguns deles, a inalação do vapor de cola. O impasse se acumulou

aproximadamente entre permitir ou não sua presença, considerando que as insistentes tentativas por parte dos ocupantes de impedi-los ou proibi-los de usar a cola foram todas frustradas, onde recusá-la seria novamente marginalizá-los, e aceitá-la implicaria conviver com sua intoxicação. Mais pelo seu interesse do que por qualquer resolução dessa discussão inconclusa, os garotos e garotas das proximidades se mantiveram presentes durante toda a ocupação, em diferentes frequências.

Após a reintegração de posse do 17 de junho, os ocupantes se reorganizaram sob a alça do viaduto Capitão Temudo, e passaram ali mais três semanas. A situação era, segundo os relatos seguintes, muito mais ameaçadora do que no espaço mais isolado do terreno. Exaustos, amedrontados e sem recursos (as contribuições caíram dramaticamente após a reintegração de posse, chegando ao ponto de não haver comida para sustentar os ocupantes), os ocupantes que ainda resistiam anunciaram a desocupação da área pelo rádio. No dia seguinte, pela primeira vez naquelas sete semanas todas as crianças e jovens sumiram, sem antes mencionar nada sobre isso. Durante a tarde, retornaram em bloco ao local, destruindo as instalações da ocupação e atacando os ocupantes, alguns dos quais ficaram gravemente feridos, com os quais haviam convivido durante aqueles quase dois meses. Após a fuga, a *reintegração social da posse* seria objeto de extensas discussões por parte do movimento, assim como seu desejo de aproximar-se das classes populares enquanto referência de mobilização política. Vejamos algumas falas relativas a esses acontecimentos.

MAÍRA

Boa parte das pessoas que tavam presentes eram sujeitos oriundos de uma classe média, intelectualizada, universitária, do Recife. Esse era um perfil forte, expressivo. Outro perfil expressivo era uma galera, principalmente os meninos dos arredores, de uma ocupação muito próxima que tinha, da Via Sul, de outras ocupações do entorno, e meninos que moravam nos viadutos ao redor. Então era gente que vivia na rua, em situação de rua né, e era convidada pra aquele espaço pelo tanto de acolhimento e de recepção que ele ofertava mesmo. Não só no aspecto material de rolar colchão onde dormir, e três refeições diárias, que eram feitas numa cozinha que qualquer um acessava e qualquer um comia, mas também uma recepção que diz respeito a uma certa troca mesmo. Troca afetiva, que querendo ou não é muito negada, pra quem tá numa condição de marginalidade. E aí, só que essa convivência ela era... Tudo que ela tinha de impensável, de incomum. Porque enfim, nossa experiência de mundo mesmo fica muito condicionada ao encontro com experiências próximas, eu sentia isso toda minha vida antes do Cais. Depois do Cais sentia também, existe essa espécie de pressão histórica e social mesmo, que acaba provocando isso. A gente encontra alguns mecanismos pra dismantelar um pouco isso. E lá, de repente, a gente se sentia numa troca e num contato [...] com pessoas que tanto pra elas quanto pra gente, essa interação não habitava o imaginário do possível, do comum. Eram os meninos que cheiravam cola na rua e que a gente, que vem de uma

condição de classe média, nossos tios e nossos pais, fecham o vidro do carro quando eles passam numa rua à noite, porque aquela é uma figura pra se ter medo. Ou talvez aquela é uma figura pra se ter piedade, a arrogância bem-intencionada aí, que se chama piedade: a gente vai ter sobre eles e aí a gente dá uma ajuda. Mas trocas afetivas? Isso não tá pré-escrito em nenhum canto assim, não tá na ordem dos possíveis. E aí de repente a gente se deparava, nessa situação, que trazia uma riqueza do encontro, intensa, transformadora, porque era isso, era uma imersão num contato com uma galera, com várias galeras, mas... Imagina, a maioria dos que tavam lá cresceram no seu quarto, com tudo dado, com uma estabilidade e um conforto financeiro bastante consideráveis. E aí tavam passando dias com pessoas que [...] O que se pensa por casa é o quarto que se eu vou ter eu divido com mais oito irmãos num barracão que vive sob ameaça de despejo, porque é uma ocupação irregular, e eu brigo em casa então vivo por entre as ruas. Foi uma confusão doida assim, porque existia na gente - a gente juventude universitária *prafrentex* - uma ânsia em dar conta daquele acontecimento, que as vezes acabava se afobando. E, por exemplo, romantizando a existência daquelas figuras como os grandes anti-heróis que a gente apenas celebra e endeusa gratuitamente, o que é tão objetificante quanto quem vilaniza, no limite. Porque a idolatria, ela *coisifica* também, a pessoa. Eles eram 'os sujeitos', os meninos que conviviam com a gente, de vez em quando o olhar que se construía sobre eles era dos sujeitos revolucionários, porque são, ó, os meninos, a *norca*, cheiravam muita cola... De repente tinha essa tendência que era paralizante pra gente, porque eu não sentia que ela permitia uma troca mais genuína, do que podemos nos oferecer. Era muito mais como eu vou fazer disso uma peça de adoração, porque olha como eu sou legal por adorar esse elemento exótico, rebelde, subversivo, o verdadeiro revolucionário marginal, porque o sistema abate ele e ele se revolta contra o sistema na pele, não na ideia. [...] Era um desafio assim, que eu não senti que fomos... Que tivemos a lucidez de executá-lo de uma maneira limpa, oxigenada, sincera. Parecia que tinha sempre um excesso de compensação por causa dos privilégios que a gente ocupava em relação a eles, e que romantizava o lugar deles, e que assim, paralisava o que poderia, imobilizava o que poderia ter de mais fluido do contato. Mas ao mesmo tempo, em meio a esses percalços e problemas, foi bastante transformador [...] De repente os jargões que a gente usava, os que a gente aprendia com eles, enfim, tudo que vai se alterando a partir de um convívio mais íntimo. Mas que evidenciava um choque de pólos meio díspares assim, de repente aí as meninas maquiadinhas bonitinhas tal, falando “aahhh,*norca!*”, falando que nem um *norcado*, gente que cheira cola. [...] Eu lembro a primeira vez deu voltando desse cursinho que eu fazia, esperando o ônibus, na segunda semana de ocupação, e passou um menino por mim cheirando cola. Era uma coisa assim, depois que eles chegaram, virou um assunto na ocupação né, cola. E aí foi a primeira vez que eu vi um menino passar por mim cheirando cola e aquilo não foi, eu não joguei naquilo um manto de invisibilidade pra conseguir continuar na vida, fazendo as coisas da vida como deveriam ser feitas, sem me perturbar demais por aquilo. Mas foi a primeira vez também que eu não olhei numa posição de lamento, de lamúria, de pena pela existência daquele ‘pobre coitado’. Eu olhei como um brother, quase que eu dizia “Ei! Dale *norca!*”, ou qualquer coisa assim, por mais patético que pudesse parecer uma menininha branquinha com sua mochilinha tentando falar com ele desse jeito. O olhar que de repente surgia em mim [...] parecia de uma sinceridade, no sentido de que ele não tava nem na chave do lamento, nem do distanciamento, nem também da idolatria. [...] Nas últimas

semanas que eu passei ou não por um menino cheirando cola, nem lembro se eu passei, mas eu provavelmente não olhei pra ele “dale brother!”. Eu olhei “Isso aqui eu tenho que assimilar, porque senão não vou conseguir continuar a vida se eu parar diante de cada atrocidade como essa”, que é alguém descalço tendo que cheirar cola morrendo de fome na rua. Mas esse ‘dale, brother!’ ele era bem significativo, de um processo complexo, cheio de confusões que a gente vivia, mas que acho que alterou alguma coisa verdadeira em quem passou por ele.

ALESSANDRO

Uma galera que tava ali na ocupação, os pirraia que eram de rua, os pirraia que eram de outras comunidades, meio que criaram uma organização paralela e aí começaram a quebrar tudo, nesse dia lá. [...] Mas não foi esse dia, foi outro. Foi uma reunião pra pensar a saída... Tava um clima muito tenso e aí eu peguei, na época eu tinha acesso a um Paliozinho 2001, aí eu fiz, “Entra aí fulano, a gente vai fazer uma ronda agora”. [...] Aí eu sei que um bicho chegou dizendo man, que eu tinha tentado atropelar ele. Que eu botei o carro pra cima dele. Aí eu desmenti ele na hora, assim, “Tás doido é parça? Que mentira do caralho”, pá, não sei o quê... Ficou aquela confusão. O bicho se saiu assim, meio que deu uma ameaçada... Aí quando vê man, chegou uma Paraty. Meu irmão, tinha uns oito cara dentro véi. Já veio uns de menor assim descendo armado... Na hora bateu uma parada assim em mim: “Se saia agora, que não há nada que você possa fazer, inclusive pode ser com você”. E os bichos desceram perguntando assim, “Quem é o cara jow?! QUEM É O CARA?”, tá ligado? Na hora man, eu me abaixei assim, entrei pelos carros assim que tavam na pista, estacionados na pista, entrei no carro de uma galera desconhecida e eu fiz “só acelera que vão me matar”. A galera preocupadíssima comigo assim, sem conseguir entrar em contato. [...] Eu nem culpo, hoje em dia... Eu as vezes me bato com o bicho porra, pelas ruas de Recife. A gente se comprimenta, se fala, não tenho raiva de ninguém, não tenho raiva dele. Do bicho que me acusou, tá ligado? Não tenho raiva man, não tenho. Porque eu entendo qual foi o processo ali, tá ligado? Eu entendo qual foi o processo. Eu entendo que era um processo pra amedrontar, pra fragilizar... E que por a galera estar numa condição muito mais fudida do que quem se dizia Estelita, foi muito mais fácil, tá ligado, a galera ser uma entrada pra uma desmobilização. [...] Já tava definhando, a ocupação em si. A rua é muito mais amedrontadora do que dentro do terreno né, embaixo do viaduto é muito mais amedrontador do que dentro do terreno.

CÁSSIO

O diálogo que tinha mesmo intenso com os setores populares era com os meninos né. Na época eu não tinha a cabeça que eu tenho hoje assim. Querendo ou não, eu acho que internamente eu imaginava aquilo [*a convivência com os menores que consumiam cola*] como uma coisa que dava pra ser flexibilizada. Só depois, ali debaixo do viaduto, tendesse? Que eu fui ver que era uma degeneração mesmo. Era uma doideira né, porque eram os próprios meninos que roubavam lá dentro né, que tinha uma relação de paternalismo, sei lá, maternalismo, aquela coisa meio... Ou talvez do rico cuidando do pobre. Sei lá, aquela culpa né? De tipo, ‘Ah, eu tive esses direitos, ele não teve, coitado’ e tal. E ‘Eu vou cuidar deles’. Eu acho assim, que não era uma coisa explícita, mas que dentro existia [...] Encarava aquela situação deles ali como se fosse um romance. O que rompeu com isso mesmo foi a última saída debaixo do viaduto, que foi a segunda expulsão, mas foi uma expulsão assim, social, digamos.

IARA

A expulsão da gente pela comunidade me marcou muito. Aquela galera toda se juntando... Eu achava que iam matar Bartó. Foi uma doideira assim, uma doideira, a gente ter saído de lá daquela forma, sabe? Apanhando de uma galera que tava sempre com a gente. Foi um 'se liga' gigantesco assim, pra todo mundo ali que achava que tinha rolado uma conciliação de classes no Estelita. E que éramos todos amigos, tava tudo ótimo... Porra nenhuma. A forma como a gente saiu mostrou assim... Não... Isso era um... Eu tô falando conciliação de classes, mas não é bem conciliação de classes, é mais o afeto mesmo, sabe? que faz com que as diferenças [...] as questões culturais pareçam menores [...] É tipo aquela coisa de você tratar a empregada doméstica como alguém da família, sabe? Rola esse afeto, e é um afeto verdadeiro, eu acredito que seja um afeto verdadeiro, mas que acaba... Acaba ofuscando um pouco a importância do lance da desigualdade. [...] A gente... O MOE começou como esse movimento bem da classe média né, e o MOE falava para a classe média. Inclusive isso, por mais críticas que possam ser feitas, querendo ou não foi o diferencial do movimento, sabe? Querendo ou não, foi o que proporcionou essa grande repercussão, esse grande alcance pro movimento. Mas como a gente tinha em mente a limitação disso, a gente ficava sempre nessa crítica né, tentando aumentar o raio de alcance do movimento para além da classe média. Só que a gente não conseguiu. Assim, rolou um grande esforço, rolou inclusive com os indígenas e tal, com a galera da Via Sul, com a galera do Coque... Mas não era a pauta do Estelita dialogando com essa galera, eram pessoas do movimento que... [...] Enfim, rolavam essas tretas debaixo do viaduto né, que aí eu nunca mais esqueço, acho que foi Tom falando, "Galera, quando vocês tavam lá dentro a gente respeitava, vocês tavam... Ali era de vocês. Mas aqui, vocês tão na rua. A lei aqui é a lei da rua." Ele disse assim. "A lei aqui é a lei da rua... Vocês tem que respeitar a lei da rua." E é isso, foi um baque assim, foi conviver com a rua, foi doido. Foi doido.

CLÁUDIA

Ali foi a primeira vez que eu tive contato direto com aqueles meninos do Coque, com aqueles meninos dos Coelho... Então não era propriamente o debate conceitual do que era o Estelita, mas eram as vivências naquele espaço. Estar com aqueles meninos, ver como era aquela vivência, entender que a gente teve brigas porque tal boyzinho dos Coelho viu um boyzinho do Coque roubando biscoito, e aí como aquilo dava numa proporção de violência que eu nunca tinha experimentado. E aí eu tipo, ficava me perguntando, o que é que faz? O que é que faz esses meninos terem essas vivências muito mais violentas do que eu já poderia ter experimentado na minha vida assim... Você começa a refletir algumas coisas né? O que é que faz quase 80% desses meninos serem negros e estarem nessa situação? [...] Eu não lia politicamente. Eu não conseguia, por exemplo, nem me meter, que hoje eu não deixaria acontecer de forma alguma, naqueles debates da galera dizendo pros boyzinhos não cheirarem cola quando tavam filmando. Eu não conseguia nem fazer uma intervenção perante aquilo. Na real eu puxava o coro e quando tava a galera filmando dizia pros boyzinhos, 'ó, se ligue, pá, não sei o quê...'. Não dizendo que a gente não devesse tipo 'ó, se liga aí nessas câmeras e tal', mas não naquele formato de tipo... Que eu vi ali no Estelita, de quase culpa, daqueles meninos sabe? A gente não tinha como em um mês, achar que a gente tava... Dando alguma mudança efetiva na vida daqueles meninos, né, não vamos ser ingênuos. A gente chega num

meninos que já estão viciados em cola, e como é que a gente acha que tem alguma propriedade porque chegamos ali embaixo do viaduto, local de moradia deles, pra dizer pra eles não cheirarem cola porque as câmeras estavam ali, né. Eu acho até meio complicado, até meio racista, nessa parte, em vários momentos assim, como foram nossos diálogos ali. Mas esse era um momento de construção pra diversas pessoas né.

Percebemos, portanto, que era principalmente a presença desses menores de idade nas duas etapas da ocupação que suscitava os militantes a refletirem sobre sua posição de classe e os tipos de violência material e simbólica a que a população mais pobre está sujeita. Para Cláudia, esse contato suscitava questões sobre sua própria origem popular e do medo que sentia quando encontrava garotos como aqueles pelas ruas, que viriam a se tornar mais evidentes após o *post* que causou sua expulsão do círculo social que vinha acompanhando desde a escola, feito em solidariedade a violência sofrida pelas famílias como as daqueles jovens que ela conhecera no Cais. Nas falas de Cássio, Maíra e Iara há uma crítica às perspectivas mais otimistas sobre esse contato, que supunham ser possível sobrepor os afetos pessoais às contradições de classe objetivas em jogo em uma disputa política como a da ocupação. Mas percebemos que essa não foi uma experiência estéril, principalmente a partir da fala de Maíra (que expõe em termos bastante próximos à terminologia de Judith Butler sobre o espaço de aparecimento) sobre o processo de reconhecimento entre esses sujeitos cujo encontro é normalmente improvável, ainda que muitas vezes seus efeitos estejam circunscritos à pequenas modificações, como o oferecimento de um gole de água de uma garrafa recém-aberta (verfim da fala de Maíra em trecho anterior). Já Alessandro acredita que as contradições próprias da divisão de classes permitiram a fragilização do grupo devido à sua inexperiência, e se recusa a guardar mágoas desses que considera as verdadeiras vítimas do processo de urbanização violento que combateu através tanto do MOE como do MTST.

Iara, por sua vez, pensa que o confronto final em que esses jovens destruíram o acampamento mostrou os limites de um período de experimentação e troca, e que os desafios da convivência compartilhada com esses jovens, muitos dos quais não tinham onde morar ou haviam fugido de casa, se apresentava como uma fronteira que separava os ocupantes do ‘povo’ a que aspiravam estar representando sob o signo das assembleias horizontais e das vozes repetidas em *jogral*. Acreditamos, portanto, que foi também em desdobramento desses aprendizados sob convívio turbulento e como forma de respeito à essa experiência concluída de forma violenta que os ocupantes se viram, no pós-ocupação, constantemente instados a tentar expandir o alcance daquela mobilização política para com as classes populares, cientes do desafio que isso representava e, no limite, não alcançando-o enquanto movimento. Mesmo

assim, esse compromisso indicava que aquela presença compartilhada reverberara algo na *ordem dos possíveis*, nas palavras de Maíra.

5.2.3 A clivagem MOE-DU

Como já apresentamos no problema de pesquisa, a mobilização em torno do Cais José Estelita, originalmente centralizada pelo movimento Direitos Urbanos, foi dividida após a ocupação com o novo Movimento Ocupe Estelita, formado exclusivamente pela parcela jovem e universitária da ocupação. Tal processo permitiu que essa fração encontrasse um espaço próprio de deliberação, onde podiam pensar a luta do Cais sem entrar em acordo com os interesses muitas vezes divergentes da fração respectiva ao DU. As falas sobre esse assunto são o principal indício que obtivemos do forte caráter geracional que estava implícito naquela luta, um eco do que vinha se manifestando a nível nacional pelo menos desde os protestos do ano anterior.

MARIO

Eu chegava muito à noite, pra ficar a noite toda, e saía durante o dia. Ou passava o dia todo e quando ficava mais tarde ia pra casa dormir e voltava de manhã. Minha vivência foi muito essa, de não estar construindo inclusive fisicamente a ocupação, e não estar nos momentos mais decisivos... Eu ficava sempre naquela de observador, e escutando saca? Tentando muito mais conhecer quem é que tava construindo aquele espaço, aquela história, ver quais eram as pessoas que de fato tinham mais alguma proatividade ali dentro. Pra saber o que tava rolando, ver como era essa dinâmica do pessoal que dava suporte por fora pra galera que tava da ocupação. De acompanhar de dentro toda essa ruptura que foi com o Direitos Urbanos, porque eu sabia tudo que acontecia no DU porque minha mãe era da cabeça do DU. Aí eu tava observando de longe, bem caladinho, tudo que tava acontecendo do dois lados. Eu acho que minha vivência na ocupação foi muito mais essa, viver o espaço, observar e escutar. Tinha essa ruptura etária, eu tinha 23 na época, a galera era 20 ou menos, e tinha os quarentões e cinqüentões, que é a galera da internet, DU. [...] Ninguém sabia escutar, que era o principal, acho que as pessoas se escutavam muito mal, e ninguém sabia falar. E se procurava uma manipulação absurda de ambos os lados: do lado de fora querendo interferir e dizer com o que acontecia na ocupação e com o lado de dentro de se esconder e maquiara uma carapuça de horizontalidade que não existia, porque a horizontalidade na real é uma coisa que ainda não existe, e que a gente tem que aprender a lidar e fazer [...] Entender que a horizontalidade no século XXI, no mundo contemporâneo dessa galera que tem 25 anos, vai ser sim um grupo reduzido entrar num consenso pra tomar algumas decisões, porque é impossível você conseguir que 500 pessoas que caíram ali de paraquedas que nunca tiveram numa luta por nada na vida entrarem num consenso. É entender que são processos pô, você não tem que ficar com vergonha de que tipo, vamo se juntar aqui esse grupo que tem um pensamento mais afinado. A ideia é boa, é natural, é saudável, o que não era saudável é que esses grupos

que se juntavam [...] Só tentavam manipular os outros grupos pra fazer o que cada grupo queria. [...] Eu me sentia muito como um agente infiltrado do DU quando eu tava no Estelita, e eu me sentia muito um agente infiltrado do estelita quando eu tava no meio do povo do DU. Era tipo, eu evitava ao máximo tentar levar informações de um lado pro outro, mas como eu discordava muito mais das abordagens estratégias e do que o DU queria fazer, eu me aproximei muito mais das outras pessoas e dos outros grupos [...] Eu me via muito como um tráfico de informação, sabe? Trazendo sempre essa informação, porque era muito claro assim... Quando a informação chegava lá em casa e quando ela chegava na ocupação, eu dizia oxe meu irmão que filtragem do carai é essa? Ai eu comecei a pegar as informações do DU e passar na íntegra pra gente, saca? [...] Que são os mesmos interesses que a gente, mas eles achavam, enfim... Todo mundo mudou muito depois desse processo da ocupação do cais. [...] Eu não tenho mágoa nenhuma de tipo, pessoas que resolveram sair candidatos, que acreditam que um vereador vai fazer a diferença na cidade, botando pautas e números em cima da mesa e contestando a Câmara... A gente necessita dessa figura sabe? E tem uma galera que guarda uma mágoa do cacete disso, ‘ah, eu já sabia’, não sei o quê... E o negócio foi tanto tempo depois! Saca? Ai eu vou ficar gongando uma pessoa que tá disposta a esse desgaste, a estar nesse espaço? Eu não vou. Posso não votar, mas não vou. [...] Eu sinto isso na pele hoje estando num cargo na Prefeitura... Tem informações soltas, que são intenções da prefeitura, dos empresários, de fazerem por exemplo certas desapropriações, que eu tenho essa informação na mão, e que eu posso passar essa informação pras pessoas que precisam saber disso, sabe? Eu só fui ver na pele o quão importante é ter essas pessoas dentro desses lugares.

CÁSSIO

Na época, eu especialmente, tinha um posicionamento bem crítico ali sobre a atuação do Ocupe Estelita, no sentido de que era uma movimentação de maioria de pessoas de classe média, maioria de pessoas brancas, que não se conectava com pautas reais dentro da cidade, enfim, essas críticas mais gerais assim em torno do movimento, a gente tinha ido uma vez ou outra pra algum Ocupe, mas eu nunca tinha identificado assim um espaço político que eu gostaria de me integrar assim de forma orgânica. Mas a partir da ocupação eu percebi que tinha um potencial de aglutinador de pessoas, que também acabou sendo uma leitura desse grupo da casa do qual eu fazia parte... Já tinha um confronto muito, de ideias bem acirradas, mas ainda se admitia né... [*Referindo-se às eleições de 2018*] Pessoas que não votavam, por exemplo. Eu era uma oposição mais autonomista, que não entendia o caminho da institucionalidade como a única saída. Naquelas assembleias era muito isso. Lá a dicotomia existia muito em torno do isso, a galera que era pró-instituição hardcore, e a galera que era contra instituição hardcore assim. Ai tinha uma galera que era meio-termo assim, uma galera meio Coque (Re)xiste, tá ali mas tá aqui também... Mas tinha essas definições. E hoje em dia eu nem tenho aquela posição tão fechada, tá ligado? De negar a institucionalidade e tal. Eu acho que a galera da institucionalidade... Eu vejo muita gente que era contra queimar pneu e é do MTST hoje em dia, e a prática deles é queimar pneu. Então... É porque mudam também né, as coisas, ao longo do processo de amadurecimento. Mas essa era uma época que era mais aberto, né, a uma certa divergência interna dentro de uma contrahegemonia. Porque tinha desde maoístas à anarquistas, à petistas, à uma galera que tava chegando no rolê agora tentando entender o que tava se passando... A galera da festa né, a galera que tava no rolê pra... Como um

grande *Woodstock*, usar ácido, tomar banho nu, andar nu, que é legal né... Mas também não é só isso. E tinha uma galera que via só dentro desses termos [...] Aí vivia muito dentro desse espírito né... Que é legal mas também causa uma certa estranheza em quem não é daquele mundo né, que não dialogava com os setores populares. Era um diálogo mais político, falando em termos restritos, do tipo, algum movimento que apoia o estelita por apoiar. O sonho do Estelita, de quem vivenciou o Estelita mesmo, à fundo, da ocupação... Não a galera dos advogados, a galera que nunca dormiu lá, galera do direitos urbanos que só colava lá em assembléia e tal, que a galera ficava no apê aqui e ia pra lá dar um apoio e tal. O sonho dessa galera eu acho que era uma coisa mais da institucionalidade mesmo né, de materializar aquela luta num avanço institucional. Agora a galera que tava vivenciando aquela loucura toda da ocupação era uma coisa mais utópica, uma galera também que queria vivenciar o hoje, não queria esperar o socialismo chegar.

IARA

O DU se reivindicava dono do Estelita, porque foi o DU que iniciou algumas discussões sobre a cidade, sobre o Cais inclusive, e já fazia alguns eventos ali. Eu não participei muito porque na época eu tava no intercâmbio, mas eu vi de longe o Ocupe+1 e tal. E quando rolou a ocupação no estelita, aí eles reivindicavam como algo do DU, como uma ação do DU. E as pessoas do DU se achavam na posição de dirigir né, o movimento. E aí rolavam muitos conflitos, porque eram pessoas diferentes, as que tavam acampadas, e o pessoal do DU. Rolava uma ânsia geracional também, um conflito geracional. O DU eram pessoas mais velhas, que tinham uma certa vivência, algumas né pelo menos, em movimento, em organização, e a galera que tava ocupando o Estelita era no geral um pessoal que era muito jovem, tinha pouca vivência de movimento, de coletivo, enfim, de organização política. E aí rolavam esses embates né. Essa falta de diálogo e de compreensão acerca das vivências de cada um e das... Basicamente isso. Até que a gente rompeu né, com o DU. Foi interessante assim, foi um movimento natural. Não lembro exatamente como rolou esse racha, lembro muito muito vagamente, muito vagamente. Lembro só, lembro mais dos embates que rolavam nas assembléias, e que o pessoal do DU só aparecia nas assembleias, justamente os espaços deliberativos, ou então apareciam como inspetores né. Eu to falando do DU mas são pessoas específicas né. Inclusive tem muita gente massa no DU que nesse racha continuou com a gente. Mas tinha outras pessoas que... Apareciam lá, só como inspetores assim, olhando o que quê podia fazer, o quê que dava errado. Eu tanto tinha agonia do foco exagerado que o DU dava nas instâncias institucionais, na luta institucional, como também ficava incomodada com os discursos meio irresponsáveis demais de ação direta, sabe? Meio incendiar por incendiar, incendiar pra... Sabe? Eu ficava transitando entre os dois, é isso.

CLÁUDIA

Eu não era essa figura que falava, que vinha com propostas, que tentava organizar aquilo, porque as nossas assembléias as vezes se perdiam. Elas ficavam sem fim, a gente não achava... E aí eu sinto que a gente começou a ter algumas reuniões bem específicas, até a gente mudar o formato do que a gente começou a conhecer como MOE, que foi de discussões MOE-DU. A gente teve alguns meses exaustivos nesse pique né. Chato, inclusive. É, tipo, e aí? Quem somos? O que é? Quais são as nossas perspectivas? Vamos virar um movimento? Porque é isso, movimento tem princípios, movimento tem

organização, movimento tem pessoas ali, que precisam estar regularmente... Não é mais uma ocupação, do que foi o Estelita. E aí foi quando a gente ficou nessa, de 'e aí, quem tá organizando o quê aqui?'. A gente entrou muito nesse impasse MOE-DU, até aquela reunião com Liana, da Católica, que meio que rompeu assim, com ela. E aí depois daquilo a gente começou a tentar se organizar enquanto movimento, tá ligado? E aí é engraçado, porque era a minha primeira vivência com movimento. Eu saí do Estelita já com isso. E aí eu não entendia princípios de um movimento e tal, mas aí peguei pra mim essas demandas. 'Vamos fazer um encontro de formação', a gente fez nossa primeira formação interna... E aí o que eu acho que aconteceu nessa trajetória, além dos rompimentos ideológicos mesmo que tínhamos, MOE-DU, foi que a gente organizou o Ocupe Campo Cidade. Eu acho que pós-ocupação foi o primeiro grande evento assim, em abril de 2015, o primeiro grande evento que a gente teve. E aí ficou bem específico, quem estava construindo aquilo. E foi uma construção muito bonita assim, tipo, eu acho que aquela construção foi quando eu já tava, eu já tinha entendido assim, estruturalmente, já conseguia fazer um debate social assim, perante tudo aquilo que a gente tinha vivido, sabe? Aqueles meninos, sobre aquele território, sobre os lugares que arroteavam aquilo, fazer um debate de classe e de raça permeando aquilo... E aí eu acho que quem construiu o Campo-Cidade se fortaleceu, e se fez mais que nunca MOE, assim. Que a gente vai até fazer uma autocritica depois, mas a gente tipo, pegou pra gente, aquelas pessoas que tavam construindo o Campo-Cidade. E aí eu acho que dali, aquele grupo, aquele vínculo, é isso, se fez MOE, e foi dali que a gente tipo, começou a fazer as reuniões super internas, que até outras pessoas que tinham vivenciado o MOE não participavam. E aí [...] começou com uma ameaça muito constante daquilo ser destruído, o Estelita. Muito, assim, parecia que estava a cada momento muito próximo... E aí foi quando a gente começou a fazer aquelas reuniões internas, a senhora tava, e foi quando a gente organizou aqueles atos sozinhos. Foi quando nosso rompimento ficou 'ó, rompemos com vocês', assim... Foi. Com o DU. E eu acredito que mudamos nossa forma também de atuação. Mas tentamos mudar tanto que nos perdemos, e não estamos mais fazendo nada, tá ligado? Mas eu acho que só nesse momento foi que eu, a partir desses momentos assim... Acho que o campo-cidade, bem específico, foi quando eu comecei a ser a figura que eu virei em algum momento, no Estelita. Do tipo, organizar reunião, pegar demandas as vezes muito grandes assim... de tipo, organizar sozinha assim, a feira de uma formação interna, sabe? Organizar sozinha compra de faixa e quem ia fazer...

ALESSANDRO

Primeiro que a gente aprendeu ocupação na tora, tá ligado? Ninguém chegou pra ensinar como ocupava. Não tinha modelo. A gente ocupou na tora. Aí depois, na tora movimento de rua também, tá ligado? Ai porra, um bom dia, em algum momento a gente ia precisar que... Porque tem coisa que é na estiga, e tem coisa que é tipo, o que você quer, tá ligado? Quando você estiga, você vai e faz, tá ligado? Quando você quer, você vai e planeja. Então assim, a gente passou do momento que era só na estiga. A gente já tava ali, a gente já se conhecia. É diferente. A gente já tinha vínculos de amizade, a gente já tinha reconhecido, a gente já tinha confiança.

A cisão entre os dois grupos se deu devido ao conflito de interesse entre ambos, que segundo Mario buscavam consolidar seus interesses a partir de diferentes estratégias. O DU

articulava seus argumentos e leitura da conjuntura em reuniões fora do acampamento (algumas das quais na própria casa de Mario), e as reuniões horizontais da ocupação estavam sujeitas à cumplicidade que se desenvolvia entre os ocupantes que acumulavam as demandas e passavam mais tempo na ocupação (uma das articulações desenvolvidas para dar maior preponderância para as deliberações dos que acampavam foi adicionar uma segunda assembleia diária durante a manhã, horário em que somente as pessoas que dormiam no terreno estavam presentes). Como vemos a partir da fala de Cássio, essa polarização também se interseccionava com outros debates que marcaram presença no Cais, frequentemente refletindo alguns posicionamentos clássicos que, naquele contexto, se traduziam na própria maneira em como seus defensores se inseriam na ocupação. Mais interessante ainda é perceber como a disputa do espaço para postular as demandas entre os diferentes grupos da ocupação está estreitamente correlacionada, como vemos a partir da fala de Cláudia, com o processo de subjetivação próprio dos militantes. De maneira que acreditamos que foi na medida em que os ocupantes do Cais, ao longo daqueles 47 dias, tomaram consciência de si mesmos enquanto agentes políticos potentes, justamente porque sob condições conjunturais tão singulares que permitiam que seus gestos, muito mais que em qualquer contexto convencional, tivessem um efeito contundente na disputa em que se inseriam, que se abriu caminho para o surgimento do MOE.

Essa foi uma clivagem importante, pois acreditamos que um dos pontos de apoio importantes do ciclo de mobilizações em todo o país entre junho de 2013 e a Copa do Mundo era a emergência de uma nova geração enquanto sujeitos políticos, e a separação entre MOE e DU, portanto, era manifestação pontual de um momento necessário para que as contradições que compuseram a necessidade histórica desse surgimento atingissem sua plenitude. E da mesma maneira, abrissem caminho para uma reinterpretação da interdependência entre si e os demais sujeitos políticos em interlocução com a causa que defendiam. A falta do suporte, estabilidade e capacidade de ação da aliança ampla que constituiu a ocupação do Cais se faria sentir, tal como o calor do sol que derreteu as asas de Ícaro na lenda grega: *tentamos mudar tanto que nos perdemos, e não estamos fazendo mais nada*. Como veremos mais adiante, esse esvaziamento não é o da ação política como um todo, mas da interface que aquele movimento oferecia. Aqueles que se tornaram sujeitos com sua ajuda, seguem *provocando um pouco de ocupação por onde passam*.

5.2.4 Movimento Ocupe Estelita: seu reconhecimento, sua dissolução e seu legado

A separação entre os dois movimentos se deu ao longo dos meses seguintes à desocupação, e no fim de 2014 já havia se consolidado. A escassez de informações e movimentos por parte dos atores envolvidos na disputa pelo uso do Cais, agora mediada através de audiências públicas organizadas pela Prefeitura do Recife, era sentida pelos ex-ocupantes como uma asfixia. Buscavam a sensação experimentada no Cais se reencontrando várias vezes, coletivamente, em visitas entre suas casas e os espaços do Recife que recusavam a estética espetacular e gentrificadora do Novo Recife. Quase como que tentando recompor um ritual, evitavam suas casas, metáfora da identidade que buscavam deixar para trás, e procuravam as ruas, uma das poucas pistas que tinham para encontrar o paradeiro daquele sentimento. Quando o processo de negociação perante a Prefeitura resultou favorável ao Consórcio, por ocasião da aprovação do plano urbanístico para a área do Cais José Estelita em votação extrapauta na Câmara dos Vereadores¹⁰⁸, o Movimento Ocupe Estelita convocou seus seguidores para uma passeata em protesto contra o prefeito Geraldo Julio, acusando-o de *capacho de empreiteiro* e chegando a ocupar durante um final de semana a rua de seu apartamento, no bairro da Torre. Os atos foram planejados meticulosamente, conferindo uma estética própria do movimento, fortemente inspirada no repertório autonomista e documentada e compartilhada extensamente através das redes sociais. Aqueles eram *atos vivos*, dizem, dotados de uma materialidade própria do Recife, imbricado no espaço da manifestação propriamente dito, ao invés das convocações massivas das frentes de esquerda contra o avanço do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff. O movimento flertava com a possibilidade de superar sua circunscrição ao Cais e o alcance obtido durante a época da ocupação. Mas não estabeleceu em nenhum momento práticas de repasse de conhecimento, e na medida em que por razões pessoais e mesmo temporárias, alguns dos militantes se retiravam do ciclo de reuniões, o movimento perdia fragmentos importantes de seus acúmulos.

MAÍRA

Rapaz, é engraçado, porque esse período, principalmente no momento logo após a desocupação, primeiro houve um buraco assim, um buraco interior no sentido de que “*E agora, o que faremos?*”. Não só por causa de uma convicção na potência daquele acontecimento, mas por causa de um vínculo

108 Cf. (NE10, 2015) <<https://noticias.ne10.uol.com.br/grande-recife/noticia/2015/05/07/movimento-ocupe-estelita-realiza-novo-protesto-nesta-quinta-545615.php>>

mesmo, que havia sido criado, entre as pessoas, entre o lugar, e entre aquela maneira de existir naquele lugar. Aquele acontecimento localizado, datado, aquele acontecimento de repente se desfez e a gente precisava se desgarrar dele. Eu lembro que tiveram semanas e semanas depois, que a gente se encontrava, era uma assembléia que era marcada pra pensar “e aí, e agora, os próximos passos?”, e dessa assembléia, as pessoas... Eu mesmo ia pra assembléia só porque... Quase que tanto faz o que fosse ser discutido na assembléia, porque depois a gente sabia que a gente ia parar em algum lugar. Pras pessoas beberem alguma coisa, passear por algum canto da cidade, acabar todo mundo dormindo na casa de alguém, e no café da manhã comer pão com margarina ou mortadela no dia seguinte, um sacão de pão, do mesmo jeito que a gente comia no Estelita, e de lá já engatar numa panfletagem que tinha sido decidida na assembléia anterior. Mas que talvez a gente, o que mais nos mobilizasse, fosse só sentir um pouco daquele mesmo aroma que era exalado no momento em que a gente construiu alguma coisa, que nem o Estelita, no espaço do Cais. Que a gente tentava acessar e reacender a cada vez que alguma constelação parecida de pessoas se encontrava e podia experimentar a vida e a cidade de uma maneira próxima aquela que havia sido descoberta durante a ocupação. Eu fico achando que o maior impacto dele em termos do daqui pra frente que tu pergunta, diz respeito a como foi um ativador mesmo, disparador no percurso de cada um que passou perto daquela vida, de ir invocando ela durante o seu caminhar, de seguir diferente. Esse seguir diferente diz respeito a provocar um pouco de ocupação onde passa, sabe? E eu fiquei sentindo que a gente saiu meio com isso. Vi isso se manifestar em situações como... De eu não conseguir... Isso muita gente falava sabia? Era tão curioso... Logo depois que acabou a ocupação, nos primeiros meses, nas primeiras semanas principalmente, mas no primeiro mês. De vez em quando eu encontrava as pessoas, e elas diziam: “eu não consigo mais ficar em casa”. [...] Do momento que eu tô te descrevendo até o ano passado, tiveram alguns intervalos de tempo sem encontros, nem discussão ou deliberação. Logo depois dessas semanas que tinham esse rebuliço, da vontade de estar próximo daquele sentimento, e isso mobilizava as pessoas. Mas depois, quando as pessoas começaram a se afastar, continuou um fiozinho de assembléias, com pouca gente decidindo alguns eventos. Mas acontecendo quase semanalmente ainda, e que a sensação era essa, de que estamos segurando o que precisa de pouquinho de fôlego pra não esmorecer, e garantir que já já talvez algo insurja assim. E no ano seguinte, de repente, se reacendeu assim, algo que parecia até bem improvável. Só que aí ressuscitamos. Rolou mais uma ocupação, rolaram atos que conseguiram mobilizar muita gente pra rua, atos vivos assim, atos que... Inventivos, diferentes, perturbadores, porque não tavam muito num lugar convencional de intervir no espaço público, eram orquestras com um som distorcido, agonizante, era... E dos poucos levantes que eu vi em Recife, de conseguir chamar uma galera pra rua, que a pauta não precisasse ser algo muito síntese de uma vontade geral, de disposições gerais de movimentos distintos pra conseguir chamar. Como sei lá, ‘Não ao Golpe’, aí muita gente vai porque de alguma maneira aquela pauta ela consegue congrega uma diversidade de necessidades e desejos que fazem as pessoas irem pra lá. O Estelita era algo mais pontual, mas justamente nesse lugar de uma singularidade, parecia que as pessoas enxergavam uma possibilidade de atuação e uma liberdade que movimentou muita gente, foram atos cheios. [...] [*A principal realização da luta pelo Estelita foi*] Permitir que nenhum de nós pudéssemos sair os mesmos. Talvez nunca tenhamos sido os mesmos na nossa vida, mas ali tinha uma vocação pra disparar isso nas pessoas de

uma maneira que não, era evidente o quanto não se voltava atrás de uma estrada que nem aquela. Nem fazia sentido olhar pra trás.

MARIO

Eu acho que eu tenho talvez um sentimento um pouco diferente da maioria, mas a ocupação acabou muito tarde, acho que a gente ficou no viaduto muito mais... Acho que muito mais até do que o simbólico e o necessário, e eu demorei muito pra voltar a viver minha vida normal, porque, sei lá, depois que saiu do cais, minha vida ficou muito nisso sabe? De semanalmente estar envolvido nas reuniões do Estelita, de estar envolvido na construção dos atos, de estar buscando, trocando informação, de como andava o processo, de como andava juridicamente, de quais eram os nossos prazos, que que a gente podia fazer, como a gente podia se movimentar pra não deixar o assunto morrer ou esfriar, porque não era interessante que a questão da disputa do terreno deixasse de existir. E aí acho que demorou muito. [...] Eu me peguei em certo momento do tipo, eu era a última pessoa daquele ciclo de começo de ocupação, não a última, mas uma das últimas, de estar fazendo uma formação, de estar participando de um espaço, de estar promovendo uma atividade enquanto Ocupe Estelita, eu, Cássio, sei lá... Eram quatro ou cinco pessoas, e o resto eram pessoas que tinham agregado muito depois, meio que depois que a coisa tinha esfriado, saca? Eu acho que foi isso, eu fui até me exaurir, me desgastar, e não ter mais forças e energias pra continuar me mantendo nessa, sei lá, dentro do espaço do Estelita, o que eu nem considero que é uma coisa que existe mais, eu considero o MOE como um sentimento. [...] Quando eu fui vendo o quão na missão a gente tava, chegando próximo ao fim, eu estrategicamente me permiti não pegar demandas pra me sobrecarregar, como outros se sobrecarregavam, por exemplo. Eu me permitia não me colocar sobre demandas que vou fazer só porque ninguém vai fazer, saca? Eu me senti em algum momento assim do tipo, “pô, que massa, como a galera tá tocando talvez seja meu momento de respirar também”, aí eu subi pra respirar e não desci pra mergulhar de novo ainda. 2016 ainda rolou uma formação do Estelita que eu ajudei a construir e participei. A galera quis movimentar, “vamo fazer uma formação”... Eu achava importante a gente se reaproximar, tentar reanimar, e aí ajudei a construir, participei, teve também a campanha de Biu [*líder do SINTRACE candidato à vereador em 2016*]... E aí eu acho que depois disso, depois da candidatura, foi assim, acho que não foi a gota d'água, mas foi do tipo, “é, agora eu preciso dar realmente um tempo”, me encontrar, saber qual é o espaço que eu vou disputar, ou qual é o espaço de disputa que eu vou me oferecer a contribuir saca? Acho que é meio isso assim, depois da eleição do ano passado, foi um momento de ruptura meu com a militância mesmo, e sei lá, me faz falta, mas ao mesmo tempo é muito gratificante você não ter... Terça, quarta, quinta e sexta, toda noite uma reunião de um espaço diferente assim que você participa.

ALESSANDRO

Oxe, já tá todo mundo aqui, a gente já tá nessa, na mesma, já vai fazer um ano... Vamo se planejar véi, vamo ler, vamo entender o que é esse processo aqui, tá ligado? Tipo, vamo ser o melhor. A gente já tá, a gente já é holofote, tá ligado? Vamo fazer da melhor forma. Ai foi isso assim... Faltou esse planejamento né. Tinha muita instiga, mas a gente nunca... Tu já parasse pra pensar no movimento daqui a dez anos? Naquela época? Tu tinha parado pra pensar? Não, a gente só vivia ali, aquele momento, tá ligado. Inclusive nossos corpos porra, como é que a gente vai planejar uma parada... Quem é

que vai ser a gente daqui a dez anos, tá ligado? A gente precisa ter um ciclo de entradas e saídas, de presenças e de distâncias, e a gente nunca planejou isso. A gente ia até o limite, aí se afastava... Não tinha nenhuma prática de repasse de conhecimento. O que você sabia, você sabia, o que você não sabia... Tipo, se você se afastasse você não repassava pras pessoas o que você sabia. E ia tratando isso como a coisa mais normal do mundo, cada reunião é cada reunião... E aí você não progride nesse processo, tá ligado, são experiências momentâneas. E naquela época a gente nunca tinha, não tinha ninguém. [...] Uma parada que o Estelita ele já tava meio nada para nada assim, na mídia, aí se juntou... Na época morava eu e [outra integrante do MOE] junto, aí a gente se juntou, e foi no dia que saiu essa sentença em que a Jovem tava proibida de entrar em qualquer estádio do Brasil. Aí eu e ela lançou uma nota, pelo Ocupe Estelita [*página no Facebook*]... Dando apoio à Jovem contra o Sport, não sei o quê... Ôxe, teve uma repercussão no rolê, assim. A galera toda não acreditou... Ôxe, a gente foi muito criticado mano... Principalmente pela galera de esquerda assim, a galera de esquerda fez críticas muito pesadas à gente. Teve gente que me chamou de marginal mano, de ligação com TO, tráfico, sei o quê... Dentro da esquerda, tá ligado? E aí é justamente onde eu não vejo meu crescimento man, que é tipo, aonde eu quero desenvolver, ele não tem espaço nessa esquerda classe média não, tá ligado, o que eu quero desenvolver enquanto militância, tá ligado. A galera chamar o cara de marginal... [...] A maior realização do movimento é que ele conseguiu ser uma referência política pra, num espaço e num tempo muito importante assim. Era uma referência política, talvez a gente não tivesse noção do quanto a gente poderia ter se aproveitado disso, tá ligado? E hoje a gente sente muito véi, assim... Por mais que o nordeste não seja um espaço pra facista assim hoje, e por mais que eles se criem, a gente era um canal político que a gente talvez não tenha feito tudo que poderia ter feito, sabe, mas foi uma conquista muito importante, a de ser esse canal político e essa referência.

CÁSSIO

É, rolaram umas assembléias bem grandes ainda. Teve uns dias aí que meio que deu um... Emperrou o grande Recife assim, né, pelo menos temporariamente. Que foi a grande oposição ao PSB... Até hoje não teve uma força política que se contrapusesse àquele discurso oficial. [...] Eu acho inclusive que o Estelita influenciou muito outro movimentos, até mundialmente assim. Porque era tipo, show pirotécnico com arte com intervenção política, tá ligado? Era... No evento da ocupação da casa do prefeito, foi um espetáculo, trinta sinalizadores, uma fumaça gigante, a galera pulando feito carnaval, e a galera do prédio tipo “que porra é essa que tá acontecendo?”. O drible que a gente deu na polícia foi porque a gente disse que tava indo pra um shopping, porque no ato anterior tinha ido pro shopping Riomar, e foi uma loucura também. [...] Causou meio que um medo no governo, tipo, que galera é essa né véi? [...] O que me marcou, que eu fiquei assim, “pô, vou me fuder”, foi que rolou um boato que iam pegar a galera do movimento por tráfico e não sei o quê, aí eu mano, me fudi agora, sou eu essa pessoa. Aí eu fiquei com muito medo... Foi uma coisa que me freou de tal forma que eu pensei pra mim, ‘fudeu’. [...] Eu não me coloco mais, sabe, enquanto Cais. Se rolar alguma movimentação no Cais, eu posso dar um apoio, mas tipo, ir ocupar, ficar na frente, não. Porque a questão do Cais ali, que eu identifiquei, que foi o grande motivo da minha saída assim, foi que era uma base do PSOL, e consequentemente uma base do PT

também. Então era um projeto que não era o meu, no final das contas, era tipo, eu tava numa militância que era uma base pra um partido. E eu não compactuo... E aquilo cumpriu essa função. Tanto é que saíram muitas lideranças, muitos votos dali. Porque ali é a esquerda crítica de classe média né, que são os mesmos eleitores do PSOL. A galera que vota no PSOL é a galera que tava ali no Cais. [...] Acho que a maior realização foi ter barrado o projeto. Acho que cumpriu seu objetivo. Barrou um projeto muito grande, que envolveu um recurso financeiro muito alto e com algumas das principais empresas atuais de Pernambuco, que são as empresas da área da construção civil. Então isso aí foi um mérito... O método que foi utilizado, que é o método pautado na desobediência civil, associado com incidência política, técnica, a gente tinha um bom quadro técnico também, não pode desprezar isso. O pessoal do CPDH, Liana... Mesmo com suas ressalvas, querendo ou não, ela exerceu um papel interessante. Aquele professor, Leonardo Cisneiros. Então... Artistas né, tipo Chico, a galera das linguagens visuais... Então acabou juntando uma equipe muito boa né, e conseguiu barrar. Eu lembro também que um dos ocupes, que eu participei diretamente, que eu achei muito interessante, foi aquele Ocupe Campo-Cidade, que reuniu vários movimentos sociais, desde os Xukurus, até o MST, até o Movimento de Atingidos por Barragens, e feirinhas agroecológicas e por aí vai né... Então teve esse ganho assim. Mas eu acho que a grande vitória mesmo foi barrar a história.

IARA

Eu costumo dizer que o Estelita virou uma ideia, sabe? Não é o Cais, não é a questão do Cais, isso é o de menos inclusive. É tanto de menos que a gente não conseguiu pautar o que é que seria feito com aquele lugar. Porque pauta concreta, proposta concreta, a gente não tinha muito. A gente acabava nem olhando direito pra aquele terreno do Cais, pra passar a olhar pra toda a cidade. E discutir a cidade. Mas é isso assim, também eu tô num cuidado pra não colocar o Estelita numa vanguarda de movimento pela cidade, sabe? De um movimento que pauta uma democratização da cidade etc. Porque muitos outros movimentos urbanos já existiam há muito tempo, já pautavam essa questão da reforma urbana, os próprios movimentos de moradia... O diferencial do Estelita foi o diálogo com a classe média. Eu acho que sim. E aí isso fez com que essa pauta da reforma urbana fosse discutida de forma mais ampla. Porque é isso, a gente não pode ignorar: quem forma opinião é a classe média, então a gente foi dialogar... O Estelita surgiu dialogando com essa classe média. E aí foi que a discussão ela passou a ser ampliada. Discussão que foi iniciada por vários outros movimentos já tavam aí na luta. [...] A maior realização do Estelita? Acho que foi ampliar, amplificar, absurdamente o debate do direito à cidade, acho que foi a grande vitória assim. Nunca antes a gente tinha discutido de forma tão intensa a cidade. Discutia a moradia, discutia outras questões né... Que envolvem a cidade, mas a gente nunca pautou de forma mais forte o direito à cidade, que engloba tudo isso. Acho que o Estelita surgiu como uma junção desses vários outros movimentos precursores pra chamar tudo isso de luta pela cidade. É isso, dentro disso tinham várias outras lutas. Acho que foi uma grande vitória, acho o Estelita um movimento vitorioso assim, por isso. E virou uma referência né, virou uma referência que até hoje é citado pelo Brasil, e mundo afora. Acho que essa foi uma grande realização. Teve também né, a questão de ter impedido a construção pelo menos até agora, do projeto lá, mas isso é o de menos.

CLÁUDIA

Ali, durante o percurso da ocupação, a gente sempre tinha uma assembléia pra fazer, algo pra resolver, um sim ou um não pra dar pras coisas, sabe? E aí fora daquilo, no momento de só tomar uma cerveja, as trocas elas conseguiam as vezes ser até maiores pra mim, sabe? E aí os meus primeiros contatos foram com um certo grupo do Estelita [...] Porque Bartó também se mudou pra morar com essa galera. De como as mudanças são né... Bartó morava só com o pai, no centro da cidade. Saiu e alugou uma casa pra morar com a galera. E eu tenho certeza que isso foi um reflexo do Estelita também. Nisso de criar asas né, de garantir sua autonomia. E aí eu já encontrava outras figuras nas reuniões. [...] A casa que eu morava com Doró também era *point* de muitos encontros, porque era em plena Conde da Boa Vista, então sempre tinha outras figuras circulando por ali. Eu tava em contato também. Mas foi essa trajetória que organizou meus círculos afetivos, foi a partir dali, entendesse? E a gente fazia muita reunião ali no centro também. Aí fui pra essa parada de organização... Diante de tudo isso, que está colocado aí, como é que a gente se organiza véi? Estar aqui só pautando discutir feminismo e fazer uma roda de diálogo no meio da cidade não está dando conta. A gente não tá conseguindo fazer porra nenhuma, né? E mais que isso, assim... Quem participou do que foi o MOE, em diversos momentos, exaustivos momentos, a gente se olhava e fazia, “e aí véi?”. Como é que além de ser um movimento, a gente consegue chegar em pessoas reais? Tá ligado? Tô cansada... Não tô mais querendo estar aqui pra estar dialogando de novo com vocês, olhando pra cara de vocês, chegando na rua da Aurora, fazendo um cine-debate, que vai só essa galera bem vestida tomar a sua *Heineken* e tal. Como é que agora que eu me entendi a gente organiza um movimento tipo... eu nem gosto mais desse termo, ‘de base’, porque eu acho que eu ouvi tanto e usei tanto que até perdeu o que pode significar de fato. Mas como é que a gente faz um movimento que consiga chegar em pessoas que são interessantes né? Porque é isso, eu tô perdendo meus dias aqui pra fazer formação interna só? Como é que a gente se organiza e a gente molda nossas táticas e nossas pautas pra coisas efetivas, mesmo que poucas? Que é algo que eu não sei quanto o MOE conseguiu. [...] No percurso MOE, depois, de movimento assim, meu medo grande foi que aquilo virasse uma FUNDAJ. Aquilo começou a ser tipo... Mano, eu tô aqui, dias e dias, noites e noites, batendo cabeça, organizando reunião, e o debate que eu vejo externo, falando do Estelita, me parece que o que a galera quer é tipo, botar um cinema aqui, uma praça, uma coisa aqui que a gente tipo... Gente bonita com cheiro de perfume chegue pra se paquerar... E tipo, dialogar o mesmo diálogo de sempre que elas já sabem fazer. Então esse começou a ser meu medo real, assim. Tipo, véi, será que daqui a dois anos eu vou olhar pra mim e vou dizer, ‘mulher, olha o que tu ajudou a fazer...’? Dos males o menor, ok, mas assim, de forma alguma o que até hoje eu penso pra aquele espaço assim, sabe? E enfim, uma esperança enorme, e o que me movia a cada dia... Porque tudo o que eu narrei, eu posso falar muito mais do pós-ocupação, tá ligado? De quando a gente tava naquele formato de movimento assim. Minha esperança assim era de conseguir visualizar, tocar pessoas [...] Conseguir visualizar mudanças em que corpos eram esses que estavam sendo tocados, sabe? Foi algo que a gente tentou na beirada assim, rastejando pro fim, e acho que a gente conseguiu pouco. Aí eu acho que foi até por isso, foi nesse movimento que a gente se aproximou com a galera do Coque, a gente fez o evento do Sítio do Cajueiro, que a gente começou a levar nossos debates pra outras espaços né. O Ocupe Campo-Cidade também, trouxe esse debate do direito à cidade a partir de uma perspectiva

de agroecologia, direito à terra, direito à plantar e colher, garantir a nossa autonomia né, nas nossas vivências.

Após a alta dos protestos de rua de 2015, alguns dos integrantes do MOE passaram a se dedicar a outras mobilizações, como durante a campanha eleitoral de 2016 (tanto Mario como Alessandro dedicaram-se à candidatura de Biu do SINTRACE), ou mesmo de outras organizações (como no caso de Cássio com o Reaja, novamente de Alessandro com o MTST e Iara com o Centro Luiz Gama). Tanto Cláudia, como Alessandro e Cássio, nossos entrevistados que vem de famílias de origem negra e condições precárias, sentiram de diferentes maneiras que o significado do movimento se esgotara perante sua incorporação, seu reconhecimento de si mesmos enquanto sujeitos dessa origem. Cláudia temia que o movimento se tornasse *uma FUNDAJ*, um patrimônio simbólico compartilhado entre pessoas das classes médias tradicionais recifenses, ao invés de buscar dialogar com as classes populares, *mudar os corpos que estavam sendo tocados*. O interesse de Alessandro nas mobilizações do MOE foi minguando na medida em que o MTST se consolidava como um movimento social de rua mais radical e popular, mas foi após o amplo repúdio à publicação feita por ele e uma companheira do movimento em solidariedade à Torcida Jovem do Sport, sendo chamado de *marginal* pelos seguidores da página do grupo no *Facebook*, que ele percebeu as fronteiras de classe que estavam em jogo entre os dois movimentos. Já para Cássio, a militância do MOE deixou de fazer sentido quando uma série de participantes da ocupação do Cais anunciaram candidaturas para as eleições municipais de 2016, a maioria pelo PSOL e pelo PT. Após haver complexificado sua leitura sobre desigualdade racial, defender esses partidos significava o mesmo que legitimar o encarceramento e extermínio da população negra brasileira. Para Mario, Maíra e Iara, esse afastamento não se deu de maneira problemática (para ele, por razões de cansaço, para Maíra, por haver se mudado para Niterói, e para Iara, pela dedicação à advocacia popular).

Pudemos identificar, portanto, que os entrevistados acreditam que o MOE, dada sua organização errática, é um *sentimento*, uma *ideia*, uma *collusio*. Ao herdar demandas antigas sobre direito à cidade de outros movimentos e denunciar a Prefeitura do Recife e o governo do estado, ambos sob o comando do PSB, o MOE foi uma referência para uma geração durante um período de endurecimento das condições de mobilização política que pareciam tão maleáveis durante seu ‘despertar’, em 2013. Por sua vez, o movimento mais amplo (compreendendo aí os acontecimentos prévios à ocupação e os méritos do grupo Direitos Urbanos em paralelo às realizações do MOE após a clivagem entre ambos) conseguiu impedir

a demolição dos armazéns em cinco anos, e ampliar nesse período o debate sobre o direito à cidade com sujeitos da própria classe média que não figuravam em sua *ordem de possíveis* (e que não surpreenderiam se houvessem voltado a não figurar, considerando a guinada reacionária na opinião pública desde o início da campanha eleitoral de 2018).

6 CONCLUSÕES

Este estudo buscou compreender as motivações de um grupo de jovens que protagonizou uma insurgência contra certo modelo de desenvolvimento socioeconômico, onde suas aspirações por um espaço social mais democrático e um posicionamento solidário perante as classes populares, incorporadas em um novo repertório de mobilização, indicavam a emergência de um novo sujeito histórico no campo político. Inicialmente em busca de um lugar social capaz de convergir os desejos políticos de certas frações de classe, as trajetórias aqui expostas nos indicam contingências próprias dificilmente conciliáveis em um único projeto de longo prazo, principalmente mediante um repertório autonomista e libertário cujas contradições internas também foram abordadas. A partir dos conceitos mobilizados nesta análise, com destaque para a reformulação de Butler sobre o espaço de aparecimento, elaborada a partir dos levantes que se multiplicaram globalmente no início da década passada, conseguimos nos aproximar de um elemento que povoou nossas reflexões sobre estes eventos desde o início: para esta geração, esta fração à esquerda de uma juventude universitária em busca de uma identidade política que permitisse seu envelhecimento social (ou, como já dissemos, sua subjetivação política), estes acontecimentos não se trataram de disputar necessidades objetivas bem definidas relacionadas à certos interesses de classe pré-estabelecidos. O que esteve em jogo nesta luta, muito mais que o direito à cidade, foi a emergência de uma consciência própria por parte desta juventude, de sua interdependência com uma matriz social de contradições históricas profundas e imbricadas diretamente em suas formas de vida. Somente o relativo desconhecimento (quer dizer, em relação à reflexividade estruturante que conduziu suas trajetórias a partir daqueles eventos) sobre suas identidades bem delimitadas no espaço social pode explicar como, naquele momento de efervescência política para o campo da esquerda (que posteriormente foi tido por muitos a antessala de seu purgatório), estas pessoas se aglomeraram em nome de uma suspensão do espaço e do tempo convencionais da metrópole, onde reivindicavam *que a ideia é uma só*¹⁰⁹. Como pudemos atestar a partir das entrevistas, as condições que permitiam a singularidade da ideia hoje em dia estão comprometidas, embora não tenham desaparecido. Se quatro das seis pessoas entrevistadas se mostraram reticentes sobre a possibilidade de defenderem o Cais com seus próprios corpos novamente caso isso fosse necessário, não foi o que acabou acontecendo

109 A expressão de unidade era um grito de ordem recorrente nas discussões do acampamento, invocado em momentos de dissenso em meio às longas assembleias.

quando a demolição dos armazéns de açúcar foi retomada no início de 2019, quando encontramos alguns desses entrevistados novamente sob o signo das assembleias às margens da bacia do Pina.

Essas observações, entretanto, não apontam a uma desintegração do campo militante tradicional, nem sequer a ausência de compromisso dessa nova geração com os movimentos sociais que lutam por condições materiais de existência de sujeitos históricos já bem definidos. As trajetórias mostram que parcela significativa deles se inseriu em outras organizações, inclusive com práticas organizacionais com diferenças importantes das aqui associadas ao MOE. Que quer dizer isso? Acreditamos que o MOE apontado pelos entrevistados como sentimento ou ideia, foi uma espécie de zona autônoma temporária, não como no sentido radical associado pelo provocador Hakim Bey aos enclaves piratas, mas em um contexto histórico no qual certas fronteiras se ductibilizaram o suficiente para que alguns muros fossem temporariamente transpostos, e que as práticas excepcionais ali exercitadas fornecessem subsídios para transformações subjetivas duradouras. *O xamã retorna – não se pode ficar no telhado para sempre – mas as coisas mudaram, transformações e integrações ocorreram – criou-se uma diferença* (BEY, *ibid.*: 16). Quais as implicações dessa metáfora para nossas conclusões? Recapitulando a discussão teórica entre Judith Butler e Pierre Bourdieu, os resultados indicam que nossa conjuntura não pode ser compreendida satisfatoriamente por uma leitura que opõe os repertórios dos movimentos sociais clássicos aos acontecimentos performativos ilocucionários coletivos que vem povoando o campo militante global. Não estamos aqui sugerindo que o MOE não seja um movimento social, ainda que afirmar o contrário também seja uma simplificação absurda. O que queremos apontar é que muito mais do que modelos incompatíveis ou concorrentes sobre a dinâmica dos corpos políticos e das transformações no campo das práticas e das categorias do pensamento que eles podem produzir, tais categorias teóricas podem ser melhor compreendidas enquanto diferentes *fases* do metabolismo de certos fenômenos sociais que constituem sujeitos históricos coletivos através do campo da política.

Bourdieu tem razão: não é possível, como constatam com pesar os entrevistados com origens nas classes populares, transformar duradouramente as inclinações sociais e as condições políticas de existência a partir de atos ilocucionários fugazes compartilhados por uma fração de classe específica (ou conjunto de frações) e frequentemente codificados em uma linguagem e um *ethos* que podem estar tão próximos da própria ‘libertação’ para certa classe média, quanto da violência simbólica para com as classes populares. Para isso,

necessitamos uma rede de ressignificação profunda e pulverizada ao longo de um estrato social muito mais amplo do que as contingências inevitáveis enfrentadas por lutas pontuais como a travada pelo Cais José Estelita – para isso, é preciso pensar e fazer uma política cultural total, uma que devemos admitir com profundo pesar que está muito melhor articulada na atualidade pela direita ultraconservadora do que pela esquerda, herdeira das principais reflexões teóricas sobre o assunto. Porém, o que Bourdieu ignora ao acusar como voluntarismo a performatividade irreverente das insurgências estudadas por Butler, é que é justamente entre as *fissuras e vazios* ignoradas pelo policiamento normativo do Estado e pela hierarquia social rigidamente estabelecida que surgem as *experiências de apogeu* descritas de forma rutilante por Bey. As conjunturas fluidas, geradas por confrontos entre aspectos contraditórios da dinâmica estrutural convencional que acabam permitindo experiências extraordinárias, abrem caminho para que sujeitos contrahegemônicos até então apenas encapsulados, germinados, surjam e se manifestem. É nesse momento que a performatividade ilocucionária arremessam todo o seu repertório contra as fronteiras socialmente impostas à sua existência. Como as próprias trajetórias dos ocupantes apontam, uma vez que seus processos de reinterpretação subjetiva se tornaram inteligíveis quanto ao seu posicionamento no estrato social e as contradições a eles inerentes, seus projetos de inserção social se tornaram muito mais definidos, momento em que os movimentos sociais como tradicionalmente são compreendidos cumprem um papel importante. *Criou-se uma diferença*, que pode estar na inclinação, agora já reflexivamente historicizada e inserida no campo político, de defender a existência de um entrelugar social para esses sujeitos emergentes, que voltaram da zona autônoma temporária já não mais dispostos a viver enclausurados em suas próprias fendas. Ficamos com a impressão, portanto, de que o oferecimento possível da sociologia para com a afirmação desses sujeitos está na compreensão das condições sociais e históricas que levaram ao surgimento de uma geração de manifestantes cuja militância se manifestou antes na ordem de um exercício insurrecional performático do que na adesão aos projetos políticos contrahegemônicos já estabelecidos.

REFERÊNCIAS

- ACERTO DE CONTAS. 2008. *Justiça diz que Moura Dubeux fraudou compra de terreno das Duas Torres e cancela leilão*. Disponível em: <<http://acertodecontas.blog.br/atualidades/justia-diz-que-moura-dubeux-fraudou-compra-de-terreno-das-duas-torres-e-cancela-leilo/>>.
- ACERTO DE CONTAS. 2009. *Vamos ajudar o Diário de Pernambuco a 'completar' sua matéria de capa sobre as Torres da Moura Dubeux*. Disponível em <<http://acertodecontas.blog.br/atualidades/vamos-ajudar-o-dirio-de-pernambuco-a-completar-sua-matria-de-capa-sobre-as-torres-da-moura-dubeux/>>.
- AGAMBEN, Giorgio. 2017. *The fire and the Tale*. Stanford University Press: Stanford.
- ALONSO, Angela; MISCHÉ, Ann. 2016. *Changing Repertoires and Partizan Ambivalence in the New Brazilian Protests*. *Bulletin of Latin American Research, Journal of the Society for Latin American Studies*: Oxford.
- ALONSO, Angela. 2017. *A política das ruas: Protestos em São Paulo de Dilma à Temer*. Novos Estudos Especial, Junho 2017: São Paulo.
- ARENDT, Hannah. 2007. *A Condição Humana*. Editora Forense Universitária: Rio de Janeiro.
- AUSTIN, John. 1962. *How to Do Things with Words*. Oxford University Press, Oxford.
- BBC. 2009. *Relatório prevê que Brasil será 6º maior produtor de petróleo em 2030*. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/11/091110_brasilpresalrelatorio_rw>.
- BBC. 2013. *Copa das Confederações expõe 'falta de planejamento' em Recife*. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130616_atrasos_mobilidade_urbana_arena_pernambuco>.
- BECK-GERNSEIM, Elisabeth; BECK, Ulrich. 2001. *Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political Consequences*. Sage Publications, Thousand Oaks.
- BECKER, Howard. 2009. *Outsiders – Estudos de sociologia do desvio*. Editora Zahar: Rio de Janeiro.
- BENJAMIN, Walter. 1998. *The Origin of German Tragic Drama*. Verso: Nova Iorque.
- BLOG DE JAMILDO. 2012a. *Ministério Público não tem o direito de atrasar o desenvolvimento do Recife*. Disponível em <<https://m.blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2012/03/06/ministerio-publico-nao-tem-o-direito-de-atrasar-o-desenvolvimento-do-recife/>>.
- BLOG DE JAMILDO. 2012b. *Geraldo Julio anuncia apoio de empresários da construção civil e do setor de imóveis*. Disponível em

<<https://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2012/07/17/geraldo-julio-anuncia-apoio-de-empresarios-da-construcao-civil-e-do-setor-de-imoveis/>>

BLOG DE JAMILDO. 2015. *Odebrecht quer mais R\$ 264 milhões pela Arena Pernambuco, que passaria a custar R\$ 743 milhões*. Disponível em <<https://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2015/03/24/odebrecht-quer-mais-r-264-milhoes-pela-arena-pernambuco-que-passaria-a-custar-r-743-milhoes/>>.

BLOG DE JAMILDO. 2016. *Governo rescinde contrato com Arena Pernambuco mandando mensagem pelos jornais*. Disponível em <<https://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2016/03/06/governo-rescinde-contrato-com-odebrecht-da-arena-pernambuco-mandando-mensagem-pelos-jornais/>>.

BLOG DE JAMILDO. 2017a. *Delator da Odebrecht diz que entregou propina a Aldo Guedes através de dono de avião usado por Eduardo Campos*. Disponível em <<https://m.blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2017/04/18/delator-da-odebrecht-diz-que-entregou-propina-aldo-guedes-atraves-de-dono-de-aviao-usado-por-eduardo-campos/>>.

BLOG DE JAMILDO. 2018. *Arena da Copa: veja relatório interno da PF que resultou na operação fair play*. Disponível em <<https://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2018/04/26/arena-da-copa-veja-relatorio-interno-da-pf-que-resultou-na-operacao-fair-play/>>.

BLOG DO MAGNO MARTINS. 2014. *Procurador-Geral teria feito doação ilegal de terreno*. Disponível em <http://www.blogdomagno.com.br/ver_post.php?id=138516&pagina=11390>.

BONDUKI, Nabil. 2008. *Política habitacional e inclusão social no Brasil: revisão histórica e novas perspectivas no governo Lula*. Arq.Urb, n. 1, pp. 70-104.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. 2005. *Una invitación a la sociología reflexiva. Siglo XXI editores*, Buenos Aires.

BOURDIEU, Pierre. 1989. *O Poder Simbólico*. Editora Bertrand, Rio de Janeiro, 1989.

BOURDIEU, Pierre. 1990. *The Scholastic Point of View*. *Cultural Anthropology*, Vol. 5, No. 4, pp. 380-391, Nov.

BOURDIEU, Pierre. 1991. *Language and Symbolic Power*. *Harvard University Press*, Cambridge.

BOURDIEU, Pierre. 1996. *Razões Práticas – Sobre a teoria da ação*. Papyrus Editora, São Paulo.

BOURDIEU, Pierre. 1999. *La miseria del mundo. Fondo de Cultura Economica de Argentina*, Buenos Aires.

BOURDIEU, Pierre. 2001a. *Meditações Pascalianas*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.

BOURDIEU, Pierre. 2001b. *Masculine Domination*. *Stanford University Press*, Stanford.

- BOURDIEU, Pierre.2002. *A Dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- BOURDIEU, Pierre.2004. *Esboço de Auto-Análise*. Companhia das Letras, São Paulo.
- BOURDIEU, Pierre.2006. *A Distinção*. Editora Zouk,Rio de Janeiro.
- BOURDIEU, Pierre.2008. *Capital cultural, escuela y espacio social*. Siglo XXI Editores, Buenos Aires.
- BOURDIEU, Pierre.2013. *O Senso Prático*. Editora Vozes, Petrópolis, 2013.
- BOURDIEU, Pierre.2013.*Outline of a Theory of Practice*. Cambridge University Press, Cambridge.
- BOURDIEU, Pierre. 2015a. *Sociologie générale, Volume 1, Cours au Collège de France 1981-1983*. Editions du Seuil, Paris.
- BOURDIEU, Pierre.2015b. *Escritos de Educação*. [Org. NOGUEIRA et CATANI], Editora Vozes, Petrópolis.
- BRITTO, Anaet al. 2012. *Da fragmentação à articulação: a política nacional de saneamento e seu legado histórico*. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 14, n. 1, maio, pp. 65-83.
- BUTLER, Judith.2018.*Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- BUTLER, Judith.2016.*Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- BUTLER, Judith. 1997.*Excitable Speech: a politics of the performative*. Routledge, Abingdon.
- BUTLER, Judith.1999. *Performativity's social magic*. Em SHUSTERMAN, Richard. *Bourdieu – A critical reader*. Blackwell Publishing, Nova Jérsei.
- CARTA CAPITAL –2017 – 10/11/2017 - *Judith Butler é agredida ao embarcar no aeroporto de Congonhas*. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/judith-butler-e-agredida-ao-embarcar-no-aeroporto-de-congonhas/>>.
- DE OLIVEIRA, Tássia G.; SILVEIRA NETO, Raul.2016. *Segregação residencial na cidade do Recife: um estudo de sua configuração*. Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, v. 9, n. 1, p. 71-92.
- DE SOUZA, Jessé.2011.*A Ralé Brasileira: Quem é e Como Vive*. Editora UFMG: Belo Horizonte.
- DE SOUZA, Jessé.2012. *Os Batalhadores Brasileiros: Nova Classe Média ou Nova Classe Trabalhadora?* Editora UFMG: Belo Horizonte.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 2013a. *Os sete erros da Via Mangue*. Disponível em <<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/mobilidadeurbana/2013/10/os-sete-erros-da-via-mangue/>>.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 2013b. *ONU premia Pacto Pela Vida no estado*. Disponível em <<https://blogs.diariodepernambuco.com.br/segurancapublica/?p=4339>>.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 2016. *Paulo Câmara e Geraldo Julio investigados no STF por superfaturamento na Arena, diz revista*. Disponível em <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/politica/2016/11/paulo-camara-e-geraldo-julio-investigados-no-stf-por-superfaturamento.html>>.

DINIZ, Fernando. 2016. *A transformação do bairro de Santo Antônio no Recife (1938-1949)*. Trabalho apresentado no XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, São Carlos, setembro de 2016. Disponível em <<https://www.iau.usp.br/shcu2016/anais/wp-content/uploads/pdfs/31.pdf>>.

DIREITOS URBANOS. 2014. *Não é apenas pelo Caiçara, é pela memória e história de uma cidade*. Disponível em <<https://direitosurbanos.wordpress.com/2014/04/07/nao-e- apenas-pelo-caicara-e-pela-memoria-e-historia-de-uma-cidade/>>.

DOBRY, Michel. 2011. *Crisis*. Em (BADIE et al. [Org.], 2011), *International Encyclopedia of Political Science*. SAGE Publications, Thousand Oaks.

EHRENBERG, Alain. 2010. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Idéias & Letras, São Paulo.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. 2000. *Estabelecidos e Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Editora Zahar: Rio de Janeiro.

ESTADO DE MINAS. 2015. *Comitê gestor é formado por caciques do PSB de Pernambuco*. Disponível em <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2015/08/15/interna_politica,678582/comite-gestor-formado-por-caciques-do-psb.shtml>.

FREEMAN, Jo. 1970. *A tirania das organizações sem estrutura*. Disponível em <<https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/autonomia/21tirania.htm>>.

G1. 2012a. *No Recife, projeto imobiliário no Cais José Estelita gera debate acalorado*. Disponível em <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2012/03/no-recife-projeto-imobiliario-no-cais-jose-estelita-gera-debate-acalorado.html>>.

G1. 2012b. *Movimento de ocupação de espaço público reúne recifenses no centro*. Disponível em <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2012/04/movimento-de-ocupacao-de-espaco-publico-reune-recifenses-no-centro.html>>.

- G1. 2013a. *Protesto contra corrupção reúne centenas de pessoas no Recife*. Disponível em <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/06/protesto-contra-corrupcao-reune-centenas-de-pessoas-no-recife.html>>.
- G1. 2013b. *Protesto do dia 20 de junho de 2013 vai ficar na memória dos recifenses*. Disponível em <<http://g1.globo.com/manifestacoes/2013/videos/t/pernambuco/v/protesto-do-dia-20-de-junho-de-2013-vai-ficar-na-memoria-dos-recifenses/2647590/>>.
- G1. 2013c. *Após audiência sobre transporte, grupo ocupa Câmara do Recife*. Disponível em <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/08/apos-audiencia-sobre-transporte-grupo-ocupa-camara-do-recife.html>>.
- G1. 2015a. 11/07/2015 – *Pane elétrica desliga bombas e Túnel da Abolição alaga no Recife*. Disponível em <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2015/07/pane-eletrica-desliga-bombas-e-deixa-tunel-da-abolicao-alagado-no-recife.html>>.
- G1. 2015b. *Túnel da Abolição, no Recife, alaga e é interditado no início desta sexta*. Disponível em <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2015/07/tunel-da-abolicao-no-recife-alaga-e-e-interditado-no-inicio-desta-sexta.html>>.
- G1. 2017. ‘Eduardo Campos, Paulo Câmara e Geraldo Júlio são citados em delação sobre pagamento de R\$ 14 milhões em propina’. Disponível em <<https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/eduardo-campos-paulo-camara-e-geraldo-julio-sao-citados-em-delacao-sobre-pagamento-de-r-14-milhoes-em-propina.ghtml>>.
- GOMES, Isaltina et al. 2015. ‘*Desejo de cidade*’: o papel das redes sociais no movimento *Ocupe Estelita*. Trabalho apresentado no XXXVIII Congresso de Ciências da Comunicação. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1666-1.pdf>>
- GOMIDE, Alexandre; GALINDO, Ernesto. 2013. *A mobilidade urbana: uma agenda inconclusa ou o retorno daquilo que não foi*. Estudos Avançados. Vol. 27. No 79. 27-39.
- GRENFELL, Michael. 2018. *Pierre Bourdieu: Conceitos Fundamentais*. Editora Vozes, Petrópolis.
- HEBDIGE, Dick. 1988. *Hiding in the Light: On Images and Things*. Routledge: Londres.
- JORNAL DO COMÉRCIO. 2011. *Por dentro do milionário condomínio da Reserva do Paiva*. Disponível em <<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/imoveis/noticia/2011/06/04/por-dentro-do-milionario-condominio-da-reserva-do-paiva-6410.php>>.
- JORNAL DO COMÉRCIO. 2012a. *Mais protesto, medo e confusão*. Disponível em <https://www3.ufpe.br/agencia/clipping/index.php?option=com_content&view=article&id=3589:mais-protesto-medo-e-confusao&catid=34&Itemid=122>.
- JORNAL DO COMÉRCIO. 2012b. *Galpões do Cais José Estelita serão demolidos em até 30 dias*. Disponível em <<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/noticia/2012/02/29/galpoes-do-cais-jose-estelita-serao-demolidos-em-ate-30-dias-33835.php>>

JORNAL DO COMÉRCIO. 2013. *Governo recua e não vai mais construir viadutos na Agamenon Magalhães*. Disponível em <<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/noticia/2013/04/04/governo-recua-e-nao-vai-mais-construir-viadutos-na-agamenon-magalhaes-78660.php>>.

JORNAL DO COMÉRCIO. 2015^a. *PF confirma fraude em leilão do terreno do Projeto Novo Recife e investiga tráfico de influência*. Disponível em <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2015/09/30/pf-confirma-fraude-em-leilao-do-terreno-do-projeto-novo-recife-e-investiga-traffic-de-influencia-201542.php?utm_source=facebook>.

JORNAL DO COMÉRCIO. 2015b. *Ex-sócio de Eduardo Campos teria negociado propina de R\$ 20 milhões, diz delator da Lava-Jato*. Disponível em <<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/politica/peernambuco/noticia/2015/10/23/ex-socio-de-eduardo-campos-teria-negociado-propina-de-r-20-milhoes-diz-delator-da-lava-jato-204942.php>>.

JORNAL DO COMÉRCIO. 2016a. *Com mais de dois anos de atraso, Via Mangue é liberada no Recife*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/peernambuco/noticia/2016/01/com-mais-de-dois-anos-de-atraso-mangue-e-liberada-no-recife.html>>

JORNAL DO COMÉRCIO. 2016b. *Pacto Pela Vida morreu, diz mentor do programa*. Disponível em <<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/politica/peernambuco/noticia/2016/09/24/pacto-pela-vida-morreu-diz-mentor-do-programa-254101.php>>.

JORNAL DO COMÉRCIO. 2017a. *Delator da Odebrecht afirma que Aldo Guedes pediu R\$ 90 milhões de propina em nome de Eduardo Campos*. Disponível em <<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/politica/peernambuco/noticia/2017/04/12/delator-da-odebrecht-afirma-que-aldo-guedes- pediu-r-90-milhoes-de-propina-em-nome-de-eduardo-campos-278187.php>>.

JORNAL DO COMÉRCIO. 2017b. *Lava Jato: Reserva do Paiva envolvida em suspeita de propina*. Disponível em <<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/politica/nacional/noticia/2017/04/13/lava-jato-reserva-do-paiva-envolvida-em-suspeita-de-propina-278251.php>>.

JORNAL DO COMÉRCIO. 2017c. *Antes solução, Via Mangue é sinônimo de engarrafamento em horários de pico*. Disponível em <<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/jc-transito/noticia/2017/05/10/antes-solucao-via-mangue-e-sinonimo-de-engarrafamento-em-horarios-de-pico-282688.php>>.

JORNAL DO COMÉRCIO. 2017d. *Refinaria Abreu e Lima em Suape é a mais cara do mundo*. Disponível em <<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/economia/peernambuco/noticia/2017/09/17/refinaria-abreu-e-lima-em-suape-e-a-mais-cara-do-mundo-307069.php>>.

JORNAL DO COMÉRCIO. 2018a. *Refinaria Abreu e Lima em Pernambuco entra na fila das privatizações*. Disponível em

<<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/economia/nacional/noticia/2018/04/20/refinaria-abreu-e-lima-em-pernambuco-entra-na-fila-de-privatizacoes-336134.php>>.

JORNAL DO COMÉRCIO. 2018b. *Pacto Pela Vida completa 11 anos sem transparência e com muitas críticas*. Disponível em <<https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/rondajc/2018/05/08/pacto-pela-vida-completa-11-anos-sem-transparencia-e-com-muitas-criticas/>>.

KING, Anthony. 2000. Thinking with Bourdieu against Bourdieu: A 'Practical' Critique of the Habitus. *Sociological Theory*, Vol. 18, No. 3 (Nov.), pp. 417-433.

LAHIRE, Bernard. 2004. *Retratos Sociológicos: Disposições e variações individuais*. Editora Artmed: Porto Alegre.

LAHIRE, Bernard. 2003. *O Homem Plural – As molas da Acção*. Instituto Piaget: Lisboa.

LEIA JÁ. 2014a. *Ex-Procurador detinha muito poder*. Disponível em <<https://www.leiaja.com/coluna/2014/12/05/ex-procurador-detinha-muito-poder>>.

LEIA JÁ. 2014b. *Máquinas iniciam demolição do Cais Estelita na madrugada*. Disponível em <<https://m.leiaja.com/noticias/2014/05/22/maquinas-iniciam-demolicao-do-cais-estelita-na-madruga/>>.

LEIA JÁ. 2014c. *O legado de Eduardo Campos na cultura pernambucana*. Disponível em <<https://m.leiaja.com/cultura/2014/08/16/o-legado-de-eduardo-campos-na-cultura-pernambucana/>>.

LEIA JÁ. 2018. *Extinção da DECASP segue para sanção de Paulo Câmara*. Disponível em <<https://www.leiaja.com/politica/2018/11/06/extincao-da-decasp-segue-para-sancao-de-paulo-camara/>>.

LEITÃO, Lúcia. 2014. *Quando o ambiente é hostil: uma leitura urbanística da violência à luz de Sobrados e Mucambos*. Editora UFPE: Recife.

LUDERMIR, Francisco. 2018. *A Emergência do Movimento Ocupe Estelita: das origens à ocupação, fragmentos de uma história de resistência*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco.

MARCO ZERO. 2015. *O bairro do Recife, 100 anos depois*. Disponível em: <http://marcozero.org/bairro-do_recife-100-anos-depois/>.

MARCO ZERO. 2019. *Racismo policial reprime encontros de passinho e já fez a primeira vítima*. Disponível em <<http://marcozero.org/racismo-policial-reprime-encontros-de-passinho-e-ja-fez-a-primeira-vitima/>>.

MARICATO, Ermínia. 2013. *É a questão urbana, estúpido! Em Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*, (MARICATO et al., 2013). Boitempo Editorial: São Paulo.

- MARICATO, Ermínia. 2014. *A Copa do Mundo no Brasil: tsunami de capitais aprofunda a desigualdade urbana*. Em *Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?*, (ROLNIK et al., 2014). Boitempo Editorial: São Paulo.
- MARQUES, Eduardo. 2017. *Cidades, Políticas Urbanas Redistributivas e a Crise*. Novos Estudos Especial, Junho 2017: São Paulo.
- MASLOW, Abraham. 1987. *Motivation and Personality*. Harper & Row, Nova Iorque.
- MATONTI, Frédérique et POUPEAU, Franck. 2004. *Le capital militant. Essai de définition*. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Vol. 155, N. 5, pp. 4-11.
- MAUSS, Marcel. 2015. *Sociologia e Antropologia*. Cosac Naify, São Paulo, 2ª Edição.
- MBEMBE, Achille. 2018. *Necropolítica*. N-1 Edições, São Paulo.
- MCNAY, Lois. 2005. *Agency and experience: gender as a lived relation*. Em ADKINS, Lisa; SKEGGS, Beverley. *Feminism After Bourdieu*. Blackwell Publishing, Nova Jérsei.
- MELO, Cristina. 2016. *Desafios éticos e políticos no vídeo Vida Estelita, subjetividades políticas em devir*. Galáxia, São Paulo [online], n.32, pp.52-64.
- MOISÉS, José et MARTINEZ-ALLIER, Verena. 1978. *A revolta dos suburbanos ou 'Patrão, o trem atrasou'*. Em MOISÉS, José Álvaro et al. *Contradições urbanas e movimentos sociais*. Rio de Janeiro: Cedec/Paz e Terra.
- NEXO JORNAL. 2017. *Dilma disse que se arrependeu das desonerações: o que foi essa política e quais as críticas a ela*. Disponível em <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/03/14/Dilma-disse-que-se-arrependeu-das-desonera%C3%A7%C3%B5es-o-que-foi-essa-pol%C3%Adtica-e-quais-as-cr%C3%Adticas-a-ela>>.
- NOVA DEMOCRACIA. 2015. *Recife Antigo ocupado pela PM*. Disponível em <<https://anovademocracia.com.br/no-145/5767-recife-antigo-ocupado-pela-pm>>.
- NUNES, Raul. 2017. *Butler vs. Bourdieu: Uma batalha no reino das práticas*. Publicado em 13 de julho de 2017 no *Blog do Sociofilo*. Disponível em <<https://blogdosociofilo.com/2017/07/13/butler-vs-bourdieu-uma-batalha-no-reino-das-praticas/>>.
- OP9. 2019. *Construtoras movem recurso no TJPE para retomar demolição no Estelita*. Disponível em <<https://www.op9.com.br/pe/noticias/construtoras-movem-recurso-no-tjpe-para-retomar-demolicao-no-estelita/>>.
- ORTELLADO, Pablo. 2013. *Reflections on the Free Fare Movement and other "New Social Movements"*. *Mediações*, V. 18, N. 2, Jul./Dez., Londrina.
- PATARRA, Ivo. 1996. *O governo Luiza Erundina – Cronologia de quatro anos de administração do PT na cidade de São Paulo (1989-1992)*. Geração Editorial, São Paulo.

PETERS, Gabriel. 2013. *Habitus, reflexividade e neoobjetivismo na teoria da prática de Pierre Bourdieu*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 28, nº 83, outubro.

PETRUCZOK, Milton. 2016. *Metrópoles sem Saída – Como a crise dos sistemas de mobilidade urbana brasileiros afetou os benefícios do desenvolvimento e pôs nossas cidades dentre as mais engarrafadas do mundo*. Monografia apresentada ao Departamento de Economia da Universidade Federal de Pernambuco como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

PONTUAL, Virgínia; CAVALCANTI, Rafaela. 2003. *Abertura da Avenida Dantas Barreto: a modernização do centro do Recife, 1930-1970*. Trabalho apresentado no XXII Simpósio Nacional de História, Acontecimento e Narrativa, em João Pessoa. Disponível em <<http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH.S22.683.pdf>>.

PORAQUI. 2017. *Construtora continua sem projeto para o Edif. Caiçara após um ano da demolição*. Disponível em <<https://poraqui.com/boa-viagem/construtora-continua-sem-projeto-para-o-edf-caicara-apos-um-ano-da-demolicao/>>.

PORAQUI. 2018. *Dez anos após Lei dos 12 Bairros, prédio de 25 andares é lançado no Monteiro*. Disponível em <<https://poraqui.com/casa-forte/dez-anos-depois-da-lei-dos-12-bairros-predio-de-25-andares-e-lancado-no-monteiro/>>.

PORTELA, Rebecca. 2018. *A Sociologia dos Emissários*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco.

PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA. 2016. Memorial do Inquérito n. 4005. Gabinete da Procuradora-Geral da República, Ministério Público Federal, Brasília/DF. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/pgr/documentos/Memorial_INQ_4005_Fernando_BezerraR.pdf/view>.

RATZINGER, Joseph. 1997. *O sal da terra – O cristianismo e a igreja católica no século XXI*. Imago Editora: São Paulo.

ROMBALDI, Maurício et TOMIZAKI, Kimi. 2017. Ultrapassando fronteiras: trajetórias de ascensão de militantes brasileiros no sindicalismo transnacional. Sociologias [online], vol.19, n.45, pp.24-50. Porto Alegre.

ROMBALDI, Maurício. 2006. O Capital Militante: uma tentativa de definição, de Frédérique Matonti e Franck Poupeau. Plural, V. 13: São Paulo.

ROSE, Niklas. 1996. *Governing enterprising individuals in Inventing Ourselves: psychology, power and personhood*. Nova York: CUP.

SAFATLE, Vladimir. 2016. *O circuito dos afetos – Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Autêntica Editora: São Paulo.

SAFATLE, Vladimir. 2018. *Um dia, esta luta iria ocorrer*. N-1 Edições: São Paulo.

SAUSSURE, Ferdinand de. 2012. *Curso de Linguística Geral*. Editora Cultrix: São Paulo.

SHUSTERMAN, Richard. 1999. *Bourdieu: A Critical Reader*. Wiley-Blackwell: Nova Jérsei.

SINGER, André. 2012. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. Companhia das Letras: São Paulo.

SINGER, André. 2013. *Brasil, junho de 2013*. Novos Estudos 97: São Paulo.

TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO. 2016. Relatório de Auditoria, 30 de novembro. Acórdão 3052/2016 do Processo 026.363/2015-1. Disponível em: <https://pesquisa.apps.tcu.gov.br/#/documento/acordao-completo/*/KEY:ACORDAO-COMPLETO-2105603/DTRELEVANCIA%20desc/0/sinonimos%3Dfalse>.

TRUNGPA, Chögyam. 2014. *The path of individual liberation*. Shambala Publications, Boulder.

VALE-NETO, João. 2017. *A formação dos gestores da SECULT/FUNDARPE (2011-2013) e suas políticas*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco.

VALE-NETO, João. 2010. *Coque: Morada da Morte? Práticas e disputas discursivas em torno de um bairro do Recife*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco.

VANDENBERGHE, Frédéric. 2016. *Os pós-bourdieuianos: retrato de uma família disfuncional*. Em VANDENBERGHE, Frédéric; VÉRAN, Jean-François. *Além do habitus – Teoria social pós-bourdieuiana*. Rio de Janeiro: 7Letras.

VAREJÃO, Luana. 2018. *Cais em disputa: entre o direito à cidade e o Projeto Novo Recife*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco.

WANDERLEI, Ludimilla C. 2015. *Batalha no cais, paz no fotojornalismo: o não-registro da mídia local no caso Ocupe estelita legitima as imagens dos movimentos sociais como documento histórico*. Revista Temática, João Pessoa [online], v. 11, n. 01, p. 140-157.